



NICOLE
JORDAN

*Autora best-seller
do livro Sedução*

O Príncipe
do
PRAZER

 essência

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

O Príncipe
do
PRAZER


NICOLE
JORDAN

*Autora best-seller
do livro Sedução*

O Príncipe
do
PRAZER

Tradução
Ivan Hegen

 essência

Copyright © Anna Bushyhead, 2003
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2016
Título original: *The prince of pleasure*

Este livro foi negociado através de Ute Körner Literary Agent, S.L., Barcelona
– www.ukliag.com e Books Crossing Borders Inc., Nova York

Revisão: Luciana Paixão
Diagramação: Vivian Oliveira
Capa: Ideias com peso
Imagem de capa: © Aleta Rafton
Adaptação para eBook: Hondana

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Jordan, Nicole

O príncipe do prazer / Nicole Jordan ; [tradução Ivan Hegen] . 1a ed. – São Paulo : Planeta, 2016.

Tradução de: *The prince of pleasure*

ISBN: 978-85-422-0674-6

1. Ficção americana. I. Hegen, Ivan. II. Título.

15-28977

15-28977 CDD:

813

CDU:

821.111(73)-3

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.
Rua Padre João Manoel, 100 - 21^o andar
Edifício Horsa II - Cerqueira César
01411-000 – São Paulo – SP
www.planetadelivros.com.br
atendimento@editoraplaneta.com.br

Sumário



Prólogo

Capítulo Um

Capítulo dois

Capítulo Três

Capítulo Quatro

Capítulo Cinco

Capítulo Seis

Capítulo Sete

Capítulo Oito

Capítulo Nove

Capítulo Dez

Capítulo Onze

Capítulo Doze

Capítulo Treze

Capítulo Quatorze

Capítulo Quinze

Capítulo Dezesseis

Capítulo Dezessete

Capítulo Dezoito

Capítulo Dezenove

Epílogo

A autora

Agradecimentos

Para meus leitores maravilhosos que, com seus elogios, sempre me animam a continuar.

Agradecimentos especiais às damas adoráveis de Beau Monde, particularmente àquela fonte de sabedoria do período regencial, Nancy Mayer.

Prólogo



Kent, Inglaterra, agosto de 1807

O aroma de rosas preenchia a tarde de verão, mas Julienne Laurent mal notava a fragrância doce enquanto esperava ansiosamente que seu amor chegasse. O que o estaria atrasando?

Com os nervos à flor da pele, ela começou a caminhar pelo chão da cabana, em uma inquietude que aumentava a cada momento. Nesse dia, Dare pretendia informar ao avô sobre o noivado, e ela temia que as objeções do velho nobre fossem ferrenhas.

Quando finalmente ouviu o som de cascos de cavalo, Julienne foi até a janela aberta para olhar para fora. A cabana minúscula onde eles realizavam seus encontros amorosos se aninhava em um pomar de cerejeiras, escondida da visão direta da rua. Quando ela espiou o cavalo lustroso e o cavaleiro elegante, esqueceu momentaneamente de sua ansiedade.

Dare.

Seu coração disparou à visão dele, enquanto suas coxas se contraíram, em expectativa. Ela quase podia senti-lo movendo-se dentro dela.

Enrubescida, Julienne tentou dominar seu apetite vergonhoso. Ela era uma libertina quando se tratava de Dare. Ela rendia sua inocência à sedução experiente dele com uma voracidade escandalosa. Mas que mulher mortal conseguiria resistir a ele?

Ela observou enquanto ele apeava suavemente de seu cavalo e caminhava impetuosamente pela passarela em meio ao jardim de rosas mal podado. Ele se movia com uma mistura de elegância polida e virilidade crua que mexia com todos os instintos femininos dela, e sua beleza a deixava completamente sem fôlego. Dono de um corpo magro e aristocrático e um cabelo vistoso, de um loiro dourado que cintilava ao sol, ele tinha o privilégio de uma beleza física que impressionava ao primeiro olhar.

Mas era seu carisma penetrante e seu charme arisco, mais do que sua aparência estonteante ou seu título elevado, que arrebatava o coração dela. Seu magnetismo também era entusiasmante. Havia também uma certa selvageria nele, uma imprevisibilidade que o tornava perigosamente excitante. Até mesmo seu nome, Dare, apelido de seu nome do meio, Adair, encaixava-se a ele com perfeição. Também era chamado assim pelos amigos porque jamais receava se “atrever” – o significado do verbo *dare* em inglês – a qualquer desafio.

Isto incluía ela mesma. Ele havia vencido sua resistência com uma persistência incansável.

Apesar de todos os seus escrúpulos e receios, ela havia se arriscado de coração e encontrado amor nos braços de um farrista contumaz, por mais que ela um dia tivesse prometido a si mesma resistir.

A porta se escancarou, e Jeremy Adair North, o Conde de Clune, estava ali, com seus olhos verdes vívidos vasculhando impacientemente a pequena cabana. Com o olhar fixo nela, o lampejo passional que emanava das suas profundezas esmeraldinas iluminava o lugar.

– Você sentiu minha falta? – ele perguntou, com sua voz grave acariciando-a como veludo.

– Terrivelmente.

– Que bom.

Em três passos ele atravessou a sala, chegando até ela. Apenas então Julienne notou a tensão que emanava dele. Ela podia ver o fogo da ira em seus olhos, sentia-o em seu toque.

– Dare, o que foi que...? – ela começou, mas ele a interrompeu.

– Eu prefiro não falar.

Ela estava em seus braços em um instante, unindo-se com força a ele. As mãos dele passearam por seu cabelo enquanto seus lábios se comprimiam nos dela.

A ferocidade dele a pegou de surpresa. Geralmente ele era um amante incrivelmente carinhoso que a fazia se sentir estimada e adorada. Todavia, aquela fome urgente suscitava uma resposta à altura por parte dela. Com os sentidos vacilantes, Julienne se esqueceu de suas perguntas e se rendeu ao abraço ardente.

Pouco depois, seu beijo escaldante terminou e ele transferiu sua atenção para o corpo dela. Ela não estava de espartilho, e ele facilmente libertou seus seios do sutiã de corpete sufocante de musselina. A boca quente dele sugava seus mamilos vigorosamente, enquanto ele a recostava contra a porta.

Julienne ofegava com as sensações deliciosas que fluíam por ela. Sem outras preliminares, ele ergueu sua saia e lançou seus dedos ávidos entre as coxas dela. Ela já estava umedecida.

Ela ouviu seu gemido de aprovação, e então seu suspiro áspero:

– Meu Deus, como eu quero você.

Ele puxou a abertura frontal de sua calça como se estivesse desesperado para possuí-la. A penetração dele foi dura e profunda; o corpo dela tremeu sob seu impacto. Ele nunca atuara com uma urgência tão primária, mas ela não protestou. Em vez disso, Julienne gemeu com uma satisfação incrível, enquanto ele a preenchia, com uma excitação além de qualquer barreira.

Ele a apertou contra a porta, avançando pesadamente junto a ela, com necessidade total e poderosa de copular. A fome sexual dele era quase furiosa, com um fervor bruto incontrollável. Julienne envolveu o corpo em Dare, tentando mitigar a violência do desejo

dele, a intensidade crua de sua necessidade – mas então ela também era tomada pela onda de calor, pela febre ardente. Ela se pendurava nele, ofegando, estremecendo nos quadris, enquanto se ajeitava de modo a fazê-lo entrar ainda mais fundo em seu corpo.

A carga veio prontamente. Ela sentiu os tremores que o abalaram por dentro antes que a mesma explosão desvairada a percorresse. Um gemido rouco estourou de dentro dela quando sucumbiu a ele com abandono.

Quando as ardentes sensações residuais esvaneceram, ela percebeu que Dare havia desmoronado em cima dela, apertando-a contra a porta com um resto de rigidez. Ele ainda estava recobrando o fôlego quando enterrou o rosto na curva do pescoço dela.

– Minha adorada pérola – ele finalmente disse, estridente. – Machuquei você?

– Não – ela mentiu, ignorando as físgadas de protesto no tecido feminino, contente em saborear a colheita daquela violação aprovada.

Em certo momento, no entanto, ele a reposicionou. Erguendo-a nos braços, ele a levou com suavidade e atenção para a cama no quarto adjacente, onde ele a despiu com seu carinho habitual.

Quando ele também estava nu, deitou-se ao lado dela e a trouxe para junto de si, então fechou seus olhos.

O silêncio reinou por algum tempo.

Julienne ansiava por saber o que havia incitado seu humor sombrio, mas estava com receio de perguntar se ele havia falado com seu avô. No entanto, ela não pôde suportar a incerteza por muito tempo.

– O que foi que ele disse?

Com o silêncio prolongado de Dare, seu coração afundou. O Marquês de Wolverton não iria querer que seu único neto e herdeiro se casasse com uma imigrante francesa, mesmo que o pedigree dela fosse quase tão distinto quanto o dele. Ela ainda era considerada uma estrangeira por muitos, apesar de viver na Inglaterra desde os

quatro anos de idade. Julienne soergueu-se em um cotovelo, de modo a olhar para o rosto de Dare. O cenho franzido dizia mais do que qualquer palavra.

– Seu avô se recusa a me aceitar como noiva, é isso?

– A opinião dele não interessa nesta questão – Dare respondeu, com austeridade.

Ela tentou se enrijecer diante do vazio em seu peito. Ela vinha de um berço nobre, a filha do último Conde de Folmont, que fora guilhotinado durante o período do Terror na França. Mas ela possuía uma loja de chapéus, e o aroma do comércio se impregnava nela, manchando a reivindicação de aristocracia que ela outrora tivera. No entanto, ela nunca amargurara tanto a perda de seus direitos de berço quanto naquele momento.

– Ele não vai autorizar nosso casamento – ela disse, com um tom de desalento.

O maxilar de Dare se contraiu.

– Os desejos de meu avô não significam nada para mim. – Ele estendeu a mão e a pôs no rosto dela, gentilmente, enquanto seu olhar verde fulminante se fixava nos olhos dela. – Eu quero fugir com você, Julienne.

– Fugir? – ela repetiu, duvidando do que ouvia.

– Sim, fugir... vamos casar escondidos... vamos escapar para Gretna. Não leva mais que três dias para se alcançar a fronteira escocesa, e nós podemos nos casar na semana que vem.

– Dare...

– Se você me ama, virá comigo. Você me ama, minha preciosa pérola?

Ela o amava tanto que lhe doía por dentro. Ainda assim, ela se aborrecia ao pensar que se interpunha entre Dare e seu avô, praticamente seu único parente.

– É claro que te amo. Meu coração é seu. Mas casar às escondidas... é um passo irreversível. Seu avô ficará ainda mais furioso com essa ousadia, não?

– Eu acredito que sim – Dare respondeu, amargamente.

– Talvez seja melhor nós o convenceremos aos poucos sobre a perspectiva de nosso casamento.

Uma risada que mais parecia um latido, sem humor nenhum, dizia a ela o quanto aquela sugestão era improvável. Em seguida ele balançou a cabeça.

– Pare de se preocupar tanto com meu maldito avô.

– Não é seu avô que me preocupa – Julienne disse, escolhendo as palavras com cuidado. – É você, Dare. Se nos afobarmos com o casamento às escondidas, um dia você poderá se arrepender. Pode ser que um dia você comece a ficar rancoroso comigo.

O olhar dele alfinetou o dela.

– Isso nunca poderia acontecer. – Rolando por cima de Julienne, ele prendeu o corpo nu dela. – Eu sei o que eu quero, Julienne, e é você como minha esposa. Para sempre. Nada poderia mudar o que eu sinto por você.

Apesar do calor de sua declaração apaixonada, um arrepio súbito percorreu a jovem francesa com força o bastante para fazê-la estremecer. Ela não podia afastar o medo de que a felicidade deles não durasse. Ainda assim, ela fechou os olhos e se entregou ao enleio de Dare, esperando de todo o coração que ele nunca encontrasse a ocasião de renunciar ao seu voto fervoroso.

Capítulo Um



Londres, março de 1814

O fogo tremeluzente projetava um brilho dourado sobre o corpo nu de Dare diante da lareira do quarto, mas chama alguma podia livrá-lo do frio em seu coração. A mente dele era inundada por pensamentos de uma linda, mas enganosa sedutora, que ele admirava no folheto publicitário de sua última performance no Teatro Drury Lane.

Julienne Laurent.

Ele não precisava do desenho do artista para relembrar de seus traços, pois tudo a respeito dela ardia em sua memória. Seus braços e pernas macios em volta dele. Seu cabelo luxurioso como um manto de fogo negro escorrendo pelos ombros. Sua pele branca incólume, que parecia porcelana. Sua risada e seu sorriso. Seu charme incisivo. Seus olhos escuros e luminosos, com uma sensualidade incrível.

Estava tudo marcado em sua memória com uma agudez e claridade que queimavam.

– Que belo otário você foi – ele murmurava, uma acusação rouca no silêncio de seu quarto.

Dare contraiu a mandíbula, perturbado pela aparição repentina de Julienne em Londres, despertando emoções que ele presumia mortas havia tempo. Ele julgava tê-las superado, após tantos anos.

Julgava estar livre das lembranças atormentadoras, livre dos arrependimentos e da solidão que o assolaram.

Porém, com a dor selvagem que o acometia naquele momento, ele sabia que ainda não tinha se recuperado do encontro dilacerante com Julienne. Aparentemente o adágio era verdadeiro: um homem nunca se esquece de seu primeiro amor.

Ele não tivera a intenção de se apaixonar por ela. Ele era jovem e ardente e convencido, solidamente seguro de seus poderes de sedução. Mas a garota que ele se dispusera a conquistar ensinara-lhe sobre amor. Sobre traição.

Na primeira vez que ele colocou seus olhos na linda imigrante francesa, Dare soube que precisava tê-la. Ele fora para Kent para o casamento de um primo, alojando-se na propriedade de seu avô em Wolverton Hall, perto do porto marítimo de Whitstable, próximo de onde se situava a confecção de chapéus de Julienne. Ele acabou ficando pelo verão todo, com a intenção de cortejá-la.

A atração intensa o surpreendera. Ele tivera dúzias de mulheres tão sedutoras quanto, em casos amorosos incontáveis que jamais tocaram seu coração. O amor jamais havia sido tão abrasador e urgente quanto com Julienne.

Ele a queria para muito mais que o galanteio usual ou conquista casual. Ele queria possuí-la, e dar tudo a ela em retribuição. Seu coração, seu corpo, sua própria alma.

Ele não sabia que ela mentia com a mesma facilidade com que respirava.

Memórias amargas o acometiam, concentrando-se em seu último e mais chocante encontro... O olhar consternado de Julienne ao ser descoberta nos braços de outro amante; a angústia dele quando compreendeu a gravidade da traição dela. Ele não acreditou até ver com seus próprios olhos, ouvindo a confissão dos lábios de Julienne.

A contragosto, Dare percorria o desenho com seus dedos. Seu avô havia alertado que o Conde de Ivers era seu amante, mas ele zombara na cara do velho homem. Depois de ter uma discussão

violenta com o marquês, Dare procurou por Julienne em sua confecção, e a flagrou com Ivers.

Apenas um traço insignificante de remorso se demonstrou nas feições patricias dela, quando Ivers revelou que eram amantes havia tempo, e nenhum remorso ficou visível quando Julienne encerrou bruscamente o noivado.

Com a declaração simples dela, Dare sentiu como se o coração lhe fosse arrancado do peito. Sua pretensa inocência virginal havia sido um embuste desde o início, ele descobrira. O amor professado a ele, um mero disfarce.

Apenas mais tarde ele juntou todas as peças e compreendeu como havia feito o papel de um completo otário: Julienne ambicionava riquezas maiores que ele poderia lhe dar, se o avô o deserdasse. Era possível que ela planejasse se casar com ele no início, mas houvesse reconsiderado quando a indignação do avô tornou a herança incerta. Talvez ela tivesse planejado até mesmo compartilhar o espólio com seu amante.

A garganta de Dare se comprimia com as lembranças cortantes como uma lâmina.

Entretanto, ele ficava contente por ter descoberto a verdade antes de jogar fora todo seu futuro.

– Uma vigarista francesa – foi como seu avô a chamou, mas Dare não o ouviu. Ele foi notavelmente estúpido por se apaixonar pela demonstração de virtude dela, e por acreditar que ela pudesse lhe ser fiel. Ele já deveria saber. Sua própria mãe havia desfrutado de amantes demais para se contar, transformando em piada a palavra fidelidade. Ele acreditara que Julienne fosse diferente, mas ela o enganou tão completamente, que ele nunca suspeitou de sua deslealdade até sentir a faca penetrando entre suas costelas.

Dare a amaldiçoou silenciosamente mais uma vez. Julienne havia jurado amá-lo e estimá-lo, mesmo assim despedaçou as promessas com mentiras e traição.

Ele se perguntava se agora ela se arrependia de sua escolha. Ele finalmente conquistara o título de Marquês de Wolverton, assim como a vasta fortuna dos Wolvertons, posto que seu detestado avô falecera um ano atrás.

No entanto, mais do que meia década teria sido tempo demais para uma caçadora de fortuna vigarista esperar. Ela aparentemente se ocupou durante esse tempo, desenvolvendo uma carreira bem sucedida como atriz.

E sem dúvida cultivou outros amores. Dare a viu no parque nesse dia pela primeira vez, cortejada por seus pretendentes apaixonados.

A visão o abalou até o âmago, pois até dois dias atrás, ele sequer sabia que ela estava em Londres. Ele esteve fora durante semanas, primeiro para uma tarefa no norte, depois para uma missão na Irlanda. Na volta, ele descobrira que Julienne Laurent era o frisson da cidade, perseguida por uma multidão de esnobes e dândis. *A joia mais brilhante de Londres* era o epíteto que lhe atribuíam. Literalmente todos os homens queriam a deslumbrante atriz como amante.

Escondendo a dor inesperada que golpeou seu peito à visão dela, Dare desviou a atenção para sua acompanhante, Lady Dunleith. Um pouco antes, a adorável viúva havia acenado para ele de sua carruagem, enquanto ele passava em meio à multidão, no passeio público.

Quando ele perguntou a Lady Dunleith sobre a última novidade na cidade, ela alegremente se antecipou.

– Miss Laurent? Ela vem de York, eu creio. Causou um alvoroço, mas merecido. Ela canta como um anjo, e é uma atriz completa. Talvez não seja do mesmo nível que a Sra. Siddons, mas o próprio Edmund Kean elogiou sua última atuação dramática, quando ela encarnou Desdêmona, para seu Otelo.

Dare crispou a boca. Ele teve que concordar que Miss Laurent era uma atriz completa, apesar de nunca tê-la visto em cima de um palco. Durante o encantador verão que passaram juntos, ele jamais

suspeitou que os mesmos doces lábios que lhe prometeram amor iriam enganá-lo tão plenamente.

Lady Dunleith olhou para ele com ar de especulação.

– Se você está pensando em flertar com ela, querido, deveria reconsiderar. Eu ouvi dizer que como amante ela é um tanto frígida.

Se a linda viúva estava falando por ciúme e malevolência ou pelo louvável desejo de poupá-lo de um esforço inútil, Dare não saberia dizer. Mas ele podia atestar que nisso ela se equivocava; Julienne Laurent era tão frígida quanto carvões em brasa.

– E em todo caso – Lady Dunleith acrescentou, em tom divertido

–, Miss Laurent anunciou que ela não escolherá seus protetores até o final da temporada. Os apostadores já estão dando seus palpites sobre quem a conquistará.

A escolha dela sem dúvida alguma terá bolsos cheios, Dare refletiu, ressentido. Atrizes frequentemente aumentavam suas rendas modestas ao contar com patronos ricos, mas ele sabia por experiência dolorosa que a mercenária Mademoiselle Laurent não se contentaria com ninguém que não fosse o protetor mais rico de todos.

O que mais o interessava, contudo, era um cavalheiro em particular que nesse exato momento reivindicava a atenção da “joia” em exposição. O Visconde Riddingham evidentemente adquirira o privilégio de colocar Miss Laurent em seu currículo. Eles pararam no Row e foram cercados por meia dúzia de ávidos admiradores a cavalo.

– Querido...?

A voz sonolenta trouxe Dare de volta ao presente. Lady Dunleith se dirigia a ele mais uma vez: – Por que você não volta para a cama?

Piscando diante da interrupção, ele subitamente notou o frio que crispava sua pele. O frio no quarto o fez lembrar que estava nu, que ele deixou uma cama quente para estudar um folheto que trazia a imagem de seu antigo amor, como uma língua que testa um dente dolorido.

A mesma dor o levava a acompanhar a viúva Dunleith até sua casa, onde passou a noite consolando-se e satisfazendo suas necessidades carnis. Ele cumpriu a tarefa como um exercício puramente físico, uma performance habitual após tanta prática. Sua luxúria nessa noite foi definitivamente mecânica, em sua tentativa de exorcizar a paixão inquietante e a lembrança dolorosa de outra mulher.

Ele havia praticado um grande número desses rituais de exorcismo nesses anos todos, desde que Julienne Laurent dilacerou seu coração. Sob a marca do noivado desfeito, ele voltou a Londres e embarcou em um excesso de devassidão, chegando a assumir a liderança da Hellfire League, um notório clube dos libertinos de elite da Inglaterra.

Suas explorações ultrajantes e perseguição determinada por gratificação sexual lhe acrescentaram um novo lustro de glamour e notoriedade à sua reputação, o que lhe valeu o apelido de Príncipe do Prazer. Dare não gostava de admitir a si mesmo que a promiscuidade vi nha sendo sua maneira de afogar as mágoas, mascarando o vazio de sua vida. Noite após noite ele buscava se desprender em um corpo feminino quente, afastando as lembranças de Julienne com um excesso de licença sexual.

Mas mesmo quando ele se enterrava fundo no interior de uma mulher, unido a ela da maneira mais íntima possível, ele se sentia só. Pior, Dare não conseguia parar de ansiar pelo sabor de outro corpo belo. Julienne ainda o tentava, ainda o atormentava.

Que ela fosse ao inferno.

Vê-la nessa tarde o fez perceber que a ferida que ela lhe infligiu jamais se curou de todo. Ele não a superou completamente. Mesmo depois de todo esse tempo, seu coração ainda teimava em se apegar à obsessão.

– Dare? – A viúva implorou, dessa vez com um tom de impaciência.

– Perdoe-me, querida – ele se forçou a responder.

Ele amassou o folheto em seu punho, resistindo ao impulso de arremessá-lo ao fogo. Uma nova atuação se faria na noite seguinte, estrelando a celebrada nova atriz Julianne Laurent. Mas ainda não tinha decidido se iria. O melhor a fazer era se manter o mais longe possível dela, Dare se prevenia. Ele sabia o quanto ela podia ser letal. E jamais se permitiria ficar tão vulnerável novamente, esforçava-se muito para não se sentir tão aflito outra vez. Ainda assim, um plano começava a se formar em sua mente...

Subitamente impaciente por ação, ele disse por cima do ombro:

- Eu receio ter de partir, Louisa.
- Agora? Mas está tão tarde.
- Ainda não é meia-noite.

Ignorando momentaneamente o apelo da dama nua e luxuriosa em sua cama, ele se vestiu em silêncio. Então, ao seu lado, Dare empregou sua maneira mais encantadora para lhe pedir perdão, beijando-a fervorosamente, mas evitando suas súplicas para que voltasse logo.

Todos os servos haviam se recolhido, como ele percebeu ao descer as escadas. O cavalo no qual ele cavalgara no Hyde Park estava confortavelmente acomodado no estábulo atrás da mansão de Lady Dunleith. Em vez de despertar a governanta, Dare saiu e percorreu a pé a curta distância pelas ruas escuras de Mayfair até a casa de Lucian.

Lucian Tremayne, o Conde de Wycliff, era um de seus amigos mais próximos, além de um dos principais chefes de espionagem da Inglaterra. Lucian preferia não divulgar que contratou Dare na caçada a um traidor mortal, então eles concordaram em limitar a frequência de seus encontros. Mas de todo modo precisavam confidenciar os últimos desdobramentos.

Curvando-se com o ar frio da noite, Dare se valia do sobretudo espesso. Aquele era o inverno mais frio de que podia se lembrar, e apenas começava o degelo no país. Em Londres, até mesmo o Tâmis havia congelado. E em Yorkshire, que ele visitara

recentemente durante semanas intermináveis, os montes de neve ultrapassavam a altura da cabeça de um homem, bloqueando estradas e paralisando completamente o comércio e as viagens.

Naquela noite ele teria a primeira oportunidade de atualizar Lucien a respeito de suas diligências clandestinas. Ele tinha enviado uma mensagem pela manhã, marcando um encontro para que pudesse lhe reportar. Havia diversas luzes acesas nas janelas da residência majestosa de Wycliff. Dare foi recebido pelos criados sem questionamento e conduzido ao escritório de Lucian, onde encontrou o conde trabalhando em sua mesa.

Os dois homens se cumprimentaram com a afeição de amigos de longa data.

– E como vai sua linda esposa? – Dare perguntou enquanto Lucian servia *brandy* para ambos.

– Está florescendo. Brynn está redonda como um melão, ainda que faltem quase dois meses para a chegada do bebê.

– É uma pena que eu não a tenha visto – Dare disse, acomodando-se em uma cadeira confortável. – Eu soube que ela esteve em Londres na semana passada, não?

– Sim, mas eu a acompanhei de volta para casa. Ela estará mais segura no campo.

Para o parto, Brynn se retirou para a terra da família de Lucian em Devonshire, onde ela ficaria mais bem protegida. No último outono, ela e seu irmão foram ameaçados por um gênio do crime que se autodenominava Lorde Caliban, em homenagem à peça de Shakespeare. Lucian destruíra a operação de saque de ouro que Caliban empregava para financiar os exércitos de Napoleão. Ele silenciou o líder por algum tempo, mas o traidor ainda estava em liberdade. Foi por isso que Dare foi chamado.

Lucian entregou um copo de *brandy* a seu convidado e se acomodou na cadeira adjacente.

– Então me conte o que você apurou em Yorkshire.

– Receio que não muito. Eu fiquei na propriedade de um amigo a cerca de dez quilômetros da terra do Riddingham, mas toda aquela maldita neve tornou difícil ir até lá. Ainda assim, consegui jantar e jogar cartas duas vezes com Riddingham e seus convidados. Perfeitamente insípido. Ele usou o anel o tempo inteiro. Quando comentei a singularidade do design, Riddingham declarou ter ganhado em um jogo de cartas, mas não conseguia se lembrar de quem. Ele pode ter mentido.

Tomando uma pausa, Dare deu um gole no *brandy*, absorto enquanto notava sua qualidade.

– Enfim, ele ainda está usando o anel. Mesmo que não tenha noção de que suspeitamos ser ele o Caliban, parece tolice dele ostentar um ornamento tão distinto. Para ser sincero, quanto mais eu conheço Riddingham, mais eu me pergunto se é inteligente o bastante para ser um traidor mortal.

– Talvez não, mas precisamos ter certeza. – A boca de Lucian crispou. – Subestimar as artimanhas do Caliban pode ser fatal. Riddingham pode estar nos tapeando com uma pretensa afabilidade. E ele esteve aqui, em Londres, quando nosso homem foi morto.

Um diplomata dos Assuntos Externos fora assassinado dois meses antes. Suspeitava-se ser obra de Caliban, apesar de não haver provas. Mas ele iria atacar novamente, Dare e Lucian não tinham dúvida. A única esperança era desmascarar o traidor antes que ele pudesse causar maiores estragos.

Amaldiçoando em voz baixa, Lucian desceu o punho com força no braço da cadeira.

– Também sinto o mesmo – Dare concordou, amargo.

Ele compreendia bem a frustração do amigo na caçada a um assassino que não era mais que um sussurro e uma sombra. Até aquele momento eles só tinham duas pistas sobre a identidade do traidor, ambas de uma testemunha que o vira rapidamente no ano passado: Caliban aparentava ser um nobre inglês. E ele possuía um

anel incomum, ornado com um rubi na forma da cabeça de um dragão.

Dare vislumbrara o anel meses atrás, na mão de Lorde Riddingham. Desde então, foi seguindo, à paisana, a trilha do visconde, tentando definir se ele poderia ser Caliban. Foi essa possibilidade que levou Dare a passar alguns dias tediosos em Yorkshire, onde ele poderia investigar melhor tal teoria.

A falta de sucesso o amargurava. Mas não se poderia esperar que ele conseguisse da noite para o dia algo que frustrara até os melhores agentes da nação. Seu passado libidinoso, Lucian estava sempre a lembrá-lo, não era exatamente a melhor preparação para a carreira de espionagem governamental.

De fato, Lucian o recrutara no último outono justamente por causa de sua bem conhecida predileção pelo pecado. Ele era um candidato a espião tão inusitado, que Caliban jamais suspeitaria que logo o “Príncipe dos Prazeres” estaria liderando a caçada.

Dare concordou em ajudar, não apenas porque estava familiarizado com a maior parte da sociedade, tanto a alta quanto a baixa, mas também porque estava extremamente inquieto e entediado com sua vida. Não era pequeno seu ânimo no desafio de superar a astúcia de um assassino insidioso. Ele riu, mas sem deboche, quando Lucian afirmou que um objetivo sério era o que faltava em sua vida.

E certamente não estava rindo agora.

Dare tomou mais um gole do *brandy*, hesitando antes de contar a Lucian o novo movimento do jogo.

– O que você sabe sobre a nova atriz no Drury Lane? – ele finalmente disse. – A Joia que virou a notícia da cidade?

Lucian fitou o amigo com um olhar penetrante: – Devo presumir que você está com um novo interesse amoroso?

– Não aposte nisso. O Riddingham é um dos pretendentes.

– Ah. – Lucian se recostou na cadeira, com ar pensativo. – Eu levei a Brynn para assistir à performance de Miss Laurent na semana

passada. Nós dois a achamos surpreendentemente boa. Você está sugerindo que a associação dela com Riddingham possa ser mais do que apenas amorosa?

– É possível. Ela merece investigação, no mínimo. Afinal, ela é francesa. Não é impossível ela estar a serviço de Napoleão. Considerando sua renda escassa e valores morais duvidosos, atrizes são altamente suscetíveis a subornos.

Lucian ergueu uma sobrancelha, e Dare percebeu o quanto era irônico que *ele* estivesse depreciando valores morais duvidosos.

Mas não era a primeira vez que a lealdade de Julienne Laurent à Inglaterra era questionada. Sete anos atrás o avô dele a chamara de traidora, alegando que ela conspirava junto aos bonapartistas e chegou a pedir sua prisão por traição.

Na época, Dare estava plenamente convencido de que as acusações eram forjadas, nada mais do que a tentativa do velho desgraçado para forçá-lo a desistir do noivado. Sua maior preocupação era proteger Julienne das artimanhas furiosas de seu avô. Mas agora ele estava mais disposto a acreditar que afinal houvesse substância para as acusações.

– Eu posso estar me precipitando – ele admitiu –, mas ela pode estar em conluio com Riddingham.

– O que o faz pensar assim? – Lucian perguntou com curiosidade.

– Riddingham não voltou a Londres apenas na semana passada? Eles mal teriam tempo para se encontrar.

– Mas eles poderiam ter uma associação anterior. A família de Riddingham está estabelecida em Yorkshire. E sabe-se que Miss Laurent passou os últimos seis anos atuando em York.

– Talvez ela tenha sido amante dele.

– Talvez. Quando eu os vi juntos no parque hoje, pareciam mais próximos do que dois meros conhecidos. – Dare forçou um sorriso. – Se ele ainda não dividiu a cama com ela, certamente parece afoito para isso. Ele não estava poupando cortesias para ela, assim como metade da população masculina de Londres. – Ele esperava que o

tom sardônico escondesse o traço de ciúme que ele tinha dificuldade em reprimir. – Mas não há motivo para descartar que ela seja sua cúmplice.

– Ou – Lucian contestou – ele pode apenas estar no encalço dela com a intenção de relações carnavais. Há um rumor de que ela esteja procurando por um protetor.

– Eu ouvi o mesmo rumor. Aparentemente La Belle Laurent fez uma declaração pública de que sua escolha será feita ao final da temporada. Um movimento esperto – Dare disse, cinicamente. – Para a senhorita Laurent é melhor manter os admiradores disputando seus favores. De qualquer modo, ela merece atenção. E talvez você possa usá-la para se aproximar do Riddingham.

– Eu? E por que não *você*?

– Eu não sou o melhor homem para esta tarefa. Eu tive um... um certo contato com a Miss Laurent alguns anos atrás.

Lucian estudou-o por um longo momento, enquanto Dare se esforçava para se manter impassível diante daqueles olhos perceptivos. Ele não queria destrinchar a história desastrosa com Julienne. Como ele descobriu a traição nos braços de outro amante. Como seu coração e seu orgulho foram devassados pela traição. Ou como a lembrança ainda lhe era dolorosa.

Dare se limitou a erguer os ombros e dizer:

– O caso terminou de maneira infeliz.

– Então você crê que a dama não irá querer nada com você?

– Sim. Eu duvido muito que ela possa querer. Lucian deu um sorriso malicioso.

– Você, meu amigo, nunca saiu perdendo com nenhuma mulher. Tenho certeza que só precisa recorrer ao seu charme encantador para persuadi-la a mudar de opinião sobre você.

Dare fitava o líquido âmbar em seu copo, querendo refutar aquela declaração. Mas era verdade; quando queria ser persuasivo, algumas das mulheres mais orgulhosas e relutantes caíam

voluntariamente em seus braços. Mas nesse caso, ele começaria a rodada com uma desvantagem possivelmente insuperável.

Lucian interrompeu seus pensamentos lúgubres.

– Eu compreendo sua relutância em se envolver com ela, Dare, mas é evidente que deveria ser você o homem a investigar a conexão dela com Riddingham.

Ele fez uma careta de desagrado.

– Eu temia que você dissesse isso.

A expressão de Lucian, que se inclinava para frente, parecia mais resoluto.

– Tenho certeza que não preciso lembrá-lo que o futuro da Inglaterra pode estar em jogo.

– Realmente, não precisa me lembrar disso.

– Essa guerra sangrenta pode estar finalmente chegando ao fim. Quase todos os dias, recebemos notícias dos campos de batalha com vitórias do lado dos aliados. Mas mesmo que Napoleão seja derrotado, eu não acredito que Caliban vá se aposentar. Um homem como esse não se aposenta tão facilmente.

– Eu estou a par do perigo que Caliban representa.

– Então você está dentro?

Dare tomou um gole demorado do *brandy*, sentindo a queimação percorrer sua garganta, descendo até se misturar com o fogo que já se agitava em suas vísceras.

– Sim – ele disse, afinal, exalando um suspiro relutante. – Creio que a melhor maneira de me aproximar seria me somar aos demais pretendentes aos favores da cobiçada “joia”. Fingir que sou um dos rivais de Riddingham. Isso me daria um pretexto legítimo para chegar perto dele. Pôr lenha na fogueira. Talvez ele se revele se eu puder mexer o suficiente com seus brios.

– Que bom. E se você achar que suas hesitações podem interferir na missão, apenas se lembre de quantos inocentes morreram como resultado da traição de Caliban. Enquanto isso, você pode usar a

oportunidade para averiguar a lealdade de Miss Laurent. Você pode estar certo. Ela pode muito bem estar trabalhando para a França.

Dare sorriu para si mesmo. Seria uma justiça poética se ele pudesse não apenas desmascarar Caliban, mas também descobrir que a tentadora que partiu seu coração estava ligada ao maior traidor da Inglaterra.

A tensão que o acometera desde que vira Julienne naquela tarde se aliviava com a sensação de que chegara a uma decisão: iria usar a atriz deslumbrante para ajudá-lo a se aproximar de Riddingham. E, se ela fosse mesmo uma espiã francesa, jurou que a faria pagar caro por isso.

Capítulo dois



O cheiro saturado de cascas de laranja e sebo dos candeeiros e castiçais era quase insuportável naquela noite, ainda assim Julienne sabia que os apetrechos normais de palco não podiam ser culpados pela sua vertigem. Uma causa totalmente diferente fazia com que seus sentidos rodopiassem.

Ele estava na audiência, observando sua performance.

Os joelhos dela tremiam. Nem mesmo os cavalheiros amorosos nas fileiras da frente poderiam distraí-la de seu olhar fixo. Ele estava em um dos camarotes de luxo, com seu cabelo claro brilhando sob o enorme candelabro do teatro.

Dare Norh. O amante lendário que roubara seu coração e a deixara atordoada no final.

Sob o escrutínio dele, Julienne executou meio entorpecida seu papel principal na tragédia de John Webster, mal conseguindo se lembrar de suas falas. Uma vez ela até perdeu a deixa, o que a fez merecer um olhar de desaprovação do grande diretor teatral, Samuel Arnold.

“Eu não vou pensar nele”, Julienne se prometeu, futilmente, pela centésima vez enquanto esperava na coxia lateral, antes de sua última entrada.

O Teatro Real de Drury Lane era um dos dois grandes teatros de Londres, e nessa noite a casa estava completamente cheia. Lotada até transbordar, de fato, uma distinção normalmente reservada ao ator favorito de Londres, o notável Edmund Kean. A notícia era de

que Kean estava “doente”, uma ficção pública para esconder o fato de que ele ainda estava se recuperando de uma briga renhida após uma discussão de bêbados.

Julienne conquistava a bilheteria máxima nessa noite, um feito esplêndido para uma atriz da província, até pouco tempo desconhecida. Ela não poderia desperdiçar aquela oportunidade, ou ter seu ânimo atingido por lembranças que ela lutou tanto para subjugar.

Ela levou anos até curar a dor que Dare deixou em sua alma, e superar sua atração por ele. Ela se arriscou ao ir para Londres, mesmo sabendo da presença dele ali, mas esperava conseguir evitá-lo.

Uma ideia tola, ela agora percebia. O Marquês de Wolverton – era esse seu atual título ilustre – era um dos líderes do *Beau Monde*, apesar de sua reputação escandalosa, ou talvez por causa dela. Ele circulava pelas mais altas rodas de Londres, assim como pelas de reputação mais baixa. Era tão impossível evitá-lo quanto reprimir as lembranças dolorosas que ressuscitavam diante da visão dele.

Outra ideia tola, acreditar que ela pudesse esquecer de alguém tão inesquecível, ou uma paixão tão extraordinária. Ela havia amado Dare com uma fome incontrolável, que ela jamais sentiu por outro homem, antes ou depois. Mas seu amor acabou arruinado.

Seus olhos borraram ao lembrar da última vez que ela viu Dare, quando ela não teve outra escolha a não ser traí-lo. Em um ínfimo momento, o olhar dele passara do choque para a desolação, da desilusão para a resignação abatida.

Incapaz de explicar seus motivos, ela o observou através de uma nuvem de lágrimas escaldantes enquanto ele saía de sua vida. Perdê-lo a deixava devastada. Sozinha. Um desastre...

Um sussurro do diretor fez com que Julienne percebesse que perdia mais uma deixa. Enrijecendo-se, ela deslizou para o palco para atuar nas gloriosas cenas finais de *O Diabo Branco*.

Era um papel cobiçado por qualquer atriz, uma cortesã veneziana vigarista, e ela foi capaz de atravessar a história dramática de assassinato e vingança sem outros lapsos graves. Mas ela se sentiu aliviada quando chegou a morte da personagem no final e a companhia finalmente pôde fazer as reverências e receber os gritos, assobios e aplausos sinceros.

Ela ficou surpresa ao notar que a maior parte do louvor se dirigia a ela, apesar de sua performance aquém do normal. No entanto, colocando um sorriso cativante nos lábios, ela aceitou com gratidão a aclamação, executando uma mesura profunda para a massa calorosa nas galerias, para a multidão ainda maior na plateia, e finalmente para os nobres nos camarotes.

Ela acabou de se erguer e cometeu o erro de olhar de soslaio para o nobre em particular que ela estava tentando tão desesperadamente ignorar naquela noite. Dare se moveu para a frente do camarote, ficando de pé junto à balaustrada.

Julienne paralisou, capturada pelo poder hipnótico de seu olhar; mesmo à distância, ela podia sentir o impacto ardente. Os lábios dela se abriram para uma inalação aguda, enquanto ele se curvava com um ténue sorriso, lento e lânguido e provocativamente devasso.

Ela viu a boca sensual dele se mover, mas o sangue lhe subia à cabeça e fazia seus sentidos embotarem, então levou um momento até perceber que ele estava falando com ela.

Sem perceber, ela ergueu a mão, sonambulamente pedindo silêncio. Lentamente a quietude imperou sobre a multidão, e incontáveis cabeças giraram na direção de seu olhar fixo.

Dare chamou seu nome mais uma vez, dessa vez alto o bastante para que fosse ouvido pelo teatro todo.

– Mademoiselle Laurent – ele falou de maneira arrastada, conversando como se estivessem completamente sozinhos. – Permita-me congratulá-la pela performance excelente.

Incerta do que ele planejava, Julienne sentiu uma incontável onda de tensão percorrê-la, deixando seus nervos à flor da pele.

– Obrigada, milorde – ela respondeu, esmerando-se para manter sua voz firme.

– É verdade? – ele perguntou.

– O quê?

Ele se apoiou casualmente com o quadril sobre a balaustrada do camarote, enquanto a fitava indolentemente:

– Que a senhorita pretende escolher seu protetor ao final da temporada?

Surpresa, Julienne voltou em pensamento, irritada, para a declaração que fizera uma semana antes, mais por zombaria que a sério. Ela estava no salão nobre, após um espetáculo, cercada por ávidos pretendentes, todos rivalizando pela sua atenção e pressionando-a a aceitar convites indesejados. Quando um dândi anunciou cruamente sua determinação em levá-la consigo, ela escondeu seu desprezo e forçou uma risada, protestando que ela ainda não poderia se decidir entre cavalheiros tão deleitosos.

A indecisão dela era puramente uma defesa estratégica. Ela não tinha intenção de aceitar a proteção de homem algum, mas também não podia arriscar a mostrar desprezo aos seus devotos ou se indispor com qualquer daqueles patronos de teatro tão ricos. Ela precisava tecer uma linha cuidadosa, mantendo os cortejadores enfeitiçados sem lhes dar o que ansiavam, mantendo sua admiração sem se comprometer.

Quando pressionada, ela prometeu que faria sua escolha ao final de seus compromissos com a companhia. Sua inacessibilidade tinha um benefício adicional, como ela logo descobriu. Ao ser disputada por admiradores ricos, de títulos nobres, o valor dela para o teatro aumentava porque trazia mais bilheteria.

No entanto, Julienne supunha que de todo esse episódio, o que Lorde Wolverton assimilava era uma comprovação da eficiência do falatório de Londres.

Tentando recuperar sua compostura abalada, ela emitiu uma resposta polida:

– Eu não consigo ver como minhas intenções possam interessar ao senhor.

– Eu gostaria de me declarar um candidato nessa competição. Uma onda audível de surpresa e interesse emanou da multidão. Para seu choque, Dare se ergueu, ficando de pé sobre a balaustrada do camarote. Julienne ficou na dúvida se a respiração ofegante que ouviu vinha do público ou de sua própria garganta. De ambos, ela suspeitou. Desde que ela começara a atuar no teatro, jamais estivera em tamanha aflição; sua mente estava em branco, e ela sentiu o pânico particular que vinha ao se esquecer de uma fala crucial.

No entanto, daquela vez não havia qualquer linha de roteiro a declamar. Daquela vez não era uma peça.

A multidão, no entanto, comportava-se como se a cena fosse mera continuação da performance anterior, mantendo um silêncio atento. Julienne manteve-se calada, incapaz de adivinhar que artimanhas Dare tinha em mente.

Parecendo totalmente à vontade em sua posição precária, ele recostou um ombro contra a coluna que sustentava um lado do camarote.

– Eu fiz uma aposta em relação a sua escolha, *mademoiselle* – ele anunciou, pronunciando com clareza. – Eu apostei que a senhorita iria escolher a mim.

A multidão baderneira na plateia reagiu com um coro de risadas nervosas e gargalhadas, enquanto nos camarotes se esperava pela resposta dela com a respiração contida.

– É verdade? – Julienne conseguiu dizer, ganhando tempo. – Ao que parece, o senhor tem uma opinião bem elevada de si mesmo.

– Uma opinião bem fundamentada. – Seu olhar percorreu a multidão. – Alguém aqui duvida que eu possa conquistar o coração desta preciosa joia?

Houve algazarra e gritos da ralé na plateia e uma salva de palmas das fileiras superiores. Dare esboçou uma mesura cortês, constatando a aprovação.

Era uma manobra perigosa, Julienne pensou, alarmada. Se ele caísse daquela altura, iria se ferir gravemente. Mas ele sempre fora o homem mais destemido que ela já conhecera. Destemido, desafiador, ultrajante. Ele parecia não se importar com o fato de causar um espetáculo à parte sobre eles dois em frente a uma multidão de espectadores. E o público sem dúvida deliciava-se com suas táticas ousadas, respondendo com adulações e deleite.

Rangendo os dentes, Julienne moveu-se pelo palco, aproximando-se do camarote, enquanto tentava recuperar a pose. Dare havia engenhosamente colocado-a em uma armadilha com aquela declaração pública. Ela não tinha intenção de arrumar um amante, muito menos o libertino notório que a lembrava com tanto ímpeto de seu passado tortuoso, alguém que ainda tinha poder de lhe suscitar dor. Mas ela não ousaria rejeitá-lo imediatamente, o que poria em risco tudo pelo qual ela trabalhara. Seu sustento dependia de agradar à audiência.

Felizmente, ela vinha atuando há anos, e tinha uma boa experiência em lidar com intrometidos e perseguidores obstinados.

Em uma recuperação atrasada, Julienne pôs as mãos sobre o quadril e mirou Dare de cima a baixo, olhando para ele com o mesmo teor crítico que olharia para um cavalo em leilão.

– Talvez a sua opinião presunçosa seja bem fundamentada, afinal – ela concordou, pensativa. – Sua reputação lhe precede. O famigerado Lorde Wolverton, um libertino completamente degenerado, famoso por seu charme, maneiras e apetite pela devassidão. O Príncipe dos Prazeres, não é esse o nome que eu ouvi? Também conhecido como o castigo dos corações femininos.

– Assim como a senhorita rapidamente se tornou o castigo dos corações masculinos, *ma belle*.

– Essa não foi minha intenção – ela disse, oferecendo um sorriso sedutor que contradizia suas palavras. – Mas já que o senhor lembrou-se do assunto... eu também gostaria de fazer uma aposta. – Ela encarou o público, encenando para a audiência. – Estou sendo

acusada de voluntariamente partir os corações de cavalheiros. Bem, nesse caso, vou me empenhar para estar à altura da acusação. Eu aposto que posso colocar o Príncipe dos Prazeres de joelhos.

O rumor de aprovação foi quase ensurdecedor, pontuado pelo trovão de pés batendo e uivos de alegria. Passaram-se vários minutos até que o teatro se acalmasse o suficiente para permitir que o espetáculo continuasse.

O sorriso de Dare era nada menos que diabólico.

– Então a senhorita pensa que pode partir meu coração?

– Estou certa de que sim.

– A senhorita está convidada a tentar. – Ele fez outra mesura, sustentando o olhar que ela lhe devolvia. – Estou ansioso pelo primeiro encontro, minha linda joia.

Antecipando uma batalha deliciosa, a multidão explodiu em uma selvagem salva de palmas. Quando Julienne fez uma mesura e escapou para a coxia, as apostas sobre quem iria vencer já estavam começando a se propagar.

O diretor, Samuel Arnold, estava esperando-a. Ela mal podia entender suas palavras, com sua pulsação latejante e o clamor ainda ensurdecedor atrás dela, mas ela percebeu que ele estava expressando sua aprovação. Forçando um sorriso, ela escapou pelo fundo.

Havia dois salões nobres no teatro, um designado para os membros em geral da companhia e outro, preparado com mais elegância, para os atores principais. Ali os atores encontravam seu público e eram adulados pelos admiradores.

Debilmente, Julienne se deixou afundar em uma *chaise longue* para aguardar a esperada multidão, e enterrou o rosto entre as mãos, esquecendo-se de sua maquiagem. A onda de emoção revirando-se por dentro dela ameaçava-a de sufocamento.

Ela se considerava preparada para encarar Dare, mas jamais sob circunstâncias tão atordoantes, dançando na corda bamba diante de tantos olhos, com um assunto tão chocante quanto o amante que ela

pretendia escolher como protetor. Ela não conseguia sequer começar a adivinhar a motivação dele para incitar aquele desafio público, a menos que fosse uma compensação pelos pecados dela no passado.

Ela podia entender o anseio por compensação. Sete anos atrás ela terminara o noivado de tal maneira que Dare não poderia mais querê-la como noiva. Ela havia afastado-o propositalmente, para o bem dele. Ainda assim, isso não tornara o abandono menos devastador, nem, no final, salvara-a da ruína.

Fora a experiência mais apavorante e desoladora de sua vida. Não apenas ela perdera Dare, como em seguida ela se viu completamente indefesa, à mercê de um ávido libertino e das artimanhas de um detestável velho nobre. Os dois, o Conde de Ivers e o Marquês de Wolverton destruíram seu bom nome, destruíram-na totalmente.

Eles a deixaram quebrada, com seus sonhos estilhaçados em fragmentos, isolada, sua loja vazia de fregueses e de renda, dividindo a vergonha com sua *maman*.

O que mais lhe causou arrependimento foi que o escândalo apenas deteriorou rapidamente a saúde da condessa. Para poupar sua mãe de maiores angústias, Julienne decidiu abandonar a vida familiar e começou, atabalhoada, a procurar outro lar e ocupação.

Foi uma completa coincidência o fato de que uma trupe de atores de York estivesse no distrito, voltando de viagem por ali durante seu momento mais sombrio. Ela travara um breve contato com eles antes, ao ajudá-los com suas roupas, anos atrás. Quando eles souberam de seu desespero, ofereceram-lhe alguns meios de escapar ao escândalo, assim como abrigo, consolo e amizade.

Com pouca chance de encontrar qualquer tipo de emprego mais respeitável, Julienne se reuniu à trupe e se instalou com eles em York. Ela passou anos aprimorando as habilidades de sua nova profissão, com foco na sobrevivência, tanto por ela mesma quanto por sua mãe.

A maior parte de seus poucos ganhos ela enviava para a mãe. A loja de chapéus, que continuava sob a supervisão da vendedora, inicialmente arrecadava o suficiente para pagar as contas do médico. Mas a situação se complicou quando a doença devastadora de sua mãe piorou, forçando Julianne a tomar decisões duras para que os últimos dias de sua mãe pudessem ser menos excruciantes.

Ainda assim, ela não parou de amar Dare. Pelo menos não no início. Durante anos ele a assombrava, figurando em seus sonhos mais doces e nos pesadelos mais obscuros. As lembranças de seus atos de amor continuavam intensas, desesperadoras, selvagens. Era com dor que sentia falta de suas carícias e do prazer penetrante que ele lhe proporcionava. Ainda assim, eventualmente, ela teve de assumir o controle de sua vida e encontrar um outro futuro para si mesma. Depois da morte de sua *maman*, quase quatro anos atrás, Julianne vinha trabalhando para encontrar um pouco de paz – e obteve até mesmo uma satisfação moderada. Quando lhe foi oferecido o convite para se apresentar no Teatro

Drury Lane de Londres por um salário substancial, ela aceitou, recusando-se a deixar que a presença de Dare destruísse a oportunidade tão batalhada por independência financeira. A fama não lhe interessava; a fortuna sim. Se ela fosse bem sucedida o suficiente, se ela conseguisse adquirir a renda de uma atriz proeminente, então estaria livre para tomar suas próprias decisões e determinar seu futuro. Nunca mais ela estaria vulnerável e indefesa ou dependente do capricho de qualquer outro homem.

Trepidando, ela reentrava no mundo de Dare, querendo urgentemente provar a si mesma que ela tinha superado-o completamente. Queria fechar a porta de seu passado de maneira irrevogável, para que pudesse seguir em frente com sua vida.

Ver Dare mais uma vez, no entanto, havia despertado uma ferida dormente, alimentando uma dor interna que dificultava ainda mais a respiração.

Com determinação, Julienne inalou várias vezes, lenta e profundamente, praticando as técnicas relaxantes que ela aprendera no começo de sua carreira teatral.

O pior havia passado. Não importava o jogo que Dare quisesse jogar, ela podia dar um jeito de proteger suas emoções.

Eu posso mantê-lo à distância, ela jurou, apesar do pequeno tremor nas pernas pôr em dúvida a sua confiança.

Ela se sentiu grata quando os outros atores principais da companhia se juntaram a ela. Eles chegavam seguidos por uma multidão de admiradores e, em certos momentos, o salão nobre foi preenchido pelo burburinho desvairado a respeito de um certo nobre escandaloso.

Fingindo que aquele espetáculo não a havia afetado em nada, Julienne conseguiu emitir um sorriso deslumbrante para os cavalheiros amontoados ao seu redor.

Eles só tinham uma intenção, que ela conhecia bem: comprar o caminho para a cama dela. A expectativa era que qualquer mulher em sua profissão estaria disponível pelo preço certo. Mas ela estava determinada a manter sua cama solitária, e ela tinha uma imagem a zelar. Naquela noite ela tinha uma tarefa adicional: garantir aos cavalheiros que, apesar da declaração ousada de Wolverton, ele não se provaria um rival na disputa pelos afetos dela.

Um dos pretendentes de fala mais doce era Hugh Bramley, o Visconde de Riddingham. Quase alambazado de tão alto, ele possuía um cabelo castanho discreto e feições que não se destacavam, mas era afável e divertido e extremamente cavalheiresco, e Julienne se sentia mais atraída por ele que por qualquer outro.

Riddingham estava claramente infeliz com os últimos acontecimentos, e demonstrou um ciúme indisfarçável.

– Que ousadia a daquele devasso, fazendo uma exibição daquela! Miss Laurent, eu acredito que a senhorita não pretenda permitir que aquele camarada insuportável a transforme em alvo de seus divertimentos depravados. As perversões dele são lendárias.

– Ele não será um perigo para mim, se o senhor estiver à mão para me proteger – ela respondeu com leveza, tentando suavizar o humor de Riddingham, ao mesmo tempo que mantinha um olho nervoso na porta, esperando que Dare entrasse a qualquer momento.

Era tudo o que ela podia fazer para esconder sua tensão e fingir interesse nos galanteios de todos. Quando recebeu uma dúzia de convites para um jantar tardio, ela declinou gentilmente, declarando fadiga.

Quarenta e cinco minutos depois, seus cortejadores menos persistentes se retiraram e a multidão havia diminuído. Recuperando um pouco de sua compostura, Julienne começou a ter esperança de que não precisaria mais lidar com o famigerado marquês e que poderia se retirar para o camarim e depois para seu aposento sozinha.

Ela estava rindo de um gracejo de Riddingham quando viu de repente que o visconde se enrijeceu. Um silêncio notável caiu sobre sua companhia, e quando o mar de cavalheiros se foi, Dare North apresentou-se diante dela.

O coração de Julienne sacolejou violentamente em seu peito.

À primeira vista, ele parecia ter o mesmo senso de elegância de que ela se lembrava, a mesma graciosidade flexível, com a mesma rigidez na compleição. Mas ela notou que seus ombros estavam um pouco mais largos dentro de seu casaco azul finamente cortado; e as coxas mais poderosamente musculosas, revestidas por uma calça formal de cetim.

Seu lenço de pescoço em nó bem elaborado destacava as feições finas e aristocráticas que ela considerou tão arrebatadoras quanto sete anos atrás. A face dele, com maçãs do rosto salientes e sobrancelhas nobres, sempre tivera uma beleza diabólica.

Julienne bem que tentava não olhar fixamente para ele.

Dare aparentemente não tinha qualquer reserva. Sua apreciação demorada parecia penetrar nas vestimentas dela, perscrutando os seios revelados de maneira significativa pelo decote baixo e

quadrado de seu vestido elaborado. O olhar se movia para a linha da cintura, descansando no quadril, ressaltado pelas anquinhas. Era o escrutínio minucioso de um homem que conhecia as mulheres intimamente.

Ela controlou a respiração, tentando acalmar a batida rápida de seu coração.

– Até que enfim eu entendi porque Londres toda está em euforia – ele disse. – À distância, sua presença de palco é de tirar o fôlego. Mas vendo de perto... sua beleza me deixa sem fala.

Julienne olhou para ele com um ar *blasé*.

– Eu me vejo no direito de duvidar disso, milorde. Imagino que apenas muito raramente o senhor esteja sem palavras.

– Raramente. – A boca dele se contraiu em um sorriso de derreter o coração, distribuindo o charme sensual de que ela se lembrava tão bem. Ela tentou freneticamente pensar em alguma coisa sofisticada ou espirituosa para dizer. Mas antes que lhe ocorresse qualquer coisa, Dare se aproximou e levou os dedos dela aos seus lábios e beijou lentamente suas pontas.

O estômago dela se contraiu com um baque de puro desejo feminino. O leve sorriso dele era de sabedoria e experiência.

Apenas com grande esforço Julienne se conteve e não arrancou a mão bruscamente, em vez de libertar seus dedos lentamente. Ainda assim ela se lamentou por aquele simples contato, e pelo tanto que as lembranças persistiam nela.

– Eu me surpreendo que o senhor ainda nos conceda a graça de sua presença, considerando que a peça terminou há algum tempo.

– Eu queria permitir aos outros cortejadores a justiça de alguns momentos em sua companhia, uma vez que pretendo levá-la para jantar.

Houve diversas objeções imediatas dos cavalheiros ao redor dela, sendo Riddingham o mais incisivo.

– Miss Laurent não vai acompanhá-lo a lugar algum, Wolverton. Dare ergueu uma sobrancelha para o visconde.

– Eu lamento, velho amigo, pisar em seu território, mas afinal eu tenho uma aposta para vencer. Estou certo de que o senhor compreende.

Julienne interveio com um sorriso frio, dirigido a Dare.

– Agradeço pela consideração, mas Lorde Riddingham está correto. Eu devo declinar. Eu creio que depois da performance desta noite, estou com dor de cabeça.

– Sem duvida, depois daquele assassinato e da confusão – ele murmurou. – Mas eu acredito que a senhorita vai levar em consideração o meu protesto. A senhorita aceitou o meu desafio, *mademoiselle*. Nada mais do que justo, portanto, que me dê uma chance de cortejá-la. Do contrário, como eu poderia conquistá-la?

– A mim parece que este é um problema seu, não meu.

– E quanto ao seu juramento de me colocar de joelhos?

– Em outro momento, talvez. Agora, se o senhor me der licença, eu preciso me trocar.

Erguendo-se majestosa da *chaise*, ela pediu desculpa por se retirar com um sorriso que se dirigia a todos menos Wolverton.

– Eu espero poder ver todos os cavalheiros amanhã.

Deixando o salão nobre, Julienne se encaminhou pelo corredor estreito até o camarim. Ela estava prestes a fechar a porta quando, para seu completo desagrado, Dare entrou logo atrás dela.

Voltando-se para ele, encarou-o com enorme indignação, enquanto ele fechava a porta, trancando os dois ali juntos.

– Suas boas maneiras sempre deixaram muito a desejar – ela observou. – Eu pensei que tivesse sido clara. Eu quero ficar sozinha.

– Não, você disse que queria trocar a roupa.

Os olhos verdes dele estavam brilhantes, ela notou, com interesse. Julienne conteve o ímpeto defensivo de cruzar os braços em seu peito. Enervava-a estar a sós com Dare pela primeira vez desde seu rompimento. Contudo, ela não estava inteiramente surpresa pela invasão presunçosa; Dare North era um homem que

conhecia as regras do comportamento refinado, mas as ignorava ostensivamente.

No entanto, ela foi poupada de resposta, quando uma batida impetuosa soou contra a porta, seguida da pergunta preocupada de Riddingham:

– Miss Laurent, por acaso o Wolverton a seguiu até aqui? A senhorita precisa de ajuda? – Ele bateu mais uma vez.

– É melhor você tranquilizá-lo – Dare murmurou –, antes que ele derrube a porta.

Ela sentiu um forte desejo de esbofetear as orelhas de Dare ao vê-lo se esconder atrás do grande biombo ornamentado. Ele sempre tivera a audácia mais inacreditável...

Em vez disso, ela destrancou a porta, abrindo apenas uma fresta, pela qual atendeu Lorde Riddingham, que mantinha seu cenho franzido.

– Devo chamar o diretor? – ele grunhiu.

Julienne não queria reanimar o espetáculo recente ou deixar o visconde ainda mais enciumado ao revelar que Dare estava sozinho com ela em seu camarim. Fingindo surpresa, ela respondeu a Riddingham com ar de interrogação:

– Por que o senhor gostaria de chamar o diretor?

– Eu pensei que fosse encontrar o Wolverton aqui dentro.

– O senhor deve ter se confundido. – Segurando o fôlego, ela abriu bem a porta, mostrando-lhe o pequeno camarim, amontoadado com uma grande variedade de figurinos e apetrechos, deixando espaço o suficiente apenas para uma penteadeira e um biombo.

– Está vendo, milorde? Eu não preciso de assistência, embora eu lhe agradeça. Foi gentileza de sua parte. Se Wolverton estivesse aqui me importunando, eu ficaria extremamente contente que o senhor viesse ao meu socorro.

Quando Riddingham limpou a garganta e se desculpou pelo incômodo, Julienne reconfortou-o mais uma vez. Depois que ele se

foi, ela fechou a porta e contou até dez antes de dizer em um tom atravessado:

– Eu creio que agora esteja seguro para sair daí.

Quando Dare mostrou a cabeça, ela acrescentou com uma ponta de azedume:

– Você desapareceu com tanta facilidade, acho que posso presumir que você tem longa prática em se esconder de maridos e amantes furiosos.

– Você presumiu corretamente – ele concordou, com suavidade.

– Bem, eu agradeceria muito que você se retirasse agora e me desse um pouco de privacidade.

O sorriso malicioso que ele soltou era brilhante o suficiente para fazer o coração dela vacilar.

– Eu não posso sair até ter certeza de que Riddingham se foi. Você com certeza prefere que eu lhe poupe o constrangimento. Você não gostaria de ser exposta como mentirosa, não é?

– Muito bem – Julianne disse. – Você pode ficar por mais um momento, mas se não for muito inconveniente. Será que poderia sair de trás do biombo e me deixar usá-lo?

– Minha esperança era que você pudesse precisar de ajuda para se trocar – Dare respondeu, com leveza, enquanto saía de trás do móvel.

– Não, eu *não* preciso de ajuda.

– Que pena. Mas a verdade é que só estou aqui para persuadi-la a jantar comigo. Um jantar. Que mal pode lhe causar? Você pode usar a oportunidade para apanhar meu coração.

Ela olhou para ele com uma expressão dura.

– O que o senhor realmente quer de mim, Lorde Wolverton?

– Eu lhe disse. Eu fiz uma aposta de que eu poderia conquistá-la.

– Quanto? – Quando ele ergueu uma sobrancelha, Julianne cruzou os braços com impaciência. – Qual a quantia da sua aposta?

– E que importância isso tem?

– Se não for muito alta, eu mesma vou pagá-la, para não me ver compelida a levar adiante essa piada ridícula. – Ela tinha pouca dúvida de que a quantia da aposta estaria bem acima de suas condições, mas gostaria que Dare soubesse o quanto ela achava aquele jogo absurdo.

– Isso não é pelo dinheiro – ele respondeu, fingendo-se ferido. – Meu orgulho está em jogo.

– Seu *orgulho*? – Ela fez uma careta de desgosto. – Você não está levando realmente a sério esta competição pública, está?

– Como você me conhece mal.

Isso era verdade, Julianne pensou com uma tristeza súbita. O homem que um dia ela amara se tornara um estranho para ela, alguém que não se importava nem um pouco em ridicularizá-la em público.

E no entanto ela não poderia realmente culpá-lo. Ela só podia tentar se defender contra qualquer punição que ele tivesse planejado contra ela.

Com esse pensamento angustiante, ela se moveu para trás do biombo. Para seu alívio, Dare se afastou, agindo como cavalheiro o suficiente para permitir a ela alguma privacidade. Mas ainda a desconcertava tê-lo naquela proximidade.

– Você concordou com meu desafio – ele disse, após um momento. – Eu pensei que você gostaria de fazer da maneira adequada. Aliás, a sua réplica foi uma jogada de mestre. Em um lance brilhante, você virou a mesa contra mim.

– Eu devo tomar isso como um elogio – ela disse, secamente, enquanto retirava o figurino e começava a se debater com as camadas da anquinha e da anágua.

– As notícias sobre seu talento não são exageradas. Você é extremamente boa.

– Às vezes eu sou. Eu não estava na melhor forma na performance desta noite.

– Você estava um pouco distraída, não estava?

– Devo admitir que sim. Eu temia que você pudesse cometer algum gesto vingativo, e eu estava certa.

Ele não respondeu à acusação, em vez disso voltou ao assunto de antes:

– Venha jantar comigo, *chérie*. Nós podemos recordar nossos velhos tempos.

– Não sei de nada que eu queira me lembrar.

– Nem mesmo os deleites carnais que nós desfrutamos juntos?

– *Especialmente* isso.

Ela pegou um modesto vestido de merino azul escuro de mangas longas, um que ela frequentemente usava ao chegar e ao sair do teatro. Saindo de trás do biombo, Julienne se sentou na penteadeira para retirar a maquiagem. Ela fez o máximo de esforço para menosprezar a presença de Dare, por mais que ignorá-lo fosse como fingir que não estava presa em uma jaula com um tigre faminto.

Ela podia ver, pelo pequeno espelho de mão, como ele se recostava indolentemente contra a porta, observando-a. Ele ficou em silêncio enquanto ela desfazia o coque do cabelo, sem falar nada até que ela removesse os grampos e passasse os dedos pela massa espessa de fios.

– Você sempre teve o cabelo mais adorável. Como o pelo de uma marta russa. Volumoso, sedoso e lustroso.

Julienne manteve seus lábios apertados, recusando-se a responder. Ele sempre teve uma língua afiada, ela pensou consigo mesma. Dare se deliciava ao ultrapassar a barreira da polidez com seus galanteios e indiretas demasiado íntimas.

– Você tem o rosto e o corpo de uma sedutora.

– Eu não sou uma sedutora – ela retorquiu. – E não sou uma menina inocente, suscetível aos seus elogios.

– Não, não é uma menina, de modo algum.

Inesperadamente, ela sentiu uma pontada de mágoa. Em outro tempo, ele não tinha necessidade de adulá-la com palavras. Ele a

fazia se sentir linda com apenas um olhar. Linda e estimada. *Pare de viver no passado, sua boba*, ela pensou.

Ela sentiu que Dare se aproximava dela. Julienne paralisou enquanto ele pegava a escova e começava a passá-la lentamente pelo seu cabelo comprido.

– Eu sempre adorei fazer isso. Lembra?

O calor de sua voz tocava em uma corda que a deixava trêmula. *Se eu me lembro? Como eu poderia me esquecer?* Sem dizer nada, ela fechou os olhos com o choque entorpecente do reconhecimento e da familiaridade. A sensação do Dare às suas costas, o calor vibrante de seu corpo, a sensação doce de seu toque, sua ternura erótica. Fazia tanto tempo... Que o céu a ajudasse, pois ela o queria. Ela sabia que bastava se recostar nele para que ele levasse adiante... ele iria acariciá-la, apertá-la, excitá-la. A ideia de suas mãos esbeltas e elegantes explorando as curvas de seus seios fez com que seus mamilos inchassem com a expectativa.

Assombrada, Julienne contraiu o rosto, ressentida pela traição de seu próprio corpo, amaldiçoando-a novamente por causa de um palhaço. Ela estava furiosa por ter se permitido ficar sozinha com Dare. Ela se considerou forte o suficiente para encontrá-lo novamente após todo esse tempo, mas estava enganada. Ela era fraca demais. E ele era perigoso demais.

Incapaz de suportar sua proximidade por mais tempo, ela se pôs em pé abruptamente, ainda de cabelo desmazelado. Agitada, ela caminhou até o gancho da parede e agarrou seu manto, então o passou por cima dos ombros.

– Se o senhor não vai partir, então partirei eu, Lorde Wolverton.

Eu lhe desejo uma boa noite.

– Não, acho que não.

Ele avançou com passos lentos e determinados pelo pequeno camarim até se encontrar na frente dela. Aguerrida, Julienne deu um passo para trás, mas não havia para onde ir.

Por um momento ele simplesmente a encarou, com o olhar caindo em sua boca. Estonteada, ela esperou até que ele se inclinasse suavemente até ela, abaixando sua cabeça até que seu hálito quente tocasse em sua bochecha... em seus lábios. Ele pretendia beijá-la, isso estava claro. Uma onda de pânico fluiu por dentro dela, e ela se encolheu para se proteger do impacto...

Mas, atônita, ela descobriu que o beijo não viria. Em vez disso ele lhe deu seu notório sorriso de derreter os ossos. Curvando-se, ele passou uma mão por trás dos joelhos dela e a ergueu em seus braços, transformando o pânico dela em atordoamento.

– Que diabos você está *fazendo*? – ela perguntou, ofegante pela ação inesperada.

– Levando você para jantar, o que mais? – Dare respondeu calmamente. – Minha carruagem está esperando, querida.

Capítulo Três



Dare se movia inquieto no assento da carruagem, amaldiçoando o sangue quente que mexia com suas vísceras. Sua excitação aguda o tomara de surpresa. Ele pretendia exercer maior controle mental. E teria conseguido, se não fosse pela reação instintiva feminina da Julienne à sua proximidade. Ele vira o torpor de desejo nos olhos dela, sentiu as mudanças sutis no corpo dela, que chegou a abrir os lábios na expectativa de seu beijo.

Ele teria que esconder o choque de necessidade crua que o percorria. Em um gesto de completa autodefesa, ele tomara a primeira ação que lhe viera à mente: erguê-la nos braços e carregá-la para a carruagem à sua espera.

Mas ficar a sós com ela na reclusão da boleia da carruagem causava um efeito ainda mais devastador em seu corpo, elevando sua ardência ao nível de uma dor.

Involuntariamente, Dare lançou um olhar sobre Julienne, que olhava pela janela, revelando todo o seu perfil altivo e aristocrático. Ela era tudo de que ele se lembrava e ainda mais. Sob a luz tênue das lanternas, o cabelo brilhava com riqueza, flutuando em ondas pesadas e sedosas sobre os ombros. Seu olhar deslizou para o peitilho, onde as curvas do babado se combinavam em uma desordem tentadora. Nesse instante, teve que lutar contra o ímpeto de se aproximar e enterrar o rosto naquela massa luxuriosa, escorregar os braços ao lado dela e se apertar naqueles seios lascivos...

Dare praguejou mais uma vez, silenciosamente, sentindo uma corrente de ressentimento por ela se manter tão tentadora... por ela ainda ter poder sobre ele e o fazer sentir-se daquela maneira.

Ele estaria totalmente determinado a resistir, porém, com a reação sensual dela, a memória dos bons tempos veio com toda força e o sobrepujou – cada sabor, cada toque, cada sensação, cada anseio que ele julgava enterrados sem volta no fundo de seu coração, fora de alcance. Talvez essa sua empreitada tivesse sido um erro. Ele havia disparado o primeiro tiro naquela caçada, declarando sua intenção de conquistá-la, mas Julienne havia respondido à altura, pegando-o de guarda baixa com o adorável voto de deixá-lo de joelhos.

Ela já havia feito isso uma vez antes, Dare se lembrava, crispando a boca. Ele teria que proceder com cuidado se quisesse emergir daquela competição com o coração intacto.

A única satisfação era que Julienne parecia estar tão agitada quanto ele. Ela olhava para ele com beligerância e desconfiança, por motivos óbvios, como se temesse uma retaliação. Mas ele sabia muito bem que a apreensão dela não a impedia de se lembrar da paixão que um dia reinou entre eles, nem a impedia de desejá-lo.

Ao lado dele, Julienne tinha pensamentos semelhantes. Ela se lamentava por ter ficado tão à mercê das táticas descaradas de Dare. Depois de deixá-la vibrando com a nostalgia, acendendo propositalmente seu desejo com sua proximidade, ele de repente apagou a chama que criou e ao mesmo tempo aumentou sua indignação; ele literalmente lhe tirou os pés do chão e a carregou para fora do teatro, para deleite de numerosas testemunhas estúpidas.

Que audácia a desse bandido, causando aquele espetáculo! Ele era exasperante, enlouquecedor, desconcertante. Embora ela tivesse que admirar sua determinação engenhosa. Dare era obstinado quando se tratava de obter o que queria.

Ele havia ganho o primeiro combate, Julienne tinha que reconhecer. Se ele não a encurralasse com sua aposta na frente da alegre audiência londrina, se ele não tivesse virtualmente abduzido-a, ela não estaria com ele naquele instante.

Uma coisa era entrar em uma batalha pública de espirituosidade com o Dare; outra completamente diferente era estar reclusa com ele na intimidade de um jantar tarde da noite. Mas ela seria capaz de tolerar a companhia dele por uma noite, Julienne prometeu silenciosamente a si mesma. Eles iriam apenas compartilhar uma refeição. Ela já era experiente o suficiente para manter Dare emocionalmente distante. E aquela era a chance de ela provar a si mesma que havia superado-o.

Melhor ainda, ela poderia provar a Dare que ela tinha a habilidade de resistir a ele. Quanto mais cedo ele percebesse que ela nunca iria ceder, mais cedo ele iria desistir de sua tentativa de vingança.

Eu não vou sucumbir a ele. Não vou.

Repetindo o mantra várias e várias vezes, Julienne podia recuperar em alguma medida sua confiança abalada. Mas ela não conseguia evitar que seu coração batesse com ansiedade quando a carruagem desacelerou até parar.

A sensação apenas aumentou quando ele a ajudou a descer. E quando ele pressionou a mão pouco acima da cintura, guiando seus passos nos degraus da entrada, ela se espantou com o calor que se pronunciou dentro dela, fazendo-a deplorar o quanto era afetada por um contato casual da parte dele.

Ela teria que se sair melhor se quisesse sair vitoriosa do encontro. Julienne notou que estava em um clube privado de cavalheiros, sem saber ao certo se deveria estar aliviada. Ela tinha certa expectativa de que Dare pudesse levá-la a um de seus notórios refúgios depravados, onde, de acordo com as páginas escandalosas que comentavam seus atos perversos, ele conduzia orgias e outros entretenimentos devassos. Eles foram recebidos por um mordomo

que os levou escada acima para uma câmara ainda mais privada, decorada de maneira suntuosa, com bom gosto. Velas cintilavam em castiçais dourados nas paredes, refletindo na porcelana chinesa e no cristal na mesinha de jantar coberta com linho adamascado. O fogo aconchegante queimava na lareira, o que lançava uma aura íntima sobre todo o aposento.

Como se podia esperar, o cenário estava preparado para a sedução. Uma das laterais do aposento estava parcialmente coberta por uma cortina de brocado carmim, mas Julienne pôde ver uma alcova nas sombras, com uma grande cama.

Um calor se espalhou por ela diante do pensamento de que poderia passar a noite ali.

O mordomo os sentou à mesa, então se retirou, o que ela lamentou. Para aumentar seu desconforto, Dare tomou a cadeira ao lado dela, em vez de se sentar à sua frente.

– Eu preciso avisá-lo – Julienne afirmou, com leveza, enquanto inspecionava a variedade de vinhos sobre a mesa. – Você está trabalhando em torno de um mal-entendido. Seja qual for a artimanha que planejou para essa noite, você não será bem sucedido.

O sorriso dele brotou com facilidade.

– Eu nunca antecipo o fracasso antes de sequer começar.

Julienne sentiu uma fagulha de desapontamento consigo mesma, diante da hábil resposta dele. O charme natural vinha automaticamente, sem esforço, e em alta potência. Dare ainda tinha o poder de afetá-la com naturalidade. Ela se perguntava por quanto tempo iria aguentar impávida sua companhia, com ele tão perto e claramente tão disposto a fazer prevalecer sua vontade.

O tom de voz dele continuou provocante quando ele despejou vinho na taça.

– Eu considero uma falta de espirituosidade de sua parte, *chérie*, não me dar sequer uma chance de lutar. Ou talvez seja apenas fragilidade. Você está com medo que eu possa vencer.

– Difícilmente. – Julienne foi capaz de rir. – Eu tenho mais medo de que eu vá machucá-lo, se você continuar a me perseguir.

– Prove o vinho dessa safra – ele sugeriu. – Vem de Languedoc. Era onde seu pai se estabelecia antes de sua execução, ela pensou, piscando. Contudo Julienne fez como ele pediu, e achou o vinho delicioso.

– A comida daqui é excelente – Dare disse, observando a expressão de aprovação dela. – Você vai gostar. O chefe é parisiense. – Ao notar o olhar de surpresa dela, ele acrescentou: – Você achou que eu iria me esquecer de sua predileção pela cozinha francesa?

Ela lhe respondeu com um sorriso de leve escárnio.

– Para ser honesta, eu jamais penso em você.

Ele se recostou na cadeira, exibindo sua graciosidade habitual, mas Julienne achou difícil se demonstrar igualmente à vontade. Era difícil ficar indiferente a Dare. O cabelo claro cintilava à luz da vela, com suas mechas macias e espessas emaranhadas selvagememente, em seu tom de ouro. Pior, ela continuava vendo imagens de seus dedos deslizando ali, e imagens das mãos dele retribuindo.

Involuntariamente, ela olhou para as mãos dele, que seguravam uma taça de vinho, quase acariciando a haste, e um anseio inexplicável tomou conta dela. Ela quase podia sentir aquelas mãos calorosas e hábeis em sua pele...

– Faz tanto tempo – ele murmurou, assombrando-a com sua atenção minuciosa.

– Não tempo o bastante, para o meu gosto – ela retorquiu, fingindo desdém, mas feliz que a penumbra do aposento ocultasse o rubor de sua face.

Ela ficou ainda mais aliviada quando uma batida discreta na porta anunciou a chegada do jantar, servido por dois criados. Havia diversos pratos: sopa de perdiz com trufas, presunto refogado, truta com tomate e molho de alho, ervilhas, creme de corações de alcachofras, timo de vitelo, fricassé de vitela ao molho madeira e, por fim, cerejas frescas e pudim de ameixas.

Cada prato era delicioso, mas Julienne mal saboreou qualquer um deles. A atenção dela continuava vagando pela sua companhia... aqueles olhos verdes aprisionantes, a boca sensual, bem esculpida...

Não pense na boca dele, ela ordenou a si mesma. Não pense naqueles lábios firmes e quentes que faziam você tremer de paixão.

Os lábios sedutores que haviam dado e recebido tanto prazer. Aquele sorriso pervertido, de parar o coração, que podia arrancar a alma de uma mulher de seu corpo.

O sorriso que sempre foi o maior trunfo de Dare. Ou talvez fosse sua maneira particular de olhar para uma mulher. Ele concentrava tanta intensidade estimulante em seu alvo que ela se sentia incrivelmente desejável.

Era o que ele estava fazendo naquele instante, Julienne percebeu. Ele estava observando-a como se nada mais importasse, apesar da presença dos dois criados. Ela conseguiu suportar seu escrutínio, até ele dispensar os servos ao final da refeição, deixando-a sozinha com ele.

– Ninguém jamais lhe disse que é contra as boas maneiras ficar olhando? – ela disse, invocando um sorriso contido.

Ele sorriu com malícia, relaxado.

– Como que eu poderia evitar, fascinado por alguém de uma beleza tão estonteante? Você me intoxica.

– Sem dúvida o vinho já subiu à sua cabeça.

Ele a olhou de cima a baixo de maneira lenta e precisa, obviamente, determinado a cavar buracos na frágil máscara de sua acompanhante.

– Então, o que você fez de sua vida ao longo desses anos todos, mademoiselle?

Os lábios dela se entreabriram, e ela tomou um gole de vinho, relutante em responder.

– Eu prefiro que você se dirija a mim como Miss Laurent. Eu prefiro não chamar atenção para o fato de eu ser francesa.

– Muito bem... querida. – Havia um tom de divertimento ao fundo de sua voz, mas ele continuava curioso. – Você tinha um traço de sotaque que não dá mais para notar. Isso foi trabalhado?

– Sim – Julienne admitiu. – Não era bom para minha carreira de atriz. Os ingleses se consideram muito superiores a qualquer um de origem francesa e desaprovam qualquer lembrete de nossas diferenças.

– Nossa desaprovação aos franceses pode ter algo a ver com o déspota cuja pretensão é a de dominar o mundo – Dare disse, suavemente. Ela podia ter dito que muitos de seus compatriotas detestavam Napoleão Bonaparte muito mais que os britânicos, mas ela não pretendia debater essa questão com Dare.

Brincando com seus dedos compridos, ele continuava a observá-la com aquele olhar desconcertante, apesar de ter mudado de assunto.

– Diga-me... Você está dividindo a cama com alguma daquelas criaturinhas que estavam salivando na sua saia esta noite?

Julienne soltou um suspiro comprido diante da ousadia daquela pergunta.

– Isto, eu acredito, não é assunto seu.

– Eu apenas quero saber com quem estou competindo. É difícil dizer quem você prefere no meio daqueles dândis e grã-finos que a estavam cercando. Pelo que eu observei, eu diria que Riddingham. Ele é o meu maior rival?

Julienne se permitiu apenas uma expressão jocosa, recusando-se a responder.

– Eu pensei que você iria preferir um homem de verdade para aquecer sua cama – Dare disse. – Mas se eu me lembro bem, você não é muito seletiva com seus companheiros de leito. – A súbita nota cáustica em sua voz sugeria repreensão.

Contando com toda sua força de vontade, Julienne conseguiu uma expressão afetada de desinteresse, arqueando uma sobrancelha.

– Eu acho impressionante que o libertino mais promíscuo de Londres presuma poder julgar as *minhas* escolhas. Por tudo que eu ouvi, você nunca foi criterioso em relação às amantes com quem se diverte. Ou vai me dizer que é?

– Ah, minha cara, eu sou extremamente criterioso. Ao menos, agora sou. Houve um tempo, depois de você... – O olhar dele se fixou nela, lentamente, mexendo com seus nervos. – Depois de você, minha pérola, eu não me importava com quem ia para a cama. Eu só podia me contentar em enterrar minha dor nos prazeres carnavais.

Dare notou que ela não iria reagir a essa confissão, tampouco.

– Levei um bom tempo para superar a sua crueldade, *chérie*.

Uma emoção perpassou em seus olhos, algo vulnerável e fugaz demais para que ele identificasse. Então ela abaixou os olhos, seus cílios escuros contra a pele marfim.

– O fato é que eu posso dizer que foi você que me levou ao meu caminho de depravação.

Julienne ergueu o queixo ao ouvir isso, com uma expressão cética no rosto.

– Você não pode me culpar por sua libertinagem. Você já era um depravado antes de nos conhecermos.

– Mas você também não era tão casta, tenho certeza. E acredito que você tenha se permitido uma relação ou outra depois de mim.

– Uma ou outra – ela disse, sem ênfase. – Mas eu sei precisamente quantos amantes eu tive. Tenho certeza de que você já não pode mais sequer fazer a conta, Lorde Wolverton.

– Teve uma época em que você me chamava de Dare.

– Teve uma época em que você me chamava de um monte de coisas. – Um sorriso lascivo irrompeu em seus lábios. – Eu posso pensar agora mesmo em algumas denominações. Réproba, hedonista, libertina.

Dare fez uma careta afetada:

– Uma coisa definitivamente mudou. Suas garras estão mais afiadas.

– Talvez. Mas preciso de garras afiadas, se espero me defender de você.

Ele franziu o cenho levemente.

– Eu suspeito que serei eu quem terá de se defender. Se a memória não me falha, da última vez que a encontrei, você estava muito à vontade com as carícias de um outro homem. Nas minhas costas, devo acrescentar. Justo quando você me levava a crer que eu era o que seu coração desejava. – A boca dele se contraiu. – Ah, mas eu *era* o que você desejava, desde que eu herdasse uma fortuna.

Ouvindo todo o rancor dele, Julienne fixou os olhos em seu cálice de vinho. Dare acreditava que ela era uma mentirosa incorrigível. Que ela podia fazer amor com ele tão apaixonadamente em um momento e traí-lo no instante seguinte com seu rival.

Sua garganta estava constricta. Ela tinha um motivo contundente para mentir naquela época, tantos anos atrás. Ela pensava que não tinha escolha. Mas ela não merecia o ódio de Dare. Ela havia sofrido mais do que ele sabia. Talvez se ele soubesse tudo pelo que ela passara, ele não estaria tão ávido por vingança...

Ela ergueu os olhos para Dare, e os olhos de ambos se fecharam, com o passado negro vibrando entre eles. A dor a lacerava com a frieza que emanava dele, e Julienne percebia a futilidade que seria lhe suplicar perdão.

Talvez se ele tivesse apenas pedido a verdade a ela, se duas horas atrás ele não tivesse demonstrado publicamente seu desejo total de humilhá-la, ela poderia ter se arriscado a abrir aquelas feridas dolorosas.

Mas agora não havia ponto em tentar justificar suas ações de tanto tempo atrás. Não importava mais o que Dare pensasse dela. Ela não poderia desfazer a devastação, a perda – para nenhum deles. Não havia dúvida de que Dare sentiria pena dela. E culpa. Talvez ele até se sentisse obrigado a fazer reparações.

Ela não podia se permitir qualquer envolvimento com Dare novamente, e certamente não nos termos dele. Uma dor daquele

tipo iria destruí-la. Ela levava anos para deixar o passado para trás, e agora tudo o que ela queria era esquecer.

Não, Julienne concluía, era melhor que Dare continuasse acreditando que ela o tinha traído. Que ela jamais o amara. Ela não iria se declarar inocente, apesar das provocações dele, dizendo que ela fora cruel e mercenária.

Em vez disso, ela iria entrar no jogo, assumir o papel que ele designava a ela. Ela iria manter suas respostas leves e fingir que ele não tinha mais o poder de feri-la.

Era preciso um esforço para sorrir, mas Julienne conseguia, com uma elegância descuidada, o que a fazia pensar que ela jamais dera tanto valor às suas habilidades como atriz quanto agora.

– Você pode pensar como quiser – ela disse –, mas eu esqueci há muito tempo daquele episódio desagradável. Eu não tenho qualquer intenção de discuti-lo.

Dare sentiu uma pontada de desagrado diante da recusa dela, mas decidiu que insistir naquele assunto apenas iria fazê-lo parecer uma criança mimada.

– Como foi que você se tornou uma atriz? – foi o que ele perguntou.

– Alguns de nós trabalham para sobreviver, milorde.

– Você não conseguiu persuadir Ivers a ficar com você?

Uma expressão fugaz de desolação se fez ver nos olhos dela, mas aquela fragilidade momentânea se foi tão rapidamente quanto viera.

– Ele ofereceu – ela respondeu, sem inflexão. – Mas eu escolhi não aceitar.

Dare se perguntou se Julienne falava a verdade; se ela recusara a oferta do conde porque seus bolsos não estavam cheios o suficiente, ou se Ivers a abandonou porque o golpe de obter a fortuna de Wolverton falhara.

– Ele não pôde lhe providenciar tanto quanto você queria? A risada dela não tinha muita alegria.

– De fato, ele não pôde. As dívidas de jogo dele afetaram severamente seus bolsos. E eu precisava de uma fonte de renda mais confiável para sustentar a minha mãe. A doença dela piorou no final do verão.

– E quanto à sua loja? Ela não rendia o suficiente? – Dare perguntou, lembrando-se das discussões habituais que costumavam ter.

Julienne alegava que a confecção era sua única fonte de renda e que até o casamento deles se consumar, ela não poderia negligenciá-la. Dare oferecera comprar a loja e deixá-la a serviço da vendedora para que ela não tivesse que trabalhar para sobreviver, mas Julienne se recusara, dizendo que ela não iria aceitar caridade nem se tornar sua concubina. Ela dizia que era por isso que eles se encontravam às escondidas, percorrendo longas distâncias. Mais tarde, ele concluiria que ela simplesmente estava aguardando para que pudesse garantir sua fortuna completa.

A resposta que ela dava agora, no entanto, surpreendia-o.

– Os negócios não foram muito bem, depois... – Julienne ergueu os olhos, quase desafiadora. – Seu avô fez várias alegações infundadas contra mim. Eu saí de Kent para evitar o escândalo e deixei a loja nas mãos de nossa vendedora.

O cenho de Dare franziu ainda mais quando ele pensou naquelas semanas tumultuadas depois da traição de Julienne. Ele não sabia o que mais acontecera a ela. Ele não procurou saber. Ele saiu imediatamente de Kent e nunca mais retornou a Whitsable. Também não pôs mais os pés em Wolverton Hall até a morte e o enterro de seu avô.

Mas ele não deveria estar sentindo aquela pontada aguda de culpa. Julienne tinha sido a responsável pelos seus problemas, com sua duplicidade e mentiras.

– E a sua mãe? – ele perguntou, casualmente.

– Ela morreu há alguns anos. – Os olhos de Julienne ensombreceram com a lembrança triste. – Eu queria que ela vivesse

comigo em York, mas *maman* não quis saber de se mudar para qualquer parte. Ela não gostava da ideia de abandonar todos seus amigos.

Dare acenou com a cabeça, lembrando-se da comunidade unida de imigrantes franceses em Whitsable. Quando os Laurents escaparam do terror da guilhotina, eles se estabeleceram na costa de Kent, perto das cidades balneárias efervescentes de Margate e Ramsgate, onde podiam apreciar a companhia de outros nobres franceses exilados.

– Ela se recusou – Julienne acrescentou, suavemente – a se retirar de sua casa mais uma vez.

Como aconteceu durante a Revolução, Dare completou em pensamento. Uma onda inesperada de ternura o tomou de surpresa, mas ele a afastou abruptamente, preocupado em não se deixar vulnerável.

– Sinto muito – ele disse com polidez superficial.

O olhar de Julienne encontrou seu rosto, não sem uma ponta de dúvida.

– Obrigada.

Ele alcançou a taça de vinho e ingeriu os últimos goles.

– Mas eu não me senti mal quando meu avô morreu. O velho desgraçado persistiu até o ano passado.

Julienne olhou para o lado abruptamente, mas não antes que Dare visse o brilho quente nos olhos dela. Era ódio cru e simples, ele percebeu.

Ele não esperava que ela compartilhasse dos mesmos sentimentos venenosos contra o último marquês. Mas talvez ela culpasse seu avô por arruinar sua vida. Certamente se podia dizer que se não fosse a ameaça do velho de deserdá-lo, o futuro de Julienne poderia ter sido bem diferente. E o dele também, Dare refletiu. Ele teria se casado com ela, jamais suspeitando de sua verdadeira natureza até que fosse tarde demais.

– Você evidentemente se saiu muito bem depois desse tempo todo

– ele disse, afinal. – Mas há maneiras mais fáceis de se ganhar a vida do que atuando. Eu presumo que você não esteja planejando pisar nos palcos por toda a vida.

– Não, por toda a vida, não.

– É por isso que você pretende escolher um protetor? Para elevar sua renda?

O sorriso dela pareceu forçado, mas o tom de voz permanecia leve:

– Você pode ter me impelido a jantar com você, milorde, mas não creio que concordei em me submeter a um interrogatório.

– Quando você fizer sua escolha, quero muito que seja eu.

– Infelizmente – ela disse, com doçura –, não se pode ter sempre o que deseja. Desde que você nasceu, acostumou-se a ver todos se curvando e adulando-o, e isso obviamente lhe fez desenvolver uma auto-confiança exagerada sobre seu próprio valor.

– Eu sei meu valor financeiro, ao menos. E estou preparado para ser extremamente generoso. Eu posso triplicar sua remuneração habitual. O que você quer? Casa, carruagem, joias, uma mesada?

Os olhos dela se agitaram, divertidos.

– Não estou à venda, Lorde Wolverton. Eu não serei o brinquedo de homem algum, e certamente não o seu. Se eu escolher um protetor, posso lhe garantir que não será você.

– Eu me pergunto o que poderá fazer você mudar de ideia?

– Eu me pergunto por que você está obstinado em me ter, depois de todo nosso passado detestável? Vingança é um motivo lamentável, afinal de contas. Eu gostaria de pensar que você se considera acima disso.

– Eu não estou interessado em vingança – ele respondeu, mas não com total honestidade. – Eu apenas estou instigado pela emoção da caça.

– Você quer dizer com isso que está completamente entediado com sua vida indolente e que você me requisita em nome de seus entretenimentos?

– Talvez. Eu admito. Jamais conheci um único momento de tédio ao seu lado, minha pérola.

– Apenas porque eu sou capaz de resistir aos seus encantos.

– Mas por quanto tempo? – Ele lhe deu seu sorriso mais charmoso.

– Estou disposto a perdoá-la pela sua teimosia, meu amor, mas você só está adiando o inevitável. Mais cedo ou mais tarde, eu a terei novamente. – Intencionalmente, ele olhou para a alcova atrás da cortina. – Poderia muito bem ser esta noite. Por que desperdiçar esse cenário ideal?

O humor brotou nos cantos da boca dela.

– Eu não irei para a cama com você, Dare.

– Quem precisa de uma cama? Ao lado da lareira pode ser perfeito. Você ficaria muito lasciva esparramada sobre uma pele de marta, completamente nua.

Ele ouviu a inalação profunda que ela deu, em resposta a sua provocação deliberada. Ele levou a mão a um cacho encaracolado do cabelo dela, retirando-o de seus seios. O cabelo dela era glorioso, rico, de cor vibrante, espesso e sedoso ao toque. A maciez e o aroma fragrante o provocavam, enquanto ele levava o cabelo aos lábios.

Tensa, Julianne recuou e ergueu uma sobrancelha. Assumindo um olhar de pura inocência, Dare sondava:

– Eu ouvi um boato de que você é uma amante frígida, mas eu sei que não. Sei o quanto essa fachada gelada não se sustenta. Sei o quanto você pode ser quente... Sei o quanto eu posso excitar você. Como um simples toque dos meus dedos pela sua barriga faz você estremecer. Um toque no seu sexo delicioso e você já fica úmida.

Encolhendo os ombros graciosamente, ela devolveu um sorriso arqueado:

– Eu lhe disse, eu não sou mais aquela garota ingênua de antes.

Agora preciso de muito mais para me excitar.

Um calor percorreu Dare ao ouvir aquelas palavras, com o desafio implícito. Ele não poderia dizer o mesmo; foi preciso muito pouco para excitá-lo naquela noite.

Ele não contava com a ideia de fazer amor com ela naquela mesma noite. Iria apenas dizer a que vinha. Mas ele deveria saber o efeito que Julianne causava nele. Deveria saber como ficaria inflamado pelo duelo de vontades. A excitação de uma batalha espirituosa com ela era um afrodisíaco mais poderoso que qualquer droga. E a tentação de fazer mais do que apenas provocá-la era avassaladora. Na verdade, ele visualizava o gesto de atirá-la na mesa, rasgar suas roupas, e saborear seu corpo pelo qual ele ansiava tanto, havia tanto tempo.

Ele praticamente rangia os dentes contra o fluxo ardente da excitação suscitada por essa imagem. Ele não podia se lembrar de sofrer tanto por uma mulher, ou de querer mais. E ele duvidava que Julianne fosse tão indiferente a ele quanto ela fingia. Ele reconhecia suas reações sexuais com olho de *connoisseur*.

– Devemos testar sua resistência? – ele perguntou, suavemente. Com esforço, Julianne encontrou o olhar dele, com sentimentos confusos entre querer e não querer. A presunção arrogante de Dare de que sairia vitorioso a desnorteava profundamente. Desnorteava-a e a envergonhava.

Mas ele não iria vencer, ela prometeu silenciosamente a si mesma, não iria facilitar sua vingança, deixando-o tratá-la de maneira tão rude. Ela faria tudo que estivesse em seu poder para se proteger de seus estratagemas calculados. Se fosse obrigada, iria contar com algumas habilidades de sedução de sua própria seara para se defender.

Medindo Dare de alto a baixo, Julianne tomou um gole de vinho, perguntando-se se poderia esperar por algum resultado mais favorável. Seria sumamente satisfatório derrotar o Príncipe do Prazer em seu próprio jogo. Fazê-lo se apaixonar por ela e partir seu

coração, como anunciara publicamente. Infelizmente, porém, ela não tinha muita fé em sua habilidade para levar adiante a sua parte na aposta. Havia muito tempo que Dare North era imune a estratégias femininos para aprisionar seu coração.

Mas se ele pretendia atormentá-la, ela iria mostrar que podia responder à altura. Afinal, era uma atriz e podia muito bem interpretar o papel de *femme fatale*.

Ela não poderia deixar sair de seu controle, era claro. Iria apenas brincar com a luxúria de Dare, e deixá-lo arquejando, querendo mais. E quando ela saísse caminhando para longe, sem afeto, ele iria começar a entender que ela nunca seria conquistada por ele.

Aliviada por ter feito uma decisão que a permitisse tomar a ofensiva, Julienne deixou um sorriso tentador escapar de seus lábios:

– Por que não?

Ela viu a chama instantânea que ardeu nos olhos dele e apenas esperou que não estivesse cometendo um erro incontornável.

Por um longo momento seus olhos fixaram um no outro. Então, tomando sua mão, Dare lentamente a revirou e deitou um beijo na parte mais suave de seu pulso. Sua carícia leve a fez estremecer. Em seguida, seus lábios se moveram pela palma, com sua língua deslizando por sua pele sensível, e tudo o que ela pôde fazer foi permitir sem se afastar.

O hálito dele chamoscou-lhe os dedos, enquanto os lábios percorriam as pontas. Quando ele chupou o dedo médio, uma dor pesada desabrochou no fundo de seu abdômen.

– Eu devo lhe avisar – ele murmurou, com a voz rouca – que aprendi mais algumas coisas desde que nos vimos pela última vez.

– Eu posso imaginar – ela disse, com a voz ofegante.

Os olhos dele não a libertavam de sua intensidade. Mas para a surpresa dela, ele largou sua mão e parou. Ele foi até a porta, trancou-a, então voltou ao seu lado e deixou a chave sobre a mesa, junto às taças de vinho que ele retirou da mão dela.

O tempo, perigoso quando se trata das correntes da paixão, parecia pairar inerte enquanto ele a encarava em pé.

Com o coração martelando, Julienne se levantou vacilante para encará-lo, não querendo deixá-lo em vantagem. As pernas dela estavam mais fracas do que pensava, então recostou o quadril na mesa para se apoiar.

– Então? – ele perguntou, com uma fala arrastada, repleta de desafio. Sustentando seu olhar com um equilíbrio ousado e gracioso, ela levou as mãos para as costas para soltar os fechos, retirando o corpete de seu vestido merino, revelando sua *chemise*, que ela entreabriu. Os seios surgiram, empinados, por entre a cambraia branca. Oferecendo-lhe um sorriso, ela virou e pousou as mãos atrás da mesa, em um gesto elegante de cortesia.

O sorriso dele era como um gancho.

– Então você pretende me tentar com seu corpo lascivo?

– Vamos ver quem consegue demonstrar mais resistência.

– Como quiser – ele disse, com os olhos vivos em interesse deleitoso. Com um pé, ele afastou a cadeira de seu caminho e se aproximou, enquanto o olhar movia-se prazerosamente por todo o corpo dela. Uma pulsação começou a bater mais forte por dentro de Julienne, em resposta ao olhar quente dele.

Ela conseguiu ocultar sua excitação agitada, enquanto ele percorria lentamente um dedo por suas clavículas, e depois traçava um caminho entre seus seios. Mas quando ele foi adiante e envolveu um seio com a mão em concha, Julienne sentiu seu coração vacilar.

Com um olhar de quem sabe, Dare estendeu ambas as mãos cobrindo inteiros os seios maduros. Os mamilos ficaram timidamente túrgidos, respondendo a seu aliciamento. Os polegares acariciaram os bicos rosados até deixá-los dilatados e duros, e Julienne teve que morder o lábio para evitar implorar a ele que parasse com aquele tormento. Ela não queria que ele parasse. Ela queria se comprimir no corpo dele, queria que Dare aliviasse a dor deliciosa que estava lhe causando.

Como se ele tivesse lido sua mente, ele a tomou nos braços e a puxou para seu peito. O choque completo de seu corpo duro a invadiu. Ele era puro músculo afiado e força bruta – e estava completamente excitado. Ela podia sentir a ereção rígida mesmo através das camadas de roupa.

Ela respirou profunda e lentamente, estremeando com a necessidade. As partes do corpo que se encostavam apertadas ao corpo dele estavam febris. Seus seios se encontravam excruciantemente sensíveis, roçando, nus, no tecido de brocado do colete de Dare. Todos seus instintos lhe diziam que seu acompanhante estava sofrendo da mesma necessidade urgente.

A respiração dele estava acelerada quando mergulhou a cabeça em seu corpo. Seus lábios se moviam por seu pescoço. E então deslizaram para cima, passaram ao queixo, chegando às maçãs do rosto.

– Me beije, Julianne – ele sussurrava, as palavras como veludo sobre sua pele.

Ele não lhe dava chance de recusar. Em vez disso, exigia sua boca, dando seus lábios macios e bruscos em troca.

O beijo dele era dilacerante de tão familiar. Ela abria os lábios para ele, estremeando diante da força crua de sua paixão, mas ele não parecia saciado. Ele inclinava a boca para que o beijo fosse ainda mais fundo, a língua deslizava em ritmo sinuoso e ardente no interior da boca, acordando sua mente e seu corpo de sua fria hibernação.

Ela sentia como se ele estivesse bebendo o hálito dela. Julianne tremia incontrolavelmente. A pressão em suas partes íntimas aquecidas ia deixando-a fraca; sua carne macia derretia-se com umidade lustrosa, mesmo que uma voz de aviso clamasse em sua mente, alertando-a para tomar cuidado.

Era uma luta lembrar-se do papel de *femme fatale* que ela planejava desempenhar. A respiração dela ofegava suavemente, quando finalmente o empurrou, afastando-o.

Ao menos ela estava obtendo o efeito que desejava, como podia ver. Um fluxo escuro de desejo tingia as maçãs do rosto de Dare, e seus olhos estavam quentes e cintilantes. Franzindo o cenho, ele ergueu uma sobrancelha, como se exigindo uma explicação para aquele ato.

Deliberadamente, Julienne olhou para o volume inchado na virilha dele. A calça estava esticada, mal escondendo sua virilidade expandida. Com um sorriso de sereia, ela estendeu os dedos para esfregar a frente da calça, deixando sua mão afagar a rigidez por trás do cetim branco.

Ela ouviu Dare abafar um gemido, viu sua mandíbula trincar.

– Continue assim, e não vamos nem chegar até a cama.

– Como você disse, quem precisa de uma cama?

Dispensando qualquer outro convite, Dare desabotoou a calça e as ceroulas. O desejo queimava em seus olhos quando ele libertou sua carne máscula intumescida. Instantaneamente, sua excitação se pronunciou para cima, encostando na barriga, pulsante e ereta.

Julienne tomou fôlego à visão dele, enorme e urgente, olhava-o fascinada. Ela queria terrivelmente tocá-lo, acariciar a extensão dura e cetinosa, a bolsa aveludada de seus pesados testículos...

Evidentemente Dare a queria na mesma proporção. Com visível impaciência, ele se inclinou em sua direção, empurrando os pratos e cristais para abrir espaço. Então ele a ergueu e a sentou na beira da mesa.

Julienne tentou desesperadamente ocultar sua própria excitação traiçoeira, enquanto ele puxava suas saias para baixo lentamente, desnudando-a à sua vista. Fazia tanto tempo...

Um calor desconcertante estremeceu por dentro dela quando ele admirou as curvas corando no ápice de suas coxas, nas dobras rechonchudas de sua carne feminina já úmida pela necessidade vital. O olhar dele continuou cravado quando estendeu a mão para acariciá-la.

Todos os músculos de Julienne se contraíram com a pressão lânguida de sua mão pelo interior de suas coxas. Ela sentiu a respiração entrecortada e rasa enquanto os dedos másculos vasculharam sua maciez feminina – e o ar lhe faltou agudamente quando ele deslizou por suas pregas repletas de mel.

– Eu diria que você está completamente excitada agora – ele murmurou.

Ela podia sentir sua vontade fraquejando, mas quando os dedos dele roçaram com mais audácia, Julienne segurou seu punho, parando sua mão.

Dare firmou a vista, fixando os olhos nos dela. A mão estava entre suas pernas, envolvendo-a possessivamente.

– Você ainda insiste em negar que me quer? Ela não seria capaz de mentir.

– Não – ela sussurrou.

– Abra mais as pernas. – Era um comando em voz grave, gutural, que ela queria obedecer. Ela fechou os olhos brevemente sob a excitação selvagem que a atravessava, enrijecendo-se contra o calor ardente que emanava da palma da mão dele. Quando os dedos gentilmente tocaram a fenda lustrosa e deslizaram para dentro, ela arqueou o corpo. Então a carícia dele ficou mais rítmica, e ela imaginou o volume magnífico de Dare arremetendo fundo dentro dela...

Ela tentou abafar um ganido, mas lhe escapou. Em resposta, Dare se posicionou no meio das pernas abertas dela, deixando clara sua intenção.

Você precisa detê-lo, uma voz desesperada avisava-a com urgência. Mas o sangue estava latejando em suas veias, provocando um calor abrasador dentro dela. Ela não pôde formular um protesto quando ele pegou seu membro inchado e deslizou a cabeça sedosa em sua carne trepidante.

Julienne ofegou diante do enorme volume pulsante dele. Ele estava surpreendentemente duro, preenchendo-a completamente.

Ele se projetou mais pra cima dela, que tentou se afastar. Mas suas mãos a impediram, fixando-se firmes nos quadris. Com um leve sorriso curvando-se em sua boca sensual, ele retirou seu bastão comprido quase completamente, até ela gemer em voz alta, reclamando sua falta. Então ele avançou dentro dela de novo, fazendo-a dizer suavemente seu nome.

Só foi preciso mais um lento mergulho para inflamá-la. Quando ele se infiltrou ainda mais fundo, enterrando-se dentro dela com mais uma estocada envolvente, Julienne rendeu-se à sua fome. Envolvendo-se sem remédio em volta dele, ela começou a responder ao quadril que lhe arremetia, acompanhando seu ritmo doce e incansável.

Um soluço brotou de sua garganta quando a força primal cresceu dentro dela. Era elementar, primitiva, e Dare usava suas habilidades para ampliá-la ainda mais. Ela olhou para ele de soslaio, com a cabeça descaída para trás, rendida; os dentes dele estavam trincados, suas belas feições contorcidas pela dor e pelo prazer, enquanto ela sacudia seu corpo contra o dele.

Então o êxtase a engolfou. Ela apertou seus braços ferozmente enquanto um som incoerente de pânico soou de sua garganta, mas a boca dele conteve seu grito. Selvagemmente, ela enterrou as unhas em seus músculos, enquanto ela sofria uma erupção explosiva, estremecedora, mas Dare reagia de maneira impiedosa, com as coxas tesas forçando ainda mais que ela prolongasse o êxtase.

As convulsões poderosas a deixaram tão entorpecida que ela só pôde se pendurar em Dare, que também chegava ao clímax convulsivo. Quando seus espasmos de paixão finalmente diminuíram, ela desabou, exausta.

Os tremores se extinguíram lentamente. Ela ainda podia senti-lo pulsando dentro de si, em sua própria carne saciada, e podia ouvir o coração dele martelando.

Quando ele finalmente se afastou, deixando-a cheia de ternura e dor, ela podia ter chorado.

Ele ficou em silêncio por um momento enquanto abotoava sua calça.

– Eu acho que devemos considerar um empate – ele observou, impassível, com a voz rouca, mas sem qualquer inflexão.

Julienne enrijeceu, percebendo subitamente o que ela tinha acabado de permitir que acontecesse. Sua mente rodopiava, e ela olhou para baixo para seu desalinho devasso e soltou um suspiro comprido, consternada. Por Deus...

Enrubescida de vergonha, abaixou as saias e se atrapalhou com os dedos enquanto ajeitava a chemise e o corpete. Podia sentir o olhar de Dare sobre ela, mas olhava para qualquer lado menos para ele. Ela se sentia desprovida de qualquer defesa, com suas emoções nuas e expostas. Por Deus, o que ela havia feito? Não esperava que o ato de amor fosse até o fim, não esperava que a paixão disparasse e saísse de seu controle. Ela só pretendia provocar Dare, atormentá-lo como ele pretendia fazer com ela. Ela não queria que ele vencesse com tanta facilidade.

Seu estômago se revirou. Dare considerou que a batalha acabou empatada, mas ele conseguiu precisamente o que queria, que ela ficasse ofegando e gemendo de desejo por ele. Maldito.

E maldita ela.

Desprezando a si mesma, Julienne olhou furtivamente para ele. Será que ele estava sentindo o mesmo arrependimento profundo que ela?

Ele não parecia feliz pelo lapso carnal deles. Seu rosto estava inexpressivo, sem qualquer indicação da consternação que a encharcava, mas ao menos não tinha tampouco nenhum sinal de triunfo.

Então ele falou:

– Venha, querida, eu vou levá-la para sua casa – ele disse, pachorrento, com um lampejo cínico nos olhos que fazia troça dos dois.

Julienne se retraiu, incapaz de se proteger da dor que a dilacerava com essa dispensa casual. Tudo o que ela podia fazer era amaldiçoar a si mesma por agir como tola.

A mesma tola faminta de amor e ingênua que ela fora sete anos atrás.

Capítulo Quatro



Julienne sentiu algum alívio quatro dias depois, quando foi recebida na *soirée* de Madame Solange Brogard. Ela temia que pudesse ser o assunto principal das conversas no fim de tarde dedicado a imigrantes franceses. Londres toda sabia da promessa de Lorde Wolverton de conquistá-la e estava acompanhando os desdobramentos com ávido interesse.

Mas a conversa animada que preenchia a elegante sala de visitas era pontuada por palavras como “Chaumont” e “Castlereagh”, e previsões de como o “Monstro” iria tombar. Felizmente, eventos políticos mundiais ofuscavam a sua situação desagradável e alimentavam as conversas melhor do que o escândalo que Dare parecia criar em torno dela.

Lorde Castlereagh, secretário de Assuntos Externos da Inglaterra, havia persuadido seus aliados relutantes, Rússia, Prússia e Áustria, a se comprometerem enfaticamente com a derrota de Napoleão. Depois de décadas de guerra, a Europa finalmente se unia para esmagar a França revolucionária. O Tratado de Chaumont que havia acabado de ser assinado era um triunfo da política de Castlereagh, mas ninguém estava mais jubiloso do que os nobres franceses no exílio, muitos dos quais se encontravam naquela sala.

– Agora é só uma questão de semanas – um oficial idoso profetizou.

– E então veremos nosso amado Rei Luís retomar seus direitos de berço.

Muitas cabeças acenaram com sagacidade, mas um outro cavalheiro o contradisse, sugerindo que a investida na Córsega ainda levaria anos, o que iniciou uma discussão ferrenha.

Do outro lado do salão lotado, Julienne vislumbrou a anfitriã, Madame Brogard. A francesa era das poucas conhecidas com quem tinha intimidade o bastante para chamar de amiga, mas a idade de Solange estava mais próxima à de sua mãe que à dela.

Adele e Solange tinham sido vizinhas na juventude e escaparam do Terror quase ao mesmo tempo, mas Solange chegara a Londres fortalecida pelas joias dos Brogard. Ela rapidamente estabeleceu um ponto de encontro onde imigrantes, literatos e poetas se reuniam para boas conversas e comida excelente, ambas mais satisfatórias para o paladar francês que a prosa infantil e enfadonha e as mesas insípidas que a maioria dos ingleses podia oferecer. Frequentemente a conversa tinha um teor literário, mas dessa vez o que dominava era política, em especial o novo tratado e as chances de derrotar Napoleão.

Julienne aceitou um xerez de um criado e se moveu lentamente pela multidão, sorrindo, conversando e flertando espontaneamente. Era sempre esperado que ela fosse alegre, deslumbrante e espirituosa, mesmo se acaso o ânimo de todos estivesse tão por baixo que se ajustasse melhor a cadáveres ambulantes.

Ao se forçar alguma companhia, ao menos podia manter seu tumulto emocional e as dores do coração à margem. Tinha sido uma tola ao deixar Dare fazer amor com ela mais uma vez, pois trouxera lembranças muito dolorosas do que ela perdera. E, pior, não tomara nenhuma precaução contra gravidez. Sete anos atrás, ela não conhecia nenhum método, mas hoje ela não poderia dizer isso. Seria algo criminoso conceber um filho de Dare. Que desastre isso seria!

Nos últimos quatro dias, ela teve tempo abundante para refletir sobre os motivos dele para persegui-la. Ela só podia chegar a uma única conclusão: Dare North a odiava, e queria acertar as contas

através da carne. A constatação deixava uma dor vazia que a contorcia por dentro.

Não era ódio o que Dare acordara nela, mas apetite. Estar com ele novamente agitava-a com a percepção de suas próprias necessidades e trazia de volta à vida a ânsia fervorosa que ela acreditava ter enterrado havia tempo.

Ela pretendia apenas se defender naquela noite. Talvez tenha lhe dado um gosto de seu próprio remédio, atormentando-o como ele buscava fazer com ela, mas o plano dela foi drasticamente corrompido quando ele a tocou. A reserva dela se derreteu com o calor dele, junto com qualquer possibilidade de resistir a ele.

Que completa idiota você é, Julianne amaldiçoou a si mesma pela milésima vez. Ela deveria ter sido muito mais forte.

Desde aquele dia, ela fez questão de que todos seus encontros fossem públicos. Ela teve que concordar, no entanto, que Dare já tinha os primeiros cinco pontos do jogo que ele iniciou.

Ele aparecia no teatro todas as noites para assisti-la. Uma vez a distraiu tanto que ela se esqueceu de uma linha crucial. Então Dare se dirigiu a ela, servindo de ponto, o que causou júbilo de boa parte da audiência e a ira de Edmund Kean. Julianne rangeu os dentes enquanto lhe fazia uma mesura prolongada em agradecimento. Então, recebendo os aplausos, ela elogiou Dare por seus talentos performáticos.

– Se o senhor permitir, milorde – ela sugeria, docemente –, eu posso lhe conseguir um teste com o diretor de teatro, o Sr. Arnold. Não tenho dúvida de que o senhor poderia ter uma carreira esplêndida em cima dos palcos.

A oferta dela fez com que ele e os espectadores rissem.

Ela se viu forçada a manter o espírito do jogo, pois a multidão vinha para assistir tanto à peça dramática quanto ao improvisado entre os dois. Mas Julianne estava bem determinada a evitar encontros privados com Dare. Quando ela saía, deliberadamente se cercava de seu séquito. No resto do tempo, focava na sua exaustiva

programação de trabalho, que além das apresentações diárias, contava também com ensaio de falas para a peça seguinte.

Ainda assim, restavam muitas horas para pensar em Dare, quando ela se revirava de um lado para o outro em sua cama solitária, a cada noite. Não podia deixar seu plano de vingança ir adiante. Ela passara anos tentando remendar seu coração estilhaçado, e ele não poderia parti-lo tão facilmente.

Subitamente, despertou de seu devaneio obscuro pela saudação de sua amiga:

– Julienne, *mon amie, bonjour* – Solange disse, com sotaque carregado. – Que prazer imenso contar com a sua presença. Eu temi que você tivesse muitas outras questões a tratar que exigissem seu tempo.

– Você sabe que eu tento não perder suas reuniões de terça – Julienne respondeu, enquanto pressionava as bochechas.

Solange segurou-a com as mãos, enquanto a admirava com um olhar atento:

– Você está encantadora como sempre.

Ela não recusou a mentira, mas devolveu o elogio no mesmo tom. Madame Brogard não era considerada uma bela dama; seu apelo dependia mais de artifício e da aplicação habilidosa de cosméticos. Mas com sua silhueta alta e elegante e cabelo loiro grisalho, ela possuía um carisma inegável que sempre chamava a atenção.

– Eu ousaria dizer que não sou a única que ficará feliz em vê-la – Solange acrescentou, suave. Ela virou os olhos para a outra ponta do salão, onde um nobre alto, de cabelo claro, estava conversando com várias damas. – O Lorde Wolverton estava perguntando por você.

O sorriso de Julienne paralisou em seus lábios. Bom Deus. *Dare*. Ela sentiu o batimento do coração subitamente correr em pânico, mesmo antes que os olhos dele se conectassem aos seus.

Ele lhe fez uma breve mesura ao percebê-la. Então o olhar dele fez uma varredura lenta e íntima do corpo dela, percorrendo a

extensão de seu vestido de seda brônzeo e mais uma vez se demorando em seus seios.

Perturbada pelo escrutínio audaz, Julienne lhe lançou um olhar intimidador. O sorriso pachorrento dele atravessou o salão.

Envergonhada, ela deu de ombros para ele, mas era bem mais difícil dispensar Dare de sua consciência, ou negar os efeitos de sua presença inesperada sobre ela. Por que tinha esse sentimento súbito de que a vida dela recomeçava?

– Que diabos ele está fazendo aqui? – Ela perguntou à anfitriã, antes que ela considerasse a sabedoria de conter a língua.

– Ele me persuadiu a convidá-lo. Soube que você frequenta assiduamente as minha recepções, e ele desejava uma oportunidade para lhe falar a sós. Ele alegou que você o tem evitado, *mon amie*.

Julienne cerrou os lábios sem responder.

– Eu soube da aposta que ele fez para conquistá-la. Não se sente lisonjeada?

– Dificilmente. Eu acho detestável me tornar um alvo público de sua luxúria e objetivo de seus divertimentos. Lorde Wolverton leva muito a sério sua vocação de caçador de prazeres, é um nobre entediado em busca de diversão. Ele deliberadamente criou uma sensação com suas palhaçadas no teatro na outra noite, para seu próprio entretenimento.

– Ora, aquilo não foi nada. Suas travessuras são legendárias, *vraiment*. Não soube que uma vez ele deixou Lorde Lambton abissalmente embriagado e roubou as roupas dele, depois fez com que ele fosse transportado para o Hyde Park durante a noite, com cama e tudo? Lambton passou frio ao voltar andando para casa com apenas um lençol para se cobrir.

– Não, eu não tinha ouvido essa anedota – Julienne disse, secamente.

– E eu soube por fontes confiáveis que ele abduziu a *chère amie* de seu bom amigo para coagir o Barão Sinclair a declarar seu amor

a ela. O nobre acabou se casando contente com sua dama, mas não antes de pedir um duelo contra Wolverton pelo insulto.

Ela não poderia negar que Dare iria recorrer a praticamente qualquer manobra para conseguir o que queria. Ela se lembrava que sete anos atrás ele comprara todo o estoque de chapéus dela simplesmente para que tivesse tempo de acompanhá-lo em um passeio de carruagem, de modo a poder lhe exigir atenção completa. Mas ela não pretendia contar a Solange de seu passado com Dare.

Poucas pessoas sabiam de seu noivado, ou mesmo do caso que tiveram. Durante a corte, Dare respeitara o desejo dela de manter a relação tão privada quanto possível, a ponto de ele percorrer grandes distâncias para protegê-la de qualquer mexerico. E o avô dele não queria propagandar as intenções de Dare de se casar com uma lojista estrangeira que lhe parecia muito abaixo dele.

Felizmente, a amiga estava muito ocupada enaltecendo o carisma de Dare para incomodá-la com questões mais comprometedoras.

– Eu o considero encantador e audaciosamente charmoso, mesmo sendo um *anglais*, e completamente perverso – a francesa confessou.

– Ah, sim, ele é universalmente adorado – Julienne afirmou, sardonicamente. – Mas estou certa que ele pratica à perfeição seu charme devastador. E as proezas dele são muito chocantes para o meu gosto, por mais que pareçam obter a aprovação do resto da sociedade.

– Não aprovação, precisamente, mas a um marquês rico é permitido fazer coisas chocantes que outros mortais não podem. Um homem como Wolverton é considerado acima do escândalo e terá quase qualquer pecado perdoado. É assim que o mundo gira, *n'est ce pas?*

Julienne se viu obrigada a concordar, mas não sem um traço de amargura. Se alguém fosse desafortunado, desprovido de título e mulher, fatalmente sofreria o desprezo da sociedade. Um nobre de

posses, por outro lado, poderia se livrar de qualquer coisa, exceto assassinato

– e mesmo assassinato nem sempre era condenado, se viesse através de um duelo. Dare tinha a reputação de fazer sua própria lei, mas apenas as pessoas mais rigorosas iriam censurá-lo por isso.

– Ele é um perverso incorrigível – Julienne murmurou.

– Mas faz os corações femininos acelerarem. Vamos, admita. Não é possível ignorar um homem como esse. E não se pode subestimar o apelo irresistível de um libertino.

De fato, não, Julienne refletiu, com relutância. Que mulher poderia resistir ao sorriso tantalizante de Dare, a audácia de seu olhar, seu magnetismo sexual arrebatador? Ele era cativante e perigosamente excitante, agora ainda mais do que quando o conheceu.

– Realmente, não é possível ignorá-lo – ela admitiu.

– E eu ouvi dizer que ele tem outros talentos a seu favor, além da riqueza e da aparência, como uma habilidade excepcional e resistência na cama.

Por absurdo que fosse, Julienne sentiu uma pontada de ciúme. Todo mundo sabia da celebrada experiência sexual de Dare. Ele havia dormido com quase todas as mulheres bem nascidas de Londres, não havia dúvida. E toda mulher com quem ele dormiu provavelmente se apaixonou por ele. A folia para ele era mais do que habitual; era uma compulsão.

– Eu confesso – Solange acrescentou, espirituosa – que ficaria muito feliz em estar no seu lugar, *mon amie*. Se fosse dez anos mais jovem, eu mesma flertaria com ele.

– O que pode fazê-lo, com minha benção, Solange. A amiga lhe lançou um olhar de curiosidade.

– Então você não pretende aceitar a proteção dele? O que haveria de tão errado com isso? Uma ligação baseada puramente no prazer sensual... E as vantagens financeiras seriam enormes.

Wolverton é conhecido por ser excessivamente generoso com suas amantes.

Julienne não se surpreendia pela perspectiva pragmática de Solange. Os franceses tinham uma visão muito mais liberal sobre o ato de amor e as disposições carnavais do que os ingleses. Mas ela não compartilhava dos sentimentos da amiga.

– Eu não pretendo permitir que ele vença nossa aposta, tornando-me mais uma de suas conquistas sexuais.

Solange deu de ombros, afetando um gesto comum entre gauleses.

– Então eu lhe desejo *bonne chance*. Você se sairá bem na sua tarefa, não tenho dúvida.

Diante da mudança de tom, Julienne deu uma olhada sobre o ombro e viu Dare se movendo em sua direção. Ela sentiu o coração vacilar.

– Prometa-me que não vai me deixar sozinha com ele – ela disse, rapidamente.

A amiga franziu o cenho.

– Se é realmente isso o que você deseja, então *naturellement*, não vou abandoná-la. Mas o Wolverton é antes de mais nada persistente. Talvez você devesse ouvir o que ele tem a dizer e encerrar o assunto.

Após um instante, Julienne expirou em um longo suspiro.

– Eu creio que você esteja certa. – Ela não queria que Dare pensasse que estava acovardada, ou que o encontro apaixonado de quatro noites atrás a tivesse afetado mais do que apenas superficialmente.

Aprumando os ombros, ela focou no papel de atriz popular e percorreu o salão ao encontro dele.

Um zumbido cheio de expectativa de repente inundou o aposento assim que ela chegou até Dare. Julienne sabia que eles eram objetos de todos os olhares, então se conteve e não retirou a mão quando ele se curvou para beijá-la.

A língua dele tremulou sobre as pontas de seus dedos, tão ágil que ela pensou ter imaginado – a não ser pela intenção que se flagrava naqueles olhos verdes depravados, lembrando-a da última vez que ele beijara aqueles dedos.

Ela estremeceu com a lembrança. Ainda podia sentir a pressão em suas partes íntimas, contra sua vontade, sentir a penetração profunda... Exorcizando a imagem provocante, Julienne se remexeu. Dare estava deliberadamente tentando desfazer a postura dela, como sempre.

Retirando a mão, ela conseguiu passar uma saudação efusiva, para agradar a audiência.

– Ah, Lorde Wolverton... a revelação mais talentosa de Drury Lane. Eu não esperava vê-lo aqui. Estava certa de que o senhor estaria praticando suas falas para nosso próximo encontro.

Os olhos de Dare brilharam, divertidos.

– Eu queria muito lhe falar, Miss Laurent. Não tenho conseguido chegar perto da senhorita, com a multidão impenetrável de cortejadores à sua volta.

– O caso é que eu também gostaria muito de falar com o senhor – ela sorria com brilho. – Eu sei o quanto Londres aguarda com respiração suspensa a cada noite para descobrir que novo papel o senhor vai encenar, mas talvez seja melhor conter suas exhibições para *depois* das performances agendadas. Temo que Edmund Kean esteja ficando envergonhado por sua atuação ofuscar a dele.

– Se for do seu agrado, Miss Laurent, eu certamente tentarei me sair melhor.

– Isso iria de fato me agradar muito.

Ele colocou uma mão sobre seu coração e lhe ofereceu outra medida elegante.

– Eu vivo para fazê-la feliz.

Vislumbrando sua taça quase vazia, Dare lhe perguntou se gostaria de mais xerez. Quando ela consentiu discretamente, ele a conduziu até a mesa, onde foram servidos, em seguida a guiou até

uma parte menos abarrotada da sala, onde poderiam ter alguma privacidade.

– Até que enfim – Dare murmurou.

– Por que está aqui, milorde? – Julienne perguntou sem cerimônia, apesar de abaixar a voz para evitar que os espectadores mais próximos escutassem. Ela preservava uma expressão graciosa no rosto, mantendo a rivalidade declarada.

– Como disse, eu gostaria de falar com você. Soube que você estaria entre os convidados daqui, e pensei que seria mais fácil separá-la de seu séquito.

– Muito bem, você me encontrou, mas eu agradeceria se no futuro se contivesse em vez de me desnudar com os olhos em público.

Um sorriso lânguido e malicioso percorreu os lábios dele.

– Mas admirá-la é um de meus passatempos favoritos, *ma belle*. E você deve me dar algum crédito. Afinal, estou sendo totalmente discreto. Eu não contei a uma única alma que algumas noites atrás você estava gritando de paixão em meus braços.

Julienne quase engasgou com o xerez. Ela se amaldiçoou enquanto tentava recuperar o fôlego e endereçava a ele uma expressão acusatória. Ela sempre era pega de guarda baixa pelas declarações audaciosas dele.

Dare ergueu uma sobrancelha.

– Você está bem, meu amor?

– Eu estaria melhor se Solange não tivesse concordado em convidá-lo.

– Eu notei como ela olhava para mim. Será que posso me gabar de que as duas estavam falando sobre mim?

– Eu não sei por que você se gabaria por isso. Ela estava me contando algumas de suas travessuras mais ultrajantes.

– E alertando você para tomar cuidado com o salafrário infame Dare North?

– Na verdade, não. Solange faz parte das fileiras de suas admiradoras. – Julienne lhe deu um olhar pensativo. – Talvez você devesse considerá-la uma candidata em sua busca por uma amante. Ela está disponível no momento.

– Eu não quero outra além de você, meu amor.

– Eu não sou “seu amor”. Você já teve mais amores do que o suficiente.

– Está com ciúme? – ele falou de modo arrastado, com um sorriso genial.

– Você deveria saber, milorde, que você sofre de uma crença vastamente inflada no seu próprio poder de fascínio. Você não tem nada melhor a fazer do que me infernizar?

– Para ser franco, eu preferiria muito mais fazer amor com você. Não seria melhor arrancá-la logo daqui? Nós ainda precisamos encontrar uma cama de verdade.

Os olhos dele dançavam risonhos, e Julienne se percebeu dividida entre o divertimento involuntário e a urgência de tampar os ouvidos.

– Você não pensa em nada além de satisfação carnal? – ela disse, exasperada.

– Ocasionalmente. Nas manhãs de quarta-feira, durante minha luta de esgrima regular em Angello’s Salle. Então o sexo pode ser uma distração a se lamentar.

Ela rolou os olhos.

– Muitos poderiam pensar que a sua luxúria nunca encontra satisfação.

– Apenas quando eu estou com você – ele respondeu, com um tom de voz abruptamente sério.

Ela sentiu um choque distinto com sua confissão.

– Você conseguiu fazer o que nenhuma outra mulher jamais pôde, pérola – ele disse, enquanto ela o fitava.

– E o que seria?

– Levar-me ao ponto da obsessão. Apesar dos meus instintos de autopreservação, eu não consigo me impedir de querer você.

Julienne arqueou uma sobrancelha e tomou outro gole de xerez, mantendo uma atitude de desdém estudado.

Para seu alívio, o tom de Dare suavizou.

– Quero que saiba, amor, que apesar de você desempenhar bem o papel de dama de gelo, o efeito é o oposto que o da sua intenção. Sua frieza faz um homem arder por você ainda mais. Você me impele a tentar derretê-la.

Quando ela simplesmente apertou os lábios, recusando-se a responder, ele percorreu o salão abarrotado com o olhar.

– Eu me confesso surpreso por encontrá-la no meio dessa toca de monarquistas. A maioria dos imigrantes aqui está ansiosa para ver Luis XVIII no trono. Você compartilha das inclinações políticas deles?

Aquela pergunta particular ela não fazia questão de responder. Não tinha tempo nem inclinação para se deixar tragar pelas intrigas e rivalidades dos exilados franceses.

– Eu tento evitar a política ao máximo. Eu venho aqui principalmente pelas discussões literárias.

O olhar dele voltou-se para ela, sugerindo tanto dúvida quanto divertimento.

– Eu nunca tomei você por uma literata.

Os olhos de Julienne se apertaram, com verdadeiro incômodo pelo tom de zombaria na voz dele.

– O que há de errado com uma literata? Se uma mulher tem um cérebro na cabeça, se é culta ou interessada pelo mundo, ela merece ser desdenhada? Uma mulher só pode ser louvada se for fútil e linda, com chapéu de pena?

– De maneira alguma. Eu tenho respeito imenso por mulheres inteligentes. Eu as considero um dos maiores prazeres da vida. Por que você acha que me dedico tanto a conquistar sua companhia?

Ele estava tentando provocá-la, era claro, mas ainda assim desagradava ser escarnecida por seus interesses.

– Você sempre considerou o seu intelecto superior ao de qualquer um.

– Não – ele disse, enfaticamente. – Nunca superior ao seu. Sua sagacidade cintilante era uma das qualidades que eu mais admirava em você. Eu sentia tanto prazer com seu cérebro quanto com sua beleza.

Embaraçada novamente pela mudança de tom na conversa, Julienne fixou os olhos em sua taça de xerez, mas Dare aparentemente ainda não tinha acabado.

– Eu tenho inúmeros defeitos, *chérie*, mas você deveria me absolver quando se trata de julgar uma mulher apenas pela aparência. Se por acaso eu lhe passei a impressão equivocada de que sou avesso a literatas, é apenas porque geralmente elas tentam me converter a causas mais sérias. Você me perdoa?

Julienne hesitou, sabendo que havia exagerado. Para ser mais justa, ela tinha que admitir que Dare sempre admirou inteligência e sagacidade em qualquer pessoa do convívio, mulheres inclusive, apesar de sua irreverência completa a todo estudo ou veneração.

– Muito bem, eu vou perdôá-lo dessa falta, uma entre tantas. O fato é que você é tão profícuo ao me provocar, que eu me sinto constantemente compelida a me defender. Você está sempre pensando em maneiras novas e astutas de mexer com meus nervos. – Ela ergueu a taça. – Eu creio que a sua inventividade merece um brinde.

– Creio que você acabou de me fazer um elogio.

– Eu vou cuidar para que isso não aconteça novamente – Julienne disse, secamente.

Ele disparou um sorriso com um carisma brilhante, e ela teve que respirar fundo diante daquela beleza.

– Para ser sincera – ela emendou rapidamente, tentando mudar de assunto –, eu não sou considerada uma literata para esse público.

Eu sou considerada alguma coisa como uma traidora.

Ela captou a surpresa dele.

– Uma traidora? – Dare repetiu lentamente.

– Eu sou desprezada porque trabalho para me sustentar. A maioria desses aristocratas preferiria morrer de fome a trabalhar para comer. – Ela forçou um sorriso. – Eu só sou admitida na presença ilustre deles por causa da Solange. Ela me defende devido à amizade de infância com minha mãe, mas eu mal sou considerada digna de respeitabilidade distinta.

Ela tomou uma pausa, olhando para Dare com seriedade.

– Você no meu encaixe apenas torna ainda mais difícil a minha aceitação por parte deles, compreende?

– E você se importa tanto assim com a aceitação deles? Julienne encolheu os ombros.

– Londres pode ser bem solitária.

O olhar dele pousou no rosto dela, examinando-a com atenção.

– Mesmo com todos os cortejadores disputando seus favores? O sorriso dela dessa vez foi ainda mais fugaz.

– O que você acharia de ser considerado nada mais que um troféu, desejado apenas pelo seu corpo?

– Você quer uma resposta sincera?

Ela acenou positivamente, surpresa por realmente querer saber.

– Eu consideraria um degrau acima de ser desejado apenas pela minha riqueza e meu título.

Diante do tom subitamente austero, Julienne piscou, lembrando-se que Dare a contabilizava entre as fileiras de caçadoras de fortuna ávidas por título. Ela podia entender a mágoa contra ela, afinal tinha deixado ele acreditar que ela não era melhor do que as incontáveis interesseiras que o procuravam.

Depois de um momento, no entanto, a expressão sombria dele se esvaneceu e ele balançou a cabeça.

– Eu não vim aqui para brigar com você, minha pérola. Em vez disso, eu vim lhe fazer um convite. Eu estou programando uma festa

na minha casa de campo perto de Brighton, e gostaria que você fosse minha convidada de honra.

– Você não pode estar falando sério.

– Completamente.

– E aqui estava eu elogiando a sua sagacidade – Julianne sorriu.

– Você deve estar particularmente insensato, milorde, se pensa que vou concordar voluntariamente em ser a vítima de uma de suas orgias infames.

Ele balançou a cabeça.

– Não será uma orgia, eu lhe garanto. Não recuse antes de considerar as vantagens. Eu imagino que você goste de repouso e o clima é definitivamente mais quente que o de Londres. Eu só estou pedindo uma semana de seu tempo, dez dias no máximo. Pensei em partirmos no final da próxima semana. Assim você terá tempo para se preparar.

– Isso é mais um de seus truques, Dare, não é?

– Não mesmo.

– Então por que você prepararia uma festa no campo?

– Porque não pude pensar em nenhuma maneira melhor de garantir que vou passar todo tempo que puder na sua companhia. Francamente, não me agrada ficar no seu encalço, pedindo migalhas de sua atenção.

– Você está tentando vencer nossa aposta.

– É claro – Dare disse, suavemente. – Mas isso vai lhe providenciar uma oportunidade igual de fazer o mesmo. Isso pode colocá-la no caminho da vitória. E para mostrar como tenho espírito desportista, eu já convidei Riddingham, e estou preparado para convidar qualquer outro pretendente que você escolher. Madame Brogard também, se isso a fizer se sentir mais confortável. Ela pode servir como proteção. Nós podemos preparar várias carruagens para a viagem ao sul na semana que vem.

– Eu ficaria bem reconfortada com a Solange ali, mas não é esse o ponto. Eu jamais poderia ir. Meu compromisso com as

apresentações no teatro me impedem de folgar, a não ser por um dia ou dois.

– Eu já falei com Arnold, e ele está disposto a lhe dar essas férias.

Em troca de uma remuneração significativa, é claro.

– Você quer me dizer que você o subornou?

– Eu apenas me ofereci para reembolsá-lo pelos seus serviços. Ele não queria perder a renda que a sua ausência implicaria. Mais importante, ele está ansioso para aplacar a ira de seu ator principal. Você estava certa quanto ao incômodo de Kean por eu ofuscá-lo. Arnold está disposto a deixar você folgar por alguns dias, se isso lhe der uma chance de se livrar de mim também.

Parou por alguns segundos e, então, continuou: – Vamos, meu amor. Se isso a fizer se sentir melhor, pode considerar meramente uma proposta de trabalho. Você é uma atriz que eu contratarei para uma performance privada. Você não pode desprezar o lucro da quantia que estou disposto a pagar.

– Quanto? – Julianne perguntou, com curiosidade.

– Como é que mil libras fazem você se sentir?

Ela não pôde abafar o engasgo. A soma era mais do que o dobro do salário que ela receberia por toda a temporada, e isso depois que Arnold renegociou seu contrato com um valor mais alto.

– Não receberei uma negativa como resposta – Dare lhe garantiu, enquanto ela deliberava. – Irei assediá-la até você concordar em ir.

Ela não duvidou dessa última declaração, ou da determinação dele. Se ela continuasse a enfurecer Edmund Kean, Dare poderia destruir a carreira que ela trabalhara tanto para construir. Arnold a despediria muito antes de se arriscar a perder um dos mais talentosos atores que Londres já conhecera.

Uma súbita onda amarga percorreu Julianne, deixando-a impotente, e ela teve que reunir suas forças para impedir que a voz tremesse.

– Você certamente tem os recursos para brincar de Deus comigo, Lorde Wolverton, mas eu trabalhei durante *anos* pela oportunidade de atuar no Drury Lane. Se você arruinar isso, eu *jure* que vou fazer com que você se arrependa.

Ele abaixou um pouco a cabeça diante do aviso dela, mas seu olhar permaneceu confiante.

– Isso quer dizer que temos um acordo?

– Ao que parece você não me deixa escolha.

Ele fez uma mesura polida diante da capitulação dela.

– Então eu vou deixá-la com suas discussões literárias. Eu creio que já lhe dei motivo para falatório o suficiente para uma tarde.

Ao vê-lo indo embora, Julienne conteve lágrimas. Ela estava imensamente aliviada por ver Dare ir, mas ainda teria que lidar com a turbulência que ele suscitava nela a cada vez que se encontravam.

Como que ela poderia passar uma semana inteira com ele, mesmo que cercada por numerosos outros convidados? Ela se sentia sufocada ao imaginar. Estar com Dare era como navegar em meio a uma tempestade, tentando não se afogar em um mar de emoções. A viagem era violenta, e as águas ficavam cada vez mais traiçoeiras.

Ela sabia muito bem o que ele pretendia. Um jogo perigoso de tentação e conquista. Ele planejava seduzi-la e abandoná-la, mas somente depois de quebrar seu orgulho.

A vista dela embaçou. O que sobraria dela, ela se perguntava, quando ele terminasse?

Percebendo subitamente o quanto seus pensamentos estavam mórbidos, Julienne aprumou os ombros. Ela não iria se render tão facilmente. Não, ao diabo com ele! Em vez disso, ela iria tentar derrotá-lo em seu próprio jogo. Se Dare insistisse em forçar a mão, ela iria provar estar à altura de seu desafio.

Ele havia admitido ter uma obsessão por ela. Pois então, daria seu melhor para aumentar essa obsessão. Faria tudo para deixá-lo totalmente rendido e para que parecesse tolo, quando o rejeitasse publicamente. Ela não iria permitir êxito na vingança dele. Os

últimos sete anos haviam lhe ensinado, haviam endurecido a casca em volta de seu coração. Ela só precisava manter essa casca intacta apesar de Dare...

– Está tudo bem, *mon amie*? – Solange perguntou, aparecendo ao seu lado. – Você está bem?

Julienne parou de ranger os dentes e conseguiu exibir um sorriso nos lábios.

– Está tudo bem. Diga-me, Solange, você gostaria de ir a uma festa no campo, nas terras do audaciosamente charmoso Lorde Wolverton?

Capítulo Cinco



Dare saiu do salão, saboreando a vitória, apesar de estar estranhamente insatisfeito. Sem explicação, ele se sentia um vilão por forçar Julienne a aceitar seu convite para a semana no campo.

Ele foi incapaz de tirá-la da mente enquanto seguia para o Brook's Club na St. James Street. Ele continuava se lembrando de como Julienne estava quando ele a espiou pela primeira vez, do outro lado do salão. Seu pescoço longo e esguio, seus ombros elegantes e sua pele eram realçados à perfeição pelo vestido cor de cobre...

A súbita lembrança dela enrijeceu suas partes baixas e deixou sua pulsação descompassada. Ele esperava que seu corpo fosse afetado, era claro, mas a reação física natural não explicava aquela aceleração intensa do coração.

Ele não conseguia compreender por que ele ainda queria tanto Julienne, depois de todo aquele tempo. Por que deveria suspirar por uma mulher que o traíra sem remorso? O que havia nela que o deixava tão obcecado?

Sim, Julienne era linda, passional, inteligente, a encarnação de tudo o que ele sempre desejou em uma mulher. De todas as amantes com quem já se divertiu, nenhuma podia ser comparada a ela.

Mas ela quase o havia destruído. Por que era tão difícil para ele se lembrar disso?

Mesmo agora ele não conseguia negar a excitação que ela suscitava nele com um simples olhar. Ele tinha que admitir que a voz de sereia dela ainda podia seduzi-lo com um mero sussurro. E o beijo... Ele não poderia de maneira alguma se esquecer da maciez de seus lábios.

Julienne era uma mulher inesquecível que o fazia arder.

Dare praguejava, frustrado, desejando apagar o sabor de sua boca da memória e o corpo contorcendo-se sob o seu.

Inferno e danação, o desejo por ela não era mais do que luxúria. Luxúria pura, crua e primitiva. Julienne tinha o rosto de uma deusa, o corpo de uma vadia e o coração de uma estátua de mármore. Se quatro noites atrás ele sentiu uma faísca de qualquer emoção mais profunda no ato de amor dela, ele sabia que devia ser imaginação.

A grande maldição era que ele queria aquele corpo lascivo debaixo do seu novamente. Ele queria montar no meio das pernas alvas, enroscar seus dedos no cabelo glorioso, saboreando o calor e a paixão de que ele sabia que ela era capaz.

Ele não pensou em quase mais nada nos últimos dias. O sono dele era inquieto, assombrado por sonhos nos quais fazia amor com ela. Ele acordava toda manhã excitado, sofrendo, ainda sonhando com ela, ainda tocando-a, cheirando-a, sentindo-a. Ainda ansiando por ela.

E por um momento na *soirée*, ele quase deixou seu anseio sobrepujar o senso comum.

Ficou surpreso ao ouvir Julienne falar de sua posição na sociedade, seu constrangimento com a instabilidade, entre a aristocracia e o *demi monde*, entre seus compatriotas exilados e aqueles do país que ela adotara. A confissão dela soava verdadeira. E para o desprezo dele, aquilo tocava em uma corda sensível dentro dele. Ele havia reconhecido os sentimentos dela de isolamento, percebendo que ela era solitária, como ele também, apesar dos motivos completamente diferentes. O efeito que teve foi uma vontade de confortá-la, de pegá-la nos braços e aliviar sua dor.

Agora, contudo, Dare se forçava a esmagar os impulsos. Julienne Laurent era uma atriz suprema. Ela sabia bem como empregar sua arte para proveito próprio. Sabia angariar simpatia de tolos como ele. Ela tinha aperfeiçoado aquele ar de apelo sensual, assim como o traço de fragilidade e vulnerabilidade feminina, levando-o a questionar sua necessidade de vingança.

Mas ele não se deixaria lograr por ela dessa vez, Dare prometia a si mesmo. Sua perseguição a Julienne era apenas um disfarce, uma maneira de se aproximar de Riddingham. Ele jamais se tornaria tão suscetível novamente.

Dare se surpreendeu ao receber a mensagem de Lucian pela manhã, pois pensava que seu amigo estava em Devonshire. Ultimamente Lucian estava passando mais tempo na propriedade do campo com sua esposa, conforme a gestação de Brynn avançava. Mas ele não poderia se afastar completamente dos Assuntos Externos; o país precisava muito dele.

Eles marcaram encontro na biblioteca do Brook's, em um momento que poucos membros estariam lá, sendo ainda cedo para jantar ou jogar.

Quando Dare chegou na frente do clube, no entanto, ele descobriu que o local de encontro havia mudado. Ele foi abordado na rua por um dos criados de Lucian, que o conduziu à carruagem que Lucian enviara para ele.

Mais curioso do que alarmado, Dare fez de boa vontade a viagem por uma parte menos elegante da cidade e foi deixado diante de uma funerária. Intrigado, ele entrou no que parecia ser uma oficina, onde se deparou com o cheiro de pinho recém-cortado e sons de martelos e de uma serra. Vários aprendizes pareciam estar se dedicando com afinco ao trabalho, apesar de o barulho parar momentaneamente quando o proprietário de rosto solene deu as boas vindas a Dare, como se sua chegada fosse aguardada.

Imediatamente ele foi levado a uma pequena sala de espera, onde Lucian o esperava.

– Você não deveria estar em Devonshire? – Dare disse, perturbado pelo aspecto austero do rosto do amigo.

– Eu fui chamado de volta para lidar com uma crise – Lucian manteve o tom de voz baixo, sem dúvida para evitar que os ouvissem. – É possível que Caliban tenha atacado novamente.

– Ah, é?

– A dama de companhia da Lady Castlereagh foi encontrada flutuando no Tâmisia ontem de manhã. Venha ver.

Ele levou Dare pela porta e dispensou o guarda que estava na vigilância. Dare sabia que cadáveres geralmente repousavam em salas como esta até que um caixão ficasse pronto, para impedir que ladrões de corpos os pegassem para vendê-los para estudos médicos.

Na sala sem janelas e sem ventilação, o aroma de morte abalava Dare como uma pancada.

Sobre uma mesa de madeira havia um corpo sob uma mortalha. Lucian puxou o tecido para revelar uma mulher que talvez não tivesse muito mais que vinte anos. Ela trajava um vestido escuro, e seu rosto, inchado, e suas mãos, exangues, contrastavam com os panos negros que a vestiam.

– Essa é Alice Watson – Lucian disse, sucintamente. – O funeral dela foi adiado até eu poder examinar o corpo. Então eu decidi que você deveria ver com que problema abominável estamos lidando.

Dare sentiu seu estômago se revirar. Ele não tinha visto muita morte em seu passado hedonista – ele se recusara até mesmo a comparecer ao funeral de seu avô – então era um tanto chocante ver o corpo de Alice Watson pousado ali, tão brutalmente desprovido de vida. Um choque que sem dúvida estava nos planos de Lucian, Dare pensou.

– Ela foi assassinada? Lucian apertou os lábios.

– Eu acredito que sim, por mais que à primeira vista a morte dela pareça suicídio. Ela deixou uma nota expressando remorso e pedindo perdão por seus pecados. Mas a letra não era dela. E há

ferimentos no pescoço que não deveriam estar ali, se ela simplesmente tivesse se jogado no rio.

– Que pecados?

– Isso não estava claro, mas aparentemente por alguns meses ela vinha escapando de casa para, supostamente, encontrar um amante. Não dá para perceber agora, mas Miss Watson era considerada bonita. Ela era uma parente pobre que veio a Londres para ser a dama de companhia de Lady Castlereagh, depois que o Lorde foi para a França em dezembro.

– O amante não pode tê-la assassinado? – Dare cogitou.

– É possível. Miss Watson começou de repente a usar um broche de pérola em forma de rosa que pensamos se tratar de um presente dele. Mas o broche desapareceu de suas posses. E, como pode ver, o colarinho do vestido está rasgado. Ela podia estar usando o broche na noite em que foi morta. E por que ela o teria arrancado, se cometeu suicídio?

– Também pode ter sido arrancado do corpo de quem a encontrou primeiro no rio. Pode ter sido um morador de cortiço, um ladrão, ou até uma criança...

– Talvez – Lucian admitiu. – Mas há outra coincidência que torna tudo altamente suspeito. É por isso que eu lhe chamei. Muitas das cartas do Lorde Castlereagh para sua esposa estão desaparecidas. A garota pode tê-las levado escondidas, facilmente. Vamos dizer que é um palpite ousado, mas Caliban pode tê-la seduzido para tentar obter segredos de estado e conhecer os planos de Castlereagh.

Dare franziu o cenho, pensativo. Desde o final do ano passado, o secretário de Assuntos Externos estava na França, negociando com os poderes aliados, não apenas para assegurar a derrota de Napoleão, mas para começar as discussões quanto ao que fazer com a Europa após a guerra. A questão mais premente era quanto à decisão de colocar um rei bourbônico de volta ao trono francês.

– Caliban pode não ter ficado satisfeito com o tratado recente que Castlereagh orquestrou em Chaumont – Dare observou.

– Não. E sem dúvida nada lhe daria mais prazer do que sabotar qualquer futura negociação. A Inglaterra possui as conexões financeiras, mas Castlereagh controla as conexões, o que o torna quase tão poderoso quanto o próprio Napoleão.

– Você acha que Lorde Castlereagh pode estar em perigo?

– Eu confesso que me preocupo com ele. Eu enviei um informe a ele em Chaumont, alertando-o quanto à sua segurança. E coloquei um agente meu tanto em sua residência em Londres quanto junto à equipe dele na França. Mas isso pode ser inadequado. – Após dar um último olhar para o corpo da pobre garota, Lucian a cobriu novamente. – Venha. Eu creio que você já viu o bastante.

Ele retirou Dare da sala e acenou bruscamente para o agente funerário, que se apressou a preparar o corpo para o funeral.

Na rua, Dare respirou fundo. O ar de Londres estava impregnado pelos odores costumeiros de fuligem e dejetos, mas pareciam perfume depois do aroma fétido da carne em decomposição de minutos atrás.

Mas ele compreendeu o motivo de seu amigo para levá-lo para ver de perto. Lucian pretendia deixar clara a seriedade da missão: tinham que encontrar Caliban e encerrar as mortes e a destruição que ele estava orquestrando.

Dare esperou até que estivessem instalados na carruagem de Lucian, e finalmente a caminho do Brook's Club, antes de fazer a pergunta que o instigou desde o primeiro momento que viu o cadáver da dama de companhia de Lady Castlereagh.

– Riddingham teve algum envolvimento com essa garota Watson?

– Nós não temos provas de que ele a conhecia, mas ele esteve em uma festa na mansão de Lady Castlereagh na semana passada. E ele pode ter seduzido a garota nos últimos meses, antes de ir a Yorkshire. – Lucian fitou os olhos de Dare com gravidade. – Esse é mais um motivo para esperarmos que sua investigação de

Riddingham dê frutos logo. Estamos vigiando-o, mas meus agentes não podem ser óbvios demais, tememos levantar suspeitas.

Dare sabia que era hora de falar de seus próprios procedimentos.

– Eu estou planejando dar uma festa na casa de campo no final da semana que vem, e convidei Riddingham e alguns de seus camaradas mais próximos. Isso deve abrir novos caminhos para nós. Eu pressionei Riddingham um pouco mais sobre o anel de dragão que ele usa, dizendo-lhe que eu queria um igual. Até perguntei de quem ele o ganhou no jogo de cartas. Mas Riddingham alegou que não conseguia se lembrar especificamente quem perdera o anel para ele, mas se lembrou de alguns de seus amigos que estavam presentes no jogo.

– É mesmo? – Lucian disse, pensativo.

– Então eu resolvi convidar a todos. Riddingham pretende ir, ao menos para me impedir de me insinuar, na competição pela afeição de Miss Laurent.

– Então a sua campanha para cortejá-la está sendo bem sucedida? A boca de Dare se crispou.

– Eu não sentenciaria de maneira tão otimista. Ela deve ao menos comparecer como minha convidada. Eu fiz o possível para garantir a presença dela para induzir Riddingham a ir também. Eu pretendo observar a ambos mais de perto... talvez vasculhar suas posses. Quando estive na terra de Riddingham no mês passado, não tive um momento a sós em que pudesse examinar o lugar ou tentar descobrir um cofre.

– Você poderia procurar por cifras, nomes, qualquer coisa que nos leve a determinar que Riddingham tem uma identidade alternativa. Investigue os amigos dele também.

Dare acenou, concordando.

– Quanto à sua Miss Laurent... – Lucian acrescentou, após um instante – Eu investiguei os antecedentes dela, Dare. Não há qualquer vestígio de que ela possa estar trabalhando para os franceses ou que tenha ligações com bonapartistas.

– Ela alega não ter interesse em política, mas eu não sei se posso acreditar nela ou confiar nas declarações dela quanto a patriotismo. Caliban pode ter encontrado uma maneira de forçá-la a cooperar. Você já me avisou muitas vezes que a chantagem é uma de suas especialidades. Afinal, sua esposa e seu cunhado são vítimas das trapaças dele.

Ele sentiu Lucian estudá-lo por um instante.

– A descendência aristocrática de Miss Laurent me pegou de surpresa. Você sabia que ela é filha de um conde?

– É mais um motivo para tomarmos cuidado com ela. Imigrantes franceses são alvos preferenciais para subornos. São forçados a uma vida no exílio com pouca ou nenhuma renda, dependentes da generosidade de outros. Se Riddingham é Caliban, não podemos descartar a possibilidade de que ele a tenha corrompido. Ela é certamente ambiciosa o bastante para se vender para quem pagar mais.

Dare percebeu tarde demais o amargor no seu tom de voz, e viu como o olhar de seu amigo estava aguçado.

– Uma vez você disse que propôs casamento a uma mulher – Lucian observava-o com atenção. – Era ela?

– Lamentavelmente... sim. – Virando o rosto, Dare fixou os olhos para o lado de fora da carruagem, para evitar o escrutínio de seu amigo.

– Mas nosso noivado durou menos de um mês.

– Fico surpreso por nunca ter ouvido nenhum boato nos folhetins escandalosos. Eu sempre pensei que a perspectiva de seu casamento deveria ser considerada uma notícia impactante.

– Nós mantivemos segredo. – Ele não exibia Julienne como fazia com outras mulheres. Na verdade, seu desejo de protegê-la era uma das coisas que fazia Dare perceber que pretendia levá-la a sério. Ele não queria que a reputação dela fosse manchada, ao ser associada com um homem com notoriedade em libertinagem.

A preocupação dele soava risível agora.

– Você deve tê-la amado muito, a ponto de lhe propor casamento. Ah, sim, Dare pensou, sombriamente. Ele era jovem e estava apaixonado pela primeira vez em sua vida, tão idealista quanto um adolescente ingênuo. De acordo com os poetas, o primeiro amor era sempre selvagem, intenso, fervoroso, mas naquele verão mágico, Julienne o queimara como uma chama. Cada pequeno momento que passaram juntos estava queimado no fundo de seu coração... o prazer, o tormento...

– Eu creio que eu a amei, na época – Dare admitiu, sucintamente.

– Eu certamente a teria desposado, se não fosse a interferência de meu avô. – *E se eu não a tivesse flagrado com outro amante.*

– O que você chamava de “velho cretino”?

– Sim. – A boca dele se curvou quando ele olhou para Lucian. – Você sabia que meu pai foi morto em um duelo? Bem, meu avô sempre pensou que eu seria indolente como meu pai, seguindo o mesmo caminho para a destruição. E achava que me casar com uma “francesa trapaceira” iria não apenas me levar à ruína, como também iria conspurcar nossa linhagem ilustre. Quando o velho cretino soube de meu noivado com Miss Laurent, ele ameaçou me deserdar. E aquela dama queria posses bem maiores do que eu poderia lhe dar sem a herança da fortuna Wolverton.

Lucian ficou em silêncio por um momento, enquanto digería as informações.

– Então a experiência foi desagradável o bastante para você evitar o matrimônio para o resto da vida?

– Talvez.

Ele havia escapado de inúmeras armadilhas para casamento ao longo dos anos, depois de Julienne. Mas nunca mais ele deixou qualquer mulher exercer tanto poder sobre ele. E ele se tornou frio e indiferente a qualquer sentimento de devoção que pudesse despertar em suas amantes.

– Eu notei a sua parcialidade a favor das morenas – Lucian comentou. – Miss Laurent tem alguma responsabilidade sobre sua preferência?

Uma onda de choque percorreu Dare. Ele nunca tinha percebido antes, mas ele tendia mesmo a escolher mulheres que se pareciam com Julienne.

– Esta é uma observação bem astuta, meu amigo – ele disse, lentamente, escondendo o desgosto por trás de um sorriso divertido.

– Eu acredito que você não vai ficar ofendido se eu fizer uma outra observação astuta. Eu creio que você esteja julgando Miss Laurent com preconceito, por causa do seu passado com ela.

– Eu não posso negar. Mas que diferença isso faz?

– Porque seus sentimentos não podem interferir na missão. Eu quero que você a recrute para trabalhar para nós, Dare.

Ele firmou a vista, surpreso, ao reencontrar o olhar de Lucian.

– Você quer que Julienne Laurent espione para os Assuntos Externos?

– Por que não? Ela tem acesso à comunidade de imigrantes franceses e poderia nos passar informações sobre atividades traiçoeiras. E é possível que ela possa ajudar você a provar se Riddingham é ou não Caliban.

– Eu já disse que não confio nela.

– E minha opinião é que esse juízo é distorcido. Você tem certeza que não está reagindo assim por algo que ela possa ter feito de errado a você no passado?

Ele realmente queria vingança, Dare não podia negar. Mas ele não estava disposto a absolver Julienne tão facilmente de cumplicidade.

– E se ela realmente estiver de conluio com Riddingham? – ele perguntou. – E mesmo que não estivesse, assim que eu pedisse sua ajuda, ela poderia avisá-lo de nossas suspeitas por mero despeito contra mim.

– Seria um risco, sim. Mas eu tenho fé total no seu charme legendário. Você conseguirá lidar com ela. E com seu carisma e habilidade de atriz, ela sem dúvida pode chegar mais perto de Riddingham do que você conseguirá. Meu conselho é encontrar uma maneira de testar a lealdade dela sem comprometer sua posição. Trace um plano para determinar se ela é digna de nossa confiança.

Dare crispou a boca. Ele jamais poderia ter certeza de que Julienne era confiável, mesmo quando ele a tinha se contorcendo debaixo dele com as duas pernas envoltas em sua cintura. Especialmente assim é que não poderia.

Mas seu amigo não desistia.

– Você só precisa usar seus instintos, Dare.

Esse era o problema. Ele não podia confiar em seus instintos. Pois eles o haviam traído antes. Ele ficava apavorado com a ideia de que pudessem fazer isso novamente. Lucian estava definitivamente certo; o juízo que Dare fazia de Julienne estava distorcido pelo passado. E sua urgência aguda de possuí-la novamente apenas complicava ainda mais o problema.

Lucian também estava certo em outro ponto, Dare sabia. Fossem quais fossem seus sentimentos por ela, ele não podia deixá-los interferirem na missão. Havia muita coisa em jogo. E se ele tinha dúvidas quanto a confiar em Julienne, também seria preciso mostrar provas de sua culpa. Mais importante, ele precisaria provar para si mesmo. De uma maneira ou de outra, ele precisava *saber*.

Se ela era ou não uma traidora, todavia, ele já tinha decidido algo. E foi no segundo em que ele pôs os olhos nela mais uma vez: ele queria Julienne novamente em sua cama. E ele faria de tudo para que isso acontecesse.

Capítulo Seis



Foi uma grande comitiva que saiu de Londres na sexta-feira seguinte.

Julienne se viu surpresa pela variedade de convidados que Dare escolhera. Havia duas dúzias deles, de idades e classes sociais diversas.

Entre as mulheres, ela suspeitou que ao menos três eram de reputação questionável, incluindo uma atriz que se apresentava regularmente em Convent Garden. Mas também havia outras damas de idade além da Madame Brogard, entre elas uma condessa viúva de ricas posses. Mais surpreendentes eram dois casais distintos que ele convidara – para acrescentar respeitabilidade à festa, Julienne concluía.

Quanto aos cavalheiros, a maioria era de membros do Quality. Muitos eram nobres de alta estirpe que pareciam ter grande proximidade com Dare – sem dúvida alguns de seus colegas do Hellfire. Quanto ao Visconde de Riddingham, levava dois de seus amigos. Ao final da parada de veículos, havia três carruagens cheias de servos.

Julienne não tinha uma criada para si. Normalmente ela entrava em acordo com várias outras atrizes do Drury Lane, dividindo as funções de uma mulher que trabalhava como camareira, costureira, lavadeira e ainda cuidava do figurino. Mas Solange lhe ofereceu os serviços de sua própria criada durante a estadia.

Aquele dia de março estava fresco, limpo e agradável. Muitos dos cavalheiros, inclusive Dare, viajavam juntos nas carruagens, mas Julienne estava contente por não ser forçada a suportar sua companhia no confinamento íntimo do banco da cabine.

Em vez disso, ela aproveitava a camaradagem de várias das damas. Incrivelmente, elas pareciam aceitá-la com poucas reservas, talvez por causa da reputação distinta de Solange. Ou talvez porque qualquer um que tivesse familiaridade com o escandaloso Dare North não teria melindre com uma mera atriz.

A viagem seguia sem pressa, parando frequentemente para trocar os cavalos e compartilhar provisões, de modo que chegaram já no fim da tarde.

Nos últimos quinze quilômetros, Julienne admirou a vista pitoresca dos morros de South Downs, até eles chegarem aos portões de ferro da entrada. Passaram por um caminho cercado de azaleias e atravessaram um parque arquitetado meticulosamente.

– *C'est magnifique* – Solange murmurou, e Julienne teve que concordar. Ao fundo de uma vasta extensão de jardins, erguia-se uma mansão majestosa de tijolos aparentes vermelhos, que cintilavam ao sol.

Ao ver o esplendor da terra de Dare, ela teve um lembrete absoluto da vasta diferença de seus status. Um nobre rico que herdava a fortuna da família e uma atriz que mal era considerada respeitável, que sempre teve que batalhar pelo seu sustento.

Enquanto os passageiros desembarcavam, ela soube por uma das damas que além daqueles campos cultivados havia lindos jardins. E um dos cavalheiros entrou na conversa, afirmando que Dare tinha estábulo com cavalos de corrida excelentes.

– Cavalos de corrida? – Julienne perguntou ao Visconde de Riddingham, que apareceu ao seu lado para lhe oferecer o braço.

– Wolverton cria e treina cavalos de corrida – ele respondeu, secamente.

O amigo de Dare, Lorde Peter Fulbrook acrescentou, afável:

– Mas não é qualquer cavalo. Dare tem alguns dos melhores animais do país.

– Eu confesso que estou ansioso para avaliar seus estábulos – Riddingham admitiu. – Oficialmente, ele tem dois animais inscritos para o turfe.

Julienne sorriu.

– É por isso que você aceitou o convite dele, milorde? Para ver seus cavalos? E eu cheguei a pensar que você só queria estar comigo.

O visconde reagiu com um sorriso tímido.

– Mas é claro, Miss Laurent. Os estábulos são apenas uma atração adicional.

Julienne captou o olhar atento que Dare deu a ela, e sentiu uma pontada no coração. Parte de seu plano era encorajar Lorde Riddingham o máximo que pudesse, nessa semana. Se a festa se tornasse uma competição pelos seus favores, então ela pretendia deixar claro que Dare tinha um rival satisfatório.

Ela estava contente, todavia, por ele não a ter encarado em particular quando indicou aos criados que os convidados deveriam se acomodar em seus quartos. Foi combinado que todos iriam descansar brevemente antes do jantar, encontrando-se às oito horas na sala de visitas.

O interior da casa era tão magnífico quanto o exterior, Julienne viu enquanto era conduzida ao andar de cima, para um quarto elegante. Ela aproveitou a oportunidade para admirar os esplêndidos jardins abaixo da janela antes de se banhar e trocar a roupa, com a ajuda da criada de Solange.

Quando ela chegou à sala de visitas, no andar de baixo, ela estava atrasada alguns minutos, e a maior parte da companhia já estava reunida. Quando a viu entrar, Dare sentiu sua pulsação vacilar. Julienne apareceu em um vestido elegante de seda na cor damasco, apresentando-se ao mesmo tempo elegante e estonteante,

com o decote baixo de seu corpete acariciando seus contornos com uma ternura que Dare adoraria imitar.

Ele pronunciou um juramento para si mesmo, deplorando não apenas sua reação física, mas também a avidez irrefreável que lhe invadiu o peito.

Todos os cavalheiros que estavam sentados se puseram rapidamente em pé ao apreciar sua beleza desnorteante. Quando ela pediu perdão pela demora, Riddingham respondeu por todos:

– Não é preciso se desculpar, Miss Laurent. A senhorita vale a espera. O espetáculo de sua visão é inestimável.

Ela merecia elogios ainda melhores do que esse com certeza. *Mas que o diabo a carregue*, pensou Dare. E contra todas suas intenções, seu olhar se pregou a ela, faminto. Aquele vestido era ainda pior do que se ela estivesse nua. Julienne parecia com o paroxismo da fêmea, lasciva e frágil ao mesmo tempo.

O cabelo escuro estava preso no alto da cabeça em uma armação casual que o deixava ávido por desfazê-la. Ele apertava a mandíbula diante da imaginação incoercível do cabelo dela esplendidamente desarranjado sobre travesseiros de seda. Ele não queria nada além de desnudá-la, expor todo o corpo dela ao seu olhar... e às suas mãos e boca. O simples pensamento de ter seus seios nus em suas mãos, e sugá-los até ela gemer, o deixava instantaneamente excitado.

Mas antes ele teria que se livrar dos malditos lobos que a rodeavam. Riddingham liderava a matilha, Dare notava com desaprovação. O patife estava de olho nos seios dela, demorando-se descaradamente ao olhar para o volume macio e generoso de seu busto.

Quando Julienne riu de alguma coisa que o visconde disse, Dare se sentiu tenso pelo ciúme.

No instante seguinte, ela se virou para ele e percebeu seu olhar. Quando ela notou seu olhar deliberado, a sobrancelha dele se ergueu, com zombaria. Mas Dare ainda não estava disposto a

desconcertá-la. Em retibuição, Julienne lançou-lhe um olhar tranquilo, controlado, e que escondia um desafio. Eram olhos de uma mulher que conhecia seu próprio poder, Dare percebeu.

Uma estocada de desejo lhe percorreu de maneira tão crua e quente que tudo o que ele podia fazer era esperar até que a dor selvagem amainasse.

Afastando-se, Julienne ofertou-lhe as doces e elegantes linhas de suas costas. A dispensa o encheu de frustração. Eles estavam jogando com sedução, mas Dare não estava mais tão confiante de que iria vencer o jogo no qual era um especialista. Ele havia passado incontáveis noites em claro após possuí-la, deitando-se sozinho, sofrendo por ela. Não esperava que seu corpo iria sentir tanto. O aperto doloroso em seu peito era de uma velha ferida reaberta latejando.

Dare rangeu os dentes. Por quase sete anos ele havia trancafiado impiedosamente aquela parte de si, que Julienne deixara lacerada e sangrando de modo brutal. Ele iria fazer novamente, mesmo que exigisse suas últimas reservas de energia.

Julienne teve dificuldade para desfrutar das horas seguintes, apesar de não ter se sentado muito próxima de Dare. Ele fez companhia no jantar à convidada de mais classe, a condessa viúva, sentado à cabeceira da mesa, enquanto Julienne estava bem afastada.

O banquete, como se esperava, era suntuoso, com cinco pratos principais que os criados substituíam agilmente, e até mesmo Solange, criteriosamente exigente, apreciou a boa mesa. Dare havia enviado seu chefe de cozinha de Londres com alguns dias de antecedência para se preparar para a chegada dos convidados. Mas Julienne estava constrangida demais pela sua estranha posição naquela casa. Todos os presentes, ela sabia, tinham ouvido falar da aposta. E providenciando ou não entretenimento para a semana, a relação dela com o anfitrião certamente estaria no foco de todos os olhos.

Julienne fazia o melhor possível, contudo, para dar atenção aos comensais. À sua direita estava um dos amigos de Riddingham, um cavalheiro de fala macia, chamado Martin Perrine. Suas maneiras agradáveis, autodepreciativas, contrastavam agudamente com as do outro amigo de Riddingham, Sir Stephen Ormsby.

Quando a conversa versou sobre cavalos de corrida, Julienne perguntou educadamente ao Sr. Perrine se ele estava envolvido com turfe.

Sir Stephen riu e respondeu em seu lugar:

– Martin é apenas um filho caçula sem capacidade de investir. Ele mal pode pagar por um pangaré alugado, quanto mais um cavalo de corrida puro sangue.

A expressão dolorosa do Sr. Perrine era de embaraço agudo, e Julienne se apressou a retorquir.

– Eu compreendo que apenas os nababos podem arcar com os custos do turfe. Mas, para meus critérios, é um desperdício chocante. Acredito que seja por isso que o considerem o esporte dos reis.

O sorriso forçado de Perrine continha um traço de gratidão, e Julienne logo mudou de assunto. Mas ela não conseguia parar de olhar de soslaio para o nobre na cabeceira da mesa. Dare podia facilmente ser tomado pela majestade, com seu semblante aristocrático. Aquela sobancelha alta e a estrutura óssea clássica pertenciam a um príncipe de conto de fadas. E ele tinha a reputação de um dos homens mais ricos do reino. Ele podia muito bem custear uma longa batalha entre eles, subornando seu chefe e adquirindo o tempo dela por somas embasbacantes.

Julienne sentiu uma pontada aguda de desgosto ao se perguntar mais uma vez como que ela poderia se defender de Dare com seus escassos recursos.

Ela ficou contente quando as damas voltaram para a sala de visitas, separando-se dos cavalheiros, mas o alívio durou pouco tempo, já que os cavalheiros logo se juntaram a elas.

Quando alguém sugeriu que ouvissem um pouco de música, Julianne se viu abordada por Lorde Riddingham.

– A senhorita canta como um anjo, Miss Laurent. Não poderia nos dar a honra?

Ela olhou rapidamente para Dare, que se aproximou da cadeira dela. Ele havia oferecido uma alta soma para que ela participasse da festa em sua casa, mas eles não haviam discutido os termos do acordo.

Assumindo o papel que lhe era designado, ela lhe deu um sorriso provocador.

– Então, Lorde Wolverton, devo pagar pelo meu jantar cantando?

– ela perguntou, com um traço de desafio em sua voz.

– Não, a menos que queira.

– Então eu creio que vou declinar. Eu prefiro devotar energias para minha vitória em nossa aposta.

A boca de Dare se curvou em seu notório sorriso perverso.

– Eu aguardo a sua performance com grande expectativa. Riddingham passou os olhos dela para Dare, evidentemente sentindo a tensão sexual súbita que se instalava entre os dois, e se apressou a intervir.

– Está bem assim, eu acredito. Nenhuma das damas gostaria de ser ofuscada pela senhorita, Miss Laurent.

Muitas das damas realmente pareceram aliviadas quando Julianne optou por jogar baralho. Elas se revezaram em suas apresentações no piano e no canto, enquanto o resto da companhia organizava várias mesas de uíste e uma de piquet.

O jantar dera o tom dos entretenimentos daquela noite na casa, mas durante os dias seguintes, numerosos outros divertimentos foram oferecidos para o prazer dos convidados: cavalgada, jogo de palamallo e peteca nos gramados, passeios pelos magníficos jardins, e uma excursão histórica aos fortes e poços antigos, nos montes próximos, onde pontas de flecha de pedra eram lascadas.

Os cavalheiros estavam particularmente ansiosos para ver os cavalos de elite de Dare e acordavam cedo todas as manhãs para observar seus jóqueis treinando galopes. Eles estavam se preparando para a prova dos 2000 Guinéus, uma competição que se daria em Newmarket em maio, e para o Derby em Epsom Down em junho.

Na primeira metade da semana, Julienne deu seu melhor para manter a batalha pública com Dare, mas procurando não ficar sozinha com ele, determinada a não repetir a lamentável intimidade sexual de seu último encontro privado.

Esquivar-se dele se provou surpreendentemente fácil. Ela desempenhava suas tarefas como convidada com graça impecável e charme.

E para deleite dos demais, ela flertava com ele de maneira provocativa, enquanto a espirituosidade licenciosa dele constantemente a fazia pisar em ovos. Mas ele não fez qualquer esforço para seduzi-la ou cortejá-la em isolamento, como ela esperava.

A estratégia dele a desnorteava um pouco. Julienne não acreditava por um segundo que Dare desistira da perseguição. Afinal, era um mestre na manipulação sutil. Ela suspeitava que ele estivesse embalando-a em uma falsa sensação de segurança. Mas se era isso, não estava funcionando. A demora apenas amplificava a tensão.

Ela sentia no fundo a presença de Dare e estava bem consciente do calor que tremulava em suas veias diante de um mero olhar dele. E quando estava absorto, a jovem atriz notava que seu coração batia com expectativa de vê-lo novamente. Piores eram as emoções carregadas que continuavam subindo à tona entre eles às menores instigações.

Quando a comitiva desfrutava um piquenique ao ar livre na segunda-feira, Julienne não podia evitar a comparação entre aquela formalidade com a dos piqueniques simples que ela saboreara outrora com Dare. Ela não conseguiria esquecer a ardente

lembrança da última vez que jantaram ao ar livre a dois, quando Dare se mostrou bem mais interessado em devorar sua pele do que a refeição.

Agora uma mesa comprida e baixa era posta pelos criados sob uma faia e coberta por uma toalha branca impecável. Os criados serviram inúmeras guloseimas sobre pratos de porcelana chinesa e taças de cristal. As mantas sobre as quais os convidados se acomodavam eram a única semelhança com aqueles dias.

A não ser talvez pelo próprio Dare. O cabelo dele cintilava com o mesmo brilho loiro sob os raios de sol, o sorriso dele igualmente provocante, quando ele ria, e o olhar dele tão sedutor quanto.

Ela notou aquele olhar atento a ela quando Solange o elogiou pela magnificência de suas terras.

– Eu confesso – ele respondeu, com uma mesura de gratidão. – Também tenho apreço por elas. Eu adquiri a propriedade alguns anos atrás, quando estava procurando um local para construir meus estábulos para turfe. Eu prefiro muito mais esta residência do que as terras de família que herdei de meu avô. Wolverton Hall é um lugar de lembranças desagradáveis para mim... particularmente do último verão em que lá estive.

O olhar dele se fixou no de Julianne por um momento, e ela sentiu um tremor diante da acusação oculta.

Seu primeiro pensamento defensivo foi o de que Dare jamais teria herdado as terras do avô se ela tivesse casado escondida com ele, como ele pediu. Mas era dolorido demais relembrar daquele verão mágico que acabou de maneira tão devastadora para ela.

Forjando um sorriso no rosto, Julianne ergueu-se subitamente.

– Eu certamente posso compreender o apelo desse cenário adorável. – Ela fez um gesto em direção ao riacho sinuoso que corria ali perto. – Eu me pergunto se há peixes que se possa ver. Lorde Riddingham, o senhor poderia fazer a gentileza de me conduzir até lá?

Ela tomou o braço requisitado do visconde, mas não poderia dispensar Dare tão facilmente. Ela estava intrigada demais pelo seu magnetismo e pela negligência calculada em relação a ela. No resto da tarde, ele dedicou sua atenção indivisa aos demais convidados.

E ao menos as damas reagiram com deleite. Julienne assistia ao seu desempenho com frustração crescente.

Era enojante para ela a maneira como ele tantalizava todas as mulheres da comitiva com charme sedutor desprezioso. E a maneira como todas o adulavam em retribuição. Ainda assim, ela não podia culpá-las. Dare North era o homem mais sedutor e fascinante que ela conhecera, e ela se via desejando poder ser o foco de sua atenção devota em vez de todas as outras...

Quando subitamente percebeu a direção que tomavam seus pensamentos, Julienne repreendeu-se furiosamente. Ela não poderia ficar com ciúme das amantes dele, ou terminaria enlouquecendo.

Foi no dia seguinte que a jovem atriz intencionalmente violou seu próprio plano de evitá-lo em situações privadas. A comitiva saiu em cavalgada naquela tarde, e na volta, a égua dela perdeu uma ferradura e começou a mancar. Julienne apeou imediatamente, assim como Dare. Depois de inspecionar a pata e o casco do animal, ele afirmou que o ferimento era apenas uma sola machucada e disse para a comitiva seguir com o passeio enquanto ele levava a égua para casa.

Quando Julienne hesitou, Riddingham ofereceu dividir seu cavalo com ela, mas Dare interveio rapidamente, oferecendo que ela ficasse com sua montaria.

Ela permitiu que Dare a erguesse em seu cavalo, mas então mudou de ideia, dizendo que não gostaria de deixar Lorde Wolverton sozinho.

Quando Riddingham começou a discutir, ela balançou a cabeça gentilmente.

– Não, por favor, Hugh, vá em frente. Eu não causarei nenhum mal. Eu acredito que Lorde Wolverton possa agir como cavalheiro

por um breve momento. Além do mais, eu tenho algo que gostaria de dizer a ele.

A comitiva se afastou, deixando-os para trás, e ela sentiu o olhar de Dare assentar nela.

– Hugh, é mesmo? Então agora vocês se tratam pelo primeiro nome? Julienne encolheu os ombros, fingindo casualidade.

– Nós tivemos uma excelente oportunidade para nos conhecermos melhor nos últimos dias.

– Eu não posso compreender por que você gasta tanto de seu tempo com ele quando poderia estar aproveitando muito mais comigo.

– Isso certamente é questionável.

Dare não retorquiu ao escárnio dela, em vez disso apaziguava a égua ferida com palavras suaves de consolo. Julienne cavalgava ao lado, sincronizando com os passos lentos e dolorosos da égua, mas o escutava com desgosto. Dare poderia falar naquela voz aveludada para uma amante. De fato, ela se lembrava dele usando precisamente esse tom com ela durante um arroubo de paixão de revirar a alma, enquanto ele aplacava suas chamas e a levava para alturas cada vez mais altas.

Quando, após um momento, Dare desviou a atenção da égua ferida para ela, Julienne teve certeza de que ele a viu corar nas bochechas.

– Até que enfim – ele disse, em um tom casual. – Fico grato por finalmente ter você só para mim. Se eu soubesse que tudo o que eu precisaria era de um cavalo manco, eu teria sacrificado um dos meus animais mais cedo. Eu passei por momentos infernais tentando roubar sua atenção de seus devotos. – O olhar dele percorreu seu corpo. As anáguas dela estavam soerguidas, expondo um bom pedaço de perna, afinal estava sentada virada para frente, em vez de montada de lado na sela. – Eu não posso culpá-los. Todo homem quer se aquecer com sua beleza.

– Eu preferia não ouvir seu galanteio vazio, milorde – Julienne respondeu, enquanto se remexia desconfortável na sela.

Dare notou seu desconforto.

– Você preferiria caminhar?

– Na verdade, sim. Eu nunca fui muito boa com cavalos.

– Eu me lembro. Mas você está mais segura aí em cima, fora do meu alcance. – Ele deixou a afirmação ser assimilada antes de acrescentar: – Então, o que você queria me dizer que não era adequado para os ouvidos dos meus convidados?

– Eu gostaria de saber o que você está tramando.

– O que você quer dizer?

Julienne olhou para ele, avaliando-o.

– Você dedicou enormes esforços e dinheiro para me coagir a vir para cá, e ainda assim não fez nenhuma tentativa de sedução desde minha chegada. Eu me sinto como um rato debaixo da pata de um gato, esperando para ser devorado.

– E eu pensando que merecia crédito por mostrar algum comedimento e não me tornar um incômodo. – Ele ergueu uma sobrancelha.

– Então? Você esperava que eu a trouxesse aqui e a atacasse? Que eu agisse de maneira perversa na frente de todos os meus convidados?

– Eu certamente não descartaria isso de sua parte.

Dare sorriu com aquele célebre sorriso, devastador e sugestivo.

– Minhas mais profundas desculpas, se você está se sentindo negligenciada, *chérie*. Se você apeiar desse cavalo, eu terei o maior prazer em aplicar meus melhores esforços de sedução.

Ela queria negar que estivesse se sentindo negligenciada, mas por absurdo que parecesse, era verdade. Mas ela preferiria andar sobre carvão em brasa do que deixar que Dare soubesse disso.

– Eu não quero que você me seduza. É que simplesmente eu não confio em você. Acho que você está planejando alguma coisa, e eu gostaria de saber o que é.

Diante da afirmação dela sobre confiança, a boca dele se crispou por um momento, fazendo Julienne se arrepender da escolha das palavras.

Depois de respirar fundo, ela temperou sua queixa:

– Você está sendo tão cavalheiro nos últimos dias que eu mal o reconheço. Eu fico esperando até você mostrar sua verdadeira cara. Eu pensava que você pretendia vencer nossa aposta.

– Ah, e pretendo – ele disse com uma presunção irritante. – Mas permita-me ressaltar que você também não fez nenhum esforço para vencer a sua aposta. O que a impediu? Você não precisaria mais do que me oferecer um olhar para me deixar babando aos seus pés como esses outros infelizes de pouco brilho. Você poderia me fazer estremecer com apenas um toque.

A imagem de Dare tremendo nos seus braços era completamente estimulante e infinitamente perturbadora, assim como o que ele disse a seguir.

– O que você acharia de eu visitar seu quarto hoje à noite? Nós podemos continuar de onde paramos duas semanas atrás, mas dessa vez desfrutando de uma cama confortável. Eu garanto a você que isso iria melhorar vastamente o meu humor. Eu estou achando que esse celibato não combina mesmo nem um pouco comigo. Isso não apenas causa um efeito deletério da maior gravidade no meu espírito, como também no meu corpo. Eu me sinto como se estivesse em chamas o tempo todo.

Estranhamente, Julienne sentiu um alívio diante da oferta dele. *Aquele* era o Dare North que ela conhecia – luxurioso, sedutor e muito provocante. Mas não importava o quanto ele reanimava sua autoestima abalada com confissões inesperadas, ela não pretendia repetir os erros de duas semanas atrás, deixando-o fazer amor com ela.

– Você sabe, eu acho que afinal eu vou tentar me juntar ao resto do grupo à frente – ela afirmou, ajeitando as rédeas.

– Covarde – ele murmurou, comprimindo a voz de maneira divertida.

– Nem um pouco – Julianne retorquiu em um tom melodioso. – Eu apenas estou fatigada das suas proposições tediosas.

Quando ela incitou sua montaria para galopar adiante, ouviu a risada macia de Dare seguindo-a. Mas qualquer culpa que ela pudesse ter por abandoná-lo se dissipou quando pouco depois ela cruzou com um criado que ia levando um cavalo em bom estado para ele.

Quando ela chegou à residência, soube pelo solene mordomo que os outros convidados estavam reunidos na sala de visitas para tomar chá. Julianne subiu ao seu quarto para mudar de roupa, mas assim que chegou, encontrou-se relutante em encarar a companhia.

Ela se atirou à cama, e ficou deitada olhando para o dossel sobre sua cabeça, sentindo-se inquieta, insatisfeita e mais melancólica do que ela se dava ao direito. Desagradava-a o quanto Dare mantinha tanto poder sobre ela, não importando o que ele dissesse ou fizesse.

Após um quarto de hora, contudo, ela finalmente se levantou da cama, com a intenção de descer e se juntar aos demais.

Ela paralisou quando deparou com Dare no fundo do corredor. Ele ainda estava com as roupas da cavalgada, e tinha acabado de emergir de um quarto que não era o dele.

Dare também paralisou. Ele esperava que Julianne estivesse com os outros. Ele pagara a atriz de Convent Garden Fanny Upcott para manter Riddingham ocupado enquanto ele vasculhava o quarto do visconde, procurando por qualquer evidência incriminadora. Era um infortúnio que Julianne o flagrasse no meio desse ato.

Dare contraiu o rosto, considerando que ele podia tentar uma saída através de um blefe ou se arriscar a contar a verdade.

Ainda avaliando a decisão, ele foi em direção a ela.

– Espero que você tenha uma boa razão para estar no quarto de Lorde Riddingham, não? – ela questionou, quando ele chegou até ela.

Percebendo seu olhar desnordeado, ele ergueu uma sobrancelha.

– Como você sabe qual é o quarto de Riddingham?

– Porque eu o vi entrar ali antes. E não pense que pode evitar a minha pergunta ao mudar de assunto. O que você estava fazendo ali? Você é rico demais para roubar os pertences dele. – Quando Dare hesitou, Julienne acrescentou, azeda: – E eu duvido que você queira que eu conte a ele que você estava saqueando os pertences dele.

Era claramente uma ameaça, que aborreceu Dare. Pensando em intimidá-la, ele se aproximou ainda mais e apoiou uma mão na parede, atrás de Julienne, deliberadamente encurralando-a. Ele podia sentir os seios macios dela contra seu peito, as coxas dela apertando-se contra as dele, e o desejo súbito em suas partes baixas cresceu e se espalhou por todo o corpo. Ainda mais deliberadamente, ele levou a mão até os seios, palpando-os, sentindo o coração saltar em sua palma.

Julienne realmente se sentiu intimidada. O decote de seu vestido de tarde não era exageradamente baixo, mas ela lamentou intensamente a sensação perniciososa da mão de Dare através do tecido, de seus dedos alisando sua pele por cima do corpete.

Perplexa, ela encarou a coluna dourada e lisa do pescoço dele e a pulsação que corria ali. Por absurdo que fosse, ela queria enterrar o rosto na curva de seu pescoço e sentir seu gosto.

Então ele inclinou a cabeça para morder seu lábio inferior. O arrepio provocado pelo toque de cada polegada de seus corpos a incendiava. Involuntariamente, ela abriu os lábios.

– Beije-me, Julienne – ele murmurou com sua voz rouca de amante. – Beije-me com vontade. Cole seus lábios nos meus... Mergulhe sua língua na minha boca...

Um gemido brotou da garganta dela enquanto ele demonstrava a ela o que queria. Os lábios dela ardiam sob o beijo profundo e penetrante dele, enquanto o corpo dela se dissolvia. Ainda assim, a

mente dela estava protestando, tentando compreender o motivo para aquele súbito ataque sensual.

Ele estava apenas tentando distraí-la... Era isso, ela pensou, de repente furiosa com suas táticas desleais.

O coração martelava quando ela retirou a boca.

– Como você ousa... – ela começou, batalhando para se esquivar de sua pegada, mas a boca dele se fechou novamente na dela. Sufocando suas palavras raivosas.

Chamas a inflamaram por todo o corpo, queimando-a, incitando-a enquanto os braços dele a envolviam. De alguma maneira, Julienne encontrou forças para resistir à sedução de Dare. Afastando a cabeça para trás, ela forçou as mãos entre eles e empurrou o peito de seu sedutor oponente, interrompendo finalmente seu *approach* lascivo.

– Pare! Pare agora! – Com a respiração entrecortada, ela o encarou. – Eu quero saber que diabos você estava fazendo naquele quarto. Os lábios dele ainda estavam úmidos do beijo, e ela os viu apertados em uma linha firme antes que ele falasse.

– Eu vou contar a você, mas não aqui no corredor.

Ele abriu a porta do quarto dela e a empurrou para dentro, fechando a porta logo após entrar.

Sentindo-se subitamente exasperada por estar ali a sós com Dare, Julienne caminhou para o meio do quarto, ganhando distância.

– Então? – Ela exigiu saber, ainda sem fôlego.

– Riddingham pode ser um traidor – ele disse, sem rodeios. Ela o encarou.

– Do que você está falando?

– No ano passado um nobre que chama a si mesmo de Caliban causou um enorme estrago em nossos esforços de guerra, ao contrabandear ouro roubado para Napoleão...

Julienne escutava espantada enquanto Dare lhe contava a história chocante de assassinato e chantagem, e sobre a caçada a Caliban e o anel de dragão com olho de rubi. A ideia de que Dare

estivesse envolvido na tentativa de livrar o país de um traidor soava em sua mente como algo inconcebível.

– E você acha que Riddingham pode ser o tal Caliban? – ela disse lentamente, quando a história chegou a uma conclusão.

Se o olhar dele estava resguardado antes, agora Dare firmava a vista, observando a reação dela.

– Ele está com o anel... apesar de alegar que o ganhou em um jogo de cartas. É possível que o Caliban tenha decidido que manter um ornamento tão singular em sua posse fosse perigoso para ele. Ele pode deliberadamente tê-lo perdido para Riddingham para afastar a atenção de si, despistando-nos.

Ela franziu o cenho, hesitando em acreditar em tais acusações sem provas. Sete anos atrás ela própria havia sido acusada pelo avô de Dare de traição ao país, e ela não se precipitaria a acusar ninguém, não importasse o quanto as suspeitas fossem fortes.

– Acho difícil acreditar que Riddingham possa ser um mestre da espionagem. Ele é amável e possui uma educação excelente, e não o considero particularmente astuto. Acho que um traidor do calibre que você está sugerindo deveria ser mais engenhoso do que ele me parece.

– Eu pensava de maneira parecida – Dare retorquiu. – Mas ele é nosso único elo com Caliban, e eu preciso seguir esse rastro, não importa o quanto pareça improvável.

– E por que você? Eu estou francamente chocada em pensar que esteja envolvido nesse jogo de espionagem.

– Por ser um frívolo imprestável? Julianne sentiu as bochechas corarem.

– Eu não disse isso. Mas você é conhecido como o Príncipe dos Prazeres. A sua participação nisso me soa tão improvável quanto a de Riddingham.

– É mais um motivo para ser eu a pessoa que deva investigá-lo. Porque ele jamais suspeitaria de mim. De fato, eu o convidei para cá para poder vigiá-lo de perto.

Um pensamento estarrecedor acertou Julienne como uma pancada, roubando-lhe o fôlego.

– É por isso que você decidiu vir atrás de mim? Para poder observar Riddingham?

O rosto de Dare se crispou.

– Inicialmente, talvez. Mas já não é mais o único motivo. Depois que fizemos nossa aposta, eu percebi o quanto eu queria vencê-la.

Com os pensamentos rodopiando, Julienne levou uma mão à têmpora.

– Aliás, essa viagem me permitiu observar também alguns dos amigos de Riddingham – Dare acrescentou. – Ele afirmou que tanto Ormsby e Perrine estavam no jogo em que ele ganhou o anel. Mas nada no comportamento deles nos dá qualquer indício da possibilidade de um deles ser o Caliban. Também vasculhei o quarto deles e não encontrei nada questionável.

Julienne ainda não reagira, tentava assimilar a revelação extraordinária: Dare vinha usando-a para chegar mais perto de seu alvo principal. Toda a aposta tinha sido uma armação, desde o início.

– Então, pretende alertar Riddingham sobre minhas suspeitas? – Dare perguntou, quebrando o silêncio.

– É claro que não – ela disse, um tanto alheia. Ele ergueu uma sobrancelha cética.

– Você vai ter que esquecer essa nossa conversa. Se começar a tratar Riddingham de maneira diferente, você pode acabar entregando o jogo e comprometendo meu plano.

A isso ela respondeu, secamente: – Você não precisa me instruir como desempenhar meu papel. Eu sou uma atriz excelente, lembra-se?

– Eu bem sei – ele disse, lentamente, com um tom de zombaria. Ela não deixou de perceber um fundo amargo na voz dele.

Quando Julienne lhe lançou um olhar agudo, ele devolveu com uma expressão sombria, um olhar quente, penetrante, acusatório. De

repente ela achou insuportável o fato de estar sozinha, ali, com ele.

– Você não precisa se preocupar que eu não vou entregá-lo – ela garantiu, enquanto passava por ele para sair do quarto. – E pretendo manter a farsa ridícula da nossa aposta.

Ela estava prestes a abrir a porta quando os braços fortes de Dare a detiveram.

Julienne paralisou enrijecida, não ousando respirar.

– Por favor, deixe-me ir.

Mas Dare não a soltava. Em vez disso, seus braços percorreram seus ombros. Com a pulsação vacilando, Julienne mordeu o lábio, lamentando o quanto a presença física dele atormentava seus sentidos.

– Não é uma farsa – ele murmurou. – Eu ainda quero você, minha pérola.

O hálito dele chegava ao cabelo dela e lhe provocava arrepios por toda parte. Enquanto seu corpo estremecia, as mãos quentes de Dare deslizavam para dentro do corpete e começaram a brincar, desejosas, buscando seus mamilos.

Julienne apertou firme os olhos, lutando contra o desejo instintivo de se render às carícias dele. Ela queria derreter no calor dele...

– Minha linda joia – ele sussurrou com aquela voz masculina que jamais falhava em dar vida aos seus sentidos.

Ah, Deus, ela pensou, sofrendo de desejo enquanto a língua dele roçava a concha de sua orelha. Os dedos fortes apertando-lhe os mamilos túrgidos, e ela notou que seu lábio se prendia entre os dentes, enquanto um espasmo de prazer percorria no fundo do abdômen.

Julienne sacudiu a cabeça, lutando desesperadamente contra sua fome prolongada. Ela estava faminta por calor físico, por Dare.

– Eu quero você – ele repetiu. – Eu quero você quente e selvagem e queimando de desejo por mim. – O sussurro dele tomou

a mente dela, a rica promessa em voz áspera em suas palavras, esbanjando sensualidade. – Diga que também me quer, Julianne.

Ela o queria. Ela estava sozinha havia muito tempo e ansiava pela intimidade do toque de Dare, precisava dele...

Choramando suavemente, ela arqueou contra seus dedos excitantes. A carícia sedutora a fazia arder, confundia sua determinação e turvava seu foco... Então lembrou-se de tudo o que ele poderia fazê-la sentir, todos os prazeres que ele poderia lhe proporcionar, e também toda a dor devastadora...

Sua garganta se comprimiu com a pontada da dor lembrada.

– Não – Julianne protestou, com um sussurro selvagem e lento. – Eu não quero isso, Dare. Eu não quero você.

Sacudindo-se com uma respiração tensa, ela se desvencilhou dele, abriu a porta e escapou.

Sozinho, de braços vazios, Dare fechou os olhos e praguejou. Os sentidos dele ainda nadavam com a essência esquiva que era inconfundivelmente a de Julianne. Seu corpo ansiava pelo dela. Ele estava excitado e mais quente do que o inferno.

Ele quase podia sentir o calor úmido dela, senti-la deslizando apertada em volta de seu bastão pulsante...

Apesar do desconforto em seu corpo, a dor aguda em seu peito havia se aliviado um pouco. Julianne lhe pareceu completamente perplexa pela revelação sobre Caliban e seus motivos para vasculhar o quarto de Riddingham, indicando que ela poderia não ser aliada de nenhum deles.

Dare percorreu uma mão com aspereza pelo seu cabelo. Se ela fosse realmente uma confederada de Caliban, então ele acabara de se colocar em grande perigo. E se ela fosse correndo contar a Riddingham, iria provar sua culpa. Ao menos encerraria a incerteza a respeito dela.

Ele sentiu um músculo se flexionar na mandíbula. Julianne era uma atriz consumada, isso era verdade, mas os instintos lhe diziam

que ela não estava mentindo, significando que o mais provável era que ela fosse inocente da duplicidade.

Uma pena, Dare pensou, sentindo um inesperado golpe de arrependimento. Sua culpa poderia libertá-lo de sua obsessão por ela, ajudá-lo a romper as amarras que ainda o mantinham cativo.

E se ela fosse inocente? Mesmo antes, ocorrera-lhe que se ele a estivesse arrastando para suas investigações, Julienne poderia correr perigo com o Caliban.

Por um instante, a imagem repulsiva do cadáver na funerária disparou em sua mente.

Dare sacudiu a cabeça enfaticamente. Julienne Laurent sabia se cuidar muito bem. Era ele quem estava se arriscando, ao sucumbir diante da sedução insidiosa dela.

Sardonicamente, ele olhou para baixo, para sua calça. Os convidados estavam à sua espera, mas ele não poderia encará-los naquela condição. Ele precisava, no mínimo, mudar de roupa. E enquanto saía do quarto de Julienne, Dare se perguntava se também não teria tempo para um banho frio.

Capítulo Sete



-*E*ntão? – Solange inquiriu Julienne no dia seguinte, enquanto observavam Dare dançar com a filha lunática de um fazendeiro vizinho. Ele contratara músicos de Brighton para aquela noite e abriu o baile para os nobres das cercanias. – Você não está preocupada que possa ter competição?

– Não – Julienne respondeu, sem hesitar. – Lorde Wolverton prefere parceiras um pouco menos acanhadas.

Julienne sabia que Dare era um libertino experiente demais para se atrair por uma jovem dama tímida, recém-saída da sala de aula. E mais importante, era pouco provável que ele se esquecesse de seu objetivo principal, em que *ela* era a conquista. Dare havia retomado todas suas plumas no cortejo a ela – para a satisfação da maioria dos convidados. Mas era verdade que Julienne agora se sentia aliviada ao entender qual era o jogo de Dare. Finalmente fazia sentido por que ele tinha engolido seu orgulho masculino ao persegui-la publicamente: ele pretendia obter sua vingança e tentar expor um traidor ardiloso ao mesmo tempo.

Agora percebia que a viagem ao campo tinha foco em Riddingham, não nela. E talvez o esforço de espionagem de Dare não fosse tão inconcebível quanto ela havia pensado a princípio. Sabia ao que atentar e percebia que ele perscrutava cada pequena ação ou comentário de

Riddingham, embora não parecesse. Dare não deixava nada passar despercebido.

E embora ela sentisse um pouco o orgulho ferido, saber que Dare não queria exatamente a ela, o fato de ele estar brincando de gato e rato com outra pessoa era um tanto reconfortante, pois assim ela podia se defender melhor de suas investidas sedutoras. O coração dela precisava desesperadamente de qualquer armadura disponível. Ela jamais sobreviveria caso se apaixonasse por ele novamente.

O baile se revelou um sucesso, pois todos os vizinhos aceitaram seu convite com alegria. Ao que parecia, todos tinham ouvido falar da aposta. E Julienne estava determinada a dar a eles o que pediam. Nas poucas ocasiões em que encontrou Dare, ela fez com que sua parte na peleja verbal sempre divertisse as testemunhas.

– Ele é um dançarino maravilhoso – Solange comentou, observando o anfitrião da noite com admiração.

Ele era, de fato, Julienne concordou em silêncio. Era fluido, gracioso e especialmente atento, muito focado na parceira, mesmo que fosse uma jovem inocente encabulada.

– E dizem que é um amante maravilhoso. Eu ouvi que ele é inventivo como o demônio na cama.

– As façanhas sexuais dele não me interessam – Julienne disse, insincera.

Bem nesse momento a música encerrou, e Julienne sentiu o toque ousado do olhar faminto de Dare, que a caçava com os olhos pelo salão.

– *Mon dieu* – Solange suspirou. – Ele olha como se quisesse devorar você.

Julienne apenas deu de ombros.

– É tudo uma farsa. Apenas um jogo.

– *Bien* – a amiga retorquiou. – Mas você sabe o que dizem a respeito de brincar com fogo, *mon amie*. Você deveria tomar cuidado para não se queimar.

– Eu vou tentar me lembrar disso. Você poderia me dar licença? Eu acho que agora é minha deixa.

Julienne podia dizer pelo rumor de expectativa que ela era o centro das atenções enquanto atravessava a multidão e pedia uma valsa a Dare.

– Que vergonha, milorde – ela disse, com um sorriso maroto. – O senhor prometeu dançar comigo, mas tem sido imperdoavelmente negligente. Ou talvez seja porque o senhor teme que eu vença nossa aposta?

– Eu estava tremendo nas minhas botas a noite toda – Dare respondeu, compassivo.

– É de se admirar, já que o senhor está usando sapatilhas. Ele sorriu com malícia e a tomou nos braços.

Julienne permitiu que ele a arrastasse, esperando acertarem o ritmo da valsa até encarar Dare.

– Na verdade, eu pensei que talvez devesse socorrer aquela pobre garota. Ela parecia prestes a desmaiar de medo.

Balançando a cabeça, Dare fingiu que estremecia, jocoso.

– Eu que precisava ser socorrido. Eu lhe devo toda minha gratidão, meu amor.

– Nem pense nisso, milorde. Meu gesto não era tão altruísta. Eu estou ansiosa para colocá-lo de joelhos.

Ele riu.

– Ah, minha amada pérola, você sabe muito bem que me teve nos joelhos desde o primeiro momento que nos vimos.

– Eu não creio nisso. Da primeira vez que nos vimos, eu estava muito ocupada me defendendo das garras de sua prima.

Os olhos de Dare se acenderam com o que parecia ser uma lembrança calorosa.

– Você se lembra do ralho fulminante que você deu a ela?

Ela se lembrava. Dare fora a Kent em junho para o casamento de sua linda e jovem prima e, em um momento de tédio, acompanhou a altiva Miss Emerson para a confecção de chapéus. Julienne os atendera com paciência enquanto a jovem dama orgulhosa dizia disparates a respeito da qualidade da mercadoria.

– Foi totalmente justificado – Julienne respondeu, secamente. – Eu segurei minha língua até ela zombar de meu sotaque e depreciar minhas origens. Então, finalmente, perdi a calma.

A reação atrevida encolerizou a arrogante Miss Emerson, mas causou um encanto melodioso aos olhos do nobre. Ele voltou no dia seguinte, disposto a seduzi-la.

– Eu achei que você foi magnífica – Dare disse, a voz em murmúrio aquecido. – Eu ainda acho que você é magnífica. Por que não damos o fora daqui e encontramos uma cama no andar de cima?

Curvando-se para depositar um beijo perto de sua orelha, ele sussurrou com um tom áspero e íntimo exatamente o que gostaria de fazer com ela se ficassem sozinhos.

Julienne não evitou um estremecimento. Mesmo sabendo agora do propósito do jogo público de sedução de Dare, era mais difícil do que ela pensava manter a farsa, pois ela não podia negar as fervorosas correntes de paixão que ainda silvavam entre eles.

Mas ela se recusava a conceder a Dare a satisfação de pensar que ela se afetava.

Julienne lhe devolveu um sorriso pudico e sussurrou docemente no ouvido dele.

– Sim. Suba as escadas, dispa-se e espere por mim.

– E você virá em seguida, minha amada pérola?

– Certamente, assim que eu reunir um número suficiente de convidados para me acompanharem. Eu quero testemunhas para observarem o espetáculo de você dançando à minha música.

A oferta dela mereceu uma gargalhada estrondosa do Marquês de Wolverton e incontáveis cabeças virando na direção deles.

Julienne deveria saber, contudo, que Dare não permitiria que ela tivesse a última palavra. Naquela noite, depois que o baile acabou, Julienne se preparou para dormir e se acomodou sob as cobertas,

quando ouviu as cordas de um violino tocando do lado de fora de sua janela.

Ela rapidamente colocou um robe sobre a camisola, foi à janela e a abriu. E ficou de olhos fixos no que viu abaixo. Lanternas multicoloridas criavam um conjunto romântico brilhante sobre os jardins, enquanto os músicos tocavam suavemente ao lado.

Logo abaixo de sua janela, Dare estava sobre o pavimento de pedras, vestido em um figurino elisabetano, com uma rosa presa entre os dentes. Romeu, se ela não se enganava.

Quando ele a avistou, ofereceu-lhe a rosa com um meneio galante e uma mesura profunda.

– Ah, bela Julieta – ele interpretou, com uma voz teatral apaixonada. – Venha comigo e seja minha amante.

Julienne teve que fazer força para abafar uma risada diante do absurdo encantador, mas ela administrou suas feições de modo a manter a altivez.

– Eu lamento, milorde, ter um forte desprezo por nobres presunçosos que mutilam Shakespeare. Se esse é o melhor que o senhor pode fazer, eu não estou impressionada.

O sorriso dele era parte feroz e parte sedutor.

– A senhorita ainda há de ver o meu melhor. Venha aqui para baixo, querida, e eu ficarei feliz em lhe mostrar.

Muitos dos outros convidados estavam se inclinando nas janelas e entreabrindo-as, inclusive Solange, como Julienne notou.

– Ou o senhor está assustadoramente embriagado – ela declarou, ácida –, ou perdeu completamente o juízo.

– Ambos, eu imagino. A senhorita me intoxica e me leva à loucura.

É a tentação encarnada.

Ele se virou para Solange, na janela ao lado.

– Não vai me ajudar, Madame Brogard? A bela, mas cruel Julieta, está determinada a desprezar minhas investidas.

– Homem estouvado – Solange admoestou, com um tom de voz no qual não se escondia um divertimento deleitoso. – Eu posso lhe dizer que está fazendo um bom trabalho. Uma mulher não consegue resistir a rosas, ao luar e a um cavalheiro galante.

– Ah, parece que a Miss Laurent é capaz de resistir muito bem a mim. – Ele juntou as mãos diante do peito. – Eu juro que meu coração está se despedaçando.

Dessa vez Julienne responde:

– Então eu sugiro que se apresse a visitar o doutor para que possa remendá-lo, milorde, e me permita algumas horas de sono.

Quando Dare cambaleou para trás como se tivesse recebido um golpe letal, Solange gargalhou em voz alta.

Reprimindo seu próprio riso, Julienne fechou a janela e voltou à cama, mas ali ficou, considerando impossível dormir.

A música tocou por ao menos mais meia hora, e Julienne resistiu determinadamente ao impulso de voltar à janela para ver se seu Romeu também permanecia ali. Mas mesmo quando ela socou o travesseiro com frustração, uma parte romântica e tola dela gostaria que o fingimento de Dare ao cortejá-la fosse real.

O clima estava tempestuoso no dia seguinte, e a comitiva se viu forçada a permanecer dentro de casa. Quando, para afastar o enfadamento, alguém sugeriu que desempenhassem uma peça amadora, Dare desencorajou, dizendo que não havia tempo o suficiente na semana para fazerem justiça à peça e não seria justo com as atrizes presentes, uma vez que, para elas, teatro soava como trabalho.

Além disso, ele acrescentou risonho, Miss Laurent deplorava a ideia de amadores destruindo as palavras de seus dramaturgos diletos.

Acabaram se decidindo por mímica, charadas e recitação de poesia. Em seu íntimo, Julienne se sentiu grata por ser poupada,

apesar de que prestar o serviço poderia distraí-la da proximidade de Dare.

Felizmente a tempestade passou logo, e na manhã seguinte, o sol acabou com o confinamento dos convidados. Naquela tarde, a maioria optou pelo palamalho, um jogo no qual uma bola tem de atravessar aros, empurrada por macetes de madeira. Em um campo ao lado, Julianne preferiu explorar os jardins.

Havia diversos caminhos traçados em volta de camas de flores e cercas vivas de buxos bem aparados, assim como passarelas sinuosas que atravessavam uma folhagem mais natural, levando até uma bétula à distância.

Para seu deleite, deparou-se com um matagal – um conjunto denso de buxos, na verdade – que escondia um jardim de rosas. Ali a folhagem havia sido deixada belamente selvagem.

O desarranjo encantador a lembrava do jardim de rosas mal podado onde ela e Dare tiveram seus primeiros encontros amorosos. Ainda era cedo para as rosas desabrocharem, mas ela quase podia sentir a fragrância doce. Em um canto havia um banco de pedra, e no centro, uma estátua de mármore representando amantes entrelaçados.

Julianne enterrou-se no banco e ergueu o rosto para o sol. Por um momento sentiu-se com dezenove anos novamente, com uma paixão selvagem... sonhando tolamente em se tornar a esposa de Dare.

Ela nunca esperou se tornar sua esposa ou sua concubina. Quando ele chegou em Kent, ela não quis saber dele, pois não tinha desejo algum de se tornar a presa de um famigerado depravado. Sabia que Dare a via apenas como diversão e desafio, porque ela não se impressionara com seu título e podia se defender muito bem tanto dele quanto de sua prima arrogante. Certamente jamais sonhara que ele lhe pediria para se tornar sua marquesa. Em condições normais, só havia um tipo de futuro para um nobre libertino e uma jovem lojista, e casamento *não* estava no cardápio.

Ela fizera o possível para resistir ao sedutor marquês, mas gradualmente seu charme arrebatador e sua persistência minaram suas defesas, e ela se entregou de corpo e alma a ele. Fazendo um retrospecto, Julienne entendeu que seu coração não tivera qualquer chance desde que Dare pôs os olhos nela. Foi a proposta de casamento, no entanto, que a impeliu a finalmente acreditar em suas juras de amor, e a lhe entregar a virgindade, junto à promessa de se casarem.

Mas, muito subitamente, os sonhos românticos que eles nutriam se romperam e se despedaçaram aos seus pés, assim como seu coração.

Desde o primeiro momento em que ela soube a respeito das ameaças de seu avô de deserdá-lo, entendeu que não poderia se casar com ele. Ela não poderia permitir que Dare sacrificasse seu futuro por ela, sabendo que algum dia ele poderia se arrepender da precipitação, temendo que ele poderia culpá-la... Estremeceu diante da lembrança agonizante, e abaixou a cabeça, tomada de repente por uma onda de solidão que parecia inundar toda sua alma.

Alguns momentos depois, recuperou o controle de suas emoções. Julienne ralhava consigo mesma, não seria dominada por lembranças amargas que era melhor deixar no passado.

Quando se levantou para ir, contudo, encontrou Dare de pé na entrada do jardim recluso, inclinando-se indolentemente sobre a cerca viva. Por um instante, seu coração disparou com alegria, mas ela fez um esforço para se conter.

A expressão dele era um tanto enigmática, quando acenou em direção ao entrelaçamento selvagem do roseiral que cobria boa parte do matagal.

– Fiquei aficcionado por rosas depois daquele verão, então, quando me estabeleci nesta residência, mandei plantá-las aqui.

O coração dela se contorceu com o pensamento de que Dare quis um lembrete do período maravilhoso que passaram juntos, então

ficou aliviada pela distração que veio das exclamações distantes de alegria, quando um dos convidados marcou ponto.

– Eu preciso me juntar aos outros – ela disse, olhando para a entrada do jardim.

– Partindo tão cedo? – Dare disse, pachorrento, enquanto se afastava da cerca viva e gingava para perto dela.

– Não existe sentido em ficarmos juntos. Riddingham não está aqui para nos ver.

– Mas ele vai saber que nós dois estamos longe dos olhos, e o ciúme dele será instigado. Quanto mais mexermos com as emoções dele, mais provável será que ele cometa algum erro e nos mostre quem é. Fique um pouco.

Com relutância, Julienne assentiu, mas ela se afastou de Dare, avançando um pouco na passarela verde. Todo seu ser latejava em alerta diante dele.

Dare se sentou no lugar que ela deixara.

– Tem algum motivo para eu encontrá-la aqui sozinha? Você não quis saber do divertimento que eu providenciei?

Julienne deu de ombros.

– Eu acho que não estou acostumada a uma vida de lazer. Tudo o que seus convidados fazem é se divertir.

– A ideia de uma viagem é exatamente essa. E eu acho que você precisa de um feriado, já que trabalha tão duro.

– Mas eu gosto do meu trabalho.

– O que é que lhe apraz tanto nele? Achei que fosse pragmática demais para trabalhar com faz de conta.

A seriedade da questão a pegou desprevenida, mas ela franziu os lábios pensativa, tentando encontrar uma resposta honesta.

– É interessante se aprofundar em um papel. Tornar-se outra pessoa, para variar.

Ele a estudou atentamente por um longo momento.

– Escapar para a pele de outra pessoa?

– Sim – Julianne respondeu, surpresa pela percepção de Dare. Fingir ser outra pessoa afugentava seus demônios durante algum tempo.

Como ela não se estendeu na argumentação, a sobriedade do olhar dele esvaneceu, substituído por uma expressão levemente desapontada.

– Se você sente tanta necessidade de escapar, querida, então eu obviamente estou falhando como seu anfitrião. Estou vendo que terei que providenciar entretenimentos melhores a você.

Erguendo-se, ele começou a se aproximar dela.

– Eu não estou interessada no tipo de entretenimento que aparentemente você tem em mente, Lorde Wolverton – Julianne respondeu, dando um passo para trás.

A réplica dele tinha um tom divertido:

– E eu posso me conter, se esse cenário me faz ansiar por sexo devasso?

– Receio que não – ela disse, amarga. – *Qualquer* cenário faz você ansiar por sexo.

Com um sorriso charmoso, predatório, Dare continuou avançando. Com o coração martelando no peito, Julianne se refugiou em direção à estátua. A simples proximidade dele incitava uma faísca perigosa que lampejava nas extremidades de seus nervos, assim como a declaração que ele fez em seguida:

– Não tem nada que eu gostaria mais do que despi-la e deitá-la aqui, minha doce pérola.

– Eu já lhe disse antes, você não pode ter tudo o que deseja. O olhar dele era quente, carnal.

– Eu não quero *tudo*. Eu só quero *você*.

Julianne parou, com as costas contra o mármore frio, mas era o olhar de Dare que a imobilizava; ele a aprisionava em seu olhar aquecido.

– Você não tem pena de mim? – ele murmurou. – Eu estou sentindo uma dor profunda, e só você pode me oferecer alívio.

– Dare... – Ela estremeceu com o desejo que percorria o corpo dela, diante do olhar deliberadamente sedutor dele.

Quando ele se aproximou ainda mais, porém, e abaixou a boca para beijá-la, ela rapidamente desviou o rosto. Ela se recusava a beijá-lo. Os beijos dele eram perigosos demais, pois a machucavam, deixavam-na à mercê dele, ofegante.

Os lábios dele atingiram a bochecha, aconchegando-se ali.

– Dare, pare com isso!

– Eu acho que você luta mais contra si mesma do que contra mim.

– Ele passou a ponta de seus dedos pela nuca de Julienne, enquanto os dentes raspavam suavemente pela linha de seu pescoço, excitando-a contra sua vontade. Seu toque sensual falava de prazer além do que se podia imaginar, mas Julienne lutava desesperadamente para resistir.

– Eu não vou mais fazer amor com você! – ela protestou, com a voz já ofegante.

A resposta dele foi imediata e áspera.

– Você não precisa fazer nada. Eu posso me arranjar. Eu vou excitá-la só com minhas mãos e minha boca, minha adorada Julienne. – A voz dele ficou enlouquecedoramente sexual. – Eu quero ver quantas vezes posso fazer você gozar.

Enquanto ele falava, recuou um pouco e começou a desabotoar a frente de sua calça.

– Veja o que você fez comigo. – O amplo inchaço de sua virilidade saltou para fora, deixando-a sem fôlego. – Você me deixou queimando de vontade.

Julienne olhou fixamente para sua ereção flagrante, para a cabeça irrigada que brilhava sob raios de sol.

– Pelos céus, Dare... Não existe limite para a sua ousadia? O sorriso dele era largo, pervertido e lânguido.

– Praticamente nenhum.

Pegando em sua mão, ele guiou os dedos dela para seu membro inchado. Ela sentiu o desejo quente dele lambendo os sentidos dela, mas afastou a mão.

– Você deve ter perdido o juízo. Alguém pode vir pela passarela...

– Você consegue ver bem longe acima da cerca viva para avisar a tempo. E ninguém pode me ver ajoelhado.

A cerca viva era um tanto alta, Julienne considerou; eles só poderiam ser vistos dos ombros para cima.

Mas antes que ela pudesse responder, Dare se colocou de joelhos diante dela.

– Você disse que me queria de joelhos. Eu me sinto honrado em obedecer, por um momento.

Quando os dedos dele tocaram a barra de sua saia, Julienne compreendeu sua intenção.

Eles se olharam fixamente. Era uma batalha de ânimos, que ela temia estar perdendo.

Ela queria se afastar, mas não conseguia forçar a si mesma a se mover; o apelo dele era forte demais. Tudo em que ela conseguia pensar era o ardor selvagem entre suas coxas, um ardor que somente Dare poderia abrandar.

Como ela permaneceu paralisada, ele levantou a barra do vestido, removendo lentamente a musselina. Ele separou um pouco suas pernas, beijou a pele do interior das coxas, com os lábios chамuscando a pele dela.

– Dare... – ela rouquejou.

– Silêncio. Você vai gostar disso, eu prometo.

Tremendo, Julienne se viu incapaz de detê-lo. Dare era um especialista supremo na arte de fazer amor, um especialista em provocar sensações nela. O toque encantador de seus dedos justificava sua reputação de finesse e aumentava a necessidade latejante dentro dela, que crescia.

Os lábios dele traçavam um caminho úmido para cima, com sua língua lambendo sem pressa alguma a carne lustrosa de suas coxas. A respiração dela ficou entrecortada, desoladamente presa na teia de seus próprios desejos, enquanto ele erguia o vestido até seus quadris, deixando à mostra sua carne feminina. A respiração dele a queimava, e ela se agarrou à estátua. Sua excitação era explícita e pulsante, um fato que Dare logo notou.

– Eu ainda nem coloquei minha boca onde deveria, e você já está pingando de tão molhada – ele murmurou com satisfação.

Era verdade, Julienne admitiu. Ela só tinha que olhar para ele para se umedecer.

Ele gentilmente afastou suas coxas, eliminando qualquer chance de ela escapar.

– Essa é a sua punição – Dare disse, com voz rouca. – Arder como eu. Estonteado, ele olhou para baixo, para sua calça aberta. Sua ereção arremetia proeminente para cima, elevando-se acentuadamente enquanto a excitação dela aumentava.

Com lenta deliberação, ele a tocava com sua língua, apenas acariciando a extremidade de sua carne trêmula. Julienne ficava grata por a estátua suportá-la, pois do contrário ela provavelmente não conseguiria se manter em pé. Recostando-se nela, ela deixou a cabeça pender. Dare sabia exatamente como tocá-la de maneira a deixá-la indefesa, como afagar aquelas suas pétalas com a língua forte, como encontrar nela o gérmen do anseio por prazer.

Julienne choramingou enquanto ele a tantalizava sem descanso. Ela estava mais do que excitada. Então ele pressionou a boca bem firme de encontro a ela, sugando em um beijo, e os joelhos dela fraquejaram tanto que ela quase caiu.

As mãos dele se encaixaram em suas nádegas, sustentando-a, mantendo-a imóvel para seu prazer.

A respiração dela ficou falha. A boca dele era mágica pura, carinhosa e envolvente. A língua dele a golpeava fundo, fazendo-a se contorcer e arquear os quadris.

Era demais para aguentar, ainda assim ela rezava para que ele continuasse. Sem uma palavra, ele a atendia, prolongando seu êxtase.

A carne dela parecia prestes a queimar... o calor era tanto que Julienne pensou que iria desmaiar. Quando o clímax a atravessou, ele fez com que durasse, acentuando a tempestade devastadora até que ela desmoronasse desfeita sobre a estátua, com os olhos bem apertados.

Ele esperou um momento, enquanto o arrebatamento pulsante amainava. Então, com uma última carícia erótica de seus lábios, ele deixou o vestido dela cair.

Ainda recuperando o fôlego, Julienne permitiu que o olhar derivasse para baixo. Dare envolvia a mão em sua ereção e se bolinava, com estocadas em seu falo comprido e grosso, como ela gostaria de fazer.

Ele olhava para ela no alto, com os olhos queimando com uma paixão que ele não se esmerava em esconder, o rosto corado com seu estado quase orgásmico.

– Já que você não se apieda e alivia minha tensão...

Ele deixou a frase inacabada, quando sua expressão passou à quase dor. Ela pôde ver os nós de seus dedos contraírem enquanto ele apertava mais firme a sua ereção.

Um momento depois, um gemido estrangulado soou das profundezas de sua garganta, enquanto o jato veloz de sua ejaculação se esparramou pelos ramos do roseiral. Com um suspiro fundo, ele se enterrou de volta aos calcanhares, com os olhos cerrados.

– Um substituto pobre para a coisa real – ele murmurou, finalmente. – Mas era necessário.

Olhando para Julienne sem o menor traço de remorso ou constrangimento, ele retirou um lenço para limpar a evidência de sua paixão ardente e então abotoou a calça.

– Agora eu acho que podemos voltar com tranquilidade – ele disse, com um sorriso bem másculo.

O resto da viagem foi atordoante para Julienne, pois quando Dare estava perto, ela mal podia pensar sem se lembrar da sua carícia erótica. Ela lamentava o poder sexual que ele exercia sobre ela, e o tormento emocional que ele lhe causava era ainda mais perigoso. A alma dela estava ávida por intimidade havia anos, e ela se via ansiosa pela proximidade que uma vez tivera com ele. Dare era o único homem que já olhara para ela, para além do rosto e de sua figura, vendo a pessoa que ela era por trás. O único que se importara com seus verdadeiros sentimentos e pensamentos, que a fizera se sentir estimada como mulher e valorizada como amiga.

Agora, no entanto, ele não tinha outro interesse nela além de consumir sua vingança e descarregar suas necessidades físicas e usá-la para observar melhor Riddingham. Ela se apavorava ao pensar que Dare pudesse ser impiedoso ao tirar vantagens de sua vulnerabilidade, deixando suas emoções destroçadas e ameaçadas como antes.

Quando o golpe veio, no entanto, ela não estava preparada. No dia seguinte ao do interlúdio passional no jardim de rosas, a comitiva fez uma viagem curta até Brighton para conhecer Marine Parade e o famoso pavilhão que o príncipe regente havia ordenado construir. Depois saborearam um almoço sobre os penhascos, com vista para o mar.

Quando todos passeavam pelas trilhas dos penhascos, Julienne viu que Dare caminhava ao lado dela.

– Você parecia bem ligada a Riddingham hoje – ele observou, em um tom *blasé*. – Seu flerte com ele atingiu proporções épicas.

Ela lhe deu um olhar oblíquo. Desde a véspera, vinha devotando quase todas suas atenções ao visconde, por duas razões. Em primeiro lugar, porque flertar com ele a ajudava a combater a ameaça da sedução obstinada de Dare. E em segundo lugar, porque

ela esperava descobrir alguma coisa sobre o nobre que pudesse ser útil para a investigação de Dare. Se o traidor fosse desmascarado, ela teorizava, então Dare poderia sair de seu enalço e ficar longe de sua vida de uma vez por todas.

– Eu estou apenas mantendo o personagem – ela alegou, mas não de todo confiável. – Eu prometi a você que iria manter a nossa farsa, lembra?

– Sim, prometeu. – A boca dele se curvou, com um tom de voz de escárnio condizente. – Sinto-me grato por você não ter corrido para alertar Riddingham sobre minhas suspeitas.

Ela se sentiu tensa.

– Você realmente pensou que eu pudesse fazer isso?

– Vamos dizer que eu não estava certo de que poderia confiar em você, não mais do que você sente que pode confiar em mim. Mas você está fazendo um trabalho admirável em incitar os desejos dele.

– Não é possível que você esteja com ciúme – Julianne respondeu, com intensa doçura.

A chama escura que subitamente se acendeu nos olhos de Dare lhe disse que ela tinha atingido um nervo, com a acusação.

– Que instinto masculino primitivo, o ciúme. É algo que vou me empenhar para conter, em nome do dever. Eu quero muito que você encoraje Riddingham até a obstinação. Ele estará mais propenso a dividir seus segredos com você se estiver apaixonado.

– Presumindo que ele tenha segredos a compartilhar.

– Você está em uma posição excelente para descobrir isso. Ele está ávido para se tornar seu cavalheiro de companhia, e você poderia facilmente conceder isso a ele.

Julianne olhou para Dare com agudez.

– O que você quer dizer com isso? Você está sugerindo que eu o tome como amante?

– Esse pensamento me ocorreu.

Ela quase tropeçou ao olhar para Dare.

– Você quer que eu me *prostitua* por você?

– Por que não? – Suas sobrancelhas se ergueram cinicamente, apesar de haver uma artificialidade em seu olhar provocador que estava longe de ser condescendente. – Não deveria ofender à sua sensibilidade. Afinal, você tem uma experiência vasta na sedução de cavalheiros desavisados.

Batalhando para esconder sua dor, Julienne olhava para Dare sem expressão.

– Acredito que já tenha lhe contado antes, *eu* que escolho quem levo para a cama, e não é nem você nem ninguém mais.

Um sorriso frio surgiu nos lábios dele.

– Eu estou preparado para lhe recompensar financeiramente pela tarefa. Você pode se tornar uma mulher rica se jogar as cartas com sabedoria.

Uma dor percorreu Julienne como a lâmina de uma faca, fazendo-a silvar através dos dentes. Por um momento, ela não pôde sequer falar.

Mas então ela conseguiu reunir suas melhores habilidades de atuação e ofereceu um sorriso indiferente.

– Talvez eu realmente tome o Riddingham como amante. Eu não tenho dúvida de que ele possa ser um amante considerável... diferente de outros cavalheiros que eu poderia escolher.

Ela viu o brilho afiado de emoção que tremulou nos olhos de Dare.

Dor? Raiva? E ela soube que marcara um ponto.

Ignorando seu olhar causticante, ela apertou os lábios, pensativa.

– Pensando melhor, eu não acredito que farei isso. Se eu tomasse Riddingham como amante, ele sem dúvida esperaria que eu abandonasse minha aposta contra você, e eu não tenho intenção de deixá-lo vencer, Lorde Wolverton.

Julienne abandonou Dare e avançou pelo caminho, determinada veementemente a esconder a dor e a raiva. Ela conseguiu por algum tempo, mas quando alcançou Solange, ela estava quase cega de dor. Ela mal podia acreditar no quanto estava tremendo violentamente.

Ela balançou a cabeça diante do olhar questionador da amiga e se esforçou para manter a compostura, por mais que isso requeresse todo seu talento, para fingir que a sugestão de Dare não a havia ferido no âmago.

Ele pensava que ela era uma prostituta. E a pior parte era que ela não conseguia refutá-lo.

Julienne estremeceu, sentindo um calafrio súbito que desceu até os ossos. Ficou contente quando a tarde enfim terminou e pôde se refugiar em seu quarto. Desmoronando na cama, ela enterrou o rosto em um travesseiro e deu vazão a seus pensamentos angustiados.

Ela *havia sido* uma prostituta por um tempo. Pouco tempo depois que sua vida se abalara pelo escândalo e pela doença de sua mãe, que se agravou severamente, e ela teve que atuar para sobreviver. Para providenciar ajuda à *maman*, Julienne não teve escolha a não ser aumentar a renda, tornando-se concubina de um lorde de muitas posses.

Na primeira vez que entregou seu corpo por dinheiro, ela derramou lágrimas de agonia. Mas depois, trancafiou estoicamente suas emoções, determinada a persistir. O que facilitava era que seu protetor era um cavalheiro idoso e gentil, cuja compaixão e consideração ganharam seu respeito e sua atenção genuína. Ainda assim, houve tempos, durante esses anos difíceis, em que a vida doía tanto que ela queria morrer.

Lembrando-se, Julienne sentia uma dor percorrer seu peito, como se seu coração sangrasse. Ela se forçava a continuar porque sua mãe precisava dela. Por pura autopreservação, no entanto, conseguiu escapar em um papel que criara para si mesma, o de uma atriz cosmopolita e sofisticada, que vencida os infortúnios ao rir na cara do destino. E ao agir assim, ela descobria reservas de energia que nunca pensou que possuía.

Depois que sua mãe morreu, ela felizmente não se forçou mais a se vender para levantar fundos de que antes necessitava

desesperadamente. Ainda assim, às vezes não podia evitar o sentimento amargo por ter se condenado a uma vida dura com pouca chance de um futuro respeitável.

Contendo lágrimas dolorosas, Julienne rolou na cama e fixou os olhos no teto. Talvez ela jamais tivesse as coisas que eram tão comuns a muitas mulheres: um marido, um lar, filhos... amor. Ela certamente não sentiria por mais ninguém o mesmo ardor que havia sentido por Dare. O desejo que ela ainda sentia por ele.

Ela tentou uma vez. Dois anos depois que sua mãe morreu, ela amou um homem em seus próprios termos. Um outro ator. A doce paixão dele a satisfazia fisicamente, mas ele nunca a excitava com aquele tipo de fome quente, intensa e avassaladora que conhecera com Dare. E faltava intimidade. Ela ficava sedenta por uma proximidade emocional que ia além do sexo, um terno preenchimento que transcendesse o corpóreo.

Eventualmente ela rompeu com esse caso, sem vontade de se contentar com menos. Amor carnal, ela descobrira, não podia aliviar a verdadeira solidão da alma ou aplacar a necessidade de amor real, e ela não iria mais tentar forjar um substituto.

Desde então, ela manteve seu coração e sua cama vazios, e até mesmo encontrou alguma paz com essa decisão. Ainda assim, ela jurou que não iria mais se obrigar a persistir com um protetor. *Por isso* que ela estava tão determinada a ganhar uma renda substancial com suas atuações: para que nunca mais precisasse se prostituir. Para que ela pudesse ter a independência que apenas a fortuna poderia providenciar. Com dinheiro o suficiente, ela estaria livre para fazer suas próprias escolhas.

Mas agora Dare oferecia-lhe dinheiro para que se prostituísse para ele. A dor a atingia de novo ao pensar nisso.

Furiosa, Julienne enxugou as riscas úmidas de suas bochechas, lembrando-se de que Dare não era mais do que um perverso libidinoso e egoísta do inferno. E nesse sentido, ela estava contente

por ele ter feito essa sugestão dolorosa, para ajudá-la a renovar sua determinação.

Ela pretendia vencer a maldita aposta. Mesmo que isso exigisse a última reserva de sua energia, ela teria o coração dele em uma bandeja. Dare tinha tanta convicção de que iria conquistá-la, mas ela iria mostrar o contrário. Se ele queria uma guerra de ânimos, era o que teria. Ela só precisava, simplesmente, se proteger. Ela iria reunir todos seus poderes de sedução para tê-lo sob seu domínio... Ela iria esperar até que ele declarasse publicamente seu amor e lhe concedesse a vitória. Então ela iria esmagar o coração dele sob o salto do sapato, sem piscar.

Somente então a aflitiva farsa deles chegaria a um fim e ela poderia tirar Dare de sua vida para sempre. Finalmente se livraria dele. E era isso o que ela queria desesperadamente.

Não era?

Capítulo Oito



Dare jamais conheceu frustração maior. Ele estava de volta a Londres fazia três dias, depois de terminada a festa no campo. Não apenas lhe faltava qualquer pista para a identidade de Caliban como também não avançara nada em sua aposta com Julienne. E com jogo ou sem, ele a queria em sua cama.

Tentar levá-la voluntariamente ao seu leito, no entanto, estava se provando um exercício de futilidade. E também parecia claro que sua sugestão de pedir a Julienne que empregasse seus encantos para desenterrar segredos do Riddingham não ajudara muito.

Ele não pretendia dar um passo em falso como esse, mas seus instintos possessivos masculinos interferiram em sua razão. Julienne o acusou de ter ciúme, e estava certa. O sangue dele ferveu naquele dia no penhasco, ao ver Riddingham incitar nela uma onda de risada rouca. A cena o inflamara, suscitando memórias amargas de sete anos atrás, da descoberta de Julienne e Ivers juntos, a revelação de que eram amantes. Momentaneamente cego pela raiva, Dare acabou descontando nela, oferecendo um incentivo financeiro que a maioria das atrizes teria aceitado com prazer. Mas não Julienne. Ela parecia ter ficado perplexa e até mesmo ofendida com a proposição.

O alívio dele com a recusa foi arrebatador. Ele não queria Riddingham nem qualquer outro homem tocando-a. E Dare sabia que jamais poderia se perdoar caso seu ressentimento impulsivo a tivesse levado aos braços do rival.

Mas ele não podia negar o vasto sentimento de alívio por Julienne não ter contado a Riddingham sobre sua investigação. A abstenção dela não provava totalmente sua inocência, era claro, mas estava parecendo cada vez menos que ela era cúmplice do traidor.

Depois que propôs que ela seduzisse o visconde, a mudança em Julienne foi notável. Desde a volta a Londres, Dare continuou sua persistente cruzada de cortejo público a Julienne – no teatro, durante outra *soirée* no salão da Madame Brogard e como membro de uma comitiva que acompanhou Julienne ao British Museum para visitar uma exposição. Mas se antes Dare detectava um traço de vulnerabilidade, de doçura em seus olhos negros sempre que ela estava com ele, agora ela estava distante e calculista como qualquer cortesã.

Quando ele lhe entregou um cheque bancário de mil libras – o ganho dela por participar de sua festa no campo – ela o escondeu entre os seios com um sorriso sedutor, levemente irritadiço, o que lhe causou uma ereção imediata.

Ele nunca tinha visto este lado dela, nunca ela tinha se comportado de maneira tão libertinamente provocante. Julienne tinha flertado e o provocado impiedosamente, embora mantendo-o à distância de um braço.

Aquilo o estava enlouquecendo.

E ele só podia culpar a si mesmo, Dare sabia disso. Sua joia se tornara o grande nome nos palcos, em parte por causa da obsessão dele. Tornava-se difícil se infiltrar no meio de seu séquito costumeiro por tempo o suficiente para falar com ela.

Então, quando conseguiu persuadi-la a levá-la a um passeio de sege no parque na tarde seguinte, Dare sentiu que era uma grande vitória.

Ele chamou Julienne em sua acomodação na Montague Street, mas ela o deixou esperando por vinte minutos antes de finalmente aparecer. Mais uma provocação deliberada, ele não tinha dúvida.

A pulsação de Dare acelerou ao vê-la, e ela parecia tão viçosa e adorável. Seu vestido de passeio de musselina amarela clara e a jaqueta curta verde como folha o faziam pensar em primavera, por mais que o dia de abril fosse fresco e nublado.

– Miss Laurent, você me deixa sem fôlego – ele disse, ao tomar sua mão e conduzi-la à sege de duas rodas.

Ela lhe deu um sorriso sedutor.

– Minha intenção certamente é essa, milorde.

– Eu pensei que estávamos acima desses termos formais. Meu nome é Dare.

– Eu nunca presumiria ser tão familiar – ela respondeu, escarnecendo um pouco.

Contradizendo suas palavras, no entanto, deixou seu olhar sensual percorrer o peito dele até a barriga, demorando-se em sua virilha. Dare sentiu que ela iria avançar com a mão sobre ele. Todos os músculos de seu corpo se comprimiram com o calor que ela causou com um simples olhar.

Ele não tinha certeza, Dare refletiu ao assumir o assento ao lado dela, de que gostava dessa nova joia, sedutora. E não era simplesmente por colocá-lo na defensiva. A amabilidade dela de alguma forma continha uma nota falsa que o fazia crisar a boca. Ele tinha o sentimento distinto que estava lidando com uma mulher enfurecida – e que aquela fúria não seria aplacada facilmente.

Julienne teria concordado, se tivesse acesso aos pensamentos de Dare. Ela estava mais determinada que nunca a fazê-lo entregar o coração, que ele alegava que ela tinha partido. No entanto, Julienne não estava tão confiante quanto parecia. O toque de Dare, quando a ajudava a entrar na sege, deixou seus dedos formigando debaixo da luva. E quando ele se instalou a seu lado, ela podia sentir a firmeza de sua coxa ao roçar na dela, através das camadas de roupas.

Para seu desespero, quando ele se inclinou para pegar as rédeas, o braço forte do marquês resvalou em seu peito, fazendo seus mamilos enrijecerem instantaneamente. E o brilho conhecido em

seus olhos lhe diziam claramente que a intimidade dele era intencional.

Ela se recusava, de qualquer modo, a deixá-lo vencer. Recusava-se a ser o tipo de mulher sem sagacidade que se deixa derreter desoladamente em seus braços. Quando Dare colocou a sege em movimento, Julienne lhe devolveu na mesma moeda; ela pousou sua mão enluvada na coxa dele, como que se equilibrando.

Quando ele silvou um suspiro entre os dentes, ela teve que abafar um sorriso de gratificação.

– Se você não quer que eu dê meia volta nesse veículo – ele observou, prazenteiro – e a carregue de volta aos seus aposentos e a devore pelo resto da tarde, eu sugiro que você remova a mão da minha perna imediatamente.

Julienne obedeceu, mas arqueou uma sobrancelha.

– Você acha que eu permitiria tal ato de barbarismo, sendo que não irei permitir nem que você me beije novamente?

Ele lhe enviou um olhar divertido.

– Minhas desculpas se eu não levo suas ilusões muito a sério. Não existe dúvida de que vou fazer amor com você de novo. E, quando eu fizer, você estará mais do que disposta, estará implorando.

A arrogância dele fez Julienne sentir uma comichão para fazê-lo abaixar a crista.

– A essa altura você deveria estar consciente do perigo de se tornar meu amante. E se você realmente se apaixonar por mim?

Dare não tinha nenhuma resposta espirituosa com que retorquir.

Em vez disso, franziu o cenho e se concentrou nas rédeas.

A tarde ainda estava na metade quando chegaram ao parque. Julienne não poderia marcar aquele passeio para mais tarde, pois tinha uma performance teatral agendada para aquela noite. Quando chegaram à pista do Hide Park, o local já estava amontoadado de cavaleiros e carruagens de todos os tipos. No entanto, Julienne descobria, eles eram o único foco de incontáveis pares de olhos.

Ao que parecia, Londres toda estava assistindo à dança de acasalamento deles.

– Fico impressionada – Julianne disse, compondo um sorriso para esconder sua exasperação –, como a sua aposta ridícula criou um interesse fanático pelo nosso caso. Isso se amplificou até o ponto do absurdo.

– Mas a cidade adora um espetáculo – Dare respondeu. – Particularmente uma batalha entre oponentes de valor. E eu diria que nós estamos à altura um do outro: a atriz estonteante e o notório libertino do inferno. Mas por enquanto as bancas de aposta estão dando vantagem a mim.

Felizmente ela não teve que pensar em uma réplica, pois foi saudada por um de seus admiradores.

Eles avançavam em ritmo de caracol, pois ambos eram cumprimentados continuamente por conhecidos. Um pouco adiante, ela ouviu Dare praguejar baixinho quando cruzaram com Riddingham em sua própria sege.

O visconde parecia deveras aborrecido ao vê-los juntos, quando parou seus cavalos. Depois das cortesias iniciais, Riddingham ignorou Dare e se dirigiu a Julianne.

– Eu espero que a senhorita me permita levá-la a um passeio amanhã, Miss Laurent. Nós podemos experimentar minha nova parelha. – Ele acenou em direção aos cavalos, dois baios parecidos que pareciam jovens e impacientes e não queriam ficar parados.

– Eles são muito bonitos – Julianne disse, com sinceridade.

– Eles são ótimos, mas excessivamente rápidos.

– Eu não diria isso – Dare interrompeu. – O que o senhor acharia de colocar isso à prova?

– À prova? O que o senhor está sugerindo?

– O seu par contra os meus cinzentos.

– O senhor está propondo uma corrida? – Riddingham perguntou.

– O senhor parece surpreso.

– Talvez o senhor não esteja a par, Wolverton, de que eu sou um membro do Four-in-Hand Club?

O clube, Julianne sabia, era composto de condutores de elite que organizavam corridas regulares para exibirem seus talentos de direção.

– Eu estou a par – Dare disse, secamente. – E a sua expertise sem dúvida continua insuperada. Mas eu creio que posso encontrar espírito esportivo o suficiente para que a corrida valha o seu tempo. Para torná-la interessante, eu proponho que cada um tome uma passageira, a dama de sua escolha. Eu pretendo convocar a Miss Laurent, então não se dê ao trabalho de convidá-la. Mas eu estou certo de que a Miss Upcott concederia a honra ao senhor.

Fanny Upcott era a atriz de Convent Garden que Dare convidara para sua festa na casa de campo.

– Nós podemos correr até Hampstead Head, se o senhor concordar

– Dare continuou. – A estrebaria de Primrose Hill poderia ser um bom lugar para começar. A distância até a Taverna Blue Boar deve ser de quanto... oito quilômetros? O vencedor ganha o jantar no Blue Boar. O que o senhor me diz, Riddingham? – Quando o visconde hesitou, Dare acrescentou, com um sorriso: – Certamente eu não sou tão intimidante a ponto de fazê-lo recusar o desafio, não é?

– De maneira alguma – Riddingham disse, prontamente. – Muito bem, eu vou correr contra o senhor. A não ser que chova, nós nos encontraremos às dez horas amanhã em Primrose Hill.

– O senhor mesmo falará com Miss Upcott, ou precisa que eu lhe passe o recado em seu nome?

– Eu mesmo falo – Riddingham disse, cortante, antes de voltar sua atenção a Julianne. – Estou ansioso para ver sua interpretação de Ofélia de *Hamlet* nesta noite, Miss Laurent...

Dare concedeu a ela apenas o mínimo de tempo para responder antes de pedir licença e seguir conduzindo sua sege, parecendo um

bocado satisfeito consigo mesmo.

– Que diabos foi isso, desafiando-o para uma corrida de sege? – Julianne perguntou em um tom aborrecido, quando estavam fora do alcance de outros ouvidos.

– Estou apenas querendo temperar um pouco as coisas – Dare respondeu, suavemente.

– Você está muito confiante ao presumir que eu vou acompanhá-lo. Você está muito enganado se pensa que pode me ter à disposição para o que quiser.

– Eu garanto que não penso dessa maneira, *chérie*.

– Mas é sem dúvida o que parece. Você não me deixou possibilidade de recusar. Suas táticas desleais são deploráveis, Dare.

– Você nunca ouviu o adágio de que tudo é válido na guerra e no amor? A indiferença dele a enojou.

– Mais uma vez você está assassinando as citações! Dare a olhou com um olhar inocente.

– Você não sabe que vai ficar com rugas prematuras nos olhos se continuar com essas carrancas selvagens de reprovação?

– Dare!

A expressão dele ficou sóbria, diante da raiva genuína dela, e ele parou a sege, dando-lhe atenção total.

– Perdoe-me, minha pérola. Estou sendo genuinamente sério apesar da minha provocação lamentável. Eu preciso desesperadamente da sua ajuda com o Riddingham. Eu lhe imploro, por favor, por favor, concorde em me acompanhar na corrida amanhã?

Um pouco amolecida por seu arrependimento aparentemente sincero, Julianne ergueu uma sobrancelha.

– Desesperadamente?

Um brilho de humor se acendeu nos olhos dele.

– Sim, desesperadamente.

– Muito bem. Eu concordo em ajudá-lo. Mas na próxima vez você precisará ponderar antes de me recrutar para seus jogos

infames.

– Obrigado, meu amor. – Transferindo as rédeas para uma mão, ele ergueu os dedos dela aos seus lábios. O olhar lânguido e sufocante naqueles olhos a deixaram fraca, aumentando a vontade de tê-lo a seus pés ou... na sua cama.

Extremamente embaraçada, Julienne retirou a mão.

– Você está tentando me seduzir para me tirar o mau humor? – Ela murmurou.

O sorriso rápido dele tinha algo de rebelde.

– Mas é claro. Eu consigo as coisas ao meu jeito com muito mais facilidade quando eu seduzo.

Julienne ergueu os olhos para o céu e contou até dez antes de responder.

– Se é assim, por que você não usa seus poderes de sedução no Riddingham? Por que eu sinto que você está sempre tentando irritá-lo?

– Eu contei a você, para deixá-lo nervoso e provocar um erro dele.

– Mudando a atenção para os cavalos, Dare pôs o veículo em movimento novamente. – De fato... nós temos tão poucas pistas que nos levem ao Caliban que eu decidi mudar as táticas completamente. Remar para outra direção.

– O que você quer dizer?

– Eu vou anunciar publicamente que estou caçando o traidor. Julienne franziu o cenho diante dessa revelação.

– Isso não seria potencialmente perigoso? Se o Caliban é cruel como você diz, você não estaria se transformando em um alvo dele?

– Pode ser vantajoso me arriscar, se eu puder desmascará-lo. – Quando ela ficou em silêncio, Dare lhe disparou um olhar oblíquo. – Será possível que você esteja preocupada com minha pele, amor?

Ela estava gravemente preocupada, apesar de não ter intenção de admiti-lo.

– Mas é claro – ela respondeu, suavemente. – Se alguma coisa desfavorável acontecer a você, então não vou ter a chance de vencer nossa aposta.

Para a surpresa dela, a expressão de Dare ficou intensamente sombria.

– Isso é um pouco mais sério do que nossa aposta. Três semanas atrás uma jovem foi encontrada afogada. Ela era dama de companhia da Lady Castlereagh.

Julienne ouviu com choque e horror enquanto ele lhe contava sobre a morte de Alice Watson e os motivos pelos quais ele acreditava que ela tinha sido seduzida para obter acesso às cartas do Lorde Castlereagh e então assassinada.

Com sobrancelha franzida, Julienne observou o rosto de Dare.

– Você realmente pensa que Riddingham pode ser tão abominável a ponto de matar uma jovem inocente?

– Eu não sei. Mas seria bom descobrir ao menos se ele conhecia Alice Watson, e se ele teve a oportunidade de cortejá-la. Eu daria um dedo para saber onde ele estava no sete de março, quando ela foi assassinada. Isso poderia provar, ou até mesmo refutar, a cumplicidade dele.

– Tem alguma coisa que eu possa fazer? – Julienne ofereceu. – Talvez eu pudesse perguntar discretamente ao Riddingham e ver o que descubro.

– Não – Dare disse, cortante. – Eu cuido disso. Ele sentiu que Julienne o examinava.

– Alguns dias atrás você sugeriu que eu o tomasse como amante para tentar desenterrar os segredos dele.

– Alguns dias atrás eu estava agindo como um imbecil ciumento.

– E agora não está?

A boca dele se curvou em um sorriso relutante.

– Eu admito que procedo com uma certa possessividade quando se trata de você. E ciúme não é meu único motivo para declinar da sua oferta para investigar. Se Riddingham é um assassino, eu não

quero que você fique perto dele... É melhor você se vestir para o frio amanhã – Dare avisou, mudando de assunto. – O vento vai estar infernal com a velocidade que eu pretendo alcançar na corrida.

Ela suspirou.

– A que horas eu devo estar pronta?

– Eu vou buscá-la às nove e meia... A menos que você me convide para passar a noite com você, para pouparmos tempo...

– Você *nunca* desiste? – Julienne disse, com exasperação.

– Nunca – Dare retorquiu, com uma risada divertida.

O resto do passeio foi cumprido em relativa harmonia. E quando Dare a levou de volta ao seu alojamento, ele apenas beijou seus dedos novamente. Mas ele queria fazer mais. Muito mais.

Claramente, no entanto, Julienne não estava no mesmo estado de espírito, Dare refletiu, irritado, enquanto levava a sege embora. Seus poderes de sedução jamais se mostraram tão ineficazes.

Ele não estava chegando a lugar algum com ela, certamente não onde ele gostaria, que era na cama, com ela nua embaixo dele, as pernas envolvidas em sua cintura. Ele estava começando a ser perseguido por imagens mentais dele fazendo amor com ela de novo.

Só havia uma vantagem no impasse corrente deles, Dare considerou. Depois da traição dela, tantos anos atrás, ele se manteve adormecido por dentro, mas agora ele se sentia ávido, vivo, com todos os sentidos à flor da pele. Acordava a cada manhã cheio de expectativa para o dia, contando os momentos para ver Julienne.

Ao pensar nisso, Dare praguejou. Ela estava certa nesse quesito: Julienne era um perigo supremo para ele. Ele estava se apaixonando por ela novamente, querendo ou não.

Dare repreendeu a si mesmo, precisava assumir o controle de sua obsessão crescente por sua pérola, sua joia mais preciosa. Ele precisava provar que podia satisfazer sua tentação ardente de outras maneiras.

Dessa forma, naquela noite, visitou mais uma vez a viúva Dunleith. A recepção morna dela não deveria surpreendê-lo. Louisa claramente não gostava de fazer o violino de acompanhamento para um spalla, no caso, Julienne, e o ciúme dela transpareceu em cada afirmação cortante que ela fez durante o jantar. Então Dare saiu logo depois, sem sequer um beijo, apesar de saber que poderia ter superado a resistência dela com seu charme. A maioria das mulheres permitia qualquer coisa que ele quisesse, quando ele se dispunha a lhes dar prazer.

O problema era que ele não queria a maioria das mulheres. Sexo com qualquer uma que não fosse Julienne o fazia sentir-se só e vazio.

Cada vez que tocava uma mulher, ele estava em busca da intensidade fabulosa e primitiva que uma vez tivera com ela – sem jamais encontrar. Não importava quantas vezes ele quisesse esquecê-la, o ardor cheio de saudade permanecia.

Ele tentava dizer a si mesmo que o sentimento vinha da frustração sexual. Ele não estava acostumado com abstinência, e não gostava. Assim como também não gostava de batalhar para achar seu espaço no meio da fila de jovens tolos românticos que estavam sempre suspirando ao lado de Julienne.

Ele temia muito que essa frustração o levasse a fazer algo destemperado, como espancar o primeiro homem que visse cortejando-a.

Ele quis fazer isso, mais cedo naquele dia, quando flagrou Riddingham de olhos fixos nos seios cheios e empinados de Julienne. Ele quis arrancar o visconde de sua sege e triturá-lo com os punhos...

O que mais o enervava, contudo, era a afeição que Julienne parecia ter por aquele homem, enquanto *ele* só despertava nela reações defensivas e irritadas.

Assassino trapaceiro ou não, Dare pensava, ao se revirar e remexer em sua cama solitária, o Visconde Riddingham precisaria

tomar cuidado com ele.

O dia seguinte, início de primavera, amanheceu limpo e agradável. Apesar de sua reserva, Julienne pôde aproveitar o passeio curto para Primrose Hill, ao norte da cidade. Ela estava vestida para o frio, como Dare sugerira, com um traje para equitação de veludo verde. E estava com uma manta de viagem sobre o colo, para protegê-la dos resquícios de frio matinal. Riddingham já estava esperando-os quando eles chegaram ao pátio abarrotado da estrebaria. Miss Upcott estava a seu lado, vestida com um traje em carmim, um boné de pala larga, que Julienne suspeitou que iria reter um bocado de vento assim que a corrida começasse.

Como era de se esperar, um grande número de espectadores se reuniu para ver, como ela notou enquanto Dare passava pelo meio de um amontoado de veículos. Havia muitas carruagens, ocupadas tanto por damas quanto por cavalheiros, e mais de uma dúzia de rapazes com espírito esportivo nos dorsos de cavalos. Os apostadores zanzavam rápidos e furiosos, a maioria apostando em Dare.

– Será que nós também não deveríamos firmar uma aposta? – Dare perguntou ao Riddingham, enquanto emparelhavam suas segas. – Vamos dizer, mil libras?

– Eu dobro a aposta – Riddingham vociferou, evidentemente de mau humor. – Dois mil farão com que valha a pena.

Julienne ouviu Miss Upcott engasgar com a quantia da aposta, e ela mesma balançou a cabeça ao ouvir as somas exorbitantes que aqueles nobres endinheirados desperdiçavam sem qualquer comedimento.

– Como queira – Dare respondeu, sem hesitar. – O primeiro a chegar à Taverna Blue Boar vence.

Em pouco tempo, as apostas se encerraram e o pátio, que estava congestionado, desobstruiu, pois os espectadores queriam estar na linha de chegada. Para dar algum tempo de vantagem à multidão,

Dare ordenou um aperitivo ao estribeiro, e ele e Julienne tomaram uma cidra aquecida enquanto seu rival ficava visivelmente impaciente.

Eles tinham acabado de devolver as canecas, quando a sege de Riddingham arremeteu para frente e ele conteve firme as rédeas, claramente em dificuldade para controlar o ímpeto de seus baios. Com um aceno de braço polido, Dare incitou o visconde a seguir adiante e sair do pátio.

Os dois homens viraram para a estrada, com Riddingham à frente.

– Você está preparada? – Dare perguntou a Julienne, enquanto punha sua parelha em um galope leve, assim como Riddingham, adiante.

– Sim.

– Que bom. Isso vai ser um prazer.

Julienne manteve-se em silêncio para que Dare pudesse focar sua atenção nos cavalos. Ele era um excelente condutor, ela sabia, observando enquanto ele atingia a mesma velocidade da sege que ia na dianteira.

Dare precisava se concentrar na estrada que se estendia adiante, mas ela podia observar a vista do campo ao redor. A vasta área de charneca se espalhava por morros arenosos e vales de difícil acesso, e Julienne via a paisagem verdejante como um borrão corrido, enquanto percorriam velozes a estrada. Com o vento no rosto, ela estava feliz por estar usando um barrete pequeno na cabeça em vez do boné com aba larga e alta que a outra atriz escolheu. Ela via que Miss Upcott tinha dificuldade para manter o chapéu no lugar com uma mão, enquanto se segurava no apoio da sege com a outra.

Eles contornaram a vila de Hampstead antes de chegarem à charneca em si, com trechos de erva-santa e grama, além de numerosas árvores. Dare se inclinou um pouco para a frente, com os olhos presos à estrada e ao oponente, e deixou os cavalos correrem à vontade.

Julienne sentiu uma corrente de entusiasmo quando eles avançaram. Havia um certo perigo na corrida, com as curvas e buracos e a possibilidade de colidir com uma carruagem próxima. Mas ao ver as mãos enluvadas de Dare controlarem com maestria seus cinzentos, incitando-os a uma grande velocidade, ela sentiu uma confiança completa nele e em sua habilidade.

Adiante, Riddingham também estava dirigindo com evidente destreza. Julienne duvidava que qualquer uma das parelhas pudesse manter aquele ritmo brutal, mas no momento estavam correndo com força, sem mostrar qualquer sinal de fadiga. E os cinzentos do marquês estavam, aos poucos, ganhando terreno.

A estrada começava a ficar mais estreita, com valas de ambos os lados, mal permitindo espaço suficiente para dois veículos. Mas quando Dare sorriu para ela, ela percebeu que seu parceiro iria tentar uma ultrapassagem. Ele estava completamente cheio de si.

– Segure-se – ele gritou, mais alto que o vento assobiante e os cascos dos cavalos.

Ela obedeceu, embora murmurasse uma oração silenciosa.

Riddingham bloqueou suas tentativas. Julienne piscou e abaixou a cabeça para evitar os pedaços de terra e lama que os cascos dos baios atiravam.

Aceitando pacientemente a tática de seu oponente, Dare aguardou até que uma curva fechada surgisse adiante. Então ele fez a curva fechada com destreza, enquanto que a sege de Riddingham entrou na curva aberta. Com um olhar calculado, Dare fustigou e exigiu uma arrancada rápida de seus cavalos. Os cinzentos elegantes dispararam para frente, com passos largos que pareciam engolir o chão.

Eles estavam quase empatados quando uma roda da sege de Dare passou por um atoleiro. O veículo sacudiu de maneira insana, e Julienne ofegou, segurando-se ao seu assento em desespero. Os cinzentos estranharam o peso oscilante às suas costas, mas Dare os

manteve firmes, acalmando-se até que respondessem ao seu controle.

Ao seu comando, eles aos poucos voltaram a avançar e logo as duas parelhas estavam correndo cabeça a cabeça.

Julienne não soube ao certo o que aconteceu em seguida, mas ela ouviu o arranhar de metal enquanto as seges tocavam as rodas. Os dois veículos sacudiram com o contato, e ela se viu atirada a Dare. Então, ouviu um xingamento abafado dele e deu um jeito de se aprumar. Mas quando aconteceu novamente, ela notou que Riddingham deliberadamente atirava a sege contra eles, na tentativa de tirar o veículo de Dare da estrada.

Julienne sabia que era uma manobra com um perigo insano, e quando se chocaram pela terceira vez, as rodas quase travaram, e tanto os condutores quanto os passageiros quase voaram dos assentos. Miss Upcott gritou e se pendurou em Riddingham, enquanto Dare xingava vividamente.

A boca dele se estreitou em uma linha tensa, Julienne notou, ao lhe dar uma olhada nervosa. Ele tentaria passar mais uma vez, ela tinha certeza, mas então eles passaram por mais uma curva e, de repente, avistaram a carroça de um fazendeiro adiante, bem no caminho deles.

Para a sua surpresa, Dare afrouxou as rédeas e diminuiu o passo.

– O que você está fazendo? – ela perguntou, sem fôlego, enquanto diminuía para um trote.

– Eu gosto de vencer, mas não colocando sua vida em risco. Eu também não quero machucar meus cavalos.

Julienne suspeitou que em uma batalha de nervos simples contra Riddingham, Dare teria forçado a mão, mas ele tinha que considerar a segurança dela também, e estava francamente grata por sua prudência, mesmo que custasse a vitória na corrida.

Mas Dare aparentemente não tinha intenção de desistir.

– Segure-se firme – ele ordenou, guiando a sege da estrada para uma trilha estreita.

Julienne viu a expressão de espanto de Riddingham ao olhar para eles, e ela escondeu seu próprio assombro quando percebeu que Dare pretendia guiar a sege pelo meio do campo.

Era um percurso dado a solavancos, mesmo com ritmo mais lento, e Julienne temeu que um eixo ou uma das rodas se quebrasse, enquanto sacolejavam no chão irregular, mas ela se agarrou, bem determinada, ao seu assento chacoalhante. O percurso arriscado de Dare diminuía cerca de oitocentos metros da rota planejada, permitindo que chegassem ao pátio da taverna um minuto inteiro antes de Riddingham, sob um coro de gritos e saudações da multidão ali reunida.

Dare fez com que os cavalos parassem completamente e esperou até que um criado da estrebaria corresse até eles antes de puxar Julienne para seus braços, pegando-a completamente desprevenida.

– Você está bem? – ele perguntou. Antes que ela pudesse reagir, ele cobriu a boca dela com a dele e exigiu um beijo ardente.

Aquilo a chocou momentaneamente e a deixou imóvel, enquanto o calor a tomava.

– Deus – Dare murmurou, afastando-se apenas um pouco. – Aquele maldito insensato poderia ter matado você.

A emoção flamejava em seus olhos profundos, mas Julienne não saberia precisar a causa, se o alívio por terem sobrevivido ao perigo, o entusiasmo pela vitória na corrida ou o prazer de beijá-la. Talvez os três.

Para a alegria dos espectadores, Dare a fez se aproximar ainda mais e inclinou sua cabeça outra vez. Julienne queria recusar sua paixão impetuosa, mas a respiração dela falhava com a forte arremetida de sua língua. Os lábios dela se abriram por conta própria, e ela suspirou, rendendo-se ao ardor crescente.

Ela ainda estava beijando-o quando Riddingham adentrou o pátio. Percebendo o mundo à sua volta com consternação súbita, Julienne se libertou dos braços de Dare.

Ao notar o tom de triunfo em seus olhos fumegantes, começou a se perguntar se ele tinha propositalmente clamado um beijo da vitória na frente da multidão para sugerir que tinha vencido a aposta, ou mesmo para provocar seu adversário. Essa possibilidade a envergonhava.

O olhar acintoso que Dare lançou ao Riddingham, contudo, fez com que ela temesse pela segurança do visconde. Riddingham, no entanto, também parecia furioso, Julianne não saberia dizer se por ter sido superado na corrida ou pelo beijo.

Miss Upcott, por sua vez, estava lívida. Claramente abalada, desceu da sege sem assistência, e ficou tremendo no pátio.

Riddingham mal notou sua passageira, olhando com ódio para seu oponente.

– O senhor conseguiu vencer, Wolverton, mas de maneira desonesta. Sair da estrada foi trapaça.

Ao lado de Julianne, Dare não se alterava.

– Eu acredito que nossa aposta era sobre quem chegaria primeiro à taverna. Mas já que estamos discutindo manobras desonestas, o que o senhor pretendia ao praticamente nos forçar a sair da estrada? Poderia ter matado a todos nós com aquela acrobacia sem sentido.

O rosto de Riddingham ficou ainda mais sombrio.

– O senhor vai se arrepender disso, Wolverton – ele vociferou, obviamente relutante em admitir que seus próprios atos inescrupulosos lhe custaram a corrida e a aposta de duas mil libras.

Para arrebatamento de Julianne, o visconde subitamente fustigou seus cavalos e se retirou dali.

A ira de Dare parecia ter diminuído levemente com a fúria do rival.

– Pelo menos nós ainda temos o jantar à nossa espera – ele murmurou secamente.

Ele lançou um olhar solícito para a passageira abandonada de Riddingham.

– A senhorita está bem, Miss Upcott?

Ela levou uma mão à boca e sacudiu a cabeça.

– Eu acho que estou passando mal...

Virando-se, ela foi tropeçando até a estrebaria.

Com um xingamento leve, Dare saltou de sua sege. Quando ele se ofereceu para assistir Julienne a descer, contudo, ela recuou, com um olhar de exasperação arredia.

– Eu não estou tão impressionada pelas suas táticas desleais – ela declarou em um sussurro contido. – Você nunca parou para pensar que devastar o orgulho de Riddingham não é maneira de persuadi-lo a divulgar seus segredos?

Dare firmou a vista, surpreso.

– Eu devastei o orgulho dele?

– Sim. Vocês parecem dois meninos tolos, lutando por um prêmio. Mas você poderia encontrar uma maneira mais inteligente de lidar com ele.

– Eu mal consigo aventar...

– Por favor, poupe o discurso e vá oferecer suas desculpas à Miss Upcott.

Agarrando as rédeas, Julienne ordenou ao criado da estrebaria que se afastasse. Quando ele obedeceu, ela avançou com os cavalos cinzentos em um trote ligeiro.

Julienne quase pôde sentir a estupefação de Dare quando saiu do pátio. Quando ele gritou atrás dela, ela se permitiu um sorriso curto. Depois de se render com tantas testemunhas ao seu beijo apaixonado, ela precisava mostrar aos observadores que ainda era páreo duro para ele. O que ela fizera, apropriando-se da sege e abandonando-o na taverna, não era mais ultrajante que as travessuras habituais de Dare. Ele eventualmente iria contratar alguém para levar a pobre Fanny Upcott de volta a Londres. E alguém tinha que seguir Riddingham e tentar acalmar seu humor enervado. Talvez, Julienne refletiu, ela pudesse usar a oportunidade para descobrir o que o visconde sabia da dama de companhia assassinada.

Era provável que Dare temesse por seus cavalos, mas ela não iria deixar que nada lhes acontecesse. Ela podia manobrar uma sege com mais habilidade que a maioria das mulheres, já que uma de suas compatriotas em York a ensinara muito bem. E de todo modo os cinzentos precisavam se acalmar, pois seus couros foram muito açoitados durante sua proeza audaciosa.

Dare que se dane, Julianne pensou, com um bocado de desafio. Era hora de ela lhe dar uma lição.

O arrogante Dare North iria aprender que poderia superar a maioria de seus oponentes, mas não iria vencer a batalha contra ela.

Capítulo Nove



Quando, naquela tarde, Julienne devolveu a sege de Dare em sua casa, em Cavendish Square, seu distinto mordomo lhe deu um olhar severo de desaprovação antes de avisar ao patrão.

Dare apareceu quase imediatamente. Ela podia sentir sua raiva fumegante enquanto ele descia agilmente os degraus da frente até a rua, para inspecionar o estado de seus cavalos.

Julienne observou enquanto ele cuidadosamente percorria as mãos em suas patas e traseiros para se certificar de que os cinzentos estavam ilesos.

– Eu juro que não acabei com eles – ela disse, calmamente. – Na verdade, eu tomei a liberdade de mandar desarreá-los e escová-los enquanto eu estava jantando em Primrose Inn com uma certa pessoa que é nossa conhecida.

Com um olhar agudo para ela, Dare ordenou a um criado que levasse os cavalos para os estábulos. Então ele agarrou Julienne sem brutalidade mas com firmeza pelo braço.

– Antes que eu mande alguém acompanhá-la até sua casa, Miss Laurent, eu espero que você me dê a honra de tomar uma taça de xerez comigo – ele disse, com um tom sedoso que impedia qualquer recusa.

– Mas é claro, milorde – Julienne concordou, escondendo um sorriso.

A mansão dele, a pequena parte que ela pôde ver, era magnífica. Mal teve tempo de reparar no vasto hall de entrada, que era

adornado com estatuária, tapeçaria e pinturas a óleo de bom gosto, antes que Dare a conduzisse a um salão espaçoso.

– Eu acredito que você tenha uma boa explicação para roubar meus cavalos – ele disse, severamente, assim que fechou a porta.

– Eu estou aliviada por você ter dado um jeito de voltar para casa em segurança – Julianne respondeu, provocando-o deliberadamente.

Ela viu um músculo se contrair em sua mandíbula, mas ele aparentemente preferiu não dar vazão a sua raiva e cair no jogo dela. Em vez disso, sua boca se curvou em um semissorriso relutante.

– Eu presumo que você vai divulgar seus motivos no momento devido, não vai, minha adorada peróla?

– Você me prometeu uma taça de vinho, não? Eu declaro que estou sedenta. Esse negócio de espionagem é um trabalho árduo.

Os olhos dele se apertaram ao ouvir aquelas palavras misteriosas, mas ele foi ao balcão de bar e despejou um pouco de xerez na taça. Assim que ele se aproximou e lhe entregou a taça, Julianne recuou para fora de seu alcance, com receio de que Dare tentasse beijá-la novamente. Ela se virou e se acomodou em um sofá de brocado.

– Eu estava me empenhando em seduzir Riddingham de modo que ele me revelasse seus segredos – ela disse, enfim, percebendo uma emoção quente cintilar nos olhos de Dare, que se moveu para ficar em pé ao lado da lareira apagada e juntar as mãos atrás de suas costas, como se lutasse para se controlar.

– Felizmente eu não precisei levá-lo para minha cama – Julianne disse em um tom divertido.

– Você nunca parou para pensar – Dare arremessou – que se Riddingham fosse mesmo um assassino, você podia estar em grave perigo?

– Talvez, mas eu duvido seriamente que ele seja um assassino. Aliás, eu acho que se pode provar que ele não é. Ao menos no caso

daquela pobre garota, Alice Watson.

A expressão dele continuava enigmática.

– Conte-me.

– Minha intenção inicial, quando segui Riddingham nesta tarde, era reduzir o rancor dele contra você. Mas então eu percebi que tinha a oportunidade perfeita para convidá-lo para jantar comigo. Ele naturalmente estava muito nervoso com você. Eu fingi que compartilhava do sentimento dele.

– Com que finalidade?

– Descobrir onde ele estava quando Alice Watson foi assassinada. A sobrelha de Dare se ergueu, mas ele permaneceu em silêncio.

– Na verdade, eu me lembrei de que Riddingham perdeu uma das minhas performances algumas semanas atrás, por volta do momento em questão, e pouco depois, ele pediu desculpas profusamente por sua ausência. Então hoje eu perguntei onde ele estivera. E ele parece ter um álibi. Ele passou aquele fim de semana inteiro com a mãe, nas terras de Lady Smallcombe, em Richmond.

– Ele alega que a mãe dele é seu álibi?

Com o ceticismo de Dare, Julienne devolveu um sorriso seco.

– Realmente. E a história fica melhor. Ele deveria apenas acompanhar Lady Riddingham em uma festa vespertina, no jardim dos Smallcombes. Mas quando lá chegaram, o cãozinho dela ficou aterrorizado por um gato do estábulo, e ela se recusou a viajar de volta até que seu pobre animal se acalmasse. Eles tiveram até mesmo que convocar o médico local para lhe dar um sonífero. Então Riddingham e sua mãe passaram duas noites em Richmond e não voltaram para Londres até a noite de segunda-feira.

– Enquanto a dama de companhia desapareceu na noite de domingo – Dare murmurou. – O corpo dela foi encontrado na manhã do dia seguinte.

– Eu acho que isso torna improvável que Riddingham a tenha matado, não? E a história é tão extravagante... Certamente um trapaceiro como o Caliban não seria tolo o bastante para inventar

uma história que pudesse ser facilmente refutada. Seria um trabalho fácil confirmar a presença de Riddingham em Richmond naquele final de semana. Você poderia perguntar isso à Lady Smallcombe... ou ao médico.

– Eu pretendo fazê-lo. Você perguntou a ele sobre Alice Watson?

– Eu fiquei com medo de o pressionar de maneira tão clara que levantasse suspeitas. Mesmo assim, eu mencionei o quanto fiquei chocada pela morte da dama de companhia de Lady Castlereagh, e disse que eu temia que Londres não fosse segura o bastante para as mulheres. Riddingham disse que mal a conhecia, que apenas tinha ouvido falar sobre a morte dela recentemente.

– E você acreditou nele?

– Se ele está atuando, então a performance dele é boa o suficiente para rivalizar com a do Kean. Eu não pude detectar qualquer sinal de artifício da parte dele. E devo considerar que a essa altura eu já conheço praticamente todos os truques da minha profissão.

Por um longo momento, os olhos de Dare fitaram os dela. Então, dando-lhe as costas, ele deu um chute com a bota na grade da lareira vazia, que ele ficou olhando com amargura.

– Se Riddingham não é o nosso traidor, então estive caçando uma sombra por todo esse tempo.

Seu tom era tão sombrio, que Julianne quis consolá-lo.

– E quanto aos amigos dele, Sir Stephen Ormsby e Sr. Perrine? Você disse que um deles pode ter perdido o anel no jogo para Riddingham. Aparentemente os dois estavam em Londres naquele fim de semana, pois Riddingham teve que cancelar um encontro com eles agendado para o sábado à noite.

– Ele contou isso a você?

– Sim, quando ele estava reclamando de como sua mãe estragou seus planos. Não é possível que um deles conhecesse Alice Watson? Sir Stephen parece galanteador o suficiente para seduzir uma jovem inocente para seus próprios propósitos indecentes. Talvez Lady

Castlereagh possa contar a você que conexão aqueles cavalheiros tinham com sua dama de companhia.

– Fique tranquila, interrogá-la será meu próximo passo. E vou me esmerar para descobrir através do Riddingham o que seus amigos sabiam sobre a garota.

– Como?

Dare exalou um suspiro relutante.

– Por mais que isso me aflija, eu suponho que terei que me desdobrar para reconquistar a boa graça de Riddingham.

– Você deveria fazer seu melhor para mitigar o orgulho ferido dele e fazê-lo pensar que ele está me conquistando.

Erguendo a cabeça, Dare olhou para Julienne.

– Melhor ainda, eu vou encontrar outro interesse amoroso para ele. Julienne não gostou do brilho súbito que penetrou os olhos dele.

– Não poderá ser Miss Upcott. Imagino que ela esteja um tanto infeliz com ele no momento.

– Há candidatas melhores – ele respondeu, obscuramente. – Creio que vou convidá-lo para um certo clube privado que conheço.

– Um clube de pecados, você quer dizer. – Quando Dare não respondeu, Julienne apertou os lábios. – Eu ouvi histórias dos seus entretenimentos no Hellfire League. E confesso que gostaria de presenciar. Eu fico curiosa quanto ao que acontece em eventos como esse.

Afastando-se da lareira, Dare se moveu em direção a ela.

– Você está tentando me persuadir a convidá-la, querida pérola?

– Você me levaria?

– Não nesta vida. Eu ficaria mais do que honrado em aprimorar sua educação de maneira privada, mas somente louco eu iria sujeitar você à devassidão de um dos nossos encontros do Hellfire.

– Percebo mais uma vez seu ciúme – Julienne disse, com leveza.

– Que descuido de minha parte – Dare disse, pachorrento. – Mas acho que vou me sair melhor sozinho com Riddingham, sem a sua

presença para complicar as coisas. Você acabaria sendo uma distração, para nós dois. E é imperativo que eu obtenha sucesso dessa vez.

Julienne o encarou, pensativa.

– Você parece mudado, não é mais o fútil que uma vez conheci. Entendo agora por que você pode ser ideal para perseguir Caliban, já que poucas pessoas conseguiriam se infiltrar em toda a sociedade como você. Mas eu ainda acho surpreendente que você dedique tanto esforço nessa busca.

Julienne sentiu a verdade de suas palavras no momento em que as proferia. Era reconfortante pensar que Dare não era o mesmo rebelde inescrupuloso que um dia conhecera. Ele havia amadurecido um bocado desde o tempo que tiveram um caso. Ainda assim, um leopardo jamais poderia mudar suas pintas, Julienne pensou enquanto ele cruzava a sala em direção a ela.

Ele estava encarando-a intensamente. Quando o olhar dele percorreu o contorno de seus lábios, ela podia sentir uma carícia invisível... a maciez, o calor. O pensamento da boca dele movendo-se junto à dela disparou por todos seus sentidos um desejo urgente.

Julienne paralisou. Ela não podia se permitir um novo arrebatamento de paixão. Já era lamentável o suficiente, a necessidade de estar perto dele, de tocá-lo...

– Preciso ir – ela murmurou. – Eu estou me arriscando a um escândalo, sendo recebida sozinha na residência de um farrista notório.

– Você está tão preocupada assim com sua reputação?

– Não muito. Uma atriz tem pouca reputação a resguardar, como você sabe bem. Mas estar aqui poderia dar uma ideia equivocada à nossa audiência, de que eu sucumbi à sua sedução.

Por um momento, Dare pareceu que iria objetar, mas então ele limpou a garganta e deu um passo para trás.

– Eu vou pedir para que alguém a conduza para casa. Ela abaixou a taça de xerez que não chegara a provar.

– Você vai me deixar a par do que descobrir?
– Você está mesmo interessada?
– Sim. E eu passei por um grande transtorno por sua causa, hoje, Dare, então acho que mereço ouvir o desenrolar disso.
– Talvez você mereça. Eu poderia lhe dar um beijo como recompensa, você sabe.

Julienne lhe respondeu com um sorriso de provocação.

– Eu prefiro que ao menos uma vez você se contenha.

– Muito bem, amor. Como você preferir. – ele contradisse suas palavras ao se curvar e lhe dar um doce beijo no nariz. – Mas eu poderia quase perdoá-la por roubar meus cavalos.

Algumas noites depois, Dare repousava em um sofá em um canto da sala de visitas, assistindo com satisfação enquanto três belas ninfetas atacavam Riddingham com suas artes sensuais. Em pouco tempo, elas tinham aliviado o visconde de suas roupas e o excitavam quase a ponto de ele explodir.

Então uma das beldades montou nele, enquanto as outras duas continuavam a servi-lo com suas mãos, bocas e seios nus.

Com o rosto corado de paixão, Riddingham contorcia-se e arremetia sob os procedimentos eróticos delas. Momentos depois, seu corpo magro sofreu um espasmo, e ele soltou um grito rouco de êxtase enquanto se esvaía. Pouco depois ele tombou para trás, flácido e exausto.

Dare suspirou, entediado.

Ele havia convidado Riddingham para uma noite de prazeres no salão de Madame Fouchet, então ele não deveria ficar desapontado com a aceitação do convite. Ele fora forçado a recorrer a esse expediente para interrogar Riddingham, uma vez que Lady Castlereagh não se lembrava de mais nada sobre quem pudesse estar cortejando sua dama de companhia.

Foi preciso algum esforço para persuadir o visconde a superar sua disposição furiosa. Mas Dare era, acima de tudo, persuasivo, e sua mudança de tática pareceu surtir efeito. Dare reclamou que Miss

Laurent se recusava a perdoá-lo e acabou fazendo as pazes com seu rival, após afirmar que estava perdendo a batalha pela afeição da atriz.

Deixar Riddingham pensar que estava conquistando-a colocou o visconde em um humor mais generoso. Então, três noites depois da corrida de sege, eles se encontraram no elegante clube pecaminoso de Madame Fouchet.

– A madame vai cuidar bem do meu amigo? – Dare havia perguntado à francesa.

– *Mais oui, absolument* – ela respondeu com sua voz rouca e solícita, enquanto acenava discretamente para três de suas Vênus.

Dare entregou de bom grado Riddingham aos cuidados da madame, sabendo que ela iria empanturrá-lo com vinho do porto e sexo e fazê-lo se sentir como um rei – ou ao menos como um potentado oriental com um harém lascivo.

Então Dare se acomodou em um dos cantos do ambiente, preparado para uma longa noite.

Em seus dias mais selvagens, ele era um visitante frequente ali, e ainda conhecia pelo nome algumas das donzelas da casa. Passando os olhos pela sala, ele viu que Riddingham não era o único cavalheiro se refestelando em devassidão. Mais uma meia dúzia de conhecidos estavam saboreando os prazeres eróticos que Madame Fouchet oferecia.

Mas ele não desejava acompanhá-los.

Erguendo-se abruptamente, Dare se serviu de um *brandy* e caminhou para a janela francesa, admirando a noite escura. Apesar de sua pouca idade, ele se sentiu subitamente velho, tomado por fadiga, desgastado até o âmago.

Seu descontentamento brutal o pegou de surpresa. Na maior parte do tempo, ele conseguia negar a existência desse sentimento, até recentemente.

Não era surpresa, no entanto, que ele sofria de tédio e solidão. Todos seus amigos mais próximos se casaram, abandonando o modo

de vida pervertido em nome do lar, com seus entes queridos em volta da lareira.

O amigo Sin fora o primeiro a abandoná-lo. Damien Sinclair já fora um farrista infernal tão famigerado quanto o próprio Dare, até embarcar em uma sedução calculada e encontrar a mulher sem a qual não saberia mais viver.

Lucian Tremayne se contentava com os jogos de espionagem, até ter o coração roubado pela sereia de cabelos de fogo com quem ele se casou para ganhar um herdeiro.

O primo distante de Lucian, o pirata americano Nicholas Sabine, desenvolveu uma paixão pela bela filha de um duque, e a persuadiu a ir com ele para casa. E uma protegida de Nicholas, Raven Kendrick, casara-se com um estranho para evitar escândalo, mas o desejo de seu coração se conciliava com o marido infame, um proprietário de cassino descendente de irlandeses, chamado Kell Lasseter.

Foi o casamento tumultuado deles que fez com que Dare recentemente abreviasse sua estadia em Yorkshire e fizesse uma incursão louca pela Irlanda.

Lucian se divertiu bastante ao ouvir a história, Dare se lembrou.

– Estou entendendo bem, Dare? Você tem bancado o cupido?

Dare sorriu sutilmente com a ironia de um libertino contumaz como ele assumindo o papel de alcoviteiro.

– Eu achei que alguém precisava da minha intervenção. Raven planejava sair da Inglaterra sem sequer informar ao Kell.

– Então você foi até a Irlanda em busca dele?

– Sim. E nós chegamos às docas de Londres bem na hora de impedir a partida dela.

Os Lasseters navegaram para o Caribe dois dias depois. Dare sabia que era cedo demais para receber qualquer notícia deles, mas não tinha dúvida que estavam extremamente felizes juntos.

Ele sentia muito a falta de Raven, apesar de seus sentimentos por ela serem apenas os de um irmão mais velho protetor. A

namoradeira inconvençional exercia uma boa influência sobre ele. De fato, sua jornada abrupta para a Irlanda para o bem de Raven era um das poucas boas ações que ele podia alegar, em meio ao seu passado de perdição confessa.

Dare percebeu que franzira o cenho ao tomar um longo gole de *brandy*. A afirmação de Julienne, no outro dia, de que ele costumava ser fútil havia doído, provavelmente porque era muito próxima da verdade. Na maior parte de seus trinta e três anos, ele não fora mais do que um caçador de prazeres consumado. Exceto pela sua velha obsessão lamentável por Julienne, ele nunca se importara o suficiente com nada em sua vida para se aplicar seriamente em algum compromisso. Nada, em evento algum, até que Caliban aparecesse.

Dare refletia que se ele devesse mudar o padrão de sua vida decadente, Caliban era um começo tão bom quanto qualquer outro. Melhor, talvez, porque o que estava em jogo era muito alto.

E ele via, para sua própria surpresa, que queria mudar.

Por ora, no entanto, ele era requisitado para passar o resto daquela noite interminável na Madame Fouchet, mimando Riddingham até que ele chegasse a um estado de loquacidade.

Para esse fim, ele cuidou para que o visconde ficasse completamente embriagado, de modo que quando Riddingham entrou tropeçando feliz na carruagem de Wolverton, estava bêbado como um gambá.

Dare engrolava as palavras, fingindo estar tão bêbado quanto ele, ao perguntar ao visconde se ele se divertira.

– Por Júpiter, foi uma orgia esssplêndida! – Riddingham exclamou.

– Devo dizer, Wolverton, que o senhor tem um gosto exxxcelente para messalinas. Aquelas avezinhas da Fouchet me deixaram todo retorcido.

– Tenho certeza de que elas ficarão felizes em recebê-lo novamente a qualquer momento. A loira me contou que ela não

encontrava um bom homem como você havia meses.

– É mesmo? – Esparramado pelo banco, com a roupa amarrotada que rescendia a sexo e álcool, Riddingham soltou um sorriso bobo.

– Eu a vi admirando seu anel – Dare comentou. – Será que ele tem poderes especiais sobre as mulheres?

O sorriso malicioso de Riddingham se alargou quando ele ergueu a mão para olhar para o anel. Os olhos de rubi do dragão piscaram sob a luz tênue de um lampião da rua.

– Talvezzzz.

– Eu realmente gostaria de ter um desses para mim. Tem certeza que não foi o Stephen Ormsby que o perdeu para você?

A sobrancelha do Riddingham franziu.

– Eu num me lembro.

– Bem, ao menos o seu gosto para mulheres é melhor que o do Stephen. Eu ouvi dizer que ele estava atrás daquela jovem dama de companhia da Lady Castlereagh algumas semanas atrás. A garota que acabou flutuando no Tâmis.

– Pobrezinha.

– Sim, uma pena. Você e o Stephen estavam em uma recepção na casa dos Castlereaghs algumas semanas atrás, não estavam?

O visconde acenou, entontecido.

– Você o viu tentar se aproximar da garota?

– Pois é, eu vi. Mas tinha um outro rapaz... Alto, um camarada de cabelo preto. – Riddingham soltou um riso de bêbado. – Ela só olhava para ele e mal notou o velho Stephen.

– É mesmo? Ela preferiu esse outro camarada? Quem era?

– Num consigo me lembrar do nome dele mas... acho que o título dele era mais alto que o de baronete. Eu lembro porque ele se enervou quando o Stephen o esnobou. O Stephen quando quer pode ser bem encantador.

Riddingham deu uma risada que mais pareceu uma fungada antes de recostar a cabeça nas almofadas e imediatamente desmaiar.

Ignorando o ronco, Dare se forçou a planejar seus próximos passos. Ele duvidava muito que Riddingham tivesse matado a garota ou mesmo contratado alguém para matá-la. E a probabilidade de que ele fosse o Caliban agora parecia tão distante que era quase risível.

Dare franziu o cenho. Também parecia risível o fato de ele ter suspeitado que Julianne fosse cúmplice do Caliban. Ela não estava em conluio com um assassino traiçoeiro. Nem era uma inimiga da pátria.

O pensamento reconfortou Dare menos do que o esperado, pois agora ele não tinha mais qualquer pretexto legítimo para ficar no encalço dela. Ao menos nenhum pretexto que fizesse com que Julianne o levasse a sério.

Ela pensou na sedução pública como um ato juvenil de vingança – e talvez tivesse começado dessa forma. Mas ele estaria enganando a si mesmo se fingisse que o objetivo não mudara.

O desejo o atormentava como carvão em brasa, mas sua necessidade por Julianne já era bem mais do que apenas física. Ele queria mais do que simplesmente vencer a aposta; ele queria que ela se rendesse da maneira mais sincera.

Suas partes baixas enrijeceram quando ele se lembrou do beijo que roubou depois da corrida. O medo que ele sentiu que ela pudesse ser atirada para fora da sege em movimento. Os lábios macios abrindo-se quentes e úmidos debaixo dos dele. O coração dela batendo selvagemmente enquanto seus seios macios se apertavam contra seu peito. O entusiasmo que o tomou com a resposta voluntária dela...

Ele poderia continuar beijando-a para sempre com puro prazer. Mesmo essa intimidade simples tocava em alguma parte dele que se mantivera inviolada durante anos. Com toda sua expertise sexual, ele permanecera emocionalmente afastado de suas amantes, mantendo-se à parte, apesar de procurar alívio para o vazio que o acometia.

Dare sabia que teria que reunir todas as suas forças para se manter longe de Julienne. Ela iria simplesmente destruir seu coração novamente, se ele deixasse.

Cuidar dela mais uma vez era impossível, impensável. Ainda assim, ele não podia perdê-la. Ainda não.

E ele não podia se impedir de fantasiar como seria realmente vencer a aposta deles.

Ele encontrou-se com Lucian na manhã seguinte, treinando no Ginásio Gentleman Jackson na Bond Street. Dare queria encontrar o amigo antes que ele deixasse a cidade para sua terra em Devonshire, junto à sua mulher grávida, Brynn.

Dare piscou enquanto observava a atordoante sequência de socos, mas Lucian parecia gostar da barbaridade física, disparando os seus próprios golpes com prazer. Quando a luta terminou, Lucian e Dare foram a um canto do vasto ginásio e conversaram em meio ao ruído de outra contenda de boxe.

Enquanto Lucian se secava com uma toalha, Dare lhe contava o que descobrira sobre o álibi de Riddingham no momento em questão.

– E você está convencido que Riddingham não é Caliban? – Lucian disse, quando Dare terminou.

– Estou. Nós estávamos procurando pelo homem errado. No entanto é possível que os amigos dele estejam envolvidos.

– Quem? – Lucian perguntou, com interesse aguçado.

– Sir Stephen Ormsby e Martin Perrine. Você os conhece?

– Sir Stephen, sim. Perrine, apenas vagamente.

– Sir Stephen é um frívolo elegante, Perrine um rapaz tímido que mal diz uma palavra quando está perto de quem não conhece – Dare disse. – Os dois estiveram nas terras de Riddingham em York no mês passado, que foi como acabaram sendo meus convidados na minha festa de campo recente. Eu os convidei porque Riddingham pode ter

ganhado o anel de qualquer um dos dois. Além disso, Sir Stephen foi visto galanteando a dama de companhia nas últimas semanas.

Ele recontou o prazer de Riddingham quando Sir Stephen foi rechaçado pela garota, que pareceu preferir um nobre alto de cabelo escuro.

– Isso pode ser uma pista significativa – Lucian declarou, visivelmente grato pela informação. – Eu vou investigar assim que possível.

– Mas Martin Perrine não deve ser descartado inteiramente – Dare ressaltou. – É de conhecimento público que os bolsos dele estão em estado deplorável. Como filho mais novo, a perspectiva dele não deve ser muito promissora. Ele pode ter se tornado um traidor pelo ganho financeiro.

A sobrancelha de Lucian se enrugou contemplativa, ele vestia sua camisa.

– Eu vou mandar investigá-lo, mas duvido que Caliban esteja nesse jogo apenas por dinheiro. Ele é um estrategista brilhante que se regozija em superar seus oponentes.

– Perrine certamente não me parece tão brilhante. E ele não tem sangue nobre.

– Ainda assim, sua maneira quieta pode simplesmente ter sido cultivada como disfarce. E é possível que ele chame a si mesmo Lorde Caliban para aumentar sua importância para as vítimas. Eu verei o que meus agentes podem descobrir sobre ele, assim como Sir Stephen e esse nobre anônimo.

Dare iria retorquir, mas nesse momento Gentleman Jackson, um dos campeões anteriores da Inglaterra e dono do ginásio, apareceu para elogiar a luta de Lucian.

Quando ficaram sozinhos novamente, Lucian começou a amarrar seu lenço de pescoço e disse para Dare, em voz baixa:

– Eu tenho de pedir a você que continue na caçada, já que desmascarar o Caliban se tornou ainda mais urgente. Nesse manhã

eu recebi um comunicado da França. Alguns dias atrás houve uma tentativa fracassada de envenenar Lorde Castlereagh.

– E você acha que tem a mão do Caliban nisso?

– É verdade que nosso secretário de Assuntos Externos tem inimigos aqui em casa – Lucian admitiu. – E como ele não está aqui para defender suas políticas, diversos membros do parlamento vêm criticando-o em voz alta. Mesmo o gabinete está seriamente dividido. Mas eu não consigo pensar em ninguém que pudesse ir tão longe a ponto de assassiná-lo para se livrar dele.

– Mas como a morte dele iria beneficiar Caliban? – Dare perguntou.

– Pode ser simplesmente vingança. Se Napoleão abdicar, como esperado, o sucessor dele será designado. Castlereagh finalmente está convencido que é melhor ter um monarca Bourbon no trono do que o jovem filho de Boney. O lorde irá em breve de Chaumont para Paris com o fim de selar o acordo com nossos aliados e o senado francês. Pode ser essa a motivação de Caliban: retaliação contra o maior rival de Bonaparte. Ele pode estar planejando assassinar Castlereagh.

– Então podemos presumir que ele é o próximo alvo de Caliban – Dare disse, pensativo.

– Eu acho que não só podemos como devemos. E sem dúvida Caliban contará com cúmplices. Ele é um mestre em recrutar conspiradores, ao perceber suas fraquezas e explorá-las. O irmão de Brynn, Grayson, é a única pessoa que eu conheço que já escapou da teia do Caliban, e ele só conseguiu isso ao forjar sua própria morte. Isso me faz lembrar... você chegou a alguma conclusão a respeito do envolvimento da Miss Laurent com Caliban?

Dare fez uma careta involuntária.

– Sim.

– E? – Lucian se adiantou.

– E eu acho que ela é inocente. Agora eu percebo que me enganei em relação a ela. Foi ela quem descobriu a evidência que

exonera o Riddingham. Se não fosse por ela, eu ainda estaria seguindo por uma pista falsa.

– Então afinal eu estava certo? – A pergunta de Lucian tinha um fundo de alegria.

– Sim, maldito seja – Dare respondeu, em tom amigável. – Eu admito que deixei meu passado com ela influenciar meu julgamento, como você disse que eu estava fazendo. Eu comecei a revisar minha opinião sobre ela. Eu acredito que afinal ela poderia ser uma boa espiã para você.

– Ah, é? Então você a convidou para trabalhar para nós?

– Se você estiver interessado.

– Eu estou. Eu falaria pessoalmente com ela, mas estou indo para Devonshire hoje mesmo, mais tarde. – Lucian tomou uma pausa. – Você conhece meu assistente, Philip Barton? Se descobrir qualquer coisa importante, entre em contato com Philip. Ele saberá o que fazer.

Dare acenou com a cabeça.

– Mande lembranças minhas para Brynn – ele disse, absorto, com sua mente já se questionando como introduzir o assunto com Julienne.

– Quando você voltar, eu devo ter alguma coisa para reportar.

Capítulo Dez



Dare deixou que quase uma semana se passasse antes de abordar Julienne. Ele se forçou a manter distância por vários motivos.

O primeiro e mais prático era deixar Riddingham pensando que estava conquistando a linda atriz. Uma meia-volta muito brusca nesse sentido poderia levantar questionamentos na mente do visconde e chamar atenção indesejada para as revelações embriagadas sobre os amigos e a dama de companhia.

O segundo motivo, Dare calculou, era aumentar a ansiedade de Julienne para um próximo encontro. Ela pedira para ouvir o resultado do interrogatório, e retardar o relato iria apenas aguçar sua curiosidade. E o último motivo, o mais crítico, era dar tempo a si mesmo para tentar controlar sua obsessão por ela. O esforço, contudo, provava-se inútil, como Dare percebia, sentado em seu camarote no Teatro Drury

Lane, assistindo à peça corrente, *Ricardo III*.

Foi uma performance brilhante. Desde as primeiras falas, o gênio de Edmund Kean brilhou, enquanto ele interpretava o maligno Ricardo, que havia traçado um caminho de assassinatos até o trono, e dali para sua própria destruição. Mas Julienne como Lady Anne era um contraponto perfeito para ele, enquanto ela tentava escapar das teias mortais de Ricardo.

A cena do galanteio durante a procissão de luto pelo rei anterior tornou-se uma disputa pública entre dois oponentes astutos, uma

dança de acasalamento deturpada, repleta de sutilezas quase eróticas.

Dare, como o resto da audiência, assistiu pregado à cadeira. A cena obteve um significado adicional por causa de sua própria dança de sedução pública com Julienne. Ele frequentemente se sentia o foco dos olhares furtivos dos lordes e das damas ornamentados dos camarotes adjacentes.

Ele sabia o final da peça de Shakespeare, é claro. Lady Anne perdia a batalha com Ricardo e a própria vida, envenenada depois de lhe servir. Mas era espantoso o quanto ficava claro para Dare, enquanto assistia à performance surpreendente de sua pérola, que ele estava lutando em uma batalha perdida.

Tua beleza foi a causa... Tua beleza, que me assombrou durante o sono.

Ele tentava se convencer que com o tempo a esqueceria. Mas ela se infiltrava sob sua pele de novo, por mais que ele a amaldiçoasse.

Nada podia impedi-lo de desejá-la constantemente, sem trégua.

Nada iria impedi-lo de continuar perseguindo-a.

Nem mesmo a consciência da dor que ele iria sofrer no final.

Dare deixou o teatro imediatamente depois da performance, pretendendo esperar por Julienne em seu alojamento. Um vento frio fustigava seu sobretudo na rua enquanto ele aguardava na rua que seu transporte surgisse do meio de uma longa fila de outras carruagens.

Quando um criado abriu a porta para ele, Dare começou a subir na carruagem quando parou abruptamente. Foi quando viu um pequeno objeto no assento de veludo, brilhando à luz das lanternas da carruagem. Era uma peça de joalheria. Um broche, talvez. Ele o pegou e examinou seu design. Uma flor... com caule e folhas de ouro e pétalas feitas de pérolas. Uma rosa?

Uma suspeita escura abalou-o subitamente. O que foi que Lucian lhe dissera naquele dia, ao lado do corpo inchado de Alice Watson?

“Miss Watson começou de repente a usar um broche de pérola em forma de rosa que pensamos se tratar de um presente dele.”

Não seria este o broche arrancado do colarinho da garota morta? E como ele poderia ter ido parar no assento de sua carruagem?

Teria sido um trabalho do assassino da moça?

A cabeça de Dare foi fustigada, e ele inspecionou a multidão que se amontoava na rua em frente ao teatro. Quinze dias atrás ele anunciara que estava no encalço de um traidor mortal chamado Caliban. Seria aquilo uma reação?

Caliban estaria instigando-o a seguir pistas? Estaria observando-o naquele exato instante? Seria mesmo o assassino da garota?

A boca de Dare se estreitou com severidade. Era difícil acreditar que os dois não estavam relacionados.

Dare pretendia indagar ao cocheiro e ao criado, mas duvidava que eles pudessem lhe dar qualquer pista sobre quem pusera o broche ali. Caliban era esperto demais.

Dessa vez, contudo, o gênio do crime traiçoeiro havia forçado a mão. Caliban podia se deleitar ao mostrar sua superioridade, trocar de seus oponentes e provocar medo em seus corações, Dare pensou, impassível. Mas essa aparente tentativa de intimidá-lo apenas fortalecia sua determinação de encontrar o traidor e levá-lo à justiça.

Passava da meia-noite quando um fiacre deixou Julienne na frente de seu alojamento e saiu se esgueirando pela rua envolta em névoa. Quando uma figura escura emergiu das sombras, ela arquejou e vasculhou a bolsa reticulada em busca da lâmina pequena, mas mortal, que ela carregava por proteção.

– Chegando em casa tão tarde? – Dare perguntou, casualmente, enquanto o luar iluminava suas belas feições.

Julienne levou uma mão ao coração.

– Dare! – O tom dela continha ao mesmo tempo alívio e aborrecimento. – Esse susto acabou de me roubar dez anos de vida!

– A peça acabou há algumas horas.

Franzindo o cenho, ela o estudou à luz tênue, tentando ler sua expressão enigmática.

– Eu aceitei o convite do Riddingham para jantar. – Como ele não respondeu, ela abaixou a voz. – Você não pode objetar, já que me pediu para ficar com ele. Além disso, eu não vejo você há dias.

– Sentiu saudade?

– Não – Julianne mentiu. – Mas eu esperava que entrasse em contato comigo mais cedo e não a essa hora da noite.

– Não vai me convidar para entrar? Julianne hesitou.

– Essa é uma pensão respeitável. A senhoria não vai ver com bons olhos a visita de um cavalheiro, ainda mais um com a sua notoriedade.

– Ela não precisa saber.

– Ela é extremamente vigilante.

– Eu vim lhe contar sobre minha investigação do Riddingham – Dare disse, enquanto ela ainda hesitava – mas se você preferir que eu vá...

– Não – Julianne respondeu com um sussurro rouco. – Apenas mantenha o tom de voz baixo, por favor.

– Eu assisti à sua performance esta noite – Dare murmurou, enquanto a seguia até a porta da frente.

– Eu sei, eu vi você no camarote. – Ela não acrescentou que perscrutava toda a audiência a cada noite desde aquela primeira, procurando pelo cabelo dourado brilhante do Dare. Também não confessou a vibração de felicidade que a percorria quando ela o espiava ali, ou a decepção por ele nunca mais tê-la procurado no salão nobre.

Depois de usar a chave para destrancar a porta da pensão, Julianne acendeu uma vela no hall de entrada. Silenciosamente, ela o conduziu pelas escadas escuras e por um corredor até os aposentos que havia alugado para a temporada.

A saleta de visita estava fria, pois ela preferiu evitar o trabalho de acender o fogo, sendo que iria para a cama em pouco tempo. No entanto, o quarto de dormir tinha carvões queimando na grelha, pois ela pagava à senhoria para manejar o fogo antes de seu retorno esperado do teatro, a cada noite.

Após retirar seu casaco, Julienne ofereceu um assento a Dare, mas ele permaneceu em pé. Enquanto ligava um candeeiro, o olhar dele se voltou para os móveis esparsos, e ele apertou os olhos.

– Então o que aconteceu com Riddingham? – Julienne perguntou, sem vontade de defender sua habitação modesta ou sua decisão de não gastar o salário com maiores luxos. – Você descobriu se os amigos dele sabiam da dama de companhia?

– Sir Stephen foi visto falando com ela na recepção da Lady Castlereagh. Mas também tinha um estranho que aparentemente cativou o interesse dela. Eu passei a informação adiante para a investigação. Com um pouco de sorte, isso pode nos levar a um passo mais próximo do Caliban.

– E agora, o que fazemos?

– Vamos continuar a caçada.

Ela lhe deu um olhar de exasperação.

– Isso é tudo o que você pretendia me contar?

– Isso depende de você, Julienne.

– O que você quer dizer?

– Eu fui encarregado de lhe oferecer um serviço.

– Um serviço?

– Como espiã para o governo britânico.

Perplexa pela resposta inesperada, ela ficou encarando-o.

– O cavalheiro – Dare explicou – que chefia a inteligência dos Assuntos Externos acredita que você possa ser um trunfo para o país, já que tem acesso à comunidade de imigrantes franceses. Se você trabalhar para nós, pode ser requisitada para levantar toda informação que puder da parte dos monarquistas, e passá-las para nós. O governo vai pagá-la, é claro.

O olhar dele percorreu a saleta maltrapilha, e ela podia adivinhar o que ele estava pensando: que ela obviamente poderia aproveitar a renda extra. Ela se lembrava muito bem que Dare a considerava gananciosa e sorradeira. Sem dúvida ele acreditava que havia pouca coisa que ela recusaria fazer por dinheiro.

Julienne apertou os lábios.

– Eu me pergunto por que sua oferta chegou logo agora – ela disse, secamente. – Será que foi por eu ter provado minha utilidade ao ajudá-lo com Riddingham?

– Isso, e o fato de suas ações parecerem absolvê-la de culpa.

– Culpa?

O olhar verde de Dare penetrou nela.

– Eu não poderia ter certeza de sua cumplicidade quando vi pela primeira vez sua proximidade com Riddingham. Até onde eu sabia, ele podia ser Caliban, e você poderia estar em conluio com ele.

A respiração dela vacilou com as deduções dele.

– Você pensou que eu estava em conluio com... Você suspeitou que eu fosse uma inimiga da Inglaterra?

– A possibilidade passou pela minha cabeça – Dare sorriu com um traço de escárnio. – Essa não é a primeira vez que seu nome é associado com bonapartistas.

Julienne se sentiu trêmula.

– Você está falando das acusações que seu avô fez contra mim? Quando ele permaneceu em silêncio, uma inundação brutal de pesar e fúria a tomou. Sete anos atrás ela tinha sido vítima das artimanhas malignas do avô dele, quando ela era completamente inocente.

Ela percebeu que seu próprio tom de voz tornou-se gelado.

– Seu avô me acusou de traição contra o país. Mas você acreditou nele? Dare ergueu o ombro, um gesto elegante que não disse nada a ela.

– Eu não tinha certeza do que acreditar na época. Considerando suas outras mentiras, eu achei que estaria justificado ao presumir o

pior sobre você. Então eu certamente não podia confiar na sua lealdade quando poderia ser cúmplice do Caliban.

A resposta dele a feriu até o âmagô, e Julienne abaixou os olhos para esconder a ferida amarga. Ela tinha traído Dare, era verdade. E ele tinha o direito de desprezá-la por aquilo. Mas uma coisa era odiá-la por enganá-lo com um amante; outra bem diferente era considerá-la culpada de trair o país.

Como ele poderia acreditar em alguma coisa tão desprezível da parte dela?

Por um momento, ficou quieta, tremendo, lembrando-se do tempo terrível sete anos atrás. Os rumores vis que a colocavam sob suspeita de conspiração contra o país, o quanto ela ficou indefesa, sua completa inabilidade para refutar as denúncias. Aquelas acusações grosseiras tinham destruído sua vida quando ela não tinha feito nada para merecê-las. Quando seu único crime havia sido amar Dare.

Ele não tinha o direito de considerá-la culpada!

A confissão de Dare agora mesmo era uma espécie de traição. Ele deveria saber desde antes que as alegações eram todas mentirosas.

Julienne ergueu a cabeça para dar vazão à sua raiva.

– Seu avô forjou aquelas denúncias para me intimidar. Eu fico surpresa que você tenha se deixado convencer por ele.

Um lampejo de dor cintilou nos olhos de Dare antes que o olhar dele ficasse *blasé* como o dela, minutos antes.

– Eu me deixei levar pela sua trapaça, não? Talvez eu simplesmente fosse ingênuo na minha juventude. Mais uma vez, meu avô podia estar certo a seu respeito.

A réplica fez a raiva que estava dentro de Julienne desatar. Ela olhou para Dare através de uma névoa vermelha, querendo devolver à altura, ansiosa para puni-lo por sua falta de fé.

– Se você me acha uma *femme fatale* desse jeito, eu não sei por que se arrisca a ficar aqui sozinho comigo.

– Eu estou mais bem preparado do que estava sete anos atrás.

– Está mesmo? – Julienne disse, com um tom de voz perigosamente sedoso. Ela iria mostrar que Dare não estava nem de longe tão bem preparado quanto pensava. – O que você acharia de colocar esse preparo à prova?

O olhar dele deu um mergulho profundo em seu corpo.

– O que você tem em mente?

Como resposta, ela girou sobre o salto alto e abriu a porta para sua cama. Tomou uma pausa e olhou de volta para ele, com um olhar cheio de desafio.

– Você vem?

Ao menos uma vez, Julienne constatou com satisfação que deixara Dare sem fala. Mas ele hesitou apenas um instante antes de segui-la.

Ali estava mais quente. Ela remexeu os carvões na grelha, provocando uma chama agradável, então acendeu um candeeiro e o pendurou na cornija. Dare fechou a porta atrás de si e examinou os poucos móveis do quarto sombrio: uma cama estreita, um lavatório, um guarda-roupa, uma penteadeira e uma cadeira de madeira postada ao lado da lareira.

– Arranque suas roupas – Julienne ordenou, enquanto tirava o casaco e o pendurava em um gancho na parede. Quando se virou, ela deparou com Dare olhando-a com olhos entreabertos, com calor e cautela brilhando nas profundezas.

– Assim, sem mais? Você espera que eu me dispa sem preliminares? O sorriso dela era ao mesmo tempo sedutor e escarnekedor.

– Você está com medo, Lorde Wolverton?

– Com você neste estado de espírito? – A boca dele se curvou. – Eu acho que talvez deva estar.

– Realmente, melhor ter medo – ela provocou, com um meneio dengoso da cabeça.

A mente dela dizia que estava brincando com fogo, mas ela se recusava a recuar do desafio. A raiva que a impelia era intensa

demais para ignorar. Ela se sentia como um barril de pólvora prestes a explodir. Ela queria punir Dare, feri-lo como um dia ele a feriu. Ela queria conquistá-lo.

Até o momento ela podia contabilizar poucas vitórias na batalha deles, mas aquilo iria mudar naquela noite, Julianne jurou. E ela iria usar seu corpo como arma.

– Então? – ela perguntou impaciente, colocando as mãos nos quadris.

Então ele se despiu, embora mais lentamente do que Julianne teria gostado. Enquanto ela observava, ele removeu seu casaco e o lenço de pescoço e os jogou sobre o espaldar da cadeira, então tirou a camisa de linho. Seu torso nu brilhou dourado sob a luz da lareira, onduloso com a pilha de músculos.

Ele se sentou para tirar as sapatilhas e meias e levou a mão à abertura de sua calça. Ele hesitou, olhando rapidamente para ela, como se para conferir se o estava observando.

Julianne curvou seus lábios em um semissorriso e deparou com o desafio escuro nos olhos dele. Desabotoando a calça, Dare se levantou e a retirou, revelando os contornos duros e esbeltos de sua barriga... e seu cabelo dourado escuro que se infiltrava até as partes íntimas... Ele abaixou o tecido de cetim até os pés. Menos constrito, seu membro rampante inclinado para cima em direção à barriga, já irrigado e intumescido com a expectativa.

A boca de Julianne se secou. Apesar da determinação dela para se manter imóvel, ela sentiu o corpo responder. Mas ela se recusou a deixar Dare saber de sua fraqueza.

– Eu diria que você está ávido por mim – ela zombou.

– Eu sempre estou ávido por você, *chérie* – Dare retorquiu secamente. – Isso não é novidade.

Ele se desfez do resto do vestuário, expondo as bolsas aveludadas de seus testículos pesados, suas coxas e panturrilhas com tendões aparentes. Então ele deixou a calça para trás, ostentando seu corpo nu, esbelto e poderoso.

Ele era lindo, Julienne pensou em assombro relutante. Delgado, forte e sensual, o foco de todas suas fantasias. O desejo a atiçava, insistente e agudo, enquanto ela se movia e se punha diante dele, mas ela tentou esconder com um sorriso de escárnio.

Deliberadamente, percorreu a ponta de seu dedo pelas costas musculosas, pela barriga plana e pelo seu falo inchado que parecia implorar pela atenção dela.

Dare apertou os olhos, mas ela ignorou o perigo em seu olhar verde enquanto curvava os dedos em torno do bastão sedoso.

– Podemos ver por quanto tempo você vai me resistir?

– Faça seu pior – ele disse com um autodomínio enlouquecedor.

Ah, é o que farei, Julienne pensou, sombriamente. Ela iria quebrá-lo. Ela iria fazê-lo implorar por misericórdia...

Ela se pôs na ponta dos pés e o beijou, mas não havia nenhuma ternura em seu gesto. Em vez disso, ela mordeu os lábios dele, sulcando a carne de sua boca com os dentes.

Ouviu o grunhido baixo de surpresa, quando ele percebeu a fronteira primitiva e perigosa do ato de amor dela, mas além de tensionar o corpo, ele não protestou.

Ainda com a ereção dele na mão, Julienne abocanhou o queixo, a coluna forte de seu pescoço, a pele lustrosa do ombro, então passou para seu peito, para os mamilos planos de homem. Quando ela os mordeu de leve, ele expirou profundamente. Com um sorriso discreto de triunfo, Julienne gastou um longo momento em seus mamilos, lambendo-os e os chupando, roçando-os com os dentes, antes de deslizar pelo resto do corpo do marquês.

Com a boca ardente rumando para baixo, em direção à barriga, Dare percebeu a intenção e agarrou os braços dela, detendo-a.

– Eu quero que você fique nua antes. A menos que você esteja com medo – ele acrescentou quando ela ergueu os olhos para ele.

Os olhos dela cintilaram, mas ela se virou silenciosamente e mostrou as costas a ele enquanto desabotoava seu vestido. Quando

se virou para ele novamente, os olhos se encontraram, duas pessoas passionais determinadas a não dar espaço.

Ela curvou a boca em um sorriso curto, e se despiu das roupas de baixo, lentamente, peça por peça, com movimentos deliberadamente provocantes.

A performance erótica manteve os olhos de Dare capturados. Ele não entendia a raiva sutil que se apoderava dela, o desdém gelado, mas ele compreendia completamente o efeito que o corpo mal coberto dela provocava nele. O calor queimava através dele, fazendo seu sangue pulsar com necessidade.

Quando a língua dela lentamente passou pelos lábios, como um convite carnal, a excitação disparou pelos sentidos dele. Tudo o que ele podia era fingir indiferença quando Julianne arrancou sua *chemise* e ficou com nada mais do que meias de seda sustentadas por fitas com laços.

Curvando-se, ela desamarrou os nós das ligas e rolou a seda para baixo de suas pernas compridas e esguias, enquanto os globos cheios e volumosos de seus seios se penduravam como frutas lascivas.

Dare sentiu o suor brotar de sua pele. Deus, como ele queria saborear aqueles seios doces, chupar aqueles mamilos tentadores até que ela ficasse febril, ardendo de vontade, como ela fizera com ele.

Julianne ficou de pé, e a luz brilhante e sensual nos olhos dela disseram claramente que sabia o quanto sua nudez o cativara.

Involuntariamente, o olhar dele passeou por toda a extensão do corpo dela... seus seios perfeitos, sua cintura fina, seus quadris arredondados, as curvas que protegiam o vale feminino... Julianne devassava os sentidos dele, mesmo exaustos como estavam. Era uma luta impedir-se de avançar até ela e levá-la aos braços e colocar um fim imediato à tentação.

Mas aparentemente ela ainda não tinha terminado com o sofrimento. Ele a observava enquanto ela ia para a penteadeira e retirava uma pequena arca, reconhecendo instantaneamente o conteúdo: esponjas e frascos de líquidos – sem dúvida vinagre ou

brandy – para se proteger da gravidez. Absurdamente, ele sentiu uma pontada de pesar com a certeza dela de não querer conceber um filho dele.

Julienne umedeceu a esponja e fez uma boa demonstração de como inseri-la entre as pernas, bem fundo na passagem feminina. Então ela soltou o cabelo, sacudindo a cabeça de modo que a massa escura reluzente se espalhasse sobre os ombros nus e ondulasse em volta de seus seios.

Para Dare, era como o canto de uma sereia. Ele quase gemeu em voz alta, enquanto todos os músculos de seu corpo se retesavam em tormento. Julienne sabia muito bem o efeito diabólico que seu cabelo exercia sobre ele, como o excitava com fervor. Ela sabia que um de seus maiores prazeres era a sensação das madeixas dela se arrastando suavemente sobre o corpo dele. E podia ficar horas deitado com ela torturando-o dessa maneira.

Dare sabia que estava subjugado. Ele podia ter sido forte o suficiente antes para se conter, mas ele não poderia lutar contra Julienne quando ela estava assim, uma tentadora voltada para a sedução.

Ele contraiu a mandíbula enquanto se esforçava para adquirir algum controle, mas não havia como resistir a ela. Não quando ela avançava até ele e envolvia as bolsas de seus testículos com a mão. Seu forte bastão já estava se erguendo e despontando desoladamente, em resposta à carícia habilidosa dela.

As pontas dos dedos dela, ao apertá-lo fazia com que um fogo o percorresse. Dare fechou os olhos, mas o aroma do colo dela tomava suas narinas.

Inclinando-se para mais perto, ela apertou suas partes íntimas contra a ereção latejante dele, enquanto esfregava os mamilos intumescidos contra o peito dele.

Dare gemeu nesse momento. Ele queria atirá-la na cama e se enterrar nela, mas ela estava no comando. Ele era escravizado por ela.

A respiração do marquês falhou quando ela abriu as pernas para se escarranchar em sua perna e deslizar sua fenda já umedecida contra a perna dele, triturando furiosamente. Os sentidos dele vacilaram, em frenesi cru. As mãos dele apertaram a cintura dela, mas ela as retirou.

– Não – Julianne o alertou, com um olhar provocante antes de se curvar sobre ele novamente.

A boca dela o pressionou em um beijo quente e aberto no peito dele, e mais baixo, em uma trilha de fogo por seus músculos. Era quase mais do que ele podia suportar.

Garras de paixão o arranhavam, sulcando-o com vontade. Quando ela se ajoelhou, ele estremeceu, antecipando as emoções eróticas. E não havia se enganado. A sensação delirante o tomou de todo enquanto ela o servia, percorrendo a língua pela cabeça de seu bastão... umedecendo a ponta sensível... com um hálito terno e quente que o excitava selvagemmente.

O corpo todo dele se entesava.

E isso foi antes mesmo que ela envolvesse a boca luxuriosa em volta dele.

– Por Deus – Dare gemeu, rouco.

Mas ela não mostrou qualquer piedade. O bastão túmido sobressaltava exuberante agora, latejando com um fervor inquietante. Cada centímetro da pele dele queimava febrilmente por ela. Mas a língua, os lábios e os dentes continuavam a investida sensual, forçando-o a se render ao tormento excelente.

Dare rangeu os dentes com o incrível ataque de prazer. Ele sentia sua sanidade esvair enquanto ela o sugava, arrastando-o para um vórtex de fogo. Isso durou mais alguns momentos antes de ele perder seu rígido controle.

Deixando escapar o nome de Julianne, ele enterrou os dedos nos ombros dela e a puxou para cima. A boca estimulante de sua pérola estava úmida e triunfante, mas ele sentiu a tensão recolhida no

corpo dela, viu as chamas fumegantes de desejo nos olhos dela, e sabia que estava tão enredada na necessidade quanto ele.

Com as mãos debaixo de suas nádegas, ele a levantou no ar e abriu suas coxas, preparado para tomá-la de assalto. Uma descarga elétrica luminosa lampejou entre eles quando os olhares se encontraram.

Dare sustentou o olhar tempestuoso dela enquanto deslizava em direção à sua doçura liquefeita e sedosa, com uma urgência violenta e latejante.

O calor atordoante dela quase o fez explodir. E o gemido ofegante de Julienne lhe dizia que ela estava à beira do clímax, o que se confirmava no modo como ela enterrava os dedos no cabelo dele e arqueava sobre ele.

Incapaz de falar e mal podendo respirar, ele a carregou para a cama e tombou com ela. Por um momento eles rolaram e lutaram no colchão estreito, em um duelo de desejo, com a turbulência de seus ânimos em choque apenas alimentando a paixão. Julienne havia envolvido as pernas em volta dos quadris dele e agora estava repuxando e contorcendo embaixo dele. Dare sentiu sua própria ereção aguilhada e aumentada pela fome tempestuosa dela.

Temendo ejacular, ele cobriu a boca dela com um beijo profundo, violento e saudoso, e ela respondeu com a mesma intensidade, cravando as unhas nas omoplatas dele, com seu fervor queimando, escaldando, ferindo. Um instante depois ele sentiu a violência do gozo dela. Julienne convulsionou embaixo dele em uma erupção quente e brilhante, seu grito capturado pela boca dele, que segurava seu corpo ondulante. A sensação do canal lustroso e apertado comprimindo-se em seu bastão o fez ceder. Ele embainhou até a base, com os quadris retorcendo em um espasmo de completude, enquanto um prazer selvagem e irrestrito o inundava com uma carícia infinita de fogo.

Durante uma dúzia de batidas do coração, ele ficou esparramado em cima dela, exausto demais para se mover. Mas enfim ele a

libertou de seu peso e aconchegou seu corpo tépido junto ao dele.

Mais tarde, Julienne descansava envolvida em seus braços, envelopada pela força musculosa daquele corpo másculo. O corpo dela liquefeito, mas os pensamentos em tormenta. O plano de punir Dare havia descambado; a carne solitária e carente dela a traíra, a determinação dela derreteu quando a raiva se transformou em fome fervorosa.

Era tolice sucumbir às paixões, ainda assim ela se sentia quase limpa por aliviar a fúria e a dor represadas após tantos anos. O ato de amor deles tinha sido explosivo, mas ela não queria uma atenção carinhosa de Dare. Ela estava selvagem e impudica – ardendo por ele.

Ela havia saboreado a tempestade de fogo. E tinha estimado mais a paz que viera depois. Sentira falta disso, desesperadamente, da intimidade de se deitar com Dare, com os corpos entrelaçados. Os lábios dele se encaixavam, os braços dele se encaixavam, *ele* se encaixava tão bem nela. Ela podia ouvir o batimento cardíaco dele como um eco do dela.

E mesmo assim, ele pensou que ela era uma traidora.

Um longo momento se passou antes que ela pudesse controlar seu ressentimento, sua ira.

– Apesar do que você pensa sobre mim – ela disse, enfim, com a voz baixa e crua – Eu *nunca* iria ajudar o regime atual da França. Eu detestei a Revolução por assassinar meu pai e destruir nosso futuro, mas foi por causa de Napoleão que continuamos destituídos. Se nós tivéssemos conseguido recuperar ao menos uma parte das terras e da fortuna Folmont, eu nunca teria... – Ela se silenciou, rangendo os dentes, sabendo que era inútil ponderar a respeito de “e se”.

– Nunca o quê? – Dare indagou, com o hálito quente roçando a têmpora dela.

– Eu nunca teria sido levada a me prostituir.

Ela sentiu que ele ficou muito tenso. Ela o havia chocado, como pretendia.

– O que você quer dizer? – A pergunta tinha uma farpa afiada que a surpreendeu.

Será possível que você se importe?, ela pensou, desafiadora.

– As alegações do seu avô causaram tamanho escândalo contra mim que eu não podia mais mostrar o rosto em público sem criar uma cena. Eu era considerada uma vadia traidora até mesmo por meus amigos. – A raiva a induzia a continuar. – Eu poderia suportar, talvez, mas *maman* ficou devastada. Eu saí da cidade, com a esperança de poupá-la.

Mas a renda da loja não era o suficiente para sustentá-la... Então sua doença piorou. Ela precisava de cuidados constantes e alívio para a dor. Então eu arrumei um protetor para pagar minhas contas.

– Um protetor? – A voz de Dare era rouca e baixa.

Ao se lembrar, Julianne engoliu em seco, lutando contra o retorno súbito da antiga mágoa.

– Eu não tinha escolha. Eu era tudo o que a *maman* tinha.

A expressão dele era ilegível. Dare soergueu-se no cotovelo para olhar fixo para ela.

A imagem dele nadava diante de seus olhos, brilhando com a luz da lareira e as lágrimas tolas dela. Ela as enxugou furiosamente. Não iria se tornar vítima de autopiedade.

– Eu vendi meu corpo, Dare, mas não minha lealdade a este país.

Sob o escrutínio intenso dele, ela olhou para o lado, tentando se segurar rapidamente no ódio; era a única defesa que ela tinha contra ele.

– Eu não estou à venda! Não a minha alma. E eu não sou uma traidora.

Dare permaneceu em silêncio, lembrando-se de quando conhecera Julianne, de como ela havia protegido sua mãe de maneira tão aguerrida quanto uma leoa protege seus filhotes. Ela havia se sacrificado mais do que a maioria das filhas teria feito, vendendo o corpo para sustentar os últimos dias de sua mãe. Ele sentiu uma facada aguda de culpa por ela ter caído tanto.

Dare se percebeu severo consigo mesmo. Ele não deveria se sentir culpado pelo que acontecera com Julienne. Se ela nunca o tivesse traído com o amante, a mãe dela poderia ter sido bem cuidada. Ele teria auxiliado, mesmo que não se casassem. Mas Julienne não havia sequer lhe dado a chance de oferecer ajuda.

– Dói muito que você tenha acreditado nas mentiras do seu avô – ela disse, depois de um momento.

Em mim também dói, ele pensou. *Você destruiu meu coração*. Mas ele sabia que aquelas acusações particulares do velho não eram mentira. E ele sabia que Julienne ainda estava encolerizada por isso. Ele podia ver fogo nos olhos dela, uma raiva duradoura e poderosa em meio à dor.

– Eu nunca acreditei nas acusações de meu avô quanto à política – ele disse, em voz baixa.

– Mas você pensou que eu seria capaz. Dare suspirou antes de responder:

– Eu admito que quando a vi pela primeira vez com Riddingham, eu queria que você fosse culpada. Eu ainda estava amargurado com sua traição de sete anos atrás.

E nunca iria superar aquele desgosto, Dare meditou, sentindo uma dor no peito pensando no que tinham perdido. Ele pegou em uma madeixa solta da bochecha dela, roçou-a nos lábios e inalou o doce aroma. Isso era parte do sonho despedaçado dele, ter Julienne em seus braços, sentir o calor lascivo junto a ele, a pele sedosa dela sob suas mãos... Ele estivera ávido por essa proximidade, essa intimidade que ele só conhecera com ela. O consolo que ele precisava era sempre ela. Ele ainda precisava dela, não apenas com o corpo, mas também o coração...

Dare fechou os olhos. Seria possível, ele pensou, que ele ainda a amasse? Que deus o ajudasse. Esse tipo de vulnerabilidade poderia destruí-lo.

Mas se ele havia pensado que fazer amor com Julienne pudesse mitigar a força que ela exercia sobre ele, se ele esperava tomar o

corpo dela e sair triunfante, ele percebia agora o quanto estava gravemente enganado. Uma única cópula violenta não poderia esgotar a paixão que ele tinha por ela. Talvez jamais se esgotasse.

Eu nunca me livrarei de você, o coração dele sussurrou. Você vai me assombrar para sempre.

No entanto, ele poderia fazer o que pudesse de mais diabólico para assombrar Julianne em troca. Ele queria que ela ficasse tão faminta e vulnerável quanto ele.

Deliberadamente ele pousou a palma da mão nos seios dela – e a sentiu encolher o corpo.

Sob esse toque excitante, Julianne respirou fundo, reconhecendo o retorno instantâneo de seu desejo sexual. Ela apertou os olhos, tentando não pensar, respirar, querer. Dare a fez se sentir desesperada de vontade...

Em desespero, ela desembaraçou suas pernas das dele e se sentou abruptamente.

Às suas costas, ela ouviu o murmúrio de Dare.

– Nós estamos do mesmo lado, pérola. Não somos inimigos.

– Seria mais fácil se fôssemos – ela respondeu com voz rouca. Ele hesitou.

– Eu não sei quanto a você, mas eu gostaria de uma trégua para essa guerra desgraçada entre nós.

– Eu também – ela expirou lentamente. – Se você está falando sério quanto a eu espionar para você... pode contar comigo.

– Voluntariamente?

Julianne devolveu o olhar para ele.

– É o único jeito de eu provar minha inocência a você, não é? Os cílios dele abaixaram, cobrindo seu olhar.

– Você não precisa provar sua inocência para mim.

– Não preciso? – Levantando-se da cama, ela foi até o guarda-roupa e tirou de lá um robe com o qual se enrolou, de forma a cobrir seu corpo nu.

– Como eu disse – Dare ressaltou –, você será bem paga. Julienne se forçou a erguer os ombros.

– A renda será bem-vinda, mas eu teria concordado de qualquer maneira. Eu quero Napoleão derrotado tanto quanto você, ou talvez ainda mais. O que você quer que eu faça?

– Descubra tudo o que puder da comunidade de imigrantes franceses. Nós estamos especialmente interessados em informações sobre complôs antimonarquistas ou rumores sobre simpatizantes napoleônicos.

– Enquanto você continua a caçar Caliban?

– Sim. Você vai ser minha informante, de agora em diante.

– Muito bem. Agora você deve ir.

Era uma dispensa, e para o alívio dela, Dare não fingiu compreendê-la mal. Ele se ergueu silenciosamente para se vestir.

Julienne ficou em pé diante da lareira, com as mãos estendidas para aquecer um frio súbito.

Ela iria fazer o que Dare lhe pedisse, fosse espionar os imigrantes conspiradores ou ajudar a encontrar Caliban. Estava determinada a provar sua inocência para ele. E estava ainda mais determinada a fazer o farrista esquivo se apaixonar mais uma vez por ela. Iria fazer com que Dare se rendesse completamente na batalha de sedução deles, Julienne jurou.

Mas primeiro ela tinha que controlar suas próprias emoções. Se esta noite servia de exemplo, corria o perigo de ter suas próprias armas sensuais voltadas contra ela. Por isso teria que fazer muito melhor para se enrijecer contra os sentimentos e reforçar as defesas de seu coração, se quisesse sobreviver.

Capítulo Onze



Julienne começou sua colaboração como espiã bem mais cedo do que esperava, pois o dia seguinte trouxe notícias que eclipsaram tudo mais: Napoleão Bonaparte havia abdicado.

Durante horas, um pandemônio reinou em Londres, com a multidão tomando as ruas em celebração. Em meio a toques de cornetas e batidas de panelas, vinham saudações efusivas e gritos triunfantes: “o Monstro Córsego está liquidado!”. A Europa inteira havia sido subjugada pelas botas do Napoleão por tempo demais, de tal forma que sua derrota soava quase miraculosa.

Os imigrantes não falavam de outra coisa, como Julienne descobriu nos dias seguintes, quando foi às reuniões improvisadas no salão de Solange Brogard. Ela compartilhava do júbilo deles, apesar de seu futuro não ser diretamente dependente do destino do sucessor de Napoleão, como era o caso deles. Quando o senado francês decidiu a favor do Rei Luis, isso significou que muitos dos exilados poderiam voltar para casa. Mas Julienne já não tinha mais qualquer parente próximo vivo, e as terras Folmont haviam sido confiscadas tempos atrás.

No final da semana, contudo, ela tinha pouco progresso a reportar para Dare. Ele foi até o alojamento dela para levá-la a um passeio de carruagem pelo campo.

Apesar de ser um belo dia de primavera, Julienne sentiu uma tensão entre eles. Mas Dare não fez qualquer menção sobre as revelações dela sobre seu passado vergonhoso, e ela estava

determinada a manter rígido controle de suas emoções e fingir que o ato de amor furioso deles jamais ocorreria.

Ela esperou até deixarem as ruas principais de Londres antes de resumir sua falta de sucesso como espiã.

– Todo mundo que eu observei estava exultante por Luis voltar à França, como o Conde d’Artois, o Príncipe de Conde, e outros membros da corte exilada. Não encontrei ninguém que levantasse suspeitas ou parecesse apoiar Bonaparte. Sinto muito.

Dare balançou a cabeça.

– Não precisa se desculpar por isso. E eu simpatizo com sua frustração. Nós também não tivemos sorte em nossa busca por Caliban.

– Vocês não conseguiram identificar o amante da dama de companhia? Ele hesitou, fazendo Julienne se perguntar se ele havia ou não descoberto algo. Mas tudo o que ele disse foi: – Não. Ainda é cedo para esperar por qualquer avanço nessa frente.

Então ele a surpreendeu ao perguntar algo totalmente sem relação com o assunto.

– Esse é um chapéu que lhe cai muito bem. Você mesma o desenhou?

Ela ergueu a mão para tocar no chapéu de seda de aba larga que era ornamentado com pequenas rosas.

– Eu não. Foi *maman*, que tinha mais talento para criação.

– E você era a que tinha o senso comercial.

– Acho que sim – Julienne disse, confusa com a mudança de assunto.

Durante anos, depois de escapar de Kent, ela e sua mãe viveram da caridade de parentes distantes, com uma miséria distinta, esforçando-se para superar as adversidades, até que a Julienne teve a ideia de vender boinas e chapéus que sua mãe talentosa, mas frágil, desenhava. Como muitas mulheres francesas, a condessa tinha um olho astuto para a moda, e suas criações tiveram uma grande demanda. O negócio prosperou o suficiente para

eventualmente abrirem uma confecção e até mesmo empregarem uma vendedora. Elas eram desprezadas pela nobreza tanto da Inglaterra quanto da França por terem que trabalhar pelo seu sustento, mas pelo menos podiam pagar pelos remédios da condessa.

Julienne não podia entender, no entanto, por que Dare faria de repente uma observação tão oblíqua, a menos que fosse para distraí-la das perguntas sobre Caliban.

– Você não deveria subestimar seus talentos – ele acrescentou, suavemente. – Tem um dom impressionante para a atuação.

– Obrigada – ela disse, decidindo por não pressioná-lo.

– Estou ansioso pela sua performance hoje à noite.

– Mesmo já tendo visto a mesma peça meia dúzia de vezes? – A encenação de *Ricardo III* havia sido prorrogada por uma semana, devido à demanda popular. – Eu pensei que a essa altura você estaria cansado de me assistir.

– Eu nunca me canso de assistir a você, querida. E eu devo manter meus esforços para vencer nossa aposta.

– Mas é claro.

Com o tom mordaz dela, os olhos de Dare brilharam com uma alegria desvirtuada.

– Falando em nossa aposta, eu tenho outra oportunidade a lhe oferecer. Eu pretendo comparecer a uma corrida em Newmarket na primeira semana de maio. Tenho dois jovens cavalos que vão competir na prova dos 2000 Guinéus. E eu gostaria que você me acompanhasse.

Julienne franziu o cenho.

– Eu não posso deixar o teatro por tanto tempo. Não depois de ficar tantos dias na sua festa no campo no mês passado.

– Nem mesmo se o governo precisar de sua presença?

– Você quer dizer *você* precisar da minha presença?

– Você concordou em agir como informante para nós.

– Tem poucos imigrantes franceses em Newmarket – Julienne retorquiu. – Você está apenas manipulando as operações para

benefício próprio.

– É verdade – ele admitiu, sem soar arrependido. – Eu vou arranjar as coisas com Drury Lane de modo que você fique livre por uma semana.

– Você nunca desiste, não é? – Julienne disse, exasperada. Dare soltou seu notório sorriso malicioso.

– Pode estar certa que não. A essa altura, você já deveria saber melhor.

– Infelizmente, eu sei. Eu não tenho a menor dúvida que você vai passar a semana toda tentando me seduzir.

– Como poderia evitar? Mas Madame Brogard pode vir junto como dama de companhia, se você sentir que precisa de proteção.

– Ela não provou ser a melhor proteção, no passado – Julienne murmurou. – Que tipo de acomodações você tem em mente?

– Eu sempre alugo uma casa em Newmarket a cada primavera. Não é luxuosa, mas é confortável.

– É totalmente inaceitável. Eu não vou ficar lá com você, Dare. Para todo mundo vai parecer que você está vencendo nossa aposta. Em vez disso, Solange e eu ficaremos em uma pousada.

– Será quase impossível encontrar quartos em uma pousada nesta época do ano. O 2000 Guinéus é um grande evento, e todo o universo do turfe estará presente.

– Bem, se você quiser que eu esteja lá, precisa dar um jeito. Julienne lhe deu um sorriso oblíquo.

– Eu estou certa de que o abastado Marquês de Wolverton pode estar à altura da ocasião e arranjar um par de quartos em uma pousada em Newmarket.

– Você propõe um desafio difícil, amor, mas vou fazer meu melhor para satisfazê-la.

– Satisfazer-me será uma proeza e tanto – ela o lembrou, em tom melodioso.

A frustração de Dare não diminuiu enquanto ele observava a performance de Julienne na tarde seguinte. Ele havia deixado de

lado as perguntas dela sobre o amante da dama de companhia porque ele não via motivo para alarmá-la sem necessidade.

Não havia razão para contar a ela que tinha encontrado o broche de pérola em sua carruagem, que provavelmente o próprio Caliban teria o colocado ali. Lady Castlereagh confirmara que o adorno era de fato o que Alice Watson usava, o que deu quase certeza a Dare de que Caliban estava provocando-o.

Os pensamentos de Dare estavam centrados mais em seu rival que na peça de Shakespeare, no momento em que Lady Anne seria envenenada. Ele viu Julienne tomar um gole da taça de vinho e iniciar um discurso impassível lamentando a malevolência do Rei Ricardo. Foi talvez uns cinco minutos depois que a voz dela falhou subitamente e ela pôs a mão no pescoço. Ela conseguiu emitir mais algumas palavras, mas então perdeu completamente a fala, fazendo com que Dare se perguntasse se não faltava um pedaço do monólogo.

De repente, as pernas dela vacilaram, e ela lentamente tombou ao chão, como em um desmaio.

O colapso dela logo nesse ponto *não* era parte do *script*, Dare tinha certeza.

Seus colegas atores pareciam atordoados pela alteração. Um dos “guardas do palácio” se ajoelhou ao lado de Julienne, improvisando sua fala no instante.

– Minha rainha! Vossa alteza se sente mal?

Quando Julienne não respondeu, o medo percorreu a espinha de Dare. Sem um pensamento consciente, ele se ergueu do assento e saiu apressado do camarote, tomando o caminho pelos corredores e pela orquestra.

Quando ele saltou para cima do palco, uma multidão de atores já estava em volta de Julienne, e havia um rumor audível da audiência perturbada.

Ele conseguiu abrir caminho e se ajoelhar ao lado de Julienne.

Ele logo notou que ela mal mantinha a consciência. A respiração e a pulsação dela estavam tão fracas que eram quase indetectáveis.

– Chamem um médico! – Dare exigiu, com a voz áspera cheia de temor.

Ele esfregou os pulsos dela sem qualquer resultado. Quando alguém lhe entregou um frasco com sais aromáticos, ele o colocou sob as narinas dela. As pálpebras tremeram e ela soltou um pequeno gemido, mas o corpo dela continuava flácido.

Erguendo Julianne em seus braços, ele a carregou para o salão nobre, ignorando as perguntas feitas pelo diretor ansioso, Samuel Arnold. Dare a acomodou na *chaise* e afrouxou o corpete apertado sob o vestido, com os olhos fixos em seu rosto pálido, os lábios azuis que mal se moviam enquanto ela tentava futilmente falar. Da última vez que vira um rosto tão exangue, havia sido o da moça morta.

Para seu alívio, um homem que alegou ser médico apareceu quase imediatamente, dizendo que estava na audiência. Dare andava de um lado a outro enquanto ele examinava Julianne, mal ouvindo uma das oratórias de Kean, à distância, enquanto a peça continuava.

Após um breve instante, o doutor franziu o cenho.

– Talvez o vinho que ela bebeu fosse nocivo. É possível... milorde, eu me pergunto se ela teria sido envenenada.

– Envenenada? – Dare disse, estridente, com o peito comprimido, enquanto Arnold ecoava a mesma pergunta chocante.

– Ela vai morrer? – Dare se obrigou a perguntar.

– Eu duvido que ela tenha bebido o suficiente para morrer, mas o veneno precisa ser purgado do corpo, do contrário o coração dela ficará lento demais.

Dare olhou para Julianne, ali deitada tão fraca e abatida. O coração dele também parara de bater quando ela caiu ao chão, mas a possibilidade de ela ter sido envenenada fazia com que medo e ódio pulsassem em suas veias.

– Alguém por favor me traga um pouco de vinagre, se tiver – o doutor exigiu. – Ou sabão e um copo d'água, se não for possível

encontrar vinagre.

O diretor se apressou a atender ao apelo, voltando em pouco tempo com uma garrafa com vinagre pela metade. Enquanto o doutor executava seus preparativos, Dare fez com que todos os presentes, exceto Arnold, se retirassem, para dar privacidade à paciente.

O doutor fez com que Julienne bebesse o vinagre, então a virou de barriga para baixo. Com a cabeça pendendo ao lado da *chaise*, ele pressionou a região lombar até que ela esvaziasse o conteúdo do estômago em um penico.

– Eu creio que isso deve bastar – o médico disse, em tom grave mas satisfeito.

Depois de um momento, ele deu espaço a Dare, que se sentou ao lado de Julienne na *chaise* e gentilmente umedeceu o rosto e os lábios dela com um pano molhado.

Após um momento, os olhos dela tremeram e se abriram, e ela ergueu a mão flébil até a têmpora.

– O que... aconteceu?

Ele alisou um cacho de sua testa encharcada.

– Alguma coisa que você bebeu entrou em desacordo – ele disse, sinalizando com um olhar discreto para o doutor, para que evitasse alarmá-la. – Nós vamos conversar mais tarde, querida. Eu vou deixar minha carruagem preparada e levá-la para seu alojamento. Por enquanto, tente descansar.

Sua sobrancelha franziu com aturdimento, mas Julienne acenou em consentimento, e fechou os olhos.

Dare a cobriu com um cobertor, então acompanhou os outros homens para fora do aposento, deixando Julienne em paz por um momento. Era possível que o doutor se enganasse a respeito do veneno, Dare sabia, mas ele não acreditava em coincidências. Ele suspeitava que Caliban estivesse preocupado que ele avançasse demais em suas investigações, portanto isso seria um aviso para que ele recuasse.

A boca de Dare se apertou com determinação. Ele iria considerar o aviso com o coração, é claro. Se Julianne morresse por causa dele... Ele não suportava sequer pensar nisso.

Mas ele não tinha intenção de abandonar sua caçada. No entanto, ele teria que mudar de tática se pretendesse vencer a batalha contra um assassino determinado.

Dare levou Julianne para a pensão e combinou com a senhoria para que cuidasse dela durante a noite. Para seu alívio, quando ele foi visitá-la na manhã seguinte, ela estava recuperada o bastante para se sentar na cama e perguntar a ele o que acontecera.

Dare lhe contou sobre a suspeita de envenenamento e como as investigações com o diretor depois da peça não levaram a lugar algum. Ninguém na companhia de teatro tinha a menor ideia de como o veneno teria chegado à taça de vinho. Ninguém havia visto nada de suspeito.

– Você realmente pensa que Caliban queria me matar? – Julianne perguntou.

– Não – Dare respondeu. – Eu acho que ele quis apenas me mandar um aviso. Mas eu prefiro não arriscar. Eu cuidei para que um criado a acompanhe quando você for e voltar do teatro, ou para onde quer que você vá.

– Você está exagerando – ela protestou.

– Talvez, mas eu não quero a sua morte na minha consciência – Dare respondeu, enfaticamente.

Mas o que o preocupava era que se Caliban quisesse mesmo Julianne morta, não haveria maneira de impedi-lo.

Ele enviou um boletim para Lucian em Devonshire sobre o ataque e conferenciou com o assistente de Lucian, Philip Barton. Mas eles não descobriram pista alguma de qualquer parte nas duas semanas seguintes. Mais uma vez o trapaceiro Caliban havia se esquivado de todos os esforços para rastreá-lo.

Ao menos não houve mais nenhum incidente ameaçador nesse intervalo. Dare considerou cancelar a viagem para Newmarket, mas decidiu que ter Julienne fora da cidade era preferível a deixá-la em Londres como alvo. E ao deixar a cidade, ele poderia dar a impressão de que estava abandonando as investigações, mesmo que não tivesse qualquer intenção de fazer algo assim.

As provocações de Caliban, no entanto, haviam afetado Dare mais do que ele gostaria de admitir. Ele não podia ir a parte alguma sem olhar sobre os ombros, procurando outras ameaças nas sombras. E ele sabia que iria gastar todo o tempo do evento de turfe na mesma situação.

Já era fim de tarde quando chegaram a Newmarket. Dare mais uma vez insistira para que Julienne e sua amiga se instalassem com ele em seu apartamento, mas Solange declinou, dizendo que uma coisa era aproveitar uma festa na casa de campo com dúzias de outros convidados, mas outra muito diferente era bancar a dama de companhia aquartelada com um solteirão notório e ninguém mais além dos criados. E não tinha dúvida de que fosse quem fosse o louco que envenenara Julienne em Londres, não iria segui-las até ali.

Dare concordou relutante. Ele não acreditava que Caliban iria segui-las, mas tomou a precaução adicional de providenciar com o dono da pousada para que mantivesse os olhos atentos pela proteção das damas.

Todas as pousadas estavam lotadas, como Dare previra, mas para o eminente Lorde Wolverton, mares se abriam. O Harriford Arms pôde providenciar dois quartos muito elegantes para Miss Laurent e Madame Brogard e sua criada, durante a semana das corridas.

Solange afirmou estar exausta depois da viagem de mais de vinte quilômetros, mesmo na *chaise* de viagem bem espaçosa do marquês, então ele propôs que ficassem na pousada para descansarem antes que ele voltasse com a carruagem às sete, quando então elas jantariam com ele em seu recinto.

Enquanto as damas se acomodavam nos quartos e se restabeleciam com chá, o rotundo anfitrião se mostrava efusivo e ansioso a respeito de Lorde Wolverton e seus cavalos.

– O marquês tem mais vitórias do que derrotas, e eu notei uma certa cautela por parte dele nesta semana. Ele é membro do Jockey Club, também. Quando me procurou pedindo por quartos, eu lhe arrumei imediatamente. Um homem inteligente não recusa um pedido de Lorde Wolverton.

– O que é o Jockey Club? – Solange perguntou.

– Creio que seja um grupo de cavalheiros que determinam as regras do Turfe Britânico – Julianne disse. – Dare sem dúvida ficará contente em satisfazer nossa curiosidade hoje à noite.

Como ela esperava, o local alugado por Dare não era nada menos que uma mansão. E como sempre, o chefe dele preparara um jantar excelente.

A conversação se provou igualmente satisfatória para Julianne. Ela resolvera pensar nessa escapada de Londres como um feriado, para aproveitar sua vida e tentar esquecer do perigo que espreitava sobre suas cabeças. Como ela nunca tinha visto uma prova de turfe antes, ela ficou altamente absorvida pelas explicações de Dare sobre a corrida de cavalos de raça.

– A corrida dessa semana será de uma milha em linha reta – disse Dare. – E o vencedor vai receber dois mil guinéus, mais a fama.

Nos séculos passados, páreos exaustivos tinham a distância de mais de quatro milhas, como ele explicou. Mas em seus dias, as provas eram mais curtas e com dinheiro em jogo, sendo que as copas e taças eram disputadas pelos troféus. A prova dos 2000 Guinéus naquela sexta-feira era um páreo com vinte e três cavalos na pista. Somas enormes seriam apostadas pelos entusiastas, Dare acrescentou, prevendo que a quantia para aquela prova chegaria a duzentas mil libras.

– Tanto assim? – Solange exclamou.

– A senhora gostaria de fazer sua aposta? – ele perguntou.

– Eu não – Julianne respondeu primeiro. – Não tenho intenção de esgotar minha renda ganha com tanto esforço em uma aposta absurda, como alguns nobres extravagantes que nós conhecemos.

Dare apenas sorriu diante da indireta.

– Muito bem, se as damas estiverem dispostas, vamos observar o treinamento na pista amanhã pela manhã e fazer um tour pela sede do Jockey Club à tarde. E há um encontro amanhã à noite. Newmarket recebe alguns dos ganhões mais qualificados do país, mas podemos deixar para visitá-los no dia seguinte.

Solange franziu o nariz.

– *Mais non.* Eu não faço questão de sofrer em um estábulo fedorento, mas gostaria de ir a um salão de danças.

Na manhã seguinte, eles foram em cavalos alugados assistir aos treinos em Newmarket Heath. A névoa estava se dissipando, e Julianne pôde ver vastos trechos de grama verde pontuada por esplêndidas faias. Adiante, na paisagem, erguiam-se as torres e domos de inúmeras fazendas de criação de cavalos e estábulos.

Os cavalos pareciam magníficos, com seus couros brilhando sob a luz do sol e músculos poderosos flexionando-se enquanto trotavam nas voltas de aquecimento.

– É possível que até um terço dos puros-sangues da Inglaterra treinem aqui – Dare as informou.

Várias dúzias de treinadores e proprietários ficavam ao lado da pista, estudando com o olhar e dando instruções aos jóqueis.

Não havia assentos especiais para espectadores ou pontos de venda de comida ou outras amenidades. Como resultado, havia poucas damas presentes, pois poucas do sexo mais belo iriam tolerar o desconforto espartano da pista de Newmarket. A maioria dos observadores, Dare disse, iria assistir à corrida no lombo de outros cavalos ou sobre o teto de carruagens.

– Não espere que nós subamos no teto de uma carruagem! – Solange protestou. Em resposta, Dare soltou um sorriso maroto, e

lhe garantiu que os criados dele iriam providenciar todo conforto possível às suas convidadas.

Apesar da aparente falta de acomodação, no entanto, o entusiasmo era contagiante. Eles viram os dois cavalos de Dare entrarem na pista e observaram suas performances de tirar o fôlego, enquanto eles marcavam o solo pela charneca, em rompantes de cascos trovejantes e crinas esvoaçantes. Mais tarde, Dare apresentou seu treinador e falou em particular com ele enquanto Julienne e Solange aguardavam.

– Minhas desculpas – Dare disse, ao fim da conversa. – Esse companheiro é tão temperamental quanto uma égua amaldiçoada e precisa ser manejado com cuidado. Mas ele é o melhor que há em sua profissão.

Isso tampouco surpreendeu Julienne, pois ela suspeitava que Dare só iria contratar o melhor.

Eles almoçaram em um pub em Newmarket e mais tarde visitaram o afamado Jockey Club na High Street, o principal centro de criação de cavalos e de treinamento de toda a Inglaterra, onde eram publicados o *Livro do Garanhão* e o *Calendário da Corrida*.

Naquela tarde, eles compareceram a uma festa na casa de um dos nobres locais para jantar e dançar. Dare, ao que parecia, conhecia *todo mundo*. No momento em que sua comitiva chegou ao salão de festas, ele foi cercado de conhecidos querendo retomar velhas amizades e obter sua opinião sobre os competidores.

Mas Julienne e Solange tiveram pouca chance de se sentirem negligenciadas, pois a companhia era vívida e amigável, e as duas damas se viram muito requisitadas por cavalheiros afoitos para dançar.

Em certo momento Julienne dançou uma valsa com Dare. E elas compartilharam o bufê de jantar com ele. Mas então ela era puxada novamente pelo próximo parceiro de dança que a convocava.

Perto do fim da noite, Julienne estava voltando da área de dança para onde Solange a aguardava quando, com o canto do olho,

captou uma visão que paralisou todos seus músculos: uma figura masculina alta, de cabelo escuro, que pairava no meio da multidão.

Ivers.

Ele desapareceu de sua vista tão rápido quanto surgira, mas um senso de desconforto tomou conta de Julianne. A pele dela ficou fria e pegajosa, e ela sentiu dificuldade para respirar.

– Você está bem, *mon amie*? – Solange perguntou, solícita. – Você parece um tanto pálida.

– Não, eu estou bem – ela mentiu, dizendo a si mesma que ela apenas o imaginara. Ivers não era nada além da lembrança de um pesadelo particularmente desagradável.

Fazia sete anos que ela não o via e esperava nunca vê-lo novamente. Anthony Gale, o Conde de Ivers, havia sido um vizinho do avô de Dare, um rapaz jovem e selvagem que desenvolveu uma rivalidade não muito saudável com Dare ao longo daquele verão infame.

Os dois eram considerados libertinos e ambos estonteantemente bonitos, mas os cabelos de Ivers eram tão escuros quanto os de Dare eram claros, e o charme suave dele sempre pareceu muito calculista para o gosto da Julianne. Mesmo ela, contudo, não tinha percebido o quanto Ivers podia ser um sujeito desprezível – para seu arrependimento eterno.

Com um estremeamento, ela pôs um sorriso nos lábios e saudou o último parceiro de dança da Solange. Mas ela ficou feliz quando o encontro acabou e eles voltaram para Harriford Arms na tranquilidade da luxuosa carruagem que Dare disponibilizara.

Ele as conduziu para dentro da pousada, lembrou Julianne que iria pegá-la às dez da manhã para o tour pelas fazendas locais de criação de gansos, e então se despediu delas com uma reverência.

Julianne tinha começado a seguir Solange escada acima quando o dono da pousada as avistou do bar e se apressou ao encontro delas. Ela ficou confusa quando recebeu dele uma mensagem escrita.

– Pode ir na frente, Solange – Julianne disse, lacônica, à amiga francesa, enquanto tentava ler as palavras sob a luz fraca. – Nós nos veremos no café pela manhã.

Incapaz de decifrar o que a mensagem dizia, após um momento ela subiu os degraus e andou pelo corredor até a luz de uma arandela. Ali era mais silencioso, mais longe da algazarra do bar lotado, tão silencioso que ela podia ouvir as batidas de seu coração quando começou a ler.

Minha querida Miss Laurent

Eu creio que temos muito a conversar. Encontre-me na hora da alvorada atrás da pousada.

Estava assinado com um garrancho espesso: *Ivers*.

Uma comichão percorreu toda sua espinha no mesmo instante que ouviu os passos furtivos atrás dela. Virou o rosto e olhou fixo, com o coração na garganta, quando o conde de Ivers veio saracoteando na direção dela.

Ele parou a poucos passos dela. Não parecia ter mudado muito nos últimos sete anos, Julianne pensou. Exceto por algumas linhas de idade marcando um pouco mais suas feições nobres, e os olhos um pouco mais injetados.

– Mademoiselle Laurent.

O sorriso experiente dele a assombrou. Ela não podia respirar, não podia falar. A ajuda estava à distância de um grito, mas ela estava chocada demais para se mover.

– Que bela obra do acaso encontrá-la aqui sozinha. Eu pensei que teria que esperar até amanhã.

– O quê...? – A palavra saiu engasgada. Depois de engolir, Julianne tentou mais uma vez: – O que está fazendo aqui?

– Eu gostaria de falar com a senhorita.

Apertando os punhos, ela fez um esforço para manter um mínimo de compostura. Se ele sentisse que ela estava com medo,

ficaria ainda mais perigoso.

– Estou ouvindo.

– Acredito que a senhorita possa me ajudar. Eu me encontro em circunstâncias adversas no momento. Dívidas de honra, devo confessar.

O turfe se provou minha fraqueza. Eu precisarei fugir do país se não puder reunir os fundos necessários.

– Não vejo de que maneira isso possa ter qualquer relação comigo.

– Eu estive em Londres recentemente e soube que a senhorita tem o nome do momento, e muitos protetores ricos à sua disposição... inclusive Lorde Wolverton, pelo que sei. Ao que parece, a senhorita voltará à alta sociedade se ele se tornar seu amante novamente. Não deve ser difícil para a senhorita arrancar um pouco da fortuna dele.

– Você só pode estar louco! – Julianne disse, rangendo os dentes.

– Se pensa que posso lhe dar sequer um xelim pelo motivo que for.

– Louco, não. Apenas desesperado. – As pálpebras dele estavam cabisbaixas enquanto ele especulava. – A Joia de Londres.... Por quanto tempo sua fama duraria se as atividades execráveis do seu passado viessem a público? E se fosse revelado que a senhorita era uma inimiga da pátria?

– Você sabe muito bem que essas acusações eram falsas!

– Mas a senhorita sabe muito bem que eu posso plantar uma quantidade enorme de evidências contra sua pessoa, se quiser.

Julianne sentiu um nó no estômago. Ivers poderia sem dúvida fabricar mais mentiras, mas dessa vez ela não iria se curvar a suas ameaças.

– Eu não tenho intenção de sucumbir às suas chantagens mais uma vez.

– Seria estupidez ignorar o meu pedido.

– Então eu simplesmente serei estúpida. Minha resposta é não. Ele deu um outro passo na direção dela.

– Eu acredito que terei de persuadi-la.

Julienne olhou com fúria por trás do ombro e se deparou com o corredor deserto. Ela mal podia acreditar que Ivers seria ousado o bastante para abordá-la em uma pousada lotada. Mas ele era um vilão com poucos escrúpulos, alguém que seguia suas próprias regras sinistras.

Quando ele se aproximou e pegou no ombro dela, ela estremeceu com repulsa; o mero toque dele a enchia de temor.

Porém, ela não era mais a jovem inocente que ele havia atormentado sete anos antes. Ela sabia como revidar.

Freneticamente, Julienne vasculhou sua bolsa e agarrou o cabo de sua faca. Ela retirou a lâmina da bainha e brandiu o aço afiado contra o rosto dele.

– Eu não acho que você vai me persuadir a nada, Lorde Ivers – ela disse, com a voz grave e firme. – Eu aprendi a me defender de vermes como você.

O sorriso dele se tornou severo, mas ainda assim provocador.

– Você não vai usar isso.

– Não?

Dominando sua expressão, ela deixou que um olhar de desprezo percorresse o rosto dele, notando as cicatrizes tênues sobre sua mandíbula, logo abaixo da orelha esquerda. Cicatrizes que as unhas dela fizeram anos atrás.

– Você ainda tem as marcas que eu deixei em você, milorde. Mas eu lhe garanto, elas não serão nada comparadas com as que eu vou cravar em você se ousar tocar em mim novamente.

Ele já não parecia mais se divertir, os olhos dele se apertavam com um ar de dúvida.

– Afaste-se – Julienne exigiu. – A menos que você queira que eu rasgue sua goela.

Ela deixou escapar uma risada selvagem. Afinal, tinha experiência teatral em abundância para criar declarações melodramáticas, mas nenhuma fala de peça alguma lhe dera tanta

satisfação quanto aquela. E desta vez não estava atuando. Ela mataria Ivers antes de deixá-lo feri-la novamente.

O nobre pareceu acreditar nela.

– Você vai se arrepender disso, Miss Laurent – ele avisou.

– Não tanto quanto me arrependo por ter deixado você escapar ileso todos esses anos. Se me ameaçar de novo, eu juro que vou remendar meu erro.

Ele permaneceu indeciso durante um momento que não terminava nunca, enquanto o coração de Julienne martelava em seus ouvidos. Enfim ele se afastou, então girou sobre seu sapato e saiu dali, desaparecendo escada abaixo em um estrépito furioso.

Quando os joelhos começaram a se dobrar, Julienne se recostou exausta na parede. Ela tremia sob o efeito retardado provocado pelo choque de confrontar novamente com seu arqui-inimigo.

Céus...

Um soluço seco escapou de sua garganta, e ela apertou um punho contra a barriga para tentar conter a náusea que a tomava. Detestava se sentir tão vulnerável, tão desolada. Forçou-se a respirar fundo, tentando estabilizar o fôlego, mas as mãos ainda tremiam de maneira deplorável quando recolocou a faca na bainha. Ela pensou que de agora em diante deveria mantê-la presa sempre na cintura, como precaução. A percepção de que não estava totalmente indefesa a reconfortou.

Recusou-se a deixar Ivers arrancar dela mais do que já havia arrancado. Então um outro pensamento a assaltou, renovando o estado de alarme. Será que ele poderia ter êxito em expô-la como traidora do país?

A mente dela rodopiou. Era possível que ele pudesse forjar acusações ainda mais elaboradas contra ela... Mas ela não era mais uma garota indefesa. Agora ela tinha recursos, amigos influentes... Dare.

Uma sensação tênue de alívio a inundou. Ela tinha Dare. Ele certamente iria acreditar nela. Ele poderia protegê-la de bestas

inescrupulosas como Ivers.

Ela precisava encontrar o marquês. Não havia lugar onde poderia se sentir segura, exceto em seus braços...

Às cegas, virou-se para ir em busca dele. Mas parou abruptamente. Dare estava no fim do corredor, vigiando-a.

– Eu pensei em devolver as luvas que a Madame Brogard deixou na minha carruagem – ele disse, enfim. – Imagine minha surpresa ao ver o Conde de Ivers descendo as escadas.

– Não é o que você está pensando...

– Não é? – Dare permaneceu onde estava, batendo casualmente as luvas em suas coxas, mas o brilho nos olhos dele era duro como o aço.

– Eu fui um tolo ingênuo uma vez, não percebendo jamais que você tramava com seu amante pelas minhas costas. Eu não vou me deixar enganar de novo, querida.

– Não, Dare, não é isso.

O olhar frio e penetrante caía sobre ela enquanto ele se movia em sua direção.

– Vocês não são amantes?

A frase se pendurava no ar, um lembrete agudo do passado amargo deles.

– Não – Julianne repetiu com voz seca diante de Dare. – Ivers não é meu amante. Eu nem sequer o via há anos.

– Então o que ele estava fazendo aqui? Tentando levar você de volta para a cama dele?

– Não.

A bonita boca dele se retorceu em um sorriso de escárnio.

– Você espera mesmo que eu acredite em você?

– Sim – ela insistiu. – Eu nunca me deitaria com ele. Eu não o considero melhor do que um verme. Ele me dá arrepios de horror.

O rosto de Dare não mostrava qualquer sinal de amolecimento.

Julianne sentiu seu coração afundar com a acusação em seus olhos incandescentes. Ela evitou os olhos dele, sabendo que seria

fútil implorar mais. Dare nunca acreditaria nela depois da traição sete anos antes. Uma dor selvagem arranhava fundo em seu peito enquanto a desolação a tomava. Ela não podia encarar a condenação dele naquela noite. Ela não era forte o bastante para suportar.

Ela se virou para partir, mas ele a segurou pela cintura. Quando ela instintivamente se recolheu, ele a puxou para junto de si, envolvendo-a em um abraço sem espaço para consentimento.

– Dare, não!

Ele não lhe deu atenção. A pegada dele chegava à intensidade de ferro enquanto ele inclinava a cabeça para beijá-la. O contato da boca firme dele era atordoante, fazendo com que calor, luxúria e desespero explodissem dentro dela. O beijo dele arrebatava sem ardor; ele era um homem disposto a punir, pretendendo afirmar o que lhe pertencia.

Julienne começou a se debater enquanto memórias sombrias a atacavam. Com o pânico pairando nas margens de sua mente, ela se defendeu de seu agressor com os punhos.

– *Pare!* – Lutando desesperadamente para se libertar, ela tentou afastá-lo. – *Não toque em mim!*

O apelo dela deve ter aberto caminho no meio da raiva dele, pois Dare subitamente a soltou.

Por um longo momento, Julienne continuou tremendo ali, encarando as feições furiosas e impiedosas dele. Então, com um soluço, ela lhe deu as costas e foi andando trôpega pelo corredor até seu quarto.

Dare a olhou ir embora e bater a porta, então ouviu o ferrolho se mover enquanto ela se trancava a salvo dele. Ele xingou. Com fúria. Ele ainda estava dominado por ciúme, ainda abalado por reconhecer sua violência.

Ele havia assustado Julienne. Ele viu como ela se debatia horrorizada em seus braços, viu o vislumbre de medo nos olhos dela enquanto ela lutava para se libertar.

Deus, o que ele fez?

Nunca antes ele havia tocado uma mulher que não estivesse ávida. Não era desculpa que o pensamento de uma segunda traição de Julienne lhe despertara o lado de macho selvagem. Não era desculpa o fato de ele achar que Ivers pudesse roubá-la dele novamente. Não havia como justificar a reação de puro instinto primitivo, com seu coração gritando em negação, batendo forte com o terror aviltante de perdê-la mais uma vez.

Dare apertou os olhos, lembrando-se de sete anos de dor. Ele não poderia suportar aquele tormento renovado. Ele se *recusava* a suportar. E não iria deixar aquele desgraçado do Ivers chegar perto da Julienne de novo, se ele tivesse seus meios.

E, Dare jurou com aspereza, Ivers podia ter a certeza de um condenado ao inferno que ele teria seus meios.

Julienne estava tomando seu desjejum com sua amiga Solange na pousada no dia seguinte, quando Dare apareceu para buscá-la. Ela olhou arredia para ele, perguntando-se se o marquês pretendia ignorar o incidente nervoso entre eles, mas a expressão enigmática dele não ofereceu qualquer pista de seu estado de humor.

O aceno de adeus para Madame Brogard, contudo, foi cheio de charme, com a promessa de que iria cuidar bem da sua amiga.

Quando ele acompanhou Julienne até o jardim da pousada, ela se pegou olhando por cima do ombro, conferindo nervosa se Ivers estaria por perto. Ela estava contente por estar com Dare ao seu lado, mesmo que ele não parecesse muito disposto a falar com ela naquele momento. Considerando seu silêncio, ela presumiu que ele não tinha intenção de pedir desculpa pelo beijo brutal. Ela logo iria se esquecer disso.

Quando eles se acomodaram na *chaise* de viagem, Julienne se enterrou com gratidão entre as almofadas. Ela tinha dormido muito mal, com Ivers aparecendo com proeminência em seus pesadelos. Julienne ficaria contente com a distração de visitar os principais estábulos de Newmarket.

Um pouco depois da partida da carruagem, ela percebeu que estavam se movendo a uma velocidade que nada tinha do ritmo tranquilo usual que se costumava manter em passeios pelo campo.

Ela se apurou para espiar pela janela, percebendo que a estrada parecia a via pública que eles tinham tomado na vinda de Londres.

– Procure se manter confortável – Dare disse, em resposta à pergunta não dita. – Nós temos uma longa viagem pela frente.

O olhar de Julienne se encontrou com o dele. Ela podia ler uma determinação severa em seu rosto, e levou um tempo até passar a surpresa e poder falar.

– Isto é um sequestro? – ela finalmente perguntou.

Ele não deu uma resposta direta.

– Ainda nos restam cinco dias em nossa semana. Eu não pretendo dividir nenhum deles com Ivers.

– Nem eu. – Recorrendo à força de vontade, ela conseguiu colocar um sorriso seguro no rosto. – A Solange sabe dos seus planos?

– Eu contei a ela ontem à noite. Aliás, ela me deu sua bênção. Eu mandei fazerem sua bagagem e a colocar na carruagem enquanto você tomava o desjejum.

A Solange havia de fato agido de maneira estranha nesta manhã. Julienne pensara que era porque a francesa não quis fazer o tour pelos estábulos.

– Ela concordou mesmo com você me levar para longe?

– Eu a convenci de que você estava sob o perigo de um homem louco que a está perseguindo. É algo que, depois de seu envenenamento, ela não teve dificuldade para acreditar. E concluiu que você estaria mais segura comigo.

– Aonde está me levando?

– Eu tenho uma casa em Berkshire. Um lugar bem isolado.

– Um ninho de amor para suas mulheres, eu presumo.

– Precisamente.

Julienne cerrou os lábios. Ela deveria estar furiosa com o atrevimento de Dare, mas a verdade era que ela estava contente por deixar Newmarket para trás. Ela não podia suportar a ideia de encontrar Ivers novamente. Então, ela não proferiu nenhum protesto além de dizer: – Você está fazendo uma aposta muito alta.

Julienne quase se retraiu ao ver a claridade intensa como joia do olhar de Dare.

– Eu quero você toda para mim. Sozinha. E eu não quero que haja qualquer dúvida quanto a quem é seu amante.

A afirmação dele a chamou. Em defesa, ela cruzou os braços sobre o peito, protegendo-se da zombaria dele.

– Eu não pretendo discutir Ivers com você.

– Ótimo. Eu não pretendo que você o faça. Eu não quero nem mesmo pensar nele. Durante os próximos dias, eu pretendo fazer você se esquecer completamente dele.

Julienne observou que o tom de voz dele não era passional, mas ela sabia que ele falava com seriedade brutal.

– E se eu me recusar a acompanhá-lo? Você pretende me manter prisioneira?

– Eu não acho que você vai recusar. Você quer a mesma coisa que eu. Ela arqueou uma sobrancelha.

– E o que é?

– Prazer. – O sorriso ténue dele tinha algo de predatório, mesmo quando sua voz baixava para um murmúrio sedutor. – Quatro dias e noites de prazer intenso e entorpecente. Delícias carnis tão quentes, tão cruas, tão selvagens que vão fazer você gritar.

Contra a vontade, Julienne sentiu os músculos internos das coxas se contraírem com a promessa sensual. Quatro dias de intimidade com Dare... Algo que eles nunca tiveram juntos, nem mesmo durante o fatídico verão apaixonante, quando foram amantes.

Seria um tormento. Seria um êxtase.

– A decisão é sua – ele disse.

Então ele não a manteria cativa, Julienne refletiu. Dare a deixaria ir se ela pedisse. Ele estava deixando a escolha para ela.

Sem responder, ela virou a cabeça para olhar pela janela, não pretendendo demonstrar a ele a satisfação de saber o quanto ela queria aceitar a proposta.

De fato era uma longa viagem. Eles falaram pouco nas muitas horas seguintes, mesmo quando pararam para trocar os cavalos e comer uma refeição leve.

Julienne se sentiu sonolenta após o almoço. Dare a observava, sentindo uma mistura estranha de arrependimento e tensão. Ele ficava aborrecido por vê-la tão recolhida depois dos progressos que aparentemente estavam tendo no relacionamento. Mas ele não iria recuar do caminho escolhido. Estava determinado a remover até o mais breve pensamento por outros homens da mente de Julienne. Dare prometeu a si mesmo que ela não iria querer nenhum outro amante além dele, quando ele concluísse.

O marquês se guiava por uma paixão primitiva tão antiga quanto o tempo – a necessidade de possuir sua mulher e torná-la somente sua. Por alguns dias Julienne *seria* apenas *dele*.

Uma satisfação poderosa preencheu Dare enquanto ele ouvia a respiração silenciosa dela. Podia contar em uma mão a quantidade de vezes que vira Julienne dormindo. Ela parecia tão incrivelmente tentadora assim... a guarda baixa, linda o bastante para fazer o coração doer... os cílios escuros tremendo contra a compleição de marfim, seus lábios tingidos de rosa entreabertos.

Incapaz de resistir, ele se aproximou dela e cuidadosamente a tomou em seus braços. Ela se curvou contra o corpo dele com um leve suspiro.

Um sentimento agudo de proteção surgiu nele para se misturar à melancolia. Havia um benefício adicional em levá-la a uma casa de prazeres isolada nos montes Berkshire, Dare refletiu enquanto a segurava. Ele a levaria para longe do perigo que Caliban impunha.

Ele poderia protegê-la melhor ali, pois ninguém saberia como encontrá-los. Isso incluía Ivers.

Na noite anterior, Dare enviara uma mensagem para Lucian, pedindo para que Ivers fosse investigado, acreditando ser muito estranha a coincidência de seu velho inimigo aparecer em Newmarket naquele momento particular.

Ele queria que Julienne ficasse segura, mas no fundo seu principal motivo para cuidar dessa viagem era mais egoísta do que apenas a proteção dela.

Dare fechou os olhos, saboreando a maciez do corpo dela, o aroma fragrante. A ideia de ter Julienne só para ele na maior parte de uma semana fez suas partes baixas enrijecerem com a expectativa, enquanto o contato com ela quase o levava a perder o controle.

Ele poderia excitá-la ali mesmo, não tinha dúvida. Tudo o que precisava era estimular seus seios luxuriosos, erguer as saias dela e deslizar os dedos para dentro de seu calor úmido, e ela estaria vívida em seus braços... Dare murmurou um xingamento em voz baixa. Era tudo o que ele podia fazer para conter seu corpo contra os desejos enfurecidos e não possuí-la bem ali, enquanto ela dormia. Estava decidido a esperar, não queria agir como o bruto que fora na noite passada.

E se Julienne recusasse sua oferta de prazer carnal louco e apaixonado?

Nesse caso, ele simplesmente teria que fazê-la mudar de ideia.

Já era meio da tarde quando a carruagem parou. Julienne acordou bem desperta. Ela se sentia tão quente e estimada...

Ao perceber que estava aninhada ao corpo do marquês, imediatamente corou as faces. Então se afastou de Dare e se sentou.

Através da janela, ela podia ver um castelo imenso de pedra cor de mel, brilhando como uma joia em meio a uma floresta de faia.

Para sua surpresa, Dare não havia tentado nenhum avanço durante a viagem.

– É aqui onde você realiza seus encontros do Hellfire League? – ela perguntou.

– Alguns deles.

– Uma toca de devassidão, sem dúvida.

– Você está disposta a encarar a experiência? – O olhar brilhante dele se prendeu ao dela, dilacerando-a com o calor. – Vamos ficar, ou você quer que eu a leve de volta a Londres?

Julienne olhou para o lado. Ivers podia estar planejando voltar a Londres, ela refletiu. Mas ali ela estaria segura. Ali ela estaria sozinha com Dare, experimentando a paixão, livre de fofocas, de vendedores de boatos e perseguidores ciumentos e de traidores mortais.

Quando ela hesitou, ele pegou sua mão e a levou para seu membro, apertando a palma dela contra o volume em sua calça.

– Sinta o meu pau e me diga que quer que eu fique.

Julienne sentiu um fluxo de fogo atravessá-la. Não chegava a ser uma escolha.

Ao aceitar o desafio dele, os olhos dela o encararam com a mesma intenção.

– Eu pretendo ficar, Lorde Wolverton. Eu quero o que você me prometeu. Prazer tão brutal e selvagem que vai me fazer urrar.

Capítulo Doze



Ele lhe deu um sorriso com um encanto de tirar o fôlego e a ajudou a descer da carruagem.

– Quantas dessas casas de prazeres você tem? – Julienne perguntou enquanto subiam os degraus da frente.

– Muitas. – O brilho pachorrento em seus olhos tinha uma ponta de devassidão. – Afinal, tenho uma reputação de libertino a zelar.

Eles foram recebidos na entrada por um mordomo e vários criados que vieram buscar a bagagem.

– Que quartos os senhores vão usar, milorde? – O mordomo inquiriu.

– Eu vou deixar que a dama escolha.

Ela notou que Dare não mencionara seu nome, e ele respondeu prontamente à pergunta não dita.

– O pessoal daqui é altamente discreto – ele murmurou, enquanto a conduzia pelo hall de entrada. – Mas não há necessidade de divulgar sua identidade.

– Eles pareciam já estar nos esperando.

– Eu enviei um mensageiro ontem à noite com minhas ordens. Julienne ergueu uma sobrancelha e esboçou um sorriso retorcido.

Dare estava certamente muito confiante a respeito de si mesmo – e de Julienne. Mas ela não iria deixar que ele a intimidasse. Ela pretendia usar esse tempo juntos para viabilizar sua própria emboscada para o coração dele.

Ele a levou para um tour na mansão. Os móveis eram elegantes e de bom gosto, apesar de um tanto decadentes, com estátuas eróticas e pinturas de orgias adornando os corredores e quartos principais.

Havia cerca de duas dúzias de quartos cujo propósito parecia de uma obviedade escancarada: pura depravação. Uma suíte no primeiro andar fora feita para lembrar um harém turco, enquanto outro quarto parecia desenhado mais para a dor que para o prazer. Julienne chegou a ficar chocada com a parafernália que viu ali: chicotes de couro e algemas de aço e aparelhos macabros que pareciam instrumentos de tortura medievais.

– Alguns convidados preferem formas de entretenimento mais peculiares – Dare explicou.

– E você?

– Eu nunca achei a dor excitante, apesar de me interessar por jogos de submissão. – Uma faísca sensual aqueceu seus olhos enquanto ele a mirava. – Durante anos eu fantasiei ter você amarrada em X na minha cama, à minha mercê. Ainda hoje essa ideia é extremamente estimulante, com qualquer propósito de vingança à parte.

Sentindo-se corada, Julienne se afastou.

– Na verdade – Dare acrescentou, com um sussurro provocador enquanto ele a seguia rumo ao quarto seguinte –, eu pensei que talvez tivesse de amarrar você para impedi-la de escapar.

– Eu não tenho intenção de escapar.

Em outro quarto, ela ficou surpresa ao deparar com espelhos cobrindo cada centímetro das paredes e até mesmo do teto.

– Eu acho que vamos tirar proveito deste quarto hoje à noite.

– Por que este?

– Para que você possa ver de todos os pontos de vista quem é seu amante. Aqui você não vai me confundir com nenhum outro homem.

A picada feriu, mas Julienne se absteve de comentar, não querendo revisitar a mesma briga novamente.

Para seu uso pessoal, ela escolheu um quarto no segundo andar decorado em um adorável tom de pêssego, com mármore e cortinas douradas, principalmente porque os adornos eróticos eram os mais discretos da mansão.

– Eu vou enviar uma criada para que você possa se refrescar – Dare disse. Podemos nos encontrar na sala de estar do andar de baixo em, vamos dizer, uma hora?

– Para mim será perfeito.

– Até mais, *chérie*.

Ele lhe fez uma reverência gentil e beijou demoradamente a ponta de seus dedos. Julienne sentiu a respiração dele resvalar com o contato quente de sua língua na pele sensível dos dedos, mas ela prometeu a si mesma que acertaria suas contas com Dare mais tarde.

Ela ficou contente com o tempo para se banhar e mudar o vestido. Uma criada silenciosa e modesta a auxiliou, e logo mais Julienne se dirigiu à sala de estar. Ela não se deu ao trabalho de arranjar o cabelo além de um simples coque, pois duvidava que qualquer penteado pudesse durar muito na companhia de Dare.

Nesse quesito, no entanto, ele a surpreendeu. A noite começou um tanto contida, com xerez e uma conversação amena na sala de estar. O jantar era da qualidade excelente de costume, servida por servos quase invisíveis.

Dare gastou boa parte da noite contando-lhe a história daquela terra, que havia sido um local de pequenos conflitos durante o reinado sangrento de Cromwell. Julienne escutou educadamente, ao mesmo tempo que um sentimento de ansiedade febril brotava dentro dela. Se Dare estava deliberadamente prolongando aquele momento, suas táticas estavam se provando efetivas. Quando ele finalmente empurrou sua cadeira para trás, os nervos dela já estavam berrando.

– Se você já terminou – ele disse – nós podemos nos retirar para o andar de cima.

Quando ela concordou, ele se ergueu e circundou a mesa para puxar a cadeira dela.

– Vá na frente e se prepare – ele murmurou, deitando um beijo suave em sua nuca. – Eu vou esperá-la no quarto dos espelhos. Ah... Joia? – ele acrescentou enquanto ela se virou para obedecer. – Não se dispa ainda. Eu quero esse prazer para mim.

Apesar da determinação dela de manter a compostura, ela sentiu a excitação aumentar.

Julienne foi até seu quarto e utilizou sua caixa de esponjas, então foi até a câmara dos espelhos. Dare estava aguardando-a como prometido, estendido em meio aos travesseiros da cama grande, seu corpo esbelto e elegante reclinado com uma graça lânguida. Ele parecia estar nu, exceto pelo lençol de seda vermelha na altura da cintura. Diversos candelabros iluminavam o quarto, e as chamas refletiam vividamente a miríade de espelhos.

Quando Julienne fechou a porta atrás de si, Dare continuou estendido e colocou as mãos atrás da nuca.

– Agora você pode tirar sua roupa.

– Pensei que você tinha dito que queria me despir.

– Eu mudei de ideia. Eu posso admirar a visão daqui mesmo onde estou. É uma mudança de planos justa.

Ela se lembrou da última vez que fizeram amor, quando ela ficou furiosa com ele por ter pensado que ela traía a Inglaterra. Ela havia ordenado a ele que se despisse enquanto ela observava.

Mas agora Dare parecia ter algo mais em mente, em vez de apenas retaliação.

– Desde a primeira vez que eu a vi no palco, eu a imaginei me concedendo uma performance particular. Faça lentamente, Joia. Eu quero ver cada centímetro do seu lindo corpo... cada curva lasciva e tentadora. Ela podia ter protestado contra suas diretivas arrogantes, no entanto seu sorriso diabólico, provocante, podia derreter qualquer resistência de sua parte. E aquele era um comando que ela queria obedecer. Ela começou com o vestido, despreendendo os

ganchos e deixando-o cair no chão. Ela não estava usando um espartilho, apenas uma

chemise.

– Os seus mamilos estão duros? – Dare perguntou, quando ela deixou o tecido escorregar de seus ombros. – Deixe-me ver. – Quando ela abaixou o corpete de modo que os mamilos saltaram, duros como seixos, ele lhe deu um sorriso pachorrento de admiração. – Eu diria que sim. Agora o resto.

Quando ela finalmente ficou nua diante dele, o olhar dele desceu lentamente pelo seu corpo nu e ainda mais lentamente de baixo para cima. Os olhos dele ardiam, parecendo marcá-la a ferro onde se fixavam.

– E agora? – Julienne murmurou, com seu próprio tom de desafio.

– O que você quer?

– Eu quero ver você.

– Então terei prazer em obedecer.

Desfazendo-se do lençol, Dare ergueu-se graciosamente e ficou diante dela, totalmente ereto. Incrivelmente ereto. O falo estava magnificamente espesso, arroxeadado, comprido e rígido, e ainda assim macio como seda. A boca de Julienne secou.

– Você é bem grande.

– Para lhe dar o melhor prazer, minha querida.

Ele se moveu na direção dela até ficar quase perto o bastante para tocá-la.

– Você quer sentir o meu caralho deslizando dentro da sua carne até se contorcer?

O sangue dela bombeou forte com aquela questão. Julienne umedeceu os lábios.

– Sim...

Agarrando suavemente seus ombros, Dare a fez andar para trás até encostar a espinha contra uma parede de espelho. O vidro provocou uma sensação fria na pele quente, fazendo-a estremecer.

Mas foi o olhar esmeralda de Dare que compensou o calafrio. O escrutínio indolente a percorreu com uma intimidade que incendiou seus sentidos.

– Eu vejo diante de mim uma mulher irresistível e excitada – ele sussurrou, passando um dedo do pescoço dela até a clavícula.

Deliberadamente, ele pousou a mão nas curvas altas e lívidas de seus seios como se fossem sua propriedade. Um golpe de sensação parecia jorrar por dentro de Julienne.

– Eu quero chupar seus mamilos até você gozar.

Ela não tinha dúvida que ele conseguiria. E ela queria que ele o fizesse.

– Você quer que eu faça você gozar? – ele inquiriu. Arquejando de tentação, ela quase gemeu em voz alta.

– Sim.

– Meu nome é Dare. Diga.

– Sim, Dare...

As mãos dele se moveram pelos seios, acariciando-os deleitosamente. Os olhos dele estavam entrefechados enquanto ele a observava e brincava com os mamilos enrijecidos. Uma urgência sem pudor crescia nela a cada carícia daqueles dedos fortes e elegantes. Em certo momento ele inclinou a cabeça, deixando um beijo macio e provocante em suas aréolas rosadas. Julienne alçou os seios em sofrimento desolado, pedindo os lábios dele, ansiando por alívio.

Então a boca assumiu o comando em lugar dos dedos, capturando um botão teso, puxando pelo cume, trazendo-o para a superfície áspera e úmida de sua língua.

O som suave da sucção era, de certa forma, poderosamente erótica, e fez Julienne gemer. Ela arqueava as costas, comprimindo as palmas da mão contra o espelho atrás dela. Atento a ela, Dare deslocou seu corpo de modo a encaixar o joelho intimamente entre suas coxas, com a lâmina rígida de sua virilidade espetando a

barriga dela. Julienne sentia o tremor entre suas pernas se intensificar.

– Você está bem excitada, querida, não está? – Quando ele deixou os dedos percorrerem até o ápice de suas coxas, o arquejo rouco soou alto em meio ao silêncio. – Sim, deixe-me ouvir você. Eu quero que você fique em frenesi e sem fôlego.

A carícia de sua boca, o calor de seu corpo duro e esbelto contra o dela, era um tormento delicioso e alimentava uma urgência incandescente nas entranhas dela para senti-lo entrando fundo nela.

Dare pareceu compreender.

– Abra as pernas. – O sussurro áspero tinha um tom de comando. Quando ela obedeceu, ele a recompensou ao esfregar a cabeça inchada de seu membro de cima a baixo pela sua fenda úmida.

A resistência de Julienne se rompeu completamente.

– Dare, por favor – ela suplicou.

– Você me quer? – A textura aveludada em sua voz fez com que chamas ondulassem pela espinha dela.

– Misericórdia. Sim...

O sorriso tranquilo fez com que o sangue dela corresse nas veias, enquanto o membro enorme cutucava sua carne escorregadia. Ela abriu mais as pernas para lhe dar acesso completo e tentou conter um grito de necessidade quando ele começou a entrar nela.

Os dedos dele cobriam seus seios pulsantes, apertando-os levemente enquanto ele inchava adiante em seu calor envolvente, preenchendo-a. Choramingando, Julienne enlanguescia desoladamente, tonta de prazer, com os olhos se fechando...

– Não, não feche os olhos. Olhe enquanto eu a possuo.

Com esforço, ela focou o olhar entorpecido no espelho à direita.

Ela podia ver a vara comprida e espessa dele deslizando dentro dela.

Julienne gemeu de novo, com seus músculos internos contraindo, apertando-se em volta da rigidez dele. Sobre o ombro dele, ela viu os reflexos de ambos no espelho oposto, viu as nádegas

dele se flexionando enquanto bombeava lentamente entre as pernas dela. Era a visão mais erótica que já havia visto.

Ela começou a se contorcer em volta dele, incentivando-o a aumentar seu ritmo paciente, mas ele se recusou a acatar. A cada vez que ele retirava, ela o agarrava para que ele mantivesse a doce completude enterrada fundo dentro dela, mas ele não a permitia.

Ela queria xingá-lo. Dare sabia do que ela precisava desesperadamente, mas ele deliberadamente a deixava na espera, com o corpo latejando e implorando por mais. Ele era habilidoso na arte de prolongar o prazer, e usava o talento que possuía para levá-la a um fosso de desejo febril.

Ela perdia a conta de quantas vezes ele a levava até a beira, apenas para negar. Era delicioso e agonizante. O ar subia áspero pela garganta quando ela implorava a ele, suplicava por prazer.

– Agora eu vou deixar você gozar – ele declarou, enfim.

– Sim! – ela gritou, quase soluçando. As unhas dela se enterraram na carne das costas dele quando ele arremeteu por inteiro dentro dela, criando uma tempestade de fogo.

Quando ela se projetou selvagemmente na direção dele, ele avançou mais uma vez ainda mais forte, empalando-a até o cabo.

– Grite para mim, querida. Grite como eu quero.

Ela gritou. O fluxo brutal de sensação quando ela chegou ao clímax deixou-a tremendo, despedaçada. Pouco depois ela sentiu Dare mergulhando nela quando ele chegou ao seu próprio alívio explosivo, mas tudo que ela podia fazer era se agarrar desolada em seus ombros largos.

A vara dele continuava latejando com doçura, fundo dentro dela, enquanto ela ainda se derretia com os últimos espasmos.

Com um gemido, Dare se deixou cair em cima dela. Muitas batidas do coração depois, ela sentiu que ele sorria junto ao cabelo dela.

– Você gritou para mim – ele murmurou, a voz apenas um sussurro satisfeito. – Mas nós apenas começamos. Eu pretendo

deixar você rouca antes do final da noite.

Os dedos dele passaram pelo cabelo, procurando pelos grampos.

– Da próxima vez que eu possuir você, eu a quero nua e esparramada nos lençóis... com seu cabelo incrível em cascata lasciva pelos travesseiros... Eu quero seu cheiro no meu corpo, quero seu hálito na minha pele...

As últimas palavras foram sussurradas antes que ele capturasse os lábios dela, e dessa vez Julienne se rendeu sem qualquer resistência.

A primeira noite preparou a atmosfera para os dias que passariam juntos. Dare proporcionava prazer impiedosamente, mas Julienne se provava uma rival à altura na batalha erótica por supremacia. Ela era passional, ousada e quente, regalando-se em sexualidade crua, saboreando a si mesma. Os espelhos serviam ao propósito que ele pretendia. Daquele momento em diante, a imagem de seus corpos nus retorcendo-se, presos em um abraço carnal, ficou marcada na mente dela. Ela só tinha que olhar para Dare para lembrar, e o fogo entre eles instantaneamente vinha à vida.

Por acordo tácito, eles nunca falaram do perigo que os ameaçava, ambos preferindo ver esse interlúdio como um descanso do mundo. Ainda assim, Julienne logo reconheceu outra fonte de perigo: muitas oportunidades para intimidade emocional e lembranças carinhosas.

No dia seguinte à chegada deles, o tempo foi inclemente. A chuva caía torrencialmente, trazendo um frio de inverno no ar e forçando-os a ficar dentro da mansão.

Depois de um café da manhã preguiçoso, eles caminharam até o conservatório, que estava com um intenso aroma de rosas. E ouvir a chuva bater nos vidros das janelas fazia Julienne se lembrar com muita pungência de uma tarde particular que ela passara com Dare na cabana deles durante uma tempestade de verão.

Quando os olhos dela se encontraram brevemente com os dele, ela podia dizer que ele estava se lembrando daquele mesmo momento.

– Então me conte sobre seus anos em York – Dare adiantou, como que para evitar outro assunto.

Essa escolha de tópico não chegava a ser muito mais reconfortante para a mente de Julienne.

Uma das coisas que ela mais apreciara sobre Dare nos dias de cortejo era que ele sempre parecia muito interessado em seus pensamentos e sentimentos. Agora seu interesse era simplesmente digno de preocupação. Ainda assim, Julienne se viu lembrando da vida como atriz em ascensão. Houve mais tempos bons do que ruins, em boa parte porque ela rapidamente se tornou um sucesso.

– E o que você tem feito de sua vida nesse tempo todo? – ela perguntou, por sua vez. – Tudo se resumiu a depravação e prazer?

Dare estremeceu visivelmente.

– Na maior parte, creio eu. Eu não menti quando disse que depois de você, perdi o interesse por quase tudo mais.

Ela respirou com atenção e respondeu em voz baixa.

– Sinto muito, Dare.

Era a primeira vez que ela pedia desculpas por partir o coração dele, mas ele ergueu os ombros e deu um sorriso forçado.

– Vamos esquecer isso, certo? Nesses próximos dias vamos fingir que isso nunca aconteceu.

Ainda assim, Julienne não era capaz de esquecer. Melhor dizendo, suas lembranças apenas ficavam mais fortes quanto mais tempo ela passava com Dare.

Ele devotou cada momento dos dias seguintes entretendo-a, apresentando a arte consumada de sua paixão em inumeráveis maneiras. Ele era um homem de sensualidade fumegante e apetites insaciáveis, com um erotismo envolvente que abalava todos os sentidos. Ainda assim, estava um tanto diferente do libertino depravado e encantador que havia apostado para torná-la sua

amante. Ao menos na intensidade carinhosa de seu cortejo, ele parecia muito mais com o amante que outrora capturou seu coração.

Era o carinho que Julienne considerava mais perigoso. A rivalidade entre eles era mais excitante do que qualquer afrodisíaco, mais primitiva que qualquer dança do acasalamento, mas a ternura de Dare penetrava todas as defesas que ela possuía. E a cada carícia, cada beijo, cada nova doce intimidade, ela achava mais difícil se proteger.

Ela se lembrava do jogo deles, tentava se convencer que Dare estava apenas disposto a vencer a aposta e se vingar da crueldade do passado. Mas enquanto a parte racional da mente a alertava para tomar cuidado, o coração parecia sussurrar algo completamente diferente, alguma coisa que ela queria com um anseio desesperado.

Dare, também, tinha esse anseio. Na terceira noite juntos ele escolheu um quarto diferente, um escritório no andar térreo preparado como sala de troféus de caça, com paredes repletas de cabeças de veados e de javalis.

– É outra fantasia que eu tenho – ele disse, quando Julienne viu as peles de marta espalhadas perto da lareira.

Ele acendeu um fogo ruidoso, e eles tostaram pães e queijo e deram de comer um ao outro entre beijos lânguidos e calorosos. Então despiram um ao outro lentamente, sem pressa, saboreando o momento.

Dare deixou o cabelo dela por último... descartando os grampos... deixando a cascata brilhante escorrer pelos ombros. Entrelaçando os dedos nos fios sedosos, ele puxou a cabeça dela para trás para poder sentir seus lábios quentes entreabertos, preparados para os dele. Então gentilmente ele deitou Julienne diante do fogo e percorreu as mãos pelo corpo dela, roçando na maciez inebriante de sua pele.

Ele ficou perplexo com o contraste da carne luminosa dela contra a pele de marta luxuriosa. E quando o aroma dela preencheu suas

narinas, almiscarado e encantador, cada músculo de seu corpo se retesou cheio de necessidade.

– Você está tentadora como o pecado, deitada assim.

Ele também estava tão tentador quanto, Julienne pensou. Os olhos dele refletiam a luz quente do fogo, enquanto seu cabelo brilhava como ouro maleável.

Com graciosidade espontânea, ele se estendeu ao lado dela sobre as peles, apoiando-se em um cotovelo. Ele olhou para ela, estudando-a com uma intensidade hipnótica tão palpável quanto uma carícia. Os olhos dele tomavam posse dela onde quer que se fixassem. Então seus dedos quentes e nus se uniram à exploração, encontrando seus pontos mais sensíveis, percorrendo a carne dela com o mesmo poder de sedução que sua voz.

Julienne perdeu o fôlego muito antes de ele fazê-la rolar, deixando-a com o rosto voltado para a pele de marta. Ele percorreu um dedo por sua espinha, fazendo-a arquear as costas. Então, agarrando suavemente seus quadris, ele a ergueu até os joelhos de modo a deixá-la dobrada, com ele ajoelhado, posicionado atrás dela.

Os dedos dela se agarraram firmes na pele luxuosa quando ele entendeu sua intenção. Mas ela ansiava pelo êxtase de sua posse, da maneira que ele a quisesse. Ela estava quente, ardendo por dentro, com o vazio no meio de suas pernas latejando.

Por um momento, Dare cutucou as nádegas suaves que se apresentavam majestosas à sua atenção. Julienne retesava-se ao sentir a virilidade rígida se infiltrar no centro de seu corpo, enquanto o coração começava a martelar firme.

– Dare? – ela murmurou.

– Calma – ele disse, tranquilizando-a. Ele agarrou sua vara enrijecida na mão e deslizou a ponta inchada nos lábios do sexo dela, untando com o mel líquido de seu corpo.

A respiração dela fraquejava. Ela sentiu a pressão das coxas dele, esbeltas e poderosas, forçando as pernas dela a se abrirem mais, sentiu o calor ardente dele enquanto se inclinava sobre ela. Choques

doces serpenteavam dentro dela enquanto ele invadia sua úmida passagem feminina, preenchendo-a centímetro a centímetro com seu membro enorme.

O desejo se contraiu dentro dela com a penetração profunda, mas então o quadril dele começou uma lenta ondulação, criando um aumento devastador de sua fome febril.

Um arquejo surgiu em sua garganta quando as mãos dele buscaram seus seios pensos, apertando-os, provocando seus mamilos intumescidos, inflamando sua carne nua, enquanto ele sussurrava palavras de cálido amor erótico.

O ardor ficou mais agudo, intensificado, quando ele deslizou as mãos em volta do sexo latejante dela. Ele não parava de se mover dentro dela, avassalando-a com suas estocadas compridas e lentas, embainhando e retirando, provocando uma excelente tortura.

O corpo dela liquefazia. Quando ela se inclinou para trás, mais colada a ele, deixando-o empalá-la, o ritmo dele aumentou. Em compasso com os gemidos dela, ele penetrava mais e mais fundo, cada movimento sacolejante, cada reivindicação possessiva forçando um grito rouco dela. Em poucos instantes ela sentiu um êxtase delirante correndo nela, sentiu Dare se render enquanto ele se via tomado pelo mesmo tumulto feroz. Ao ouvir seu rugido, o fogo explodiu nas veias dela. Julianne jogou a cabeça para trás enquanto tremor após tremor a assolava.

O arrebatamento quente e pulsante latejava através dos sentidos dela, muito depois de ela tombar liquefeita sobre a pele.

Dare a imitou caindo ao chão. Ajeitando-se de modo a poupá-la da força total de seu peso, ele curvou o corpo em volta do dela e estendeu um braço sobre sua cabeça, entrelaçando os dedos nos dela. A pele de mármore de Julianne estava molhada de um suor sedoso, e ele pressionou os lábios contra a carne de suas costas.

O aposento ficou em silêncio, a não ser pelo estalar do fogo e suas respirações selvagens e pesadas. Ele permaneceu dentro dela,

meio duro, totalmente inebriado, querendo desesperadamente mais dela, com o desejo ainda agudo e insistente.

Ele *queria*.

Ele queria ficar com Julienne assim para sempre, perdido nesse momento. Queria mantê-la ali consigo, onde poderia estimá-la, para a completude de seu coração. Era uma necessidade tão primária e elementar que ia até o fundo da alma.

Era amor, ele não tinha mais qualquer dúvida.

Seu peito se contraiu com uma dor vazia. Apesar de tudo, uma parte incontrolável de si mesmo ainda amava Julienne, sempre a amara.

Ele fechou os olhos, tomado por um anseio cego. Ele havia se prometido limpar todos os outros amantes da mente de Julienne, mas com aquele ato de possuí-la, ela que havia conseguido possuí-lo completamente.

A vitória era dela.

E se ela viesse a descobrir o poder que exercia sobre ele? E se ela decidisse usar isso a seu favor? Se ela o traísse mais uma vez?

Dare sentiu uma lâmina de medo cravar nele. A dor dessa vez seria insuportável.

A possibilidade fez com que ele ficasse ainda mais ciente da urgência de sua tarefa. Ele precisava deixar Julienne obcecada por ele, tanto quanto ele por ela.

No entanto, Dare percebeu com o coração pesado, seu tempo com ela estava se esgotando.

No dia seguinte finalmente a chuva parou, e o sol reapareceu. Eles passaram a manhã toda vadiando pelas faias como jovens amantes, rindo e se beijando sob o céu brilhante recortado pelas flores de primavera que brotavam praticamente da noite para o dia.

Dare demonstrou seu cavalheirismo ao buscar flores silvestres para Julienne, e ela fez uma guirlanda com elas, para coroar seu cabelo esvoaçante, de modo a parecer uma deusa pagã. Dare achou

a visão irresistível, apesar de lembrá-lo dolorosamente do verão que passaram juntos tanto tempo atrás.

Quando ele comentou sobre a aparência sensual dela, contudo, Julienne balançou a cabeça com um sorriso provocante.

– Não uma deusa, mas uma rainha das fadas. Eu sempre gostei de fazer o papel de Titânia em *Sonho de uma Noite de Verão*. Mas eu creio que nunca mais terei a oportunidade, se ficar em Londres.

Dare sabia que as leis que governavam o mundo dos atores dramáticos eram restritas. Apenas dois teatros em Londres possuíam a patente real que lhes permitia apresentar tragédias – o Drury Lane e o Convent Garden. Como resultado, tornava-se uma prática comum para atores atuar em tragédias ou comédias, mas não em ambas. As expectativas do público impediam a troca de papeis.

– Você pode atuar como Rainha Titânia se você me permitir que eu seja seu Rei Oberon – Dare disse, aconchegando-se ao lado das suas tranças de aroma adocicado para beijar sua nuca.

Enviando-lhe um olhar convidativo por cima do ombro, Julienne murmurou:

– Só se você conseguir me alcançar. – Então, com uma risada, ela correu para a floresta. Dare partiu atrás dela, ávido pela busca.

Pelo resto do dia, ele manteve o humor na mesma tendência para a leveza ao prometer a ela uma surpresa para mais tarde. Julienne achou que sua surpresa estava cumprida quando no meio de uma clareira encontrou um piquenique preparado por servos invisíveis, mas Dare negou.

Quando voltaram para casa, ele a levou para um quarto que ela jamais tinha visto, no primeiro andar.

– É essa a minha surpresa? – Julienne perguntou ao abrir a porta.

– Em parte.

Dentro, o ar estava quente e úmido – por causa de uma névoa que subia da superfície de uma grande piscina retangular de azulejos, como ela viu.

– Um banho turco? – Julienne disse com deleite enquanto se moviam pelo chão. – Eu ouvi falar disso.

– Os canos aquecidos que chegam à piscina mantêm a água quente.

Parecia o máximo do luxo para Julienne, que estava acostumada aos invernos frios em York. O máximo da decadência também, conhecendo Dare como ela o conhecia.

– Isso parece o lugar ideal para uma orgia – ela observou, em tom travesso.

Os olhos dele brilharam com uma ponta de perversidade.

– Paciência, querida. Mais tarde.

Em um canto do quarto, venezianas se abriram para um jardim privado, deixando entrar um aroma doce de primavera e raios de sol que aqueceram o quarto anexo. O sol se projetava sobre o tecido magnífico das almofadas que se espalhavam pelo recinto.

Quando Dare a conduziu para as almofadas, ela lhe lançou um olhar cético.

– O que você planejou, Dare? Nós não vamos tomar banho?

– Tudo ao seu tempo. Antes eu gostaria de introduzi-la nos prazeres de uma massagem com óleo. Eu lhe garanto que você não ficará decepcionada.

Julienne viu que ao lado das almofadas havia um frasco de vidro contendo o que parecia óleo. Ansiosa, ela começou a se despir, mas Dare a parou beijando cada uma das pontas de seus dedos.

– Não, não precisa fazer nada. Apenas relaxe e me deixe realizar minha tarefa.

– Sua tarefa?

– Você há de concordar que é minha tarefa como seu anfitrião servi-la adequadamente, não?

Um golpe de calor percorreu Julienne ao pensar nisso, um calor que não tinha nada a ver com a temperatura elevada do quarto iluminado pelo sol.

Decidindo dar corda à sedução dele, ela permitiu que ele a despisse. Dessa vez, ele prendeu o cabelo dela em um coque alto em vez de desmanchar o penteado.

– Para alcançar melhor toda sua pele – ele disse, como explicação. Quando ela ficou nua, Dare a dispôs como quis, fazendo-a deitar sobre as almofadas, em uma posição de belo desalinho, com o cabelo escuro dela enrolado no alto como uma massa gloriosa.

Ele olhou para ela, com as pálpebras quase fechadas, percorrendo cada curva e cada vazão do corpo dela. Ele sentiu suas partes íntimas endurecerem.

– Titânia nunca pareceu tão tentadora.

Julienne se sentiu corar sob as chamas de seus olhos. Ela não podia olhar para longe, já que ele estava sentado ao lado dela e estendeu a mão para pegar o frasco.

O óleo era de essência de jasmim, e a doce fragrância preencheu o ar quando Dare derramou uma pequena quantidade em suas palmas, que ele esfregou para aquecer. Quando ele envolveu os seios dela, ela arquejou suavemente com a sensação.

– Isso está agradável?

– Você sabe que sim – ela disse, um tanto sem fôlego.

– O prazer é meu também. A essa altura você deve saber que eu encontro um enorme deleite com seu corpo.

– Você encontra deleite no corpo de qualquer mulher.

– Daqui em diante, não mais. Você tirou a graça de todas as outras, minha querida Joia.

Há muito tempo, ele havia tirado para *ela* a graça de qualquer outro homem, Julienne refletiu.

Mas ela parou de pensar quando ele arrastou as pontas oleosas de seus dedos em movimentos lentos e circulares por todo seu corpo, excitando-a de uma maneira diferente de qualquer coisa que ela experimentara antes. A pele dela respondeu com um formigamento atroz, enquanto uma dor forte disparava entre suas coxas trêmulas.

Como reflexo, Julienne prendeu o lábio inferior entre os dentes. O olhar de Dare se moveu para a boca com prazer lascivo, e ele baixou a cabeça para beijá-la brevemente antes de voltar a sua tarefa. As mãos dele vagavam com lentidão deliberada por cada detalhe dela, tateando todas suas curvas... os braços dela, os ombros, os mamilos, a barriga... descendo pelas pernas e panturrilhas, massageando suavemente. Onde quer que ele a tocasse, ela parecia queimar com calor agudo.

Então lentamente ele percorreu suas mãos escorregadias de óleo para o interior de suas coxas, acariciando, esfregando. A sensação era excelente. Julienne sentiu como se estivesse derretendo, mesmo antes dos polegares encontrarem as curvas cobertas por pelos escuros que escondiam suas dobras femininas.

A respiração dela entalava-se na garganta, mas Dare continuou cutucando o botão de seu sexo até ela arquear e gemer com o inchaço dilacerante e cálido. Então ele se dobrou sobre ela, com os lábios substituindo as mãos.

Um prazer cortante inundou Julienne. Ele a lambia profundamente com sua língua comprida e sábia, enquanto suas mãos continuavam a apalpar e apertar seus seios latejantes, preenchendo-a com sensações tão vibrantes que a machucavam com seu fulgor.

O orgasmo que a tomou de repente foi tão intenso que ela quase desmaiou.

O grito de êxtase dela ecoou por toda a câmara, apagando-se enquanto as contrações tumultuosas de seu corpo relaxavam. Flébil, liquefeita, ela caiu de volta no meio dos colchões e fechou os olhos.

– Você não pretende dormir já, não é? – Dare murmurou, e a pergunta em tom divertido invadiu o brilho doce de satisfação.

– Seu demônio – ela retorquiu, sem forças.

Ela não tinha mais energias para se mover. Ela estava luxuriosamente e profusamente satisfeita por um homem que sabia com precisão o que uma mulher queria. Ela era dele agora,

completamente sob seu jugo; ele poderia fazer dela o que quisesse. Ainda assim, em alguma parte inebriada de sua mente, ela queria que Dare compartilhasse de seu sequestro tantalizador e encharcado de prazer.

Fazendo esforço, Julienne abriu os olhos.

– Você está muito vestido.

Um meio sorriso de pura diabrura puxou para cima sua boca tentadora.

– Você gostaria de me despir?

– Sim, mas não tenho mais energia. Você pode fazer as honras.

Ele assentiu, e, depois de um momento, apresentou para ela sua esplêndida ereção, mais do que evidente.

– Você parece uma mulher pronta para o amor. Talvez eu deva aquiescer.

Languidamente, ela abriu bem as pernas, arqueando para ele.

– Sim, talvez você deva.

Os olhos luminosos dele faiscaram de vontade por ela.

– Mas ainda não. – Julienne acrescentou com um tom de voz provocante enquanto ele se ajoelhava. – Eu acho que eu gostaria de saber qual a sensação do seu óleo dentro de mim. Você pode fazer essas honras também, já que é um expert e tanto. Excite-se enquanto eu olho.

Ele gargalhou, com um som rico e baixo de apreciação.

– Ao seu comando, vossa alteza.

Enquanto as mãos oleosas dele deslizavam pela sua vara dura e inchada, Julienne umedecia seus lábios secos. Olhando seus dedos circulando pela carne comprida, suave e rígida, ela desejou poder fazer o mesmo.

– Você está achando isso agradável? – ela perguntou, com um traço de rouquidão na beira da voz.

O rosto de Dare ficou corado com o esforço sob controle.

– Não tanto quanto se fossem as suas mãos.

– Muito bem – ela enfim disse. – Minha vez.

– Eu achei que você não fosse nunca se apiedar.

Ela se soergueu de joelhos e besuntou as mãos com o óleo. Então curvou os dedos em volta daquele comprimento magnífico.

O calor percorreu o corpo de Dare com o toque erótico dela. Instintivamente ele aproximou o quadril na direção dela, por mais que tentasse conter sua excitação crescente.

– Eu vou explodir em cima de você inteira se continuar assim – ele avisou.

– Não, você não pode – Julianne disse, suavemente. – Você tem que esperar... Eu creio que eu gostaria de experimentar aquele banho agora.

Soltando-o, ela se ergueu e se foi em direção à piscina.

Os músculos de Dare ficaram rígidos com a frustração sexual. Crispando a boca, ele observou os deleitosos quadris dela entrando na água. O nível na piscina estava quase na altura do peito, não chegando a cobrir bem os globos brancos de seus seios. A visão era uma tentação, mamilos rosados flutuando de modo tão convidativo, atormentando-o.

– O que você está esperando?

Sua voz provocante deslizou pelos sentidos dele e o levou ainda mais perto de estourar. Agilmente, Dare foi ao encontro dela na piscina, quase gemendo quando a água aquecida fluiu sobre seu pênis ansioso.

Para seu alívio, Julianne não se afastou, ficou aguardando, com um meio sorriso desafiador nos lábios.

Os olhos dela tinham um brilho escuro, com um torpor exótico, quando ele chegou até ela. A excitação febril o tomou quando ele tocou em seus ombros. O corpo dela ainda estava escorregadio e maleável de óleo sob suas mãos, mas ele passou apenas um breve momento tocando os seios dela, como se modelasse os montes altos e firmes, antes de agarrá-la pelos quadris e erguê-la, pressionando entre suas coxas. Rangendo os dentes, ele apalpou as nádegas dela até sentir Julianne escorregar lascivamente ao redor dele. Sua boca

encontrou a dela, enquanto ela enroscava as pernas em seus flancos e lhe retribuía o beijo.

Suas línguas se entrelaçavam como as pernas, e eles balançaram em sua dança erótica por uma dúzia de batimentos cardíacos, movendo-se e pulsando com prazer na água ondulante.

Bem na hora que Dare pensou que não iria aguentar mais, Julienne contraiu os músculos internos de seu âmago feminino, juntando-os ainda mais apertados, enquanto suas mãos deslizavam para baixo, agarrando nas nádegas firmes e flexíveis dele.

Dare rugiu, com o rosto contorcido em uma careta de êxtase, enquanto sua semente saía em uma erupção em fluxo quente. Julienne convulsionou ao redor dele por sua vez, tremendo ao seu contato. Gemendo, ela enterrou o rosto no pescoço dele, arrastando os dentes em seu ombro.

A respiração dele falhou, as pernas ficaram fracas, e Dare afundou mais na água e se recostou na beira da piscina. Uma paz deliciosa veio a ele enquanto as ondas aquecidas batiam gentilmente em seus corpos unidos.

– Você está dormindo? – ele ouviu Julienne sussurrar com voz rouca, após um momento.

– Mmmm. Eu estava sonhando. Sonhos eróticos.

– Comigo?

– Com quem mais poderia ser?

Ela remexeu os quadris de maneira provocante.

– E se eu ainda não estiver satisfeita?

– Eu receio que você terá que esperar, meu amor. Eu não poderia me mover agora. Você esgotou todas as minhas reservas de energia.

Julienne raspou os dentes na pele dele mais uma vez.

– Você não pode estar exausto ainda. Nós temos mais uma noite juntos.

A provocação dela fez com que a exaustão de Dare sumisse de repente. Ela recuou para olhar para ele solenemente.

– Nós podemos ter mais do que apenas mais uma noite juntos.

– Eu terei de voltar para Londres no sábado se quiser ter uma carreira. Mas eu admito... – ela acrescentou suavemente, ecoando os pensamentos dele enquanto pousava a cabeça mais uma vez em seu ombro

– ... eu quase não quero que isso acabe.

Ele levou a mão e apalpou um seio redondo e doce.

– Não precisa acabar, Julienne. Você pode continuar aqui comigo.

– Se eu continuar, não vou mais ter um emprego.

– O seu emprego será me fazer companhia.

Ela deu um sorriso oblíquo, ainda recostada no ombro dele.

– Tornar-me sua concubina, você quer dizer. Mas então você ganhará a aposta.

– Qual o problema?

A risada dela foi silenciosa, escondendo um melancólico trem de pensamentos.

Ela sabia que depois desse tempo mágico com Dare, seria incrivelmente árduo voltar à sua vida diária. Durante os últimos dias, com prazer depois de prazer, ela pôde fingir que nada havia acontecido entre eles. Pior, ela se pegou refletindo no que poderia ter sido diferente e no que o futuro poderia reservar para eles.

Pois ela recusara aquele sonho por muito tempo. Encerrada nos braços de Dare, com os batimentos do coração se misturando, ela podia deixar a imaginação correr livremente. Ela podia se imaginar com ele, dividindo o doce êxtase, amantes para sempre.

Por um momento, Julienne fechou os olhos, deixando a visão preencher seu vazio interior. Dare era o único homem que ela desejara e amara. O único homem que lhe dera felicidade. Ela o havia amado tão profundamente...

Mas aquela felicidade havia sido estilhaçada há muito tempo. E esse interlúdio mágico precisava terminar.

Era tolice pensar que poderiam prosseguir. Tolicie esperar por qualquer coisa a mais. Eles tinham ainda menos futuro juntos do

que sete anos atrás. Os obstáculos para um nobre exaltado e uma simples vendedora de chapéus agora estava multiplicada por doze. Dare jamais a tomaria como esposa. Ela era uma atriz conhecida, não era mais a virgem inocente com quem ele estivera, quando se conheceram. E afinal, aquilo tudo havia acontecido entre eles, não poderia apagar a mágoa e a dor...

Dare a queria como concubina, ela não tinha dúvida, mas ela jamais iria aceitar aquele papel. Isso lhe daria poder demais sobre ela. Financeiramente e, ainda mais lamentável, emocionalmente. Em uma relação de tamanha dependência, ela ficaria indefesa demais; ficaria fácil demais para ela se deixar apaixonar por ele novamente.

Julienne balançou silenciosamente a cabeça. Ela entendia claramente a loucura de se entregar a um libertino consumado que estava incansavelmente disposto a partir seu coração.

Mesmo assim, enquanto seus lábios se aconchegavam na pele molhada e lustrosa de Dare, ela pensou que ainda gostava do sonho.

Capítulo Treze



A volta a Londres se provou uma dose de fria realidade para Julienne. De fato, se não fosse por sua carreira, ela teria ficado mais um bom tempo afastada da cidade. Ela se preocupava que Dare, em sua determinação de continuar na caçada ao Caliban, pudesse se tornar um alvo e se colocar em grande perigo.

Além disso, eram necessárias todas suas habilidades de atuação para retomar o jogo público de sedução com ele e se fingir de impassível pelo interlúdio passional que viveram.

O boato corrente sobre eles em folhetins escandalosos era ainda mais pronunciado que antes. O desaparecimento de ambos em Newmarket não passara despercebido, ainda mais quando um dos cavalos de Dare ganhou a prova dos 2000 Guinéus, mas ele não se encontrava em lugar algum. O rumor onipresente era de que ele tinha se recolhido em algum lugar isolado com a joia mais brilhante de Londres.

Julienne se recusou a confirmar ou negar as notícias para seus admiradores amuados, mas ela foi cobrada a satisfazer a curiosidade de Solange, quando ela foi ao seu alojamento imediatamente após seu retorno.

– Então? – a francesa perguntou, acomodando-se em uma cadeira na modesta sala de visitas. – O Príncipe dos Prazeres foi tão maravilhosamente diabólico quanto diz a lenda?

Por mais que tentasse evitar, Julienne se viu corando.

– Devo admitir que as histórias de suas proezas não eram exageradas.

– *Tiens!* Isso significa que você vai concordar em ser a *chérie amie* dele?

– De modo algum. Eu não tenho qualquer intenção de deixá-lo vencer a aposta.

Solange franziu o cenho.

– Talvez você seja astuta. Wolverton é um partido e tanto. Como os ingleses dizem, se você jogar bem com as suas cartas... Eu começo a me perguntar se você não deveria preparar caminho para o casamento. As sobrancelhas de Julienne se ergueram bruscamente em expressão de desprezo à simples sugestão.

– Um marquês jamais iria se casar, nesse mundo, com uma mera atriz.

– Isso já aconteceu antes. E eu diria que um nobre com uma fama tão escandalosa não se deixaria intimidar por uma noiva com um pouco de notoriedade.

Mas iria por uma que ele desprezava por tê-lo traído, Julienne refletiu silenciosamente.

– Está fora de questão – Julienne declarou, dispensando o assunto como um todo. Ela estava relutante em revelar à amiga sua relação antiga com Dare. Ela preferia simplesmente esquecer tudo sobre aquele verão devastador.

Lamentavelmente, no entanto, Julienne temia que isso estaria acima de suas capacidades, pois ela havia encontrado o pior pesadelo de seu passado em Newmarket. Ivers. Ela se assombrava ao simplesmente pensar nele. Mas suspeitava que, mais cedo ou mais tarde, teria que lidar com ele. Ele estava em Londres, ela sabia, pois Lorde Riddingham o havia visto em um hotel popular para cavalheiros.

Aonde quer que fosse, ela checava nervosamente se Ivers estava perto, olhando involuntariamente para as sombras, apesar de sua determinação de superar o medo. E mantinha sua faca sempre à

mão, presa na cintura. E quando voltava do teatro para casa, com a noite alta, sempre dava um jeito de ir acompanhada, fosse pelo criado que Dare lhe providenciara para sua proteção física, fosse por um de seus admiradores.

A jovem se mantinha próxima de Riddingham em particular, pois se sentia mais segura com ele. E Riddingham não estava disposto a fazer perguntas não desejadas.

Estranhamente, encontrava-se aliviada por Dare não se fazer tão presente, depois que retornaram de Berkshire. Ela jamais poderia pedir a ele que a defendesse de Ivers, pois temia seu ciúme explosivo. E ficaria surpresa se soubesse que Dare estava mantendo distância dela por pensar que isso seria mais adequado.

Depois de seu interlúdio intenso na casa de prazeres, ele precisava definir qual a melhor maneira de se relacionar com Julienne. Seus sentimentos por ela chegavam aos cumes perigosos da obsessão, e ele estava se debatendo com o problema de como se desvencilhar – caso isso ainda fosse possível.

Em seus momentos mais racionais, Dare compreendia a maldição que o acompanhava: ele precisava renunciar à fantasia de amor que o perseguia, a intensa necessidade de simplesmente ter Julienne por perto.

O amor por ela desafiava todo racionalismo, ele bem sabia. A única maneira de dominar sua paixão por ela era se ausentar. Já estava considerando a hipótese de se mudar da cidade quando foi chamado com urgência por Lucian. Apesar de ainda ser cedo, Dare se dirigiu imediatamente para a residência do amigo em Wycliff e o encontrou trabalhando no escritório.

– Por que – Lucian perguntou, sem rodeios – você me mandou uma mensagem criptografada de Newmarket na semana passada, perguntando a respeito do Conde de Ivers?

Dare se acomodou no sofá.

– Porque eu não o via há mais de um ano, e pensei que era estranho ele aparecer debaixo do meu nariz tão cedo depois de eu

anunciar que estava à caça do Caliban.

– Bem, parece que há uma possível conexão entre Ivers e o assassino da dama de companhia. O homem que eu infiltrei em meio à criadagem de Castlereagh achou uma testemunha que reconheceu Ivers como o amante que Alice Watson estava encontrando em segredo. E ele descobriu outras provas de que Ivers esteve espionando recentemente os afazeres de Castlereagh, chegando a pagar aos serviçais para que o informassem.

O estranho alto de cabelo escuro. Era Ivers, Dare franziu o cenho diante daquelas afirmações.

– Você não acha que Ivers poderia ser Caliban, acha? Eu o conheço desde menino, a terra da família dele fica a meras doze milhas de Wolverton Hall. E apesar de achar que ele seja capaz de matar, não o considero ardiloso o suficiente para ser um mestre do crime.

Lucian sacudiu a cabeça, pensativo.

– Eu tendo a concordar, apesar de achar que ele pode ser impiedoso o bastante. No ano passado, uma de suas antigas amantes foi misteriosamente desfigurada após ela ter dispensado Ivers em troca de um protetor novo e mais abastado, que podia pagar por suas extravagâncias. E é de conhecimento comum que ele está chegando à beira da penúria. Não apenas deve à metade dos comerciantes da cidade, mas também é incapaz de pagar suas dívidas de honra. Há rumores de que possa ser convidado a se retirar de seu clube. É possível que ele seja um empregado de Caliban devido à renda, ou que simplesmente esteja sofrendo chantagem, como outras das vítimas de Caliban.

– E quanto ao Sir Stephen Ormsby e Martin Perrine? – Dare perguntou. – Você descobriu alguma pista que sugira o envolvimento de qualquer um dos dois?

– Eu mandei investigá-los, como você sugeriu – Lucian respondeu.

– Não encontrei mais nada que incriminasse Ormsby. Perrine, agora temos certeza, estava na cidade à hora da morte da dama de companhia, e também em janeiro quando nosso diplomata foi morto. Mas não há evidência direta que o ligue a nenhum dos assassinatos. Ainda assim,

Caliban sempre foi extremamente cuidadoso ao cobrir seu rastro. O padrão dele é permanecer nos bastidores enquanto seus cúmplices executam as ordens. De qualquer modo, esse é o primeiro grande avanço que tivemos no caso, e graças a você.

Dare permaneceu em silêncio por um momento enquanto se questionava sobre o quanto iria revelar de seu conhecimento sobre o maior suspeito. Até que finalmente decidiu que seria mais sábio contar a Lucian tudo o que sabia, apostando na chance remota de que houvesse qualquer conexão entre os eventos.

– Ivers teve uma ligação no passado com Julianne Laurent – Dare disse, em tom de voz neutro.

– Ah, é? – Lucian respondeu, curioso.

– Eles foram amantes.

As sobrancelhas de Lucian se ergueram.

– Foi esse o motivo para desfazer seu noivado?

– Sim. Então admito que tenho um interesse particular e desejo de vingança. Eu posso não ser o candidato ideal a perseguir Ivers, já que meu juízo será muito parcial, mas estive pensando em voltar para Kent por uns dias. Eu não visito as terras da família desde o natal. Se você quiser, posso ver o que consigo descobrir sobre ele.

– É uma ideia excelente – Lucian comentou. – Enquanto isso, eu pretendo manter meus agentes firmes nessa direção. Ivers está hospedado agora no Limmer's Hotel, mas, se ele for despejado, pode se esconder e tornar impossível encontrá-lo.

À tarde Dare deixou Londres e chegou em Kent à noite, para surpresa de seus criados. A principal propriedade Wolverton era um vasto território com um casarão elegante de tijolos e um parque

atraente cercado de pomares e fazendas ocupadas por arrendatários. Dare raramente visitava o local, pois lhe trazia muitas lembranças desagradáveis. Era tarde para começar interrogatórios naquela noite, mas ele pretendia fazer perguntas aos seus servos assim que acordasse pela manhã, começando pelo velho secretário de seu avô. Se tinha alguém que iria saber sobre a vizinhança era Samuel Butner. Buty tinha participado intimamente de todas as transações comerciais do velho marquês, e apesar de ter sido aposentado quando Dare assumiu o título, ele ainda vivia no casarão, como fizera nos últimos trinta anos.

Incomodado e inquieto demais para dormir depois da longa viagem, Dare se viu em sua confortável biblioteca, bebendo uma quantidade excessiva do excelente *brandy* de seu avô, lembrando-se da última vez que estiveram juntos naquele mesmo aposento.

Era o terceiro dia da discussão sobre os planos de casamento de Dare. Robert North, o sexto marquês de Wolverton, irritara-se ao ponto da apoplexia diante da recusa de seu neto e herdeiro de mais uma vez cancelar seu noivado com a francesa traidora e ardilosa.

– Ela enganou você, seu maldito jovem tolo! Ela só quer a sua fortuna e vai arrancar o seu couro!

– O senhor está completamente enganado, meu avô – Dare respondeu aguerrido, mal conseguindo manter o controle em respeito à idade avançada de seu parente e sua posição como anfitrião. Afinal, aquela era a casa do velho marquês.

– Eu não vou tolerar isso, está me ouvindo? Eu vou deserdá-lo muito antes de permitir que uma gota do sangue dela manche nossa linhagem!

– Eu já lhe contei mais de uma vez, a sua ameaça de me deserdar não influi em nada na minha decisão – Dare o lembrou.

– A sua trapaceira não ficará tão indiferente à sua perda de herança. Eu acho que você vai perceber uma boa mudança na opinião dela sobre você, agora que ela sabe que não vai receber um centavo da minha fortuna.

Os olhos de Dare se apertaram.

– O senhor falou com Julienne?

As sobrancelhas escarpadas de seu avô se uniram na carranca que ele lhe mostrou.

– Eu garanti que ela compreendesse as consequências de seu casamento insuportável.

Por um instante Dare se lembrara do último encontro amoroso com Julienne, quando ela relutou a se casar escondida com ele. Mas ela ainda não sabia da ameaça de seu avô de deserdá-lo, pois Dare ainda não havia contado a ela. Ele balançou a cabeça.

– Ela não está interessada na sua fortuna.

– O diabo que não está! – A voz do marquês se elevou de novo à altura de um grito. – Diabo, maldição, rapaz, você não vê? Você está deixando seu ponto mandar em você.

– Não, avô. Pela primeira vez estou deixando meu coração tomar as rédeas da situação.

As maçãs do rosto do velho homem ficaram imbuídas de um fluxo de sangue que as corou, mas ele fez um esforço visível para se conter.

– Estou lhe dizendo, você é um tolo cego. Aquela Laurent farsante está colocando chifres na sua testa há meses com o amante. Ivers divide a cama com ela desde muito antes de você começar a cheirar a saia dela.

Dare se contraiu com ciúme instintivo. A atenção de Ivers para com Julienne sempre o fizera ranger os dentes. Mas a ideia de que ela pusesse chifres nele era risível.

Diante do som zombeteiro de Dare, o avô apontou um dedo acusatório para a janela da biblioteca, na direção da terra do conde, ali próxima.

– Pergunte ao Ivers, se você não acredita em mim. Dare lhe devolveu um sorriso gélido.

– O senhor vai ter que arranjar uma história melhor do que essa, se quiser me colocar contra ela.

Soltando um rugido de puro ódio, Lorde Wolverton sacudiu um punho cerrado.

– Então que tal esta história? Sua trapaceira é culpada de traição ao país. Eu vou vê-la na prisão ou pior se você tentar se casar com ela.

Um arrepio súbito percorreu Dare. Seu avô era poderoso e influente o bastante para concretizar a ameaça, se ele quisesse.

Ao notar a hesitação de Dare, o olhar seco do marquês se apertou com malícia.

– Enforcaram dois marinheiros ingleses de Whitsable no mês passado por traição ao país. A sua prostituta era cúmplice deles.

– O senhor sabe muito bem que isso é uma mentira escabrosa.

– Não me diga que porcaria eu sei ou não sei. Esses malditos imigrantes franceses são todos uns miseráveis e estão dispostos a vender sua lealdade por dinheiro. Eu posso facilmente encontrar provas de culpa da sua vagabunda.

As mãos de Dare momentaneamente se cerraram, mas ele manteve a voz sob controle, quando anunciou sua advertência.

– O senhor está avisado, não faça mal a ela, velho.

– Então não me force a isso, rapaz! Eu estou falando sério. O seu noivado não vai se sustentar. *Não vai se sustentar*, está me ouvindo?

Ignorando o grito do nobre, Dare lhe deu as costas abruptamente e saiu do aposento, tentando aplacar sua própria raiva excruciante antes de pegar o cavalo para encontrar com Julienne no refúgio deles.

Até aquela tarde, ele estava ferrenhamente determinado a desafiar a ira do avô, considerando a possibilidade de ser deserdado como insignificante para sua felicidade futura.

Mas essa nova ameaça contra ela era o suficiente para fazer Dare parar e pensar. Certamente era o suficiente para fazê-lo questionar a vantagem de se casarem escondidos. Ele queria Julienne como esposa, mas não com o risco de colocar a vida dela em perigo. Seu avô era poderoso o bastante para lhe causar grandes problemas,

talvez até dar substância convincente a qualquer acusação forjada de traição à pátria.

Dare percebeu que ele tinha uma decisão delicada a fazer. Não poderia insistir e permitir que Julienne se ferisse. E mesmo que ele a persuadissem a se casar escondida com ele, a despeito das objeções do avô, ainda havia o problema da mãe inválida dela. A condessa se recusava a sair de sua casa, e Julienne jamais abandonaria sua mãe.

De uma coisa Dare estava certo. Ele preferia encerrar o noivado em vez de permitir que ela sofresse com as tramoias do velho desgraçado. Apesar de seus sentimentos ardentes por Julienne – ou por causa deles – ele iria desistir antes de deixar que ela se machucasse.

Agora, sete anos depois, Dare lembrava-se que maldito tolo ele havia sido. O avô estivera certo naquele quesito.

Ele sentiu sua garganta se comprimir por causa da lembrança amarga. Julienne havia concordado em encontrar-se com ele na cabana naquela tarde se ela conseguisse escapar da loja, mas ao notar que ela não estava lá, ele cavalgou até Whitsable para encontrá-la.

Foi então que ele descobriu a traição dela. O amante dela. Até então, ele não havia acreditado em uma palavra das acusações de seu avô sobre sua relação com Ivers.

Seu peito doía com a dor relemburada. Dare olhou para a taça vazia de *brandy*. O velho conseguira o que queria; causara a dissolução de seu noivado. Mas Dare deixara Kent imediatamente após e jamais pusera os pés sob o teto do avô até que ele estivesse morto e enterrado.

Com uma risada crua, sem humor, Dare arremessou a taça de cristal na lareira, observando-a se estilhaçar junto ao fogo. Ele esperava que o sexto Lorde Wolverton estivesse feliz em seu túmulo. A linhagem permanecia imaculada pelo sangue da trapaceira francesa, ao custo da perda de seu único neto no processo.

Dare dormiu mal, sofrendo com sonhos nos quais era enredado pelas teias malévolas de seu avô. Na manhã seguinte, logo após o desjejum, ele convocou o secretário do último marquês, Samuel Butner, para a biblioteca, com a esperança de descobrir evidências que ligassem Ivers a Caliban.

– Será que eu posso dizer – Dare começou, depois de falarem brevemente de amenidades – que depois de viver nessa região por tantos anos, o senhor tem familiaridade com o Conde de Ivers?

– Sim, milorde – o secretário idoso respondeu respeitosamente. – Eu diria que tenho mais familiaridade com ele que a maior parte das pessoas.

– Eu estou interessado em tudo o que o senhor puder me dizer sobre Ivers. Ao que parece, ele vem contraindo vastas dívidas com jogos recentemente, e há rumores de que a lealdade dele possa ter sido comprada pelos franceses. – Dare observou o secretário com um olhar penetrante.

– Talvez o senhor possa se lembrar do verão que passei aqui sete anos atrás. Dois marinheiros de Whitsable foram enforcados como espões em colaboração com os bonapartistas franceses. O senhor acha que Ivers poderia ter se associado com eles ou com alguma traição semelhante?

Butner apertou suas sobrancelhas espessas.

– Lorde Ivers sempre foi um sujeito problemático, mas até onde eu sei, ele jamais cairia tão baixo a ponto de fazer conluio com o inimigo. Mas...

– Sim? – Dare incentivou.

– Ele estava frequentemente sem fundos, desde aquela época. E eu estou ciente que ele encontrou uma maneira de encher o bolso naquele verão. Lorde Wolverton pagou suas dívidas de jogos.

– Como o senhor sabe?

– Porque eu escrevi a ordem de pagamento, milorde. Era uma soma vasta... seis mil libras. Eu presumo que isso tenha tirado-o do vermelho.

– Por que meu avô teria sido tão generoso?

– Não estou certo, milorde. Mas eu acredito que tivesse algo relacionado com sua... jovem dama. Aquela que possuía uma confecção.

Dare sentiu seu coração bater rápido e descompassado.

– Por favor, continue.

Butner franziu o cenho, pensativo, como se tentasse se lembrar.

– O patrão convocou Lorde Ivers aqui em uma tarde e permaneceu a portas fechadas com ele por quase uma hora. Eu sempre suspeitei que aquele pagamento vultoso era em troca de algum serviço, que seu avô empregou Lorde Ivers para algum propósito.

– Mas o senhor não faz ideia de qual teria sido o propósito? O secretário idoso hesitou por um momento.

– Eu tenho minhas suspeitas. Será que eu poderia opinar livremente?

– Fique à vontade.

– O patrão ficou extremamente contente quando o senhor decidiu ficar aqui em Wolverton Hall naquele verão. Eu acredito que ele pensou que poderia prepará-lo para assumir seu lugar... assim que o senhor aparasse as suas arestas, por assim dizer.

Dare apertou os lábios para impedir-se de mostrar cinismo.

– Em vez disso, eu provei ser uma grande decepção para meu avô. – ele disse, sem alterar a voz. – Eu nunca fui sério o bastante para o gosto dele. Nunca tive aspirações a me estabelecer e me tornar um fazendeiro de maçãs.

– Não, milorde. Mas o que o feriu mais profundamente foi quando o senhor ficou noivo da... moça francesa. Ele era um homem orgulhoso, o senhor sabe.

– Ele era um velho manipulador maldito.

– Exatamente. Mas ele não queria vê-lo casado com ela.

– Porque uma francesinha iria manchar sua linhagem sanguínea impecável – Dare disse, sardonicamente.

– Sim. E porque... ele suspeitava que ela tivesse ligações com bonapartistas. Ele me dizia em conversa privada que ela estava envolvida com os espiões que foram enforcados.

Dare rangeu os dentes.

– Isso foi uma falsidade que ele inventou para me forçar a cancelar o noivado. Miss Laurent jamais teve nada que ver com bonapartistas ou espiões.

– Também é o que eu suspeito. Eu admito que nunca me senti muito bem ao ver o seu avô interferir em suas decisões de maneira tão impetuosa. Mas ele não cedia. O senhor era a esperança e o orgulho dele. Ele não queria vê-lo seguir... Peço perdão, milorde. A minha língua por vezes escapa do meu controle. – Parecendo incomodado, Butner corou.

– Não, por favor... Eu valorizo sua honestidade. O que o senhor iria dizer? Que eu iria seguir...?

– Ao diabo, vou dizer. Seguir os passos do seu pai.

Com esforço, Dare impediu que seus lábios se curvassem.

– Então meu avô resolveu ser tão implacável comigo quanto tentou ser com meu pai.

– Lorde Wolverton esperava persuadi-lo a cancelar seu noivado.

– Com a ameaça de me deserdar, eu sei. Durante anos, eu pensei que ele havia feito isso.

– Ele nunca alterou o testamento. Ele não tinha motivos para isso, uma vez que seu noivado estava encerrado. Na época, no entanto, ele estava completamente determinado. Ele disse que iria pagar o que fosse necessário para “libertá-lo das garras daquela caçadora de fortunas trapaceira”. Eram as palavras dele, se me lembro bem.

Tentando conter sua inquietude crescente, Dare se esforçou para responder com calma.

– Eu acredito que ele pretendia usar Ivers para tramar contra Miss Laurent nas acusações de traição à pátria.

– É possível. Depois que o senhor saiu daqui, jurando nunca mais voltar, Ivers voltou para receber o pagamento. E ele voltou dois anos depois para pedir um empréstimo. Os bolsos dele aparentemente estavam vazios novamente.

– Meu avô concedeu?

– Não, ele foi impassível. Eu ouvi ao longe a discussão deles. Ivers disse que iria contar ao senhor se o Lorde Wolverton não lhe pagasse, que o senhor iria gostar de saber da verdade.

– A verdade sobre o quê?

– Mais uma vez, não estou certo, milorde. Era algo relacionado à Miss Laurent, porque eu ouvi o nome dela ser mencionado.

– E o senhor tem certeza que Ivers ameaçou chantagear meu avô?

– Foi o que pareceu. O patrão ficou tão enfurecido que pediu aos criados que expulsassem o conde de sua casa. Ivers nunca mais apareceu, até onde sei. Mas não fico surpreso de que ele tenha decaído e esteja sob suspeita. Eu sempre pensei que ele iria terminar mal.

– Obrigado, Sr. Butner. O senhor ajudou muito.

Assim que o velho secretário se foi, Dare sentou-se imóvel, tentando superar o medo que pairava no fundo de sua mente. Então seu avô teria mesmo contratado Ivers para arruinar seu noivado? E Ivers teria ameaçado Julianne com a força por traição ao país?

Dare sentiu um nó apertando seu pescoço. Teria ele mesmo confundido a situação da relação dela com Ivers naquele dia? Se ele pudesse deixar o ciúme de lado por um momento, podia admitir que mesmo antes da revelação do secretário, ele já tinha começado a questionar a aliança dos dois. Em Newmarket Julianne pareceu encarar Ivers com uma inimizade que chegava à beira da aversão.

Teria sido porque Ivers a abandonara por todos aqueles anos? Eles haviam sido amantes, não haviam? Dare tinha visto com seus próprios olhos, e ouvido a confissão dos lábios da própria Julianne.

Suas vísceras revolviam com desconforto. Dare levantou-se para chamar por sua carruagem. Ele precisava falar com alguém que conhecesse melhor Julienne e que pudesse saber o que acontecera naquele verão distante.

Famosa por suas ostras, a pequena cidade portuária de Whistsable abrigava várias pousadas excelentes, duas dúzias de lojas, e um modesto pasto para ovelhas. A cidade não havia mudado muito desde que ele a visitara pela última vez, anos atrás, tampouco, aparentemente, a loja de chapéus onde a vida dele começou a virar de ponta cabeça.

Após saltar da carruagem, Dare ficou algum tempo hesitante do lado de fora da confecção. Ele tinha esperança de encontrar a vendedora que Julienne empregara, mas a pele dele subitamente ficou fria e pegajosa em apreensão pelo que ele poderia descobrir. Ele teve que forçar a si mesmo para abrir a porta da loja e entrar.

As memórias o invadiram todas ao mesmo tempo, refletindo a última vez que ele estivera ali.

Naquele dia, ele achava estranho encontrar a confecção vazia e destrancada, sem qualquer sinal de Julienne ou da garota que ela empregava como vendedora. Ouvindo vozes que vinham do andar de cima, ele subiu os degraus para o aposento grande sobre a loja, que era usado para estoque, costura e ocasionalmente como quarto de dormir. Julienne estava sentada na cama improvisada, com o cabelo dessarranjado, esparramado sem os grampos, enquanto o Conde de Ivers estava ao lado da cama, pairando sobre ela. Quando Julienne viu Dare, apertou a mão contra o peito.

Ela pareceu desgostar de vê-lo – apesar de não ser maior o desgosto que ele sentiu, vendo-a com seu rival em uma cena tão íntima.

A expressão de Ivers permaneceu tranquila, contudo, enquanto ele pousava a mão possessivamente no ombro dela.

– Conde de Clune, estou feliz que você esteja aqui. Julienne tem algo que ela gostaria de lhe contar.

Involuntariamente, Dare passou sua atenção para o conde. O primeiro impulso dele era o de estrangular o homem com suas próprias mãos por ousar tocar em Julienne.

– Conte a ele, querida – Ivers incitou.

– Contar o quê? – Dare perguntou, com sua raiva subindo até alturas perigosas.

– Ela pretende desmanchar seu noivado – Ivers disse, enquanto Julienne permanecia em silêncio. Ele apertou o ombro dela. – Não é isso, querida?

Por um momento, ela fechou os olhos. Então, com a respiração lenta e falha, ela enrijeceu os ombros e ergueu o olhar para Dare.

– Sim. Eu não quero mais me casar com você, Dare.

Um vazio agudo arranhou o fundo de seu estômago, enquanto sua boca subitamente pareceu cheia de serragem.

– Que diabos você está falando?

– Eu... Você nunca me disse que seu avô iria deserdá-lo se você se casasse comigo.

Dare ficou paralisado, olhando fixo para ela enquanto tentava compreender suas palavras. Então afinal ela se importava tanto assim com a fortuna dos Wolverton?

Olhando para o rosto dele, Julienne estendeu uma mão trêmula para ele.

– Dare... Eu não posso me casar contigo.

Como para confortá-la, Ivers lhe deu uma palmadinha no ombro.

– É uma pena que você tenha que descobrir a verdade dessa maneira, Clune, mas é melhor que saiba finalmente. Julienne sempre foi minha. Eu desfruto dos favores dela há muito mais tempo que você.

Com o hálito fumegando dos pulmões afora, Dare percebeu que não podia se mover. Cada músculo do seu corpo estava paralisado pelo choque e pela descrença.

– Julienne? – A palavra finalmente saiu, crua, arranhando a garganta. – Diga que isso não é verdade.

Ela olhou com olhos esquivos para Ivers, então abaixou o olhar para o chão.

– Eu sinto muito – ela suspirou, rouca.

Ivers sorriu em triunfo, enquanto uma confusão interior abalava Dare. Ele cambaleou para trás, recolhendo-se como que atingido por um soco. Esperava que ela refutasse a alegação doentia de Ivers, não que a confirmasse.

A voz exultante de seu rival penetrou no tumulto de seus pensamentos.

– Foi difícil, para mim, permanecer quieto por todo esse tempo, enquanto você a cortejava, Clune. Mas Julienne insistiu para que eu não a impedisse. Felizmente, ela decidiu que se você for perder sua herança, ela prefere ficar comigo do que com você.

Estontado, Dare focou em Ivers, e viu o sorriso revoltante em seu rosto sombrio... O sangue saindo de seu lábio inferior rachado.

Com um sorriso oblíquo, Ivers levou a mão para tocar vigorosamente na ferida.

– Ela gosta de um amor bruto, eu tenho certeza que você sabe. Sentindo-se enjoado, Dare recuou abruptamente e saiu tropeçando do quarto, abatido demais até mesmo para pensar em chamar Ivers para um duelo. Ele sentia que seu coração havia sido arrancado de seu peito...

Sentindo a cabeça rodopiar agora, Dare pressionou uma mão em sua têmpora. Será que ele havia se precipitado ao condenar Julienne? Ela certamente não havia refutado o que Ivers dissera. *Eu sinto muito*. Ele havia tomado aquilo como uma confissão de culpa...

Por Deus, será que ele estava errado? Teria ela sido uma vítima o tempo todo? Ou era a sua memória que agora estava falhando? Tudo aconteceu há tanto tempo. E a sua devastação emocional bem que pode ter deturpado as suas lembranças do evento catastrófico ao longo dos anos.

– Lorde Wolverton? – uma austera voz feminina interrompeu seus pensamentos perturbadores. – Posso lhe ajudar?

Dare olhou e se deparou com uma mulher de cabelos escuros, talvez com vinte e tantos anos, em um canto perto do balcão, colocando uma pluma em um chapéu. Sua face rechonchuda lhe parecia vagamente familiar.

– A senhorita me conhece? – ele perguntou, franzindo o cenho. A expressão dela permaneceu séria.

– Sim, milorde. O senhor uma vez foi o parceiro de minha patroa.

Eu jamais poderia me esquecer do senhor.

Por um instante, Dare viu um lampejo de algo que lhe pareceu antipatia, nos olhos azuis dela. Curioso, ele avançou loja adentro.

– Você era a vendedora da Miss Laurent sete anos atrás.

– Sim... Rachel Grimble. Agora eu sou a proprietária.

A antipatia dela agora estava mais clara. O tom de voz dela não tinha nada da deferência que uma lojista costuma demonstrar a um nobre de seu status. Aliás, parecia haver desprezo.

– A senhorita parece não ter apreço por mim, Miss Grimble.

– Eu tenho um bom motivo, milorde, devido ao que o senhor fez a Miss Laurent. Ou talvez eu deva dizer, pelo que o senhor deixou de fazer.

– E que acredito a senhorita pretenda me explicar...

– O senhor permitiu que os lobos a devorassem. As sobrancelhas de Dare se estreitaram, franzidas.

– Ainda não sei o que isso significa.

– O senhor a deixou a mercê daquele monstro. Quando eu a encontrei... – A lojista respirou fundo. – Miss Laurent havia me designado uma tarefa, e quando eu voltei... Lorde Ivers havia acabado de sair. – A mulher olhou para os fundos da confecção, onde ficavam as escadas. – Ele a havia violado, milorde.

O ar passou assobiando pelo meio dos dentes dele; as vísceras de Dare se comprimiram como se uma faca houvesse sido enterrada

nele. Com súbita claridade brutal ele se lembrou do sangue nos lábios de Ivers, um ferimento que o conde havia alegado se tratar de uma preferência de Julienne por amor bruto.

Oh, Deus. O coração dele estrondou e uma onda de horror avassalou sua mente.

– Ele a forçou – Grimble repetiu, enterrando sua faca mais fundo.

– O senhor não sabia?

– Não... – Dare sussurrou, mal conseguindo emitir a palavra. – Eu nunca soube. Talvez eu devesse.

– Sim, eu acho que você deveria saber. Ele era um monstro, mas o senhor... Ela o amava, milorde, e o senhor a abandonou.

Levando uma mão à cabeça. Dare agarrou seus fios de cabelo. A compreensão do que acontecera quase o derrubou de joelhos; a realidade violenta era paralisante.

Ele partira de Kent naquela mesma tarde maldita, absorto demais em suas próprias feridas sangrentas para questionar o destino da linda enganadora que devassara seu coração. Ele se afastou dali por anos, tentando forçosamente bloquear até mesmo o mais remoto pensamento sobre Julienne.

A lojista permaneceu ali parada, sem falar, o silêncio dela era uma condenação, enquanto Dare tentava assimilar a enormidade da transgressão.

– Por que em nome de Deus ela não me contou? – ele disse, após algum tempo.

– Eu não sei, milorde. Eu queria procurá-lo e chamá-lo. Eu pensei que de alguma maneira o senhor iria protegê-la, mesmo depois... do que o Lorde Ivers fez com ela. Mas ela não me permitiu. Eu acho que ela deve ter ficado com muita vergonha. – O tom de voz de Miss Grimble endureceu. – Isso não foi o pior. O Lorde Wolverton ainda garantiu que a reputação dela fosse totalmente destruída com rumores de traição à pátria. Ninguém mais fazia negócios com ela, e o escândalo quase matou sua mãe. Miss Laurent

se viu forçada a sair da cidade. Seu avô a levou para longe. E nessa altura, o senhor havia se afastado fazia tempo.

Dare não podia nem falar. Não havia nada que ele pudesse dizer para desculpar sua ignorância ou suas ações.

Virando-se, ele caminhou cegamente para sua carruagem. Um forte sentimento de culpa e ao mesmo tempo de autodesprezo entalavam sua garganta, quente e espessa, quando ele caiu nas almofadas de seu landau. Julienne havia sido agredida. Violentada por aquele desgraçado vil. E ele dera as costas.

Os dois nunca foram amantes, afinal. Julienne só queria que ele acreditasse nela. Mas pelo nome de Deus, por quê? Será que Ivers ameaçou machucá-la? Teria ele forçado-a a confirmar suas alegações? A mente de Dare se rebelava diante dessa possibilidade. Certamente Julienne sabia que ele teria feito qualquer coisa em seu poder para mantê-la a salvo.

Mas ele não a manteve salva. Em vez disso, ele falhou com ela da pior maneira possível.

Ele apertou firme os olhos. Julienne jamais o traíra com Ivers. Ela sempre lhe fora fiel. Mas seu próprio ciúme o cegara, levando-o a condená-la como traidora.

Teria sido por isso que ela não lhe contara? Porque ela já previa qual seria a reação dele? Ou ela chegou a pensar que ele não iria mais querê-la como esposa depois de ter sido violentada? Ou havia outro motivo, mais imediato? Ela teve medo de que Dare desafiasse Ivers para um duelo? E que pudesse matar aquele homem?

Os punhos de Dare se comprimiram. Ele *mataria* Ivers se tivesse, naquela época, a mais vaga ideia da verdade.

O ódio se agarrou a ele com toda força. Ainda que involuntariamente, ele deixara Julienne sofrer, sozinha, as consequências de sua paixão. Ele a abandonara à mercê da ira de seu avô e sua cilada brutal. O marquês aparentemente contratara Ivers para desmanchar o noivado, não importando os meios vis que fossem necessários.

Que tolo estúpido, cego e maldito ele havia sido! Ele soubera que seu avô podia ser um maldito impiedoso. Ele só não sabia o quanto.

Dare ficou ali sentado por algum tempo, abalado até o fundo da alma por uma tempestade de emoções. Arrependimento, fúria bruta, ódio, autodesprezo. A verdade o queimava de modo ardente e dolorido para que qualquer outra coisa penetrasse em seu estupor entontecido.

– Milorde?

Finalmente percebendo a voz preocupada, Dare ergueu os olhos. Seu cocheiro olhava por cima do ombro para ele, com uma expressão perturbada.

– O senhor não está bem, milorde. Será melhor eu conduzi-lo a um médico?

Um médico jamais poderia curá-lo desse mal, Dare pensou com um riso amargo, sem humor.

– Não, um médico não.

O cocheiro ficou aguardando pelas ordens quanto ao destino, como Dare enfim percebeu. Ele tinha que voltar logo para Londres. Ele tinha que ver Julienne.

Dare enfim ordenou que voltassem a Wolverton Hall, para que pudesse fazer as malas e partir. Mas assim que ele se afundou novamente no tormento dilacerante de seus pensamentos, ainda havia uma questão agonizante que queimava com imenso fulgor em sua mente.

Como Julienne poderia perdoá-lo?

Capítulo Quatorze



Ele esperou por Julienne na sala de visitas surrada de seu apartamento alugado, contando os minutos até que ela voltasse do teatro. Quando finalmente ouviu uma carruagem parando na rua, foi até a janela e espiou para baixo.

Dare viu que Riddingham a havia conduzido até sua casa, e esforçou-se para conter uma fagulha de ciúme. Ele não tinha direito de contestar a escolha dela de protetores. Havia perdido esse privilégio há tempos.

Com o estômago revirado, Dare voltou ao canapé desgastado antes que ela destravasse e abrisse a porta. Ao ver a lamparina acesa, Julienne parou abruptamente, com os olhos arregalados de medo e enfrentamento enquanto vasculhava o ambiente.

Ela estava com uma faca na mão, o que fez com que a consciência o golpeasse mais uma vez, quando ele percebeu o significado daquilo.

Ao menos o alívio dela pareceu sincero ao reconhecê-lo.

– Como entrou aqui? – Julienne perguntou, fechando a porta atrás de si.

– A senhoria permitiu que eu esperasse por você aqui dentro.

– Eu não entendo... – ela começou a frase, mas ele a interrompeu.

– Eu acabei de chegar de Kent... de Whistsable.

Julienne não disse uma palavra. Ela apenas o encarou fixamente.

– Eu falei com sua antiga vendedora sobre Ivers. Vocês nunca foram amantes.

O rosto dela perdeu a cor. Os dedos tremiam enquanto ela colocava a faca em uma mesa. Então, movendo-se como uma sonâmbula, ela se afundou em uma poltrona em frente a ele.

Por um momento, Dare abaixou seus olhos para esconder a emoção. Era dolorido encará-la, sabendo agora o que ele havia feito e a brutalidade que havia acontecido contra ela. Era perturbador perceber o quanto ele havia confundido as coisas. Mas Julienne permitira que ele acreditasse na mentira. O que ele não conseguia absorver era por que ela não tinha negado aquela farsa, na época ou mesmo depois.

– Por que Julienne? – Ele ouvia a dor em sua própria voz ao pronunciar o nome.

A jovem se remexeu, mas se recusou a olhar para ele. Em vez disso, fixou o olhar em suas próprias mãos, que estavam unidas bem apertadas em seu colo.

– Eu não menti a você – ela disse em uma voz tão baixa, que mal passava de um sussurro.

– Você me fez acreditar que vocês eram amantes. Você nunca refutou.

– Eu achei que não tinha escolha. Ele ameaçou causar mal à minha mãe.

– Eu a teria protegido. Você nunca considerou isso?

Quando ela ergueu os olhos, havia tanta dor que quase fez com que ele desabasse.

Ela balançou a cabeça fracamente.

– Não iria fazer diferença. Eu sabia que nunca poderia me casar com você, Dare. Eu não poderia deixar que você se sacrificasse por mim. Terminar o noivado era a única maneira de impedir que você perdesse sua herança.

Dare sentiu seu coração se revirar em agonia.

– Você achou que a fortuna do meu avô significava tanto assim para mim?

– Talvez não naquela época. Mas um dia poderia ficar ressentido comigo, se, por minha causa, fosse deserdado.

Eu não poderia deixar que você se sacrificasse por mim. Aquelas palavras rodopiaram em sua mente. Julianne não quisera que ele sofresse, então ela mesma preferiu se sacrificar.

– A propriedade Wolverton era inalienável – Dare disse suavemente, mas com uma ponta de ironia. – Ela viria para mim com a morte do meu avô, assim como o título. Mas mesmo que não fosse assim, eu já havia amealhado uma fortuna considerável naquela época. Jamais sentiria falta da riqueza dele.

Julianne devolveu seu olhar solenemente, com consternação em seus olhos escuros.

– Por que você não me deu sequer a chance de discutir o caso? – o marquês perguntou.

Ela apertou os dedos com ainda mais força sobre o colo. Julianne se sentia crua e exposta sob a intensidade constante do olhar de Dare.

– Tudo aconteceu tão rápido. Ivers havia feito as ameaças pouco antes de você chegar. Ele disse que seu avô estava determinado a nos separar, que nunca permitiria nosso noivado. Então você entrou, e o Ivers fez aquela alegação sobre ser o meu amante...

Ela respirou bem fundo.

– Eu *queria* que você acreditasse que éramos amantes, que eu havia sido infiel. Eu sabia que era a única maneira de você desistir do noivado.

Ela fechou os olhos, lembrando-se da dor e da desilusão no rosto de Dare. Aquele olhar atormentado assombrara suas lembranças durante anos.

– Eu não queria mentir pra você – ela acrescentou, em voz baixa.

– E detestei o fato de pensar tão mal de mim. Secretamente, no meu coração, eu esperava que você pudesse enxergar por trás das

mentiras e perceber que eu ainda te amava. Mas então Ivers... Eu fui uma tola ingênua.

Ela quase soltou uma risada de autodepreciação, mas ficou entalada na garganta; o riso era amargo demais para vir à tona.

– Eu não tinha percebido realmente o quanto Ivers era um vilão com uma alma tão sórdida. Pensei que assim que eu fizesse o que ele pedira, desmanchando nosso noivado, ele ficaria satisfeito. Mas aquilo não foi o suficiente para ele. Ele quis ter certeza que eu ficaria completamente perdida. Que você jamais iria querer se casar comigo. Seu avô lhe pagou para que garantisse isso. Depois que você saiu... Eu tentei lutar contra Ivers, arranhei o rosto dele até deixá-lo todo ensanguentado, mas ele era forte demais...

– Meu Deus.

Ela abriu os olhos ao ouvir seu sussurro torturado. Dare afundou a cabeça em suas mãos, enquanto puxava os cabelos, como se quisesse arrancá-los desde a raiz.

– Não havia como você saber o que ele iria fazer – ela disse, em voz baixa.

O gemido dele era grave e áspero.

– Não tente me absolver, Julianne. Eu nunca deveria ter deixado você sozinha com aquele demônio.

– Não foi sua culpa. Se a culpa foi de alguém, foi minha, por ter sido completamente ingênua. Depois... eu mal pude acreditar no que aconteceu. Quando ele terminou, eu fiquei ali, tonta, espantada. O choque deve ter embaçado minha memória, mas eu me lembro de ter jurado que iria matá-lo se ele me tocasse novamente, ou se ele causasse mal à minha mãe. Ele pareceu acreditar em mim, pois se afastou. Mas eu percebi que qualquer esperança de um futuro com você estava esfaçalhado.

Então Dare ergueu a cabeça, e a dor em seus olhos espelhavam a dela.

– Você deveria ter me contado.

– Como eu poderia? Se o seu avô estava disposto a acabar com nosso casamento antes, depois do que Ivers fez comigo seria mil vezes pior. Eu estava arruinada, estragada para sempre. Eu havia sido violada por outro homem, e eu temia que você nunca mais fosse me querer. Ou pior... que fizesse algo nobre como insistir em se casar comigo. Isso iria expô-lo ao escândalo e ao ridículo e iria levar seu avô a deserdá-lo, afinal. Eu não podia deixar que isso acontecesse.

Arrebatada pela desolação e desesperança, Julienne verteu lágrimas escaldantes pelo rosto. A desgraça de ter perdido Dare só aumentava a sua dor, agora mais visível do que nunca. Ela quisera desesperadamente contar-lhe a verdade, fazê-lo entender que preferiria morrer em vez de traí-lo por vontade própria. Mas não quis se arriscar.

A agonia a envolvia enquanto ela se lembrava, e as lágrimas não davam trégua.

Com dois passos largos, ele estava ao lado dela, erguendo-a e tomando-a entre seus braços, acolhendo seus soluços em seu peito.

Ela queria resistir. Detestava Dare por vê-la tão vulnerável, tão fraca. Mas ela não tinha mais energia para se defender. Então deu vazão ao choro, pendurando-se firme no torso do marquês.

Dare mal podia aguentar a angústia. Parecia tão inadequado segurá-la, tentar confortá-la, quando fora ele que a machucara tanto. Era uma agonia vê-la desse jeito. Ele sofria por ela, sofria com a necessidade de banir aquelas memórias terríveis.

Após um momento, os soluços dela diminuíram. Finalmente, Julienne se afastou de Dare, enxugando furiosamente seus olhos molhados.

– Eu não quero que você sinta pena de mim, Dare. Eu não vou suportar isso.

Ele viu mananciais de dor naquelas profundezas escuras, mas havia coragem infinita no meio daquela vulnerabilidade.

– Não – ele sussurrou. – Pena, não.

Não era pena que o golpeava. Vergonha arrebatava o que sobrava de sua alma. Vergonha, remorso e culpa pelos pesadelos que ela enfrentara.

Ele podia visualizar a Julienne de sete anos atrás: desesperada, devastada, sozinha. Podia apenas imaginar a força que deve ter sido necessária para superar o estupro e o escândalo das acusações posteriores de seu avô. Depois ganhar a vida em uma profissão tão difícil quanto a de atriz. E vender o corpo para que os últimos dias de sua mãe fossem menos excruciantes.

Seu coração doía, acometido por uma tristeza maior do que qualquer outra que ele conhecesse, mesmo quando ele pensara que seu amor fora traído por uma farsante enganadora.

Dare levou Julienne até o canapé e a puxou para se sentar com ele, segurando-a firme contra ele, enterrando o rosto em seu cabelo, até que o tremor dela gradualmente aquietasse.

O aperto na garganta dele deixou sua voz trêmula quando, enfim, se pôs a falar.

– Julienne, eu não posso jamais merecer seu perdão. Tudo o que eu posso lhe dizer... Eu arrancaria fora meu coração antes de permitir que a machucassem.

Com a respiração vacilante, ela balançou a cabeça.

– Você não tem culpa, Dare.

– Eu *tenho* culpa, sim. Eu era jovem, estúpido e teimoso, determinado a desafiar meu avô a qualquer custo, não importando as consequências. Mas foi você quem pagou o preço pela ira dele.

Com ternura, ele alisou os cachos de cabelo encharcados das bochechas dela, beijou as lágrimas de seu rosto. Então ele se aproximou mais dela, tanto que sua cabeça pousou em seu ombro.

A voz dele ficou ainda mais grave, seu tom severo ao se lembrar daquela tarde desastrosa.

– Eu estava considerando cancelar o noivado mesmo antes de encontrar você com Ivers. Meu avô havia ameaçado acusar você de traição à pátria, e eu temi que pudesse mesmo fazer isso. Eu iria

discutir isso com você naquela tarde. Mas então... Eu a vi com Ivers e, após ele dizer que vocês eram amantes, fiquei com um ciúme insano. Eu quis matá-lo simplesmente por tocar em você.

– Você só acreditou nele porque eu não neguei. A boca de Dare se curvou sardonicamente.

– E eu creio que estava predisposto a julgar você culpada. Minha mãe teve incontáveis amantes ao longo de seu casamento. Ela veio de uma geração que elevou a infidelidade a uma arte, e eu cresci achando que isso era simplesmente natural. Mas eu deveria saber que você não era como ela.

O tom de voz dele ficou mais sombrio.

– Eu deveria ter suspeitado das artimanhas do meu avô. Fui um tolo por não perceber a extensão do que ele era capaz para que as coisas saíssem como ele queria. E então eu abandonei você para lidar sozinha com as consequências. Ele destruiu sua vida, mas eu deixei isso acontecer. Eu deveria tê-la protegido.

– Você teria me protegido, se soubesse. Eu tenho certeza. Ele soltou uma risada amarga.

– Naquela época eu só me preocupei em sobreviver às minhas próprias feridas. Tudo o que eu queria era me afastar o máximo possível de você. Se eu tivesse ficado por lá... pelo menos eu poderia tê-la salvo dos estragos que meu avô infligiu na sua reputação. Sua vendedora disse que ele arruinou seus negócios e a forçou a deixar a cidade.

– Sim. Eu não tinha recursos para combatê-lo, e eu tinha que sustentar minha mãe. Mas não podia esperar por nenhum emprego respeitável depois que ele deixou meu nome em pedaços.

– Então você começou a atuar.

– Na verdade, essa foi a única coisa que veio de toda essa calamidade, Dare. – Um sorriso tênue curvou sua boca. – Eu encontrei uma vocação, algo que eu realmente amo fazer. Encenar acabou sendo minha salvação. Isso também me ajudou a exorcizar meus demônios.

– Mas então você foi forçada a arrumar um protetor – Dare disse, com voz embargada.

Julienne agradeceu intimamente pela chama da lamparina da sala não estar brilhante demais, pois suas bochechas coradas de vergonha ficariam ainda mais perceptíveis.

– Bem, era algo que eu simplesmente precisei fazer. E depois de perder você, nada mais podia me machucar. O cavalheiro que eu escolhi... ele era muito gentil. Isso tornou mais fácil vender meu corpo por dinheiro.

Lágrimas frescas escorreram pelo seu rosto enquanto ela se lembrava. Julienne pensou que iria morrer com o coração repleto de mágoa, mas a batalha por sua sobrevivência lhe dava um motivo para prosseguir.

Em algum momento ela conseguiu superar a escuridão e a vergonha que quase a engolira. Chegou o dia em que ela estava curada de suas provações brutais. Ivers havia violado seu corpo, mas não havia tocado em seu âmago.

Ele tampouco havia destruído sua necessidade física de paixão. Foi de grande ajuda o fato de seu gentil protetor banir os últimos vestígios do medo. Mas fora Dare quem havia mostrado a ela o que significava o verdadeiro êxtase. O que era se sentir realmente viva. Por causa dele, ela sabia que o ato de amor não tinha nada a ver com o ato de violência que havia sido perpetrado contra ela.

Ela levou a mão à bochecha dele e a tocou.

– Aconteceram algumas coisas naquele verão de que eu nunca me arrependi. Você me ensinou sobre o amor, sobre a paixão. Sem aquilo, eu jamais poderia enfrentar o resto.

Ele fechou os olhos bem apertados, como se não suportasse a ideia de aceitar o perdão dela.

– Você não pode me absolver da culpa, Julienne.

A expressão da dor no rosto de Dare levou também dor ao coração de Julienne. Ela queria envolver os braços ao redor de seu amado e ajudá-lo a encontrar a paz. Ele estava abraçando-a tão

gentilmente, como se ela fosse uma taça frágil, como se ele temesse tocá-la.

Erguendo o rosto, ela pressionou seus lábios contra os dele.

– Dare... faça amor comigo.

Ele recuou para olhar fixamente para ela.

– Como é possível que você me queira depois do que eu fiz a você?

Julienne teve que sorrir um pouco. Tudo o que ela podia pensar era em como ela queria aquele homem fervorosamente, o quanto ela precisava dele. Ela precisava dele para exorcizar aquelas lembranças nefastas. Precisava dele para afugentar a terrível solidão dos últimos anos. Em resposta, ela levou a mão até a bochecha dele para uma carícia, sentindo a penugem da barba de um dia e que deixava seu rosto mais

áspero.

– Como é possível que eu não queira você? – ela perguntou, levando seus lábios aos dele novamente.

A boca dele desceu na dela calidamente, em um beijo desesperado, como se ele precisasse dela para salvar a própria alma. Com os lábios ainda colados, ele a ergueu nos braços e a carregou para o quarto adjacente, onde ele a deitou na cama estreita.

Sob o brilho do fogo, ele a despiu, mas seu toque era vacilante – nada tinha do amante apaixonado que o transformara em uma lenda. E quando ela ficou totalmente nua, ele se sentou ao lado dela, hesitante.

– Dare... Eu não vou quebrar – Julienne murmurou, inquieta.

Talvez não, ele pensou, mas ele se sentia tão cru e incerto quanto um menino em sua primeira vez.

Como se o compreendesse, ela se sentou e envolveu a face do marquês com as mãos.

– Você não vai me machucar – ela sussurrou. – Você jamais me machucaria.

Dare quase gemeu enquanto seu coração revolia dentro do peito.

Ela estava tentando consolá-lo.

Ela o beijou com ternura, deixando sua boca quente se demorar na dele enquanto afrouxava o lenço do pescoço e o largava no chão. Ele saboreou o beijo dela, mas se afastou um pouco para remover sozinho sua jaqueta.

Enquanto ele desabotoava o casaco, Julienne se ergueu da cama e foi ao escritório, onde usou sua esponja e tirou os grampos do cabelo.

O olhar dele continuava fixo nela, enquanto a massa sedosa de suas madeixas caía em suas costas.

Quando voltou, ela terminou de despir Dare, ajoelhada ao lado da cama para remover suas botas e sua calça. Então ele a tocou, mas ela fez com que ele se deitasse, com as mãos em seus ombros.

– Não, eu quero fazer isso... por favor.

Ele se deitou, aquiescente, entendendo instintivamente a necessidade dela de estar no comando, de provar que ela não era impotente, derrotada ou vulnerável.

Deslizando até a cama, ela se ajoelhou por cima dele, pressionando os lábios contra seu peito nu. Lentamente beijou seu corpo inteiro, deliberadamente roçando o cabelo por cima dele quando se abaixava.

A carícia dos fios dos cabelos de Julienne tinha o mesmo efeito da seda sobre o corpanzil do nobre, tão macia e ao mesmo tempo tão pungente e incrivelmente erótica. Ele já estava altamente excitado, mas enrijeceu ainda mais quando Julienne rodopiou a língua na área sensível no interior de suas coxas. Então ela recuou o corpo, com os lábios abrindo uma trilha de fogo em sua carne... seu falo, sua barriga, seu peito...

Dare precisou de uma força hercúlea para ficar deitado totalmente parado enquanto ela cuidava dele, lambendo, cutucando, tantalizando... Ela pausou sua trajetória ascendente para roçar os

mamilos masculinos com sua língua, antes de subir novamente até a boca do marquês, deixando um beijo leve como pena que fez seu estômago contrair em uma mistura de ternura e desejo convulsivo.

Quando o beijo dela se aprofundou, seus dedos envolveram afoitos seu cabelo. Ele tentou ser gentil, mas a tensão acumulada era grande demais para suportar. Puxando-a para si, Dare sussurrou o nome dela com um tom de súplica. Em resposta, Julienne abaixou lentamente e se amalgamou ao corpo de seu amado.

A fusão dos dois corpos foi celestial. Um som rouco escapou dele com a sensação latejante que o cegava; o coração sofria em ritmo selvagem. Ele podia sentir a necessidade enlouquecedora dentro dela, sua vontade desesperada de se tornar parte dele, e o que ele sentia era recíproco, e os dois se entregaram completamente. Eles possuíam um ao outro com ternura feroz, e em poucos momentos a tempestade de fogo foi descarregada sobre os dois. Chegaram juntos aos espasmos da paixão, bebendo os gritos um do outro, chegando aos cumes, intumescidos, em um estilhaçamento que parecia durar para sempre.

Quando o êxtase finalmente terminou, Julienne colapsou sem forças sobre Dare, tremendo. Ela repousou sobre seu corpo quente e poderoso, escutando a força de seu coração trovejante.

Uma paz serena a inundou. Dare finalmente sabia a verdade, que ela não o traía. Ela encontrava repouso para seus próprios demônios. O ato de amor deles fora excelente como de costume, mas dessa vez havia uma novidade... uma doçura mais elevada, um carinho atento. Eles haviam proporcionado consolo um ao outro.

Ela exalou suavemente um suspiro. Dare não a culpava mais pelo passado, ou pelo que Ivers fizera. Ele tampouco a condenava por ter sido forçada, pelas circunstâncias árduas, a vender seu corpo. De certo modo ela se sentia limpa, como se um grande fardo tivesse sido aliviado dela.

O coração de Julienne agora parecia quase leve. Ela mal reconhecia o sentimento. Esperança. Era uma sensação pouco

familiar, algo que ela não tinha se permitido sentir em anos. Finalmente estava livre de seu passado doloroso.

Contudo, Dare não podia esquecer. Ele ficou olhando para o teto por algum tempo.

– Você deve ter me odiado tanto! – enfim ele disse.

– Não. Você, não. – ela respondeu, com voz suave. – Você, nunca.

Eu odiei Ivers. Eu queria matá-lo.

– É o que pretendo – Dare murmurou, sombrio.

Uma flecha aguda de ansiedade despertou Julienne do torpor, e ela ergueu a cabeça para olhá-lo.

– Dare, você não pode fazer isso.

– Por que não?

– Porque diante das possíveis consequências essa satisfação jamais valeria a pena. Se você matá-lo, é bem provável que tenha que fugir do país. Eu não poderia suportar que você se sacrificasse por minha causa.

Os olhos dele tremiam de dor enquanto procuravam os dela.

– Você não quer nem mesmo algum tipo de vingança?

– No momento certo, sim, mas não agora... Eu só quero enterrar o passado e seguir com minha vida.

– Você tem tanta certeza de que Ivers vai deixar o passado continuar enterrado? O que ele queria com você em Newmarket?

Julienne estremeceu com aquela pergunta.

– Ele queria dinheiro para quitar suas dívidas. E ameaçou renovar aquelas velhas acusações de traição à pátria contra mim, se eu não pagar a ele.

O ódio escureceu os olhos de Dare.

– E você pretende se render às ameaças dele?

– Não, é claro que não. Eu o mandei ao inferno. Ele não pode mais me machucar.

– E agora você anda com uma faca.

– Para minha proteção, sim.

A expressão de Dare se enrijeceu.

– Ele não pode se safar disso, Julienne. Ivers merece punição por seus crimes.

Dare estava certo, ela sabia. Ivers não poderia escapar ileso. Mas ela não podia suportar a ideia de que Dare sofresse, como resultado.

Ela lhe deu um olhar de súplica.

– Dare, por favor. Prometa a mim que não vai matá-lo. Ele contraiu a mandíbula.

– Muito bem... Eu não vou matá-lo a sangue frio.

Ela o encarou por um longo momento, como se não acreditasse muito nele.

– Confie em mim – ele disse, em voz baixa. – Dessa vez eu não vou fazer nada estúpido.

Ele ficou aliviado quando Julienne finalmente repousou a cabeça em seu ombro e permitiu que ele a envolvesse com seus braços. Mas mesmo apreciando a satisfação sensual de seu abraço, Dare continuava encarando as sombras bailarinas do teto, detestando com paixão letal o vilão hediondo que a violentara.

Ele não podia deixar as coisas como estavam. Ivers iria pagar por machucar sua Julienne, de uma maneira ou de outra. Ele iria garantir que Ivers fosse enforcado, se ele assassinara Alice Watson. E se Ivers era um cúmplice de Caliban, ele iria provar e deixar que a justiça cumprisse seu papel...

Dare ainda não havia contado a Julienne dessa possível conexão, e não iria fazê-lo até que tivesse Ivers acorrentado. Isso deveria ficar a seu encargo. Ele não queria mais que Julienne se envolvesse, não queria que ela se sentisse requisitada a enfrentar seu agressor.

Depois de algum tempo, Dare ouviu o som da respiração dela, e seus pensamentos tortuosos passaram da vingança para suas próprias transgressões. Ele deveria ser esfolado vivo por deixar Julienne à mercê daquele monstro. Ele se perguntava quantos anos iria precisar para pensar nesse assunto sem se sentir enojado até o fundo da alma.

Dare fechou os olhos para conter a onda de emoção que o arranhava por dentro. Ele nunca se sentira tão imprestável, tão inútil. Julienne se sacrificara por ele em um esforço para impedir que ele fosse deserdado. Fora um gesto nobre, por mais que despropositado, e por causa disso, toda sua vida havia sido estilhaçada.

Ele inalou lentamente para levar ar ao seu peito dolorido e confrangido. Ele daria qualquer coisa que possuía para desfazer o passado. Os dedos se ergueram até o cabelo dela, afagando as madeixas escuras enquanto Julienne repousava. De alguma maneira ele precisava conquistar o perdão dela. Jamais poderia recompensar toda a dor, todos aqueles anos perdidos, mas ele teria que tentar.

Uma ânsia desesperada brotou por dentro de Dare, uma necessidade feroz de conquistar novamente o coração de sua querida joia. Talvez se ele fosse incrivelmente sortudo, seria possível...

Jurando tentar, Dare se aconchegou ao lado dela, com cuidado para não acordá-la, enquanto cobria o corpo nu. Ele pretendia lidar com Ivers. E então ele poria cada recurso e cada grama de energia e de força de vontade que possuía na sua missão de recuperar o amor de Julienne.

Capítulo Quinze



Algum tempo depois, Julianne acordou, sentindo falta do calor de Dare. Em um primeiro momento ficou confusa, perguntando-se o que poderia levá-lo a sair da cama àquela hora da madrugada.

Então uma pontada aguda de pânico a atingiu. *Ivers*. Teria Dare ido confrontá-lo?

Ela sabia onde Ivers estava hospedado, pois Riddingham descobrira para ela, quando dissera que o conde a estava atormentando de maneira indesejada.

Desfazendo-se das cobertas, apressou-se a se vestir.

Dare estava na escuridão do quarto de hotel de Ivers, olhando o crápula enquanto ele dormia.

O Limmer's Hotel era escuro e austero, mas sempre bem frequentado. Seus quartos eram a escolha dos rapazes beberrões e viciados em jogos. Dare não precisou de mais do que um breve instante para subornar quem quer que fosse para chegar ao quarto do conde.

Ivers não tinha ouvido um único som além de seus próprios roncos. Ele estava esparramado de bruços na cama, apenas parcialmente vestido. Havia removido as botas e a calça, mas não a camisa, e o lençol mal cobria suas nádegas brancas.

Com o ódio agredindo suas vísceras, Dare riscou um fósforo e acendeu uma vela. O relógio sobre a cornija dizia que eram quatro

da manhã. Após retirar a espada da bainha, Dare derramou uma jarra d'água na cabeça enrugada do conde.

Ivers saltou bruscamente, gaguejando espantado, e logo deparou com a ponta da lâmina de Dare pressionada logo abaixo do pescoço.

Ele paralisou, com os olhos arregalados em alarme.

– W-Wolverton... O quê? O que você q-quer?

A boca de Dare se curvou em um sorriso glacial, arreganhando os dentes.

– Eu creio que você pode adivinhar. Você nunca foi amante de Julienne.

– Eu... Sim, é claro que fui. Se ela disse o contrário, é mentira.

Apenas com muito esforço Dare manteve rígido controle sobre sua fúria. Com a ponta de aço de seu florete, ele percorreu as cicatrizes na bochecha esquerda de Ivers, pressionando forte o bastante para retirar sangue.

– Você gostaria de reconsiderar sua resposta?

Ivers silvou com dor enquanto a lâmina sulcava sua pele.

– Quer me chamar para um duelo? – Ele mirou o florete com medo. – Você é um espadachim excelente. Mal dá para dizer que seria um combate justo.

– Que espécie de combate justo você ofereceu à Julienne quando a violentou?

– Eu... Eu sinto muito... Não foi nada pessoal. O seu avô...

A raiva que disparou por dentro de Dare queimou quente como lava. Deslocando a ponta da lâmina pelo peito até sua virilha, Dare pressionou bem em seu testículo esquerdo.

Ivers gritou e agarrou suas partes íntimas, enquanto o sangue escorria entre seus dedos.

– Eu sugiro que você mantenha a voz baixa – Dare admoestou lentamente, em tom de voz seguro –, ou meu próximo alvo será seu coração. Você a possuiu à força, não foi?

Quando Ivers lançou os olhos selvagememente pelo quarto, à procura de uma maneira de fugir, Dare balançou a cabeça.

– Ninguém virá ao seu resgate. Você está completamente à minha mercê. Você a violentou, não foi?

– Sim! Por Deus, não, por favor... – Ivers choramingou quando a lâmina se moveu para sua garganta. – Não me machuque!

– Por que não? – Dare perguntou, com a voz muito, muito suave.
– Diga-me por que eu não deveria matá-lo neste instante.

Ivers começou a soluçar.

– Talvez eu devesse cortá-lo em pedaços e dar de comer aos peixes do Tâmis. Você conhece bem o Rio Tâmis, não é, Ivers? Você matou a dama de companhia de Lady Castlereagh ali, no mês passado.

– Não! Eu não a matei, eu juro. – Quando a ponta roçou em seu pescoço, ele recuou o mais que pôde contra a cama, encolhendo-se.
– Mas eu posso dizer quem foi que matou.

Dare abaixou a espada.

– Você está começando a me interessar.

Debatendo-se com as lágrimas, Ivers estremeceu ao respirar fundo.

– Eu não matei a garota, eu juro. Eu a cortejei, sim. Ela deveria me encontrar naquela noite. Mas quando eu cheguei, ela já estava morta.

– Então quem a assassinou?

– Foi o Perrine... Martin Perrine.

Dare sentiu os músculos de seu ventre contraírem.

– Você o viu com o corpo dela?

– Não, mas eu tenho certeza que era ele. Dare hesitou.

– Ele é o Caliban?

– Eu não sei. Eu juro. Perrine só me conta quais são as ordens do Lorde Caliban. Ele me pediu para cortejar a garota. Eu não tive escolha. Perrine comprou todas as minhas notas promissórias e ameaçou reclamá-las se eu não obedecesse ao Caliban.

– O que ele queria de Alice Watson?

– Descobrir os planos de Lorde Castlereagh... O que ele pretendia fazer com Napoleão depois da paz, onde ele estaria.

– Então você a persuadiu a roubar as cartas de Castlereagh para sua esposa. E depois que a garota morreu, você subornou os criados em troca de informação?

– Sim.

– O que você estava fazendo em Newmarket? Estava me seguindo?

– Sim. Perrine soube que você anda colocando o nariz onde não é chamado, em busca de Caliban. Ele achou divertido, mas quis saber por quê. Eu fui designado para ver o que eu podia descobrir.

– Mas em vez disso, você abordou Miss Laurent. Ivers choramingou mais uma vez.

– Eu não toquei nela!

– Não, apenas tentou extorqui-la ameaçando-a de espalhar suas histórias espúrias. Que punição você acha que merece por isso?

– Por favor... não me mate.

– Eu não terei que fazê-lo. O que você fez é traição à pátria. Não há dúvida que você será enforcado por isso.

– M-mas... Mas e se eu souber de algo que pode salvar a vida de Castlereagh? Ele está em sérios apuros.

– Estou ouvindo – Dare disse.

– Perrine estava nervoso por eu não obter mais nenhuma informação dos criados...

Bem nesse instante, Dare ouviu um som atrás de si. Ele se virou lentamente, erguendo a espada contra uma possível ameaça, quando a porta se abriu. Seu coração deu um salto ao reconhecer a recém-chegada.

Era Julienne quem estava ali, com olhos sombrios de preocupação. Ela avançou pelo quarto, após fechar a porta silenciosamente. Estava empunhando sua faca, como Dare notou assim que chegou mais perto. Ele viu a reação dela ao checar o corte

na bochecha de Ivers... e o sangue do ferimento de sua virilha empapando o colchão.

Os olhos observadores passaram ao rosto de Dare.

– Eu achei que você iria matá-lo – ela murmurou.

– Eu prometi que não iria acabar com ele a sangue frio – Dare disse, em tom neutro –, mas ainda dá tempo de você mudar de ideia.

Julienne fitou o nobre encolhido na cama.

– Eu confesso que não lamentaria a morte dele. O peito de Ivers ofegou com um soluço.

Dare sorriu.

– Eu acho que você deveria implorar à dama por sua vida, Ivers.

Quem sabe ela possa poupá-lo.

– Por favor – ele choramingou. – Eu lhe rogo, poupe minha vida.

– As súplicas dele eram de um homem destroçado.

– Não o mate – Julienne disse, enfim, com uma ponta de escárnio na voz. – Ele é digno de pena. E eu não gostaria que você tivesse o sangue dele nas mãos.

Dare ergueu uma sobrelanceira enquanto perscrutava o conde.

– Você tem sorte, Ivers. Ela é muito mais magnânima do que eu jamais poderia ser. Na verdade, creio que a morte seria misericordiosa demais para você.

Ao ouvir a repreensão, Ivers apertou os olhos bem fechados.

Dare se agachou para pegar a calça jogada ao chão e a atirou para o conde.

– Vista-se.

– Aonde você vai me levar?

Ele iria levar Ivers a Lucian, Dare já havia decidido.

– Há muitos cavalheiros no Escritório de Assuntos Externos que ficarão interessados em ouvir o que você tem a dizer sobre Perrine e Caliban. Depois disso... eu não tenho dúvida de que você irá para a prisão e aguardará pela forca.

– Mas... se você me puser na prisão, Perrine vai saber que eu lhe contei. Ele vai me matar com certeza.

– Ao menos isso vai poupar o governo do estorvo.

– Por favor... deixem-me ir. Se eu for, eu juro que vou sair do país.

Quando Julienne deu um olhar zombeteiro para Dare, ele respondeu à pergunta não dita dela.

– Ao que tudo indica, o querido Lorde Ivers está metido até o pescoço em traição à pátria e espera salvar sua pele. Ele alega ter informações sobre nosso amigo Martin Perrine e seus negócios com Caliban.

– Eu tenho! – Ivers insistiu. – Eu acho que Caliban pretende matar o secretário de Assuntos Externos.

– Quem é Caliban? – Julienne perguntou, sem rodeios. – Perrine?

– Eu não sei – Ivers disse. – É possível. Perrine disse que Caliban não confia em ninguém além dele mesmo para essa missão. E Perrine saiu da cidade ontem. – Ivers passou seu olhar suplicante para Dare. – Por favor, deixe-me ir. Eu não quero ser enforcado.

– Eu vou deixar essa decisão para os Assuntos Externos – Dare respondeu. – Agora levante-se.

Com um gemido de dor, Ivers se ergueu da cama e mancou até a lareira para se vestir. Dare viu Julienne dar as costas e ir em direção à porta, possivelmente porque não suportava olhar para seu agressor.

– Estou sangrando como um maldito porco eviscerado – Ivers se queixou.

– E acha que eu vou chorar por você?

Ivers se agachou, um tanto desajeitado, para vestir a calça. De soslaio, Dare viu quando ele ergueu um atizador de fogo sobre sua cabeça, bem quando Julienne deu um grito de alerta: – Dare!

Ivers golpeou, mas Dare teve tempo de se defender. Esquivando-se para o lado agilmente, ele arremeteu a lâmina contra a parte carnuda do flanco de Ivers.

Com um olhar espantado no rosto, Ivers apertou sua lateral com a mão e tombou no chão. Ele se encolheu em posição fetal, gemendo

de dor.

– Você me matou...

– Infelizmente, não – Dare disse, lentamente.

O marquês encontrou um lenço de pescoço em meio à pilha desmazelada de roupas espalhadas e se ajoelhou ao lado de Ivers, apertando o pano contra a ferida gotejante.

– Você vai viver, o que será ainda mais humilhante. Como disse, eu sou um espadachim excelente, e tomei muito cuidado para não feri-lo fatalmente. Mas você me arranjou o problema de encontrar um cirurgião a essa hora.

A porta se abriu e um homem irrompeu pelo quarto, brandindo uma pistola. Ele era uma figura de aspecto bruto, apesar de estar vestido como um dândi. Captou a cena toda com um rápido vislumbre: Julianne estava com a mão no pescoço. Ivers ferido e seminu no chão, com a camisa manchada de escarlata. E Dare com a lâmina de sua espada coberta de sangue.

– Perdão, meu senhor – ele disse, dirigindo-se a Dare –, mas eu ouvi um grito. Eu pensei que estivesse ocorrendo um assassinato.

– Tentativa de assassinato, talvez – Dare se aprumou. – E o senhor é...?

– Henry Teal, a serviço do Lorde Wycliff, senhor. Eu estava de olho nesta ratazana empestada há algum tempo, para que ele não escapasse. – Ele olhou duramente para Ivers – Meu parceiro chamou Lorde Wycliff. Ele deve chegar aqui em breve.

– Excelente. Wycliff é o homem certo para acertar essa confusão.

– Dare se moveu em direção à porta. – O senhor pode me conceder o favor de manter um olho em nosso prisioneiro?

– Sim, milorde.

– E... Teal? Nós o queremos vivo. Se ele tentar escapar, por favor projete a bala em alguma parte não letal de sua anatomia.

Teal sorriu com malícia.

– Sim, milorde.

Tomando Julienne pelo braço, Dare a conduziu para fora do quarto e trancou a porta ao sair. Muitos hóspedes grogues, vestidos em suas camisolas, estavam amontoados no corredor mal iluminado.

– Um pequeno incidente – Dare os reconfortou. – Nada que deva alarmá-los.

Ele esperou até que todos voltassem aos seus quartos e então puxou Julienne para si e lhe deu um abraço apertado.

– Eu tive medo de que ele teimasse e levasse você a matá-lo – ela murmurou com o rosto no peito do marquês.

– Não. Mas ele vai pagar por seus crimes. Julienne estremeceu.

– Está terminado, querida – Dare disse, suavemente. – Você nunca mais terá que lidar com Ivers.

– Obrigada. Mas... Não está tudo completamente terminado. – Ela se afastou para olhar para seu rosto e baixou a voz para um sussurro quando perguntou: – Perrine é mesmo Caliban?

– Eu acredito que sim. Nosso convidado de maneiras suaves acaba de se tornar nosso principal suspeito. – Dare franziu o cenho, perguntando-se de repente como que Julienne havia parado ali. – Como você sabia onde me encontrar?

– Riddingham. Eu pedi a ele para ficar de olho em Ivers por mim, e ele me contou que o desgraçado estava neste hotel. Eu consegui uma sege, mesmo a essa hora da noite, mas descobrir o quarto exato foi mais difícil. O proprietário relutou em me deixar subir. – Sua boca se curvou sardonicamente. – Eu o convenci que você havia me chamado para cá. Sem dúvida ele me tomou por sua acompanhante.

Dare pegou no braço dela novamente.

– Venha, eu vou levá-la para casa. Julienne balançou a cabeça.

– Eu não vou para casa, Dare. Não enquanto o assunto Caliban continuar sem resolução.

– Você não pretende se envolver na caçada dele, não é?

– Eu já estou envolvida. Eu fui empregada pelo governo, lembra-se? Dare hesitou.

– Você vai ter que seguir Perrine até a França, não é? Bem, eu sou francesa. Eu acho que posso ser útil nessa busca.

Quando a testa dele ficou ainda mais enrugada, Julienne ergueu o queixo.

– Você não pode simplesmente me dispensar – ela insistiu.

– Bem, eu não pretendo ficar aqui em um corredor público debatendo isso com você.

Dessa vez houve um traço de alegria no sorriso de Julienne.

– Então eu sugiro que você fale com o proprietário e alugue uma sala de visitas para discutirmos isso em particular.

Cerca de três horas depois, Lorde Wycliff se juntou a eles na sala de visitas privada.

– É uma honra finalmente conhecê-la, Miss Laurent – Lucian disse quando Dare fez as apresentações. – Minha esposa e eu apreciamos suas performances.

– Obrigada, milorde.

– Coma o desjejum – Dare sugeriu –, enquanto nos conta o que mais soube através do Ivers.

Lucian os atualizou enquanto enchia um prato na mesa lateral. Ivers havia tomado pontos de um cirurgião, interrogado intensamente, e enviado por dois dos principais agentes de Lucian para o escritório de Assuntos Externos, onde seria questionado de novo antes de ser acusado oficialmente e encarcerado por um magistrado.

– E você acha que Caliban e Perrine são a mesma pessoa? – Dare perguntou, quando Lucian se sentou à mesa.

– É o que todos os meus instintos dizem. Sendo um filho mais jovem sem título, Perrine pode ter descoberto que manipular suas vítimas satisfazia sua fome de poder, tanto quanto seu desejo de encher os bolsos. E há tempos que ele tem suas conexões políticas. Perrine é um amigo íntimo de Lorde Aberdeen, por exemplo.

– Aberdeen não foi designado nosso embaixador na Áustria no ano passado?

– Sim – Lucian disse, com uma ponta de escárnio na voz –, apesar do fato de ele ser jovem e inexperiente demais para o cargo. A incompetência de Aberdeen quase sabotou nossas negociações com a Coalizão. Foi isso que forçou Castlereagh a assumir o comando. Quanto à culpa de Perrine, o homem que destaquei para vigiá-lo confirmou que, ontem, ele partiu de Londres rumo a Calais, embarcando por Dover. Ao que parece ele está a caminho de Paris, onde se encontra Castlereagh.

– Pelo que eu soube – Julienne disse –, o secretário de Assuntos Externos vai presidir uma conferência por lá, certo?

Lucian acenou com a cabeça.

– Napoleão abdicou, mas ainda resta aos Poderes Aliados garantir a paz na França bourbônica. Nós suspeitamos há tempos que alguém está tentando matar Castlereagh. Ele está bem escoltado desde o primeiro atentado contra sua vida. Perrine pode estar esperando pela oportunidade de furar o bloqueio dos guardas que o acompanham.

– Eu suponho que você não possa simplesmente prendê-lo – Dare conjecturou.

– Nós podemos, mas não temos qualquer outra prova além das acusações de Ivers. E se acaso Perrine não for nosso criminoso, então Caliban continuará à solta. – A boca de Lucian se apertou em uma linha severa. – Nós não podemos nos arriscar a perder o rastro de novo. Nosso desafio será não apenas impedir o assassinato de Castlereagh, mas também atrair Caliban para uma armadilha, de modo a fazê-lo finalmente se revelar, seja o Perrine ou outra pessoa qualquer.

– Você pretende persegui-lo na França? – Dare perguntou.

– Sei que seria insensato de minha parte tentar. Não sou o homem ideal para essa missão, já que, por ser muito conhecido, jamais conseguiria chegar tão próximo de Caliban. No entanto, o

que mais quero é pôr um ponto final na existência desse monstro, depois de toda a carnificina que ele causou.

– Além disso, você já se sacrificou o bastante pelo país. Brynn está esperando seu primeiro filho para qualquer dia. Você não pode sair correndo para a França agora.

– Eu pretendo enviar meu melhor agente, Philip Barton, em meu lugar. Ele vem participando da caçada a Caliban desde o início. Mas o Barton também é conhecido demais.

– Eu quero ir – Dare disse. – Mas Perrine também sabe do meu interesse por Caliban.

A sobrancelha de Lucian franziu.

– Nós poderíamos bolar um plano no qual viria a calhar uma certa proximidade com ele...

– Talvez precisemos apenas de uma isca para pegá-lo – Julienne disse, em voz baixa.

Dare a encarou com desconforto. A expressão determinada de Julienne aumentava o vazio em seu peito.

– Não há motivo para você se envolver – ele disse mais uma vez. – Você só vai se colocar em situação de perigo.

Ela olhou para ele sem se abalar.

– Há todo tipo de motivo. Meu nome está manchado pela suspeita faz anos, e essa é a minha chance de limpá-lo de uma vez por todas.

– O que você tem em mente, Miss Laurent? – Lucian perguntou. Julienne se voltou para ele.

– Uma cilada que leve Perrine a mostrar o que tem nas mangas.

– Você está se oferecendo para ser a isca?

– Não, absolutamente não – Dare disse, enfaticamente. – Está fora de questão. Ele quase a matou uma vez antes.

– Eu quero ajudar – ela insistiu.

Dare respirou fundo. A ideia de Julienne arriscando a vida para tentar desmascarar um traidor letal o enchia de medo. Amava

Julienne; na verdade, nunca deixou de amá-la. Ele não queria que ela se machucasse.

– Eu não quero que vá – o marquês disse mais uma vez.

– Por que não? – Lucian perguntou.

Dare lançou um olhar sombrio para seu amigo.

– Você permitiria que Brynn arriscasse sua vida assim?

Lucian deu um breve sorriso, com os olhos suaves em meio à reflexão.

– Eu não acho que poderia impedi-la se ela pensasse poder acabar com o reino de terror de Caliban. No outono passado, ele sentenciou o irmão dela à morte, e Brynn sabe que Gray nunca estará a salvo até que Caliban esteja morto.

– Eu quero fazer isso, Dare – Julienne repetiu. – E se eu for, você terá um bom pretexto para ir também.

Ele rangeu os dentes, mas depois de um momento, disse, com relutância:

– Que pretexto?

– Nós podemos dizer que eu estou tentando recuperar as velhas terras do meu pai em Languedoc, e que eu pedi para você comprá-los de volta para mim, caso queira que um dia eu me torne sua concubina.

– Então isso nos leva à França. Qual a cilada?

– Perrine sabe de nossa aposta e sabe que eu não quero perder, mas ele não sabe do motivo de nossa animosidade. Se nós o encontrarmos em Paris, eu posso alegar que quero me vingar de você por me desprezar durante tantos anos e pedir a ele para me ajudar a me livrar de você.

– E em troca – Dare disse, lentamente –, você vai oferecer ajuda a ele para se livrar de Castlereagh?

– Sim. E se eu puder ganhar a confiança dele, talvez eu possa descobrir alguma coisa de seu plano para matar Lorde Castlereagh.

– Temos possibilidades – Lucian disse, pensativo.

Dare passou uma mão em seu cabelo. Ele queria rejeitar o plano de Julienne. Queria mantê-la a salvo e protegida. Mas seus desejos pessoais importavam pouco comparados com o que estava em jogo.

– Muito bem – ele disse, severamente. – Nós vamos para a França juntos. Eu creio que devemos partir o mais cedo possível – ele disse para Lucian. – Perrine já tem mais de um dia de vantagem em relação a nós.

Lucian assentiu com a cabeça.

– Vamos nos encontrar com Philip Barton nesta tarde e trabalhar nos detalhes dessa missão. Enquanto isso, vocês dois devem ler o dossier sobre Perrine e fazer as malas para sua viagem a Paris.

Capítulo Dezesseis



Paris, maio de 1814

Julienne não se lembrava de nada de Paris, pois só tinha visitado a cidade quando era uma menina. Mas Solange Brogard, que os acompanhava, conhecia cada detalhe do lugar.

Dessa vez, Paris estava transbordando, não apenas com a presença dos exércitos aliados, mas com os monarquistas determinados a testemunhar a restauração da dinastia borbônica. Luis XVIII havia voltado algumas semanas antes para reclamar o trono, e, com ele, voltava uma multidão de exilados aristocráticos, ávidos por restituição de posses e vingança.

Muitos dos elitistas de Londres também abarrotavam as ruas de Paris, para se deliciarem com prazeres que há muito tempo lhes eram negados – vestuário de primeira linha, comida apetitosa, vinhos soberbos e a luxúria da devassidão elegante. Em meio a tudo isso, a comitiva do Marquês de Wolverton misturava-se bem ao ambiente.

Eles alugaram quartos num hotel luxuoso da Rue De Clichy, perto do centro das mais altas rodas sociais. Philip Barton achou mais adequado instalar-se em um hotel diferente, mas combinaram de se encontrar regularmente, com a esperança de desembaraçar a teia mortal de intriga que Caliban havia tecido.

Eles não haviam confidenciado tudo a Solange, apenas sinalizaram suspeitas vagas a respeito de um possível traidor que eles estariam investigando. Mas Julienne havia defendido a inclusão da francesa na viagem deles ao seu país. Soaria mais natural se Solange agisse como sua dama de companhia, como ela fizera em outras viagens com Dare. E Julienne sabia que podia confiar completamente em sua amiga.

Durante a viagem a Paris, Julienne ficou contente pela companhia tanto de Solange quanto de Philip Barton, pois a presença deles propiciava a ela uma distração e lhe dava menos tempo para pensar em seu próprio futuro com Dare.

Agora que seus demônios do passado foram exorcizados, ela teria que considerar como proceder. Sua resistência contra Dare estava ficando perigosamente fraca. E, atriz ou não, ela estava achando cada vez mais difícil manter a fachada de indiferença. Seu desejo por ele estava se tornando uma tortura.

Ela não tinha dúvida de que se continuasse o caso de amor só poderia terminar com o coração partido. Se ela se permitisse amar Dare novamente, a dor seria ainda mais agonizante do que antes, quando ele a abandonasse. Ficaria eternamente perdida. E ele certamente a abandonaria.

A verdade era que eles *não* tinham futuro algum juntos. Não um futuro que ela pudesse suportar. Só havia uma relação aceitável para uma atriz notória e um nobre com o título elevado de Dare, não importando o quanto sua reputação era infame.

Mas ela jamais aceitaria se tornar sua concubina, se tanta intimidade apenas iria colocar seu coração ainda mais em perigo. Julienne também não iria aceitar qualquer caridade que ele condescendesse em lhe oferecer. Ela suspeitava que a consciência dele iria lhe exigir algum tipo de compensação pelos infortúnios que seu avô infligira contra ela. Mas Dare não lhe devia nada, por mais que ele atribuísse uma culpa parcial a si mesmo.

Era preciso admitir que ele a surpreendera ao reagir tão violentamente ao saber de seu estupro, a ponto de querer matar Ivers para vingá-la. Mas não se podia fiar muito na reação de Dare, pois ele podia estar agindo em nome do orgulho ferido ou por ciúme masculino ou simplesmente sentimento de posse.

Não.

Quando a busca por Caliban terminasse, Julienne sabia, ela teria, de alguma maneira, que se desembaraçar dele. O melhor seria terminar a relação rapidamente, sem hesitação. Ela já havia se deixado ficar vulnerável demais.

Aliás, talvez tivesse sido tolice ir para a França com Dare, apesar de sua ambição de limpar seu nome. Era possível que ele não precisasse da ajuda dela para desmascarar Caliban. Dare não era mais o rebelde entregue ao demônio que ela uma vez conhecera. Agora ele tinha mais estofado, um propósito e uma determinação ao enfrentar seus inimigos. Ela não tinha dúvida que ele estava preparado para arriscar a vida na perseguição a um traidor mortal.

Todavia, eles não encontraram nenhum sinal imediato de Martin Perrine. Foi apenas no terceiro dia em Paris que Philip Barton o viu na embaixada britânica, onde a maior parte dos nobres ingleses que estavam na cidade se reuniam, de tempos em tempos.

– Perrine está hospedado com Lorde Aberdeen em uma casa alugada – Barton os informou.

– Nós teremos que encontrá-lo de alguma maneira – Dare respondeu. – E vamos ter que fazer com que soe o mais natural possível.

Eles não tiveram dificuldades em encontrar oportunidades sociais. Afinal, o famoso Príncipe dos Prazeres britânico era muito procurado, assim como Solange Brogard. Desde o momento que chegaram, choveram convites para uma profusão de jantares, festas, recepções e encontros.

Apesar de Julienne ser incluída nos convites, ela sabia que sempre seria relegada ao segundo plano. A roda elegante da

Inglaterra a tolerava apenas porque era convidada de Dare. E a aristocracia francesa apenas a suportava um pouco mais. Afinal, era filha do último Conde de Folmont, e, na França, isso significava alguma coisa. Ainda assim, ela sempre seria desdenhada por sua profissão.

Já o Lorde Castlereagh eles nem chegaram a ver durante os primeiros dias, pois ele estava em conferência a portas fechadas com os mais poderosos líderes da Europa – Czar Alexander da Rússia, Rei Frederick William da Prússia, Chanceler Metternich da Áustria, junto ao Ministro de Relações Exteriores francês, Talleyrand – negociando os termos da paz.

– A ausência de Castlereagh aos olhos do público – Dare comentou com Julienne –, na verdade, é uma bênção, pois os hábitos dele são bem conhecidos. Normalmente ele faz visitas diárias ao Banho Chinês, onde, dizem, ele tira uma soneca. Há quem diga também que ele fica tão fatigado dos negócios que tanto exigem sua atenção que ele não consegue dormir à noite, então passa a maior parte do tempo dormindo ali. E seu passeio favorito é a galeria do Palais Royal. Se Caliban está preparando o assassinato dele, então o Palais é o local ideal. Aliás, esse pode ser o lugar mais provável para encontrarmos Perrine.

O Palais Royal, Julienne aprendeu brevemente, era um enorme centro de atrações, onde cada vício e prazer poderiam ser encontrados. As tentadoras ofertas incluíam jardins e galerias de lojas – joalherias, confecções, modistas – assim como numerosos cafés e restaurantes. Na parte de cima havia apartamentos para alugar. Mas eram os cassinos infernais e bordeis que faziam do Palais o centro do desvirtuamento e da depravação. Os entretenimentos noturnos, Dare disse, rivalizavam com os mais escandalosos de Londres.

Foi na sexta tarde deles em Paris, quando Julienne caminhava através dos arcos das passagens do Palais com Dare e Solange, que ela avistou pela primeira vez Lorde Castlereagh. O secretário de

Assuntos Externos estava vestido com simplicidade em um casaco azul e mal parecia um homem de enormes poderes. Toda sua postura era solene e cansada, como se ele realmente tivesse o peso do mundo sobre os ombros. E não estava sozinho, como Julienne notou. Dois soldados britânicos caminhavam a uma distância discreta atrás do político.

– Esses são os guarda-costas dele? – ela perguntou a Dare.

– Espero que sim. E parece que nosso palpite estava correto. Nosso amigo Martin Perrine está sentado no próximo café, com uma vista ampla para os jardins. O que acha de conferirmos o que ele está tramando? – ele disse, dando os braços às duas damas e conduzindo-as na direção de Perrine.

Julienne teve que olhar duas vezes para reconhecer o camarada sem traços distintos, sentado em uma mesa no café ao ar livre. Com seu cabelo castanho, porte médio, e vestuário modesto, ele poderia facilmente passar despercebido em uma multidão.

Ao passarem pela mesa de Perrine, Dare fingiu não notá-lo, mas Julienne parou, exibindo um sorriso brilhante.

– Olá, Sr. Perrine! Que prazer encontrá-lo aqui.

Perrine ergueu-se polidamente e fez uma reverência a ela, e então para Dare.

– Miss Laurent, Lorde Wolverton... – Ele lançou um olhar de curiosidade para Solange.

– Posso apresentar Madame Brogard ao senhor? – Julienne disse, suavemente. Quando as etiquetas foram cumpridas, ela acrescentou.

– É tão reconfortante ver um rosto amigável. Podemos nos juntar ao senhor? – Então, virando-se para Dare: – Querido, você poderia fazer o favor de pedir um vinho? Eu declaro que estou sedenta.

Dare pareceu apropriadamente relutante, mas fez como ela pediu, erguendo a mão para chamar pelo garçom.

– O que a traz a Paris, Miss Laurent? – Perrine perguntou em um tom pachorrento, enquanto ela se acomodava na cadeira ao seu lado.

Julienne estendeu o braço, presunçosa, exibindo o bracelete que Dare acabara de comprar para ela.

– Lorde Wolverton tem sido extremamente generoso, mas eu espero que ele seja ainda mais. O senhor talvez saiba que meu pai foi um nobre... – ela contou a Perrine de seu desejo de reaver as terras Folmont. – Eu pedi a Dare para visitar o sul da França comigo, mas ele diz que a região está perigosa para viajar. – Ela fez um beicinho. – Eu disse a ele que podemos contratar guarda-costas para nos protegerem dos bandidos.

Nesse momento, Solange foi saudada por amigos, e a atenção de Dare foi tomada pelos cumprimentos a eles.

– Eu preciso falar com o senhor em particular – Julienne sussurrou para Perrine. – Podemos nos encontrar?

As sobrancelhas dele se uniram em ângulo bem agudo, e ele a estudou por um momento, com os olhos mostrando um lampejo momentâneo da inteligência afiada que era atribuída ao sórdido Caliban.

Então ele deu um sorriso tímido.

– Eu estou ao seu dispor, Miss Laurent, é claro.

– Então venha ao Hotel Clichy para o chá amanhã às quatro da tarde – Julienne sussurrou. – Dare terá ido embora... Mas me conte o que o traz a Paris, Sr. Perrine – Ela acrescentou, quando Dare voltou-se para ela. Ele apresentou uma história sobre o Lorde Aberdeen, o embaixador britânico na Áustria, que era um amigo íntimo e o havia convidado para participar do momento histórico da liberação da Europa.

Solange e Dare se juntaram à conversação, deixando à Julienne pouco o que dizer. Mas uma meia hora depois, enquanto se preparavam para partir, ela deu a Martin Perrine um olhar significativo.

– Fiquei encantada em vê-lo novamente, Sr. Perrine. Eu espero que nos encontremos novamente em breve.

– Isso será um prazer e um belo acontecimento para mim – ele respondeu em seu tom circunspecto de costume.

Mais tarde, naquela noite, depois de um baile oferecido na embaixada britânica por Sir Charles Stewart, o popular embaixador inglês na França, eles encontraram Philip Barton para discutir várias contingências do plano. Dare desgostava severamente da ideia de Julienne se encontrar sozinha com Perrine, mas ela o alertou que tinha sua faca para se proteger, acrescentando que duvidava que Perrine se precipitasse em lhe fazer qualquer mal, já que ele estava obviamente curioso quanto ao que ela tinha a dizer.

Pela manhã, Solange saiu do hotel para passar o dia com amigos. Julienne reservou uma saleta de visitas privada à tarde e pediu que lhe servissem chá. Considerando que Perrine pudesse estar olhando, Dare planejou sair do hotel à tarde de modo que fosse notado, mas retornou logo em seguida pela porta de trás. Ele e Philip Barton estariam na sala ao lado para o caso de algum perigo.

Martin Perrine chegou pontualmente e foi levado até a saleta de visitas reservada, onde Julienne o aguardava.

– O senhor deve estar se perguntando por que eu quis que conversássemos a sós – ela disse, enquanto despejava chá em uma xícara para ele.

O Sr. Perrine lhe deu um sorriso tímido.

– Eu confesso que estou curiosíssimo, Miss Laurent.

– Pois eu pensei em alertá-lo. – Tomando uma pausa para deixar a afirmação ser assimilada, Julienne encarou seu convidado com ar pensativo. – Wolverton vem tentando descobrir a identidade de um traidor astuto que responde pelo nome de Lorde Caliban.

Julienne reconheceu que o olhar de curiosidade no rosto de Perrine teria feito justiça aos melhores atores que ela conhecia.

– Em que isso se relaciona comigo? Ela arrastou a xícara na mesa até ele.

– Ele acredita que o senhor possa ser o Caliban, ou ao menos que conheça a identidade dele.

– *Eu*, um traidor? O que fez com que ele pensasse em um disparate desse?

– O senhor já esteve de posse de um anel que, se sabe, pertenceu ao tal Caliban.

– É mesmo? – Perrine murmurou, erguendo uma sobrancelha.

– O Conde de Ivers foi preso na semana passada – Julienne acrescentou, no mesmo tom. – Ele comprometeu seu nome.

Perrine não exibiu, como sinal de emoção que pudesse ser tomado como nervosismo, sequer um piscar de olhos.

– Fico muito admirado que Ivers invente histórias como essa. Ele me deve uma vasta quantia de dinheiro. Talvez pretenda causar problemas a mim com a esperança de evitar a quitação de suas dívidas. Se ele contesta a minha honra, então meu poder de cobrança fica enfraquecido.

Julienne franziu o cenho, atuando.

– Wolverton considera extremamente suspeito encontrá-lo em Paris. Ele acredita que sua conexão com Caliban possa tê-lo trazido até aqui.

– Eu vim – Perrine respondeu, sem hesitar – por causa do meu bom amigo Embaixador Aberdeen, que me convidou para participar das festividades. Não porque eu estou envolvido com traição, ou por conhecer alguém que possa ser um traidor. – Sua boca se curvou em um sorriso satisfeito. – Mas eu me pergunto, contudo, por que logo um libertino como Wolverton está na caçada a esse traidor.

A boca dela se revirou cinicamente, e ela assentiu com a cabeça.

– Parece bem absurdo, eu sei, mas ele está agindo em nome de um amigo que foi prejudicado pelo Caliban.

Ao pegar um biscoito de amêndoa, Perrine comentou em um tom brando.

– Mesmo que eu fosse esse traidor a que a senhorita está se referindo, eu dificilmente iria admitir, não é?

Ela se inclinou para a frente, dando-lhe um olhar muito sério.

– Não faz diferença para mim, em um caso ou em outro. A Inglaterra não é meu país, e eu não me interessou nem um pouco por política.

– A senhorita parece muito próxima de Wolverton.

Julienne balançou a cabeça, injetando escárnio em seu tom de voz.

– Isso é apenas fachada, eu lhe garanto. Eu tive que fazer uma demonstração pública de interesse por causa de nossa aposta. Mas eu nunca me tornarei sua concubina.

Perrine mastigou pensativo por um longo momento.

– Então por que a senhorita decidiu “me avisar”, Miss Laurent?

– Porque eu tenho esperança de que o senhor conheça Caliban.

– Virando o olhar para o lado, ela deixou seu lábio tremer. – Não é de conhecimento comum, mas eu tenho uma... história desagradável com Wolverton. Sete anos atrás, o avô dele me acusou de traição ao país e arruinou minha vida.

– E a senhorita era culpada?

– Não, de modo algum. – Julienne respirou fundo. Ela decidira manter-se próxima à verdade, para o caso de Ivers ter revelado seu passado a Perrine. E porque a verdade lhe daria uma motivação mais forte para soar como inimiga de Dare.

– Eu poderia me livrar das acusações no tribunal, mas o avô dele contratou Ivers para... me violentar. – Ela mordeu o lábio, deixando seus olhos se encherem de lágrimas. – Dare não apenas não impediu tal ato bruto, como também me dispensou depois... porque eu era “mercadoria estragada”.

– Então a senhorita quer vingança?

Julienne olhou agudamente para ele, deixando que o ódio aparecesse em seus olhos brilhantes.

– *Exatamente*. Eu quero que Wolverton pague. Eu quero o coração dele em uma bandeja... literalmente. Eu fiquei contente em saber que Ivers foi para a prisão. Eu espero que ele seja enforcado

pelos seus crimes. Eu o quero morto pelo que ele fez comigo. Mas não será o bastante. Eu quero que Wolverton também sofra.

Enxugando os olhos, ela realizou um esforço visível para se recompor.

– Se o senhor souber mesmo quem é o Caliban, eu pensei... Eu pensei em fazer um acordo com ele para me livrar do Lorde Wolverton.

– Julienne cruzava os dedos por baixo da mesa. – Nossa viagem ao sul da França pode ser uma oportunidade excelente. Se nossa carruagem for abordada por saqueadores, Wolverton poderá ser mortalmente ferido na tentativa de me defender.

– E por que a senhorita não contrata seus próprios bandidos? – Perrine perguntou.

– Eu acredito que eu poderia tentar. Mas eu não saberia por onde começar. E não quero que suspeita alguma recaia sobre mim. Eu devo ser particularmente cuidadosa, já que minha amiga Madame Brogard estará nos acompanhando.

– Eu creio que a senhorita me contou que Wolverton está planejando comprar as terras Folmont em seu nome. Eu acredito que a senhorita deva esperar até que ele complete a transação antes de se livrar dele.

– Não – Julienne respondeu, impassível. – Eu apenas usei isso como pretexto para afastar Wolverton da Inglaterra, para que seja mais fácil cumprir meu objetivo. Recuperar as propriedades do meu pai não é tão importante para mim quanto dar ao Wolverton o que ele merece. E para ser perfeitamente franca – ela lhe deu um sorriso que era um tanto sedutor –, eu tenho fé nos meus encantos, Sr. Perrine. Tenho certeza que posso encontrar um protetor rico que irá adquirir as terras para mim.

Estendendo a mão, ela pegou a xícara de Perrine e a encheu novamente, então lhe devolveu.

– Ao meu ver, o método para dar fim ao Wolverton não tem importância. Não precisa ser através de bandidos. Ele pode sofrer

um acidente nas ruas de Paris.

Perrine ficou em silêncio por um momento mais longo.

– Eu sinto muito, Miss Laurent. Não conheço esse Caliban de quem a senhorita falou.

Os ombros dela tombaram, desencorajada.

– Mesmo assim... O senhor não poderia me ajudar? Como homem, o senhor poderia fazer uma pesquisa discreta com mais liberdade que eu. — Ela lhe deu um olhar de súplica. – Eu soube que seus bolsos não estão tão cheios quanto o senhor gostaria, Sr. Perrine. Eu estaria disposta a pagá-lo bem. Recentemente, Wolverton tem me dado muitas joias de alto valor. O senhor pode ficar com elas, ou com o que mais quiser.

– Eu não sou um assassino, Miss Laurent.

– Não, é claro que não. Mas eu esperava... – Ela pareceu abatida.

– Então o senhor não vai me ajudar?

– Não foi isso que eu disse. Eu poderia colocá-la em contato com alguém que satisfaça os seus anseios. Eu vou fazer uma pequena pesquisa, se a senhorita quiser.

O sorriso de Julienne foi brilhante.

– *Obrigada*, Sr. Perrine. Eu ficaria *muito* agradecida.

Depois de um breve momento de conversa sem maiores consequências, Perrine ergueu-se e deixou o recinto. Julienne o observou pela janela da saleta enquanto ele montava em seu cavalo, no pátio embaixo. Então ela foi até a porta da sala ao lado e abriu para Dare e Philip Barton.

– Não estou bem certa se fiz algum progresso – Julienne disse, depois de contar a eles os detalhes da discussão com Perrine. – Ele negou repetidamente que sequer conhece Caliban. Certamente ele não confiou em mim o suficiente para confidenciar qualquer segredo. Mas eu acho que o convenci de que eu quero você fora do caminho. Ele disse que talvez pudesse encontrar alguém que me ajudasse, e que entraria em contato comigo dentro de alguns dias.

Um músculo se flexionou na mandíbula de Dare.

– Então nós só precisaremos esperar – ele disse, visivelmente impaciente.

No dia seguinte, o Tratado de Paris foi assinado entre os Poderes Aliados e a França. Os termos do tratado eram excessivamente lenientes. As fronteiras da França deveriam voltar a quem as possuía antes da Revolução. E a França não seria obrigada a pagar restituição pelas vastas somas que os demais países desperdiçaram durante os anos de guerra.

A restauração da monarquia borbônica estava programada para começar oficialmente na semana seguinte, em 4 de junho, com uma celebração pública que comemorasse o evento. Dare e Solange receberam os convites para assistir ao coroamento de Luis XVIII.

Eles não ouviram nada de Perrine até a véspera da celebração. A breve mensagem dele para Julienne dizia, concisamente:

Eu fiz a busca que a senhorita me pediu. Encontre-me no Palácio das Tuileries amanhã, durante as festividades para discutir mais profundamente.

– Amanhã é um momento oportuno para um ataque do Caliban – Dare observou durante a conferência diária com Philip Barton. – Até agora, Castlereagh tem sido protegido com cautela, mas ele estará mais vulnerável durante um evento público.

Philip concordou.

– Caliban pode aproveitar a multidão para criar distração. E se Perrine for o traidor, não há dúvida que irá contar com seu amigo Lorde Aberdeen para ajudá-lo a obter entrada nos círculos mais próximos de Castlereagh. Nós temos que garantir que o secretário de Assuntos Externos seja fortemente protegido amanhã.

– Só não podemos esquecer que queremos que Caliban mostre sua cara. Nossa maior chance é capturá-lo, ao mesmo tempo em que protegemos Castlereagh.

– Eu vou certificar – Philip disse – que Castlereagh seja cercado de uma proteção adicional de guardas à paisana, de modo a enganar

Caliban.

Julienne perguntou algo que vinha perturbando-a.

– Por que acham que Perrine queira me ver especificamente durante as festividades? Ele deve saber que eu estarei em sua companhia, Dare. Se ele estiver planejando um assassinato, ele não deve querer a sua presença para testemunhar.

– Eu não sei – Dare disse. – Mas eu não gosto disso.

– Talvez – Philip disse – ele realmente não seja Caliban, e a celebração de amanhã apenas providencie um local conveniente para que ele se encontre com Miss Laurent.

Eles ficaram em silêncio, e Julienne suspeitou que os três pensavam a mesma coisa. Àquela hora, no dia seguinte, tudo poderia se encerrar. Eles poderiam levar um mestre do crime para a Justiça. Ou eles poderiam testemunhar o assassinato de um dos maiores homens da Europa. De qualquer maneira, a situação era de perigo. Muito perigo.

Quando Barton se foi, Dare olhou pensativo para Julienne.

– Eu vou vê-la à noite.

Ela abaixou o olhar, mesmo assim consentiu. Eles não tiveram intimidade desde a noite em que Dare soube da verdade sombria sobre o passado dela e se vingou de Ivers. Mas aquela poderia ser a última oportunidade deles. O perigo mortal de Caliban era inquestionável, sendo o assassinato um dos recursos principais em seu arsenal sórdido de artimanhas. Era possível que ela ou Dare não sobrevivesse por mais que uma noite.

Ela não queria ir para o túmulo sem estar com Dare uma vez mais, sem sentir o toque dele, o êxtase de sua carícia. Afinal, de qualquer modo...

Não importando o que acontecesse, Julienne estava determinada que aquela noite seria a última deles juntos. Se sobrevivessem, ela encontraria um jeito de dizer adeus.

Quando o marquês foi aos seus aposentos naquela noite, ela o esperava à janela, admirando as ruas de Paris iluminadas pela lua, com um peso no peito e um emaranhado de mágoa e medo. Ela sentiu que Dare chegava silenciosamente por trás dela, e sentiu os braços dele escorregarem por sua cintura.

Julienne se recostou completamente nele. Não queria que o dia seguinte viesse. Não queria enfrentar o futuro. Quando ele partisse, ela iria ficar sozinha, alimentando um terrível desejo por ele. A respiração dela descompassava com uma onda de excitação tão intensa que parecia com uma dor.

O sussurro dele roçou em seu ouvido:

– Eu quero que esta noite dure.

E ela também. Ela precisava daquela última noite com ele. A lembrança daqueles momentos perdurariam para sempre em sua memória, ajudando-a a suportar os anos longos e vazios que ela viveria sem ele. O pensamento trouxe lágrimas escaldantes para o lado de dentro das pálpebras.

Ela engoliu em seco, recusando-se a se render ao desespero. Essa noite fingiria que eram jovens amantes de novo, que o encanto do amor deles jamais terminara. A paixão seria como antes: simples, pura, intensa. Como se compartilhasse do mesmo sentimento, Dare apertou seus lábios na curva exposta do pescoço dela, com um toque quente e carinhoso. Não era a carícia selvagem que ele usava geralmente para seduzi-la e inflamá-la; havia uma contundência que vinha diretamente do coração. Ela queria Dare desesperadamente. Ela queria ser preenchida por ele.

Os dedos compridos dele envolveram o queixo dela e lentamente puxaram o rosto para o seu. As feições dele estavam tensas com a emoção, assim como as dela.

Julienne sorvia a visão dele, marcando-o em sua memória. O luar iluminava a elegância ardente de suas maçãs do rosto, dourava seus cabelos. Ele era um homem tão lindo, ela pensou, estudando os ângulos aristocráticos de seu rosto.

– Julienne...

Ele começava a falar, mas ela colocou os dedos sobre os lábios sensuais de Dare.

– Apenas faça amor comigo.

Ele atendeu sem hesitar. A boca dele foi de encontro à dela com uma gentileza quase sufocante, arrancando um suspiro do fundo de Julienne. Nesse momento, não havia passado nem futuro.

Eles se despiram sem pressa, saboreando o momento, com as mãos buscando uma à outra em uma cadência lenta e pesada, até que os dois corpos ficassem nus.

Então Dare a beijou novamente. Ele bebeu de sua boca como se pudesse absorvê-la, enquanto o nó de tensão no estômago dela apertava-se contra seu peito e a remoía. Ela arquejou recostada nele, ansiando pelas mãos dele para aliviar o inchaço doloroso em seus seios.

O beijo ávido e entorpecente dele continuava, e o ritmo de suas mãos ficava mais urgente. Julienne sentia a paixão subindo poderosamente das profundezas dela, enquanto ele a excitava.

– Por favor – ela sussurrou enquanto a boca dele se soltava da dela para traçar um caminho incandescente pescoço abaixo.

Sem pedir licença, ele tomou a mão dela e a conduziu para a cama. Deitando-a, ele a acompanhou com seu corpo, com sua virilidade rígida e ansiosa, procurando espaço no berço da feminilidade dela.

Julienne encontrou seu olhar ardente e luxurioso enquanto ele continuava movendo-se sobre ela. Dare havia feito amor com ela muitas vezes, mas nunca com tamanha gravidade.

Puxando com as mãos, ela trouxe a cabeça dele mais próximo da dela, e sentiu sua respiração, sentiu as mãos dele acariciando seu corpo enquanto suas coxas faziam com que as dela se abrissem mais.

Ele entrava em seu corpo com tamanho ímpeto que lhe arrancou um grito suave. Ela o recebia com avidez, deslizando as pernas em torno de seus quadris. Subitamente feroz, ele recuou apenas para

arremeter nela mais uma vez, e mais uma vez. Ele a penetrava infatigavelmente, causando uma série de arquejos curtos na respiração. Ela respondia ao ardor dele com a mesma intensidade.

Os lábios se encontraram bruscamente, com uma urgência febril, enquanto o corpo dele a envolvia, a cobria. Eles se penduravam um no outro enquanto a necessidade ardente aumentava, sustentando com um desespero apertado e silencioso. Os corpos se contorceram juntos, entrelaçados, encontrando-se selvagememente, esforçando-se para tornarem-se um só, lutando para negar tudo que não fosse aquele momento primitivo.

A conflagração explosiva veio sem aviso. Julienne gritou encostada em seu torso, tremendo e tremendo e trincando os dentes, e levou Dare ao êxtase com ela.

Quando terminaram, ficaram ofegantes até recobrem o fôlego, o suor esfriando em seus corpos superaquecidos. Julienne sentiu os olhos se encharcarem com lágrimas frescas. Aquele havia sido o momento mais íntimo deles e o poder daquela cena a fazia sentir um caroço na garganta. Ela se perguntava se Dare sentia o mesmo.

Julienne apertou com força os olhos, tentando conter o pensamento que a abalava, prometendo a si mesma não chorar.

Levou um longo momento até que Dare aliviasse seu peso de cima dela, e olhasse para o rosto de Julienne, corado de paixão. Ela estava nua, brilhando ao luar, com o cabelo espalhado sobre o travesseiro, fluido como seda escura.

O desejo o acometeu, arrebatando-o. Um sentimento tão forte que doía. Ainda assim, o anseio por ela tinha uma margem de medo.

Ele a tomou em seus braços, embalando-a de modo a envolvê-la em seu corpo. Havia alguma coisa diferente na paixão deles naquela noite. Ele não compreendia o vestígio de tristeza nos olhos dela, mas atormentava-o ainda mais que o medo do perigo que ela iria enfrentar no dia seguinte.

Ele não queria que ela arriscasse sua vida com Caliban. O coração de Dare clamava pela necessidade de mantê-la segura,

abraçá-la e estimá-la para sempre. Ele não podia suportar a ideia de perdê-la. Não, ele a amava muito fervorosamente.

Amor. A emoção que nos últimos sete anos ele negara necessitar subitamente o inundava. Que tolo ele fora ao pensar que poderia viver sem ela. Ele era metade de um homem sem ela, uma casca vazia. Julienne o completava; ele sabia disso agora. Ela completava o vazio dentro dele. Ela havia desfeito a aridez nos recantos escuros e escondidos do coração dele e feito dele um homem completo. Fazer amor com Julienne era como encontrar as peças desaparecidas de si mesmo.

Ele queria que Julienne fosse parte dele para o resto de seus dias. A respiração de Dare era incomodada por um nó em sua garganta.

O que ele queria talvez não importasse. Ele não conquistara o direito ao amor de Julienne por ele. Ele não a merecia, e sabia disso melhor que qualquer um. Ele não era digno daquela dama.

Mas ele podia mudar. Ele poderia se mostrar valioso.

Era o que iria fazer, Dare jurou solenemente. Quando tudo isso terminasse, que reconquistaria o amor de Julienne, mesmo que com seu último fôlego.

Capítulo Dezessete



A noite fora intensa e passional, mas a manhã chegou cedo demais. Julienne acordou com os nervos à flor da pele, um sentimento que não passava enquanto ela se banhava e se vestia para as grandes festividades que iriam começar ao meio-dia nos Jardins das Tuileries.

Quando Dare foi buscá-la em seu quarto, seus olhos se encontraram, ambos espelhando uma solenidade melancólica.

– Solange já foi – ele informou em voz baixa.

– Eu sei. Eu me despedi dela há pouco tempo.

Eles arranjaram para que a francesa participasse da cerimônia com amigos, de modo a mantê-la longe do perigo.

– Pegue – Dare disse, entregando-lhe uma pequena pistola. – Você sabe como usar isto?

– Sim. Depois de ser... violentada, eu aprendi a me defender. Mas eu já estou com minha faca presa na cinta-liga.

– Ainda assim, eu quero que você fique bem armada. É minha condição para eu permitir que você chegue perto de Caliban.

Julienne assentiu e colocou a pistola em sua bolsa, que estava pendurada em seu pulso.

Dare lhe ofereceu o braço e a conduziu escada abaixo até a entrada do hotel, onde sua carruagem aguardava. Que glorioso dia de junho,

Julienne pensou, absorta, enquanto eles saíam ao sol, o que proporcionava um contraste agudo com a tensão que a turbava por

dentro.

A tensão aumentou ainda mais quando Dare parou bruscamente. Ela seguiu o olhar dele e deparou com uma dezena de soldados britânicos montados, que rodeavam a carruagem deles.

Após observá-la, um dos soldados se destacou e cavalgou adiante ao encontro deles.

– A senhorita é Julienne Laurent? – ele perguntou, com expressão severa.

Quando tomou conhecimento que era ela de fato, ele apeou.

– Eu sou o Capitão Pritchard, e a senhorita está detida.

Ela sentiu os músculos do braço de Dare se contraírem, mas o marquês se conteve e controladamente ergueu uma sobrancelha ao falar:

– De que diabos o senhor está falando?

– Eu devo levar a dama, sob ordens de Lorde Aberdeen.

– Sob que acusação?

– Tentativa de assassinato, milorde. Miss Laurent vem tramando para assassinar o senhor. Eu tenho uma denúncia sob juramento expedida por Martin Perrine contra ela. – Ele se voltou e se moveu até um de seus homens, que conduzia uma montaria sem cavaleiro.

O queixo de Dare se tensionou.

– Miss Laurent não vai a lugar algum com o senhor, Capitão.

– Dare, tudo bem – Julienne se adiantou. – Eu tenho certeza de que isso não passa de um simples engano.

– Com o diabo, isso não está certo. Eu não pretendo ficar de braços cruzados enquanto você é processada por acusações fraudulentas.

– O senhor pode nos acompanhar, se quiser, Lorde Wolverton – o capitão ofereceu. – Lorde Aberdeen disse que o senhor provavelmente não acreditaria nas acusações.

– Não – Julienne disse, afobada. – Você não pode ir, Dare. Você tem questões a resolver em outro lugar. Por favor – ela suplicou em voz baixa. – Isso é provavelmente uma armação para mantê-lo

ocupado enquanto nossos amigos diabólicos cumprem seus objetivos. Eu irei com o capitão enquanto você comparece à celebração.

Em resposta, Dare mirou à sua volta, como se calculasse suas chances. A carruagem estava cercada, como Julienne notara, e seria inútil em uma tentativa de fuga.

Com um sorriso amargo, Dare sacou a pistola de seu casaco e a apontou para Pritchard.

– Eu receio não ter tempo para resolver esse mal entendido agora, capitão. Por favor afaste-se.

Um olhar de indignação tomou conta do rosto corado de Pritchard, e Julienne observou com apreensão enquanto ele decidia o que fazer. Muitos dos soldados haviam sacado os rifles dos coldres.

– Eu também sugiro – Dare disse, com um certo prazer – que, se o senhor quiser evitar sua morte imediata, diga aos seus homens para abaixarem as armas.

Com um gesto lento, Pritchard ordenou a seus homens que obedecessem.

Então, diante dos olhos aturdidos do capitão, Dare agarrou as rédeas do cavalo que seguia sem cavaleiro e saltou na sela. Dando a mão para Julienne, ele a puxou para cima, logo atrás dele.

As saias estreitas de seu vestido emperravam seus gestos, mas ela conseguiu envolver os braços em torno da cintura de Dare. Com o coração batendo forte, Julienne se apertou firme enquanto ele incitava o cavalo a passar pelos soldados e através do *boulevard* lotado, dirigindo-se para o Jardim das Tuileries.

Ouvindo gritos atrás deles, Julienne olhou por sobre o ombro e viu que o Capitão Pritchard havia montado e iniciado a perseguição com seus homens. Dare deve ter percebido o perigo, pois se inclinou mais e instigou o cavalo para uma velocidade maior, passando pelo trânsito intenso.

– Segure-se! – ele a advertiu, enquanto galopavam sobre os paralelepípedos.

Ela apostava que Pritchard não se arriscaria a atirar, com medo de acertar nas carruagens ou nos cavaleiros da multidão. E Dare parecia estar conseguindo escapar...

A respiração de Julienne estava entrecortada quando a fuga alucinada deles terminou nos jardins espetaculares. Dare teve que desacelerar o ritmo ao se misturar à aglomeração que se concentrava nas esplanadas elegantes.

Os vastos acres do Tuileries eram formosamente recortados por vastos caminhos pavimentados, que flanqueavam canteiros de flores e arbustos delicadamente aparados. Numerosas fontes, estátuas e altas árvores coposas completavam os adornos, e um pavilhão aqui e ali se erigia com grande arte.

O número de simpatizantes ao rei era menor do que Julienne esperava, talvez porque o povo francês estivesse aceitando o retorno dos Bourbons sem entusiasmo. Mas a massa se adensava enquanto se aproximavam da parada que passava em frente ao palácio. Sinais do novo regime apareciam nos uniformes das tropas de cavalaria e nos cavalos, cujos freios ostentavam penugens brancas bourbônicas.

Ela e Dare receberam incontáveis olhares enquanto abriam caminho em direção à entrada principal, mas quando cortaram caminho pelas colunas da parada, receberam uma chuva de xingamentos e maldições.

Dare rapidamente parou o cavalo, e passou sua perna direita sobre o cabeçote da sela para saltar ao solo, então se virou e pegou Julienne pela cintura e a colocou no chão. Tomando sua mão, ele forçou caminho pela multidão e subiu os degraus de mármore, esperando obter acesso à residência real.

O pulso de Julienne estava acelerado quando Dare a puxou atrás de si, e ela mal teve tempo de vislumbrar o famoso palácio. A construção era grande e um tanto desajeitada, com alas compridas e estreitas, e tetos altos e incontáveis janelas em arco. Ali, Luis XVI e sua rainha, Marie Antoinette, haviam ficado detidos por quase três anos antes de uma turba hostil irromper palácio adentro e matar

mais de mil guardas, levando a realeza para a prisão do Templo, onde eles viveriam o resto de suas vidas.

O fato de seus guardas se apurarem com mosquetes, bacamartes e sabres, no entanto, indicava que o novo rei preferia não correr risco algum de que seus subordinados tivessem o mesmo fim que o de seu falecido irmão.

As tropas pessoais do rei se recusaram a admitir-lhes a entrada até que Dare lhes mostrasse seus convites. Eles tiveram sua entrada permitida bem a tempo, como Julienne percebeu, do Capitão Pritchard chegar correndo de graus acima, firme em seus saltos.

– Miss Laurent, alto lá! A senhora está presa, eu lhe disse!

Os guardas bloquearam a entrada dele, enquanto Julienne rapidamente perguntava em francês onde poderia encontrar Lorde Castlereagh. Eles foram conduzidos pelo palácio até o salão de audiência real.

Pensando que poderia ser tarde demais, Julienne sentiu um medo ansioso por dentro enquanto ela e Dare atravessavam os halls cavernosos do lugar. Eles passaram por inúmeros arcos e enormes colunas de pedra, antes de chegarem ao grande salão, com altura de três andares, tetos elevados e abobadados e circundado por galerias balaustradas na parte de cima.

Julienne parou abismada ao ver o tamanho da multidão. Naquela câmara abarrotada, um assassino poderia atacar facilmente e escapar indetectado.

– O que devemos fazer agora? – Julienne perguntou a Dare, erguendo a voz para ser ouvida em meio ao ruído das risadas e da conversação dos convidados afeitos à celebração.

– Vamos seguir o plano original – ele respondeu. – Tente encontrar Perrine, mas vamos tentar evitar que nos vejam. Por enquanto ele deve pensar que cuidou de nós, que você está presa e eu estou me esfalfando para tentar soltá-la. Você está com a pistola que lhe dei?

– Sim – Julienne disse, depois de olhar para sua bolsa, que surpreendentemente ainda estava atada ao seu pulso.

– Nós devemos nos preparar – O olhar de Dare pesquisou a galeria acima. – Você vai ficar mais segura lá em cima, de onde poderá procurar melhor por Perrine.

– Dare, minha segurança não é a minha prioridade.

Erguendo os dedos à face dela, ele fez uma carícia suave em suas bochechas.

– Eu sei, mas é a minha. Eu estarei perto de Castlereagh, para o caso de Perrine atacar.

– Por favor, tome cuidado – Julienne pediu.

– Você também.

Ele tomou o rosto dela em sua mão e plantou um beijo ardente em sua boca, então a deixou, entrando na câmara de audiência. Por um momento ela o viu se embrenhar na multidão antes de desaparecer pelo mar de corpos.

Virando-se, Julienne refez seus passos até localizar uma escadaria larga que levava aos andares de cima. Escolheu a galeria oeste em vez das outras, por estar ensombrecida, e foi para trás de uma coluna de modo a observar, sem ser vista, o salão abaixo.

A perspectiva era bem melhor dali de cima. O rei se destacava como um pavão em seu traje magnífico. Ela tinha ouvido que Luis XVIII era desajeitado e sofria de gota, mas que também era cortês e afável. Ele sorria enquanto conversava com seus convidados distintos. Julienne viu também muitos dignitários: Alexander, Mettenich, Frederick. E, em um canto, Lorde Castlereagh.

Seu coração começava a golpear, enquanto procurava por Perrine. Não via sinal algum dele, mas avistou Dare, parcialmente escondido atrás de uma coluna com seu cabelo claro brilhando, a conversar com diversos membros da aristocracia francesa. Só agora percebia que ele havia perdido sua cartola de castor durante a fuga enlouquecida. E ele se posicionara com uma visão clara para Castlereagh, que estava perto da mesa do bufê. A mesa estava farta

de guloseimas. Mesmo à distância, ela pôde distinguir empadas de caranguejo, uvas açucaradas e pequenos bolos, em meio às esculturas de gelo em forma de bustos de pessoas ilustres, incluindo uma grande, bem no centro da mesa, com as feições do rei Luis XVIII. Uma equipe de criados se movia pelo aposento com dificuldade, oferecendo vinhos e champanhe. Postados no salão, organizados em grupos intervalados, havia soldados franceses e britânicos, todos devidamente armados.

Ela não via qualquer sinal, contudo, do homem que eles temiam que fosse um assassino impiedoso. Quando Dare olhou rapidamente para ela e encontrou seu olhar, Julienne balançou a cabeça de leve para comunicar sua falta de sucesso.

Com a mão dentro de sua bolsa, ela cerrou os dedos em volta da empunhadura da pistola e se preparou para esperar.

Cerca de uma hora mais tarde, Julienne começou a ficar tensa e seus nervos endureciam com o estresse. Tinha acabado de ondular um pouco seus ombros para aliviar a tensão quando viu um homem atravessando a multidão no andar de baixo. Ele tinha cabelo marrom, mas seu porte era esbelto demais para ser Perrine.

O casaco azul desalinhado que ele usava parecia amarrotado, como se houvesse dormido por cima, e ele cambaleava um pouco, como se estivesse bêbado.

Julienne franziu o cenho, incapaz de afastar a percepção de que os gestos daquele homem tinham algo de sinistro. Além do mais, ele carregava algo na mão. Uma pistola?

O coração dela deu um pulo quando percebeu que ele estava indo diretamente na direção de Castlereagh.

Ela tentou gritar para alertar Dare, mas não conseguiu se fazer ouvida em meio à algazarra da multidão. Ela acenou as mãos freneticamente para ele, tentando chamar sua atenção, mas sem resultado. Então fez a única coisa que lhe veio à cabeça em meio ao desespero: sacou sua pistola e deu um tiro para o alto.

O disparo ecoou pela vasta câmara, arrancando um pedaço do gesso do teto e provocando uma chuva de poeira e calíça. Por um instante, o silêncio prevaleceu. Então, com gritos espantados, alguns dos convidados começaram uma corrida insana em direção às portas, enquanto outros caíam prostrados ao chão, cobrindo as cabeças.

Mas Julienne percebeu que ao menos ela conseguiu atrair a atenção de Dare. E ele entendeu quando ela gesticulou ferozmente para o homem de casaco azul.

O homem estava com a pistola erguida e apontada, enquanto avançava em direção a Castlereagh, com a determinação austera de um general que vai a uma batalha.

Dare saltou para a frente, afastando as pessoas do caminho, e chegou ao agressor, derrubando-o ao chão bem quando a pistola disparou. Uma escultura de gelo explodiu a meio metro da cabeça de Lorde Castlereagh, e o estrondo da arma de fogo provocou mais gritos. Muitos berravam “assassino!” e “matador”, enquanto os convidados se escafediam como ovelhas assustadas.

Em meio ao turbilhão de seus batimentos cardíacos, os olhos de Julienne ficaram presos ao caos que ocorria abaixo. Assim que percebeu que o secretário estava salvo, ela retornou seu olhar atento ao conjunto de convidados remanescentes, procurando por Martin Perrine.

Mas foi apenas quando se debruçou sobre a balaustrada que ela o viu. Perrine estava quase diretamente abaixo dela, escondido nas sombras.

Os punhos dele estavam cerrados enquanto via Dare conter o assassino. Então os olhos de Perrine se ergueram, e, firmando a vista, vasculhou as galerias.

Quando os olhos dele avistaram os de Julienne, ela notou sua fúria. A reação passional dele não lhe deixou dúvida de que ele tinha empregado o assassino e estava enraivecido com sua falha.

Dare sacudia o homem de casaco azul, obviamente interrogando-o intensamente. Perrine lançou um último olhar fulminante para o marquês, então girou em seus sapatos e desapareceu em meio à multidão de convidados em tumulto.

Ele estava indo embora, Julienne pensou, porque temia que o homem de casaco azul o compromettesse. Mas se ele escapasse, o mundo jamais estaria seguro...

Forçando seu cérebro a pensar além das possibilidades assustadoras, ela se virou e correu para as escadas, sabendo que teria que se mover rapidamente se não quisesse perder Perrine de vista. E estava quase nos últimos degraus, quando uma figura de repente irrompeu das sombras e se apresentou bem à sua frente num degrau abaixo. Julienne cambaleou, ao parar bruscamente.

Ela ergueu a pistola em um gesto defensivo, apesar de saber que a arma estava vazia e que seria inútil. Seu gesto fútil rendeu um olhar de escárnio da figura que a interpelara. Martin Perrine lhe ofereceu um sorriso letal enquanto apontava sua própria arma na direção dela.

– A senhorita estava procurando por mim, Miss Laurent?

Dare logo descobriu que o assassino pertencia à baixa nobreza francesa, um barão. Mal podia compreender a confissão dele, que transitava, aos soluços, do francês para um inglês macarrônico.

– *Ma fille, ma pauvre fille*, perdoe-me...

Ele foi desenrolando a história: a filha dele havia sido sequestrada dois dias atrás, e ele havia sido chantageado para recuperá-la. Se ele esperava ver a filha viva, tinha que matar aquele homem – e apontou para Lorde Castlereagh. Ele tomara três jarros de vinho antes de reunir a coragem para tentar, mas agora que havia falhado, sua filha provavelmente seria morta.

– *Je suis culpable* – ele gemeu, prostrando-se de joelhos.

– Talvez haja alguma chance de salvar sua filha – Dare disse, reconfortando-o.

O barão soltou um suspiro estrangulado e agarrou as mãos de Dare, com um olhar suplicante cheio de desespero.

– *Monsieur*, pode me ajudar? Eu lhe imploro...

– Quem é o homem que o chantageou?

– *Il s'appelle* Caliban.

– O senhor poderia identificá-lo? É de vital importância.

– *Oui*.

– Cabelo castanho, olhos castanhos, altura mediana?

– *Oui. Il est un monstre*.

– Compreendo – Dare murmurou, concordando quanto à monstruosidade de Caliban.

– Eu não queria matar ninguém – o barão choramingou. Ele olhou para Lorde Castlereagh com os olhos marejados. – Perdoe-me, por favor, perdoe-me. *Je suis desolé...* – O rosto dele subitamente se contraiu em agonia. – *Je sais...* Eu sei que o senhor não vai conseguir salvar minha filha.

Ele abaixou a cabeça e começou um acesso de choro, desolado, com o rosto enterrado nas mãos.

Castlereagh puxou Dare para o lado para lhe perguntar o que havia acontecido.

– Eu suspeito – Dare respondeu – que Caliban enviou esse infeliz em seu lugar porque sabia que estávamos observando-o.

– O senhor acha que é Perrine?

– Sem dúvida. Mas ainda temos que provar.

Castlereagh franziu o cenho diante do homem aos soluços.

– Pobre desgraçado. Ele não teve escolha diante de Caliban. Eu imagino que a filha dele esteja condenada.

Dare assentiu severamente, mas a mente dele já passava a se preocupar com Julienne. Olhando para o alto, ele vasculhou a galeria acima, com a expectativa de vê-la. Talvez ela estivesse descendo. Então, mais uma vez...

Um mau pressentimento o acometeu. Não seria possível que Perrine, ao temer seu desmascaramento, a havia sequestrado para

negociar sua fuga? Por Deus!

Ele tinha que encontrar Julienne imediatamente. O interrogatório não havia tomado mais do que dois minutos.

Arrebatado pelo pensamento ruim, deu uma ordem ao próprio Castlereagh, dizendo-lhe que lidasse com a prisão do barão.

– E mantenha-o a salvo. Ele pode identificar o Caliban.

Sem esperar por uma resposta, Dare sacou um mosquete das mãos do soldado britânico mais próximo.

– Eu preciso disso emprestado, obrigado.

E girando sobre seu sapato, saiu correndo do salão.

À sua esquerda havia uma escadaria que levava à galeria. Os degraus estavam vazios, a não ser por um objeto perto do chão.

Agulhas de pânico se enterraram fundo em seu peito, quando ele reconheceu a pistola que havia dado a Julienne. A ideia de que ela estivesse nas garras de Caliban o deixaram enfurecido e temeroso.

O olhar dele atravessou freneticamente todo o hall. Duvidava que Perrine ainda estivesse no palácio, e seu desespero aumentou quando percebeu que eles poderiam ter partido por qualquer uma das doze saídas do imenso lugar. Tomando uma decisão imediata, Dare se pôs a correr, seguindo pela porta mais próxima, com face para o sul.

Havia mais um objeto perto do chão de mármore. A bolsa de Julienne. Eles haviam passado por ali, agora Dare tinha certeza. De fato, ela podia ter deixado cair deliberadamente para lhe dar uma pista e segui-la.

Ele irrompeu pela porta, piscando diante do brilho intenso do sol, e quase tropeçou em dois corpos.

Eram soldados do rei.

Deitados em uma poça de sangue. Ambos com as gargantas cortadas.

O medo cortante que percorreu Dare estava emaranhado de fúria e um forte sentimento de culpa. Amaldiçoando-se por permitir que

Caliban o ludibriasse e por permitir que Julienne ficasse exposta a um perigo tão letal, ele disparou pelos gramados, pelos jardins.

A multidão estava menor nesse lado do palácio. À sua frente estava o Rio Sena e uma de suas muitas pontes arqueadas: a Pont Royal.

Atrás da plataforma de pedra, ele podia ver barcaças alegremente decoradas, ao longo do rio, assim como vários barquinhos a vela.

Se fosse Perrine, Dare pensou, teria preparado um método para a fuga; ou talvez mais que um. Ele pode ter cruzado a ponte e desaparecido em uma carruagem fechada. Ou ter planejado escapar pelo rio, pensando que ninguém suspeitaria daquele meio de transporte.

Dare correu à direita, pela plataforma superior, talvez uns cem metros depois da ponte, e não viu nada suspeito em meio à multidão ou abaixo, no nível do rio. Voltando para trás, ele foi para leste mais cem metros além da ponte, e viu exatamente o que temia.

Vinte metros adiante, ao lado de um barco a remo que estava amarrado ao cais de pedra, um homem e uma mulher se debatiam.

Aquela visão deixou o coração de Dare gelado. Perrine encostava uma pistola na cabeça de Julienne enquanto ela resistia a entrar no pequeno barco.

Dare brecou subitamente, momentaneamente dividido entre descer pela escada de pedra que tinha acabado de passar ou saltar os três metros para o nível mais baixo, e pegou seu mosquete. Estava longe demais para atirar sem o risco de acertar Julienne. Contudo, ele deixou de ter escolha quando Perrine olhou para os lados e o avistou.

– Não chegue mais perto, Wolverton! – Ele gritou, colocando Julienne na sua frente, como um escudo.

– Solte-a, Perrine! – Dare gritou em resposta. Ele ouviu o desespero em sua própria voz e se amaldiçoou; era tolice revelar ao inimigo o quanto ele se importava.

Apontando o mosquete, Dare se aproximou, até estar quase diretamente acima deles, e repetiu o comando calmamente.

– Eu disse para soltá-la.

– Eu creio que não o farei. Ela é minha garantia.

– O senhor precisa reconhecer que perdeu, Perrine. Falhou no atentado a Lorde Castlereagh, e deixou uma testemunha viva que pode identificá-lo como Caliban.

Perrine balançou tristemente a cabeça.

– Sim, isso é lamentável. E minha carreira pode estar chegando ao final. Mas eu tenho uma fortuna que irá durar uma vida inteira, e uma maneira de escapar. Eu o estou avisando, Wolverton, se o senhor tentar me seguir, eu vou matá-la. O senhor sabe do que sou capaz.

Dare lhe ofereceu um sorriso gelado.

– Mas o senhor não tem noção do que *eu* sou capaz de fazer. Se machucá-la, não estará seguro em parte alguma deste mundo, eu lhe prometo. Vou encontrá-lo onde quer que se esconda, mesmo que for nos confins da Terra.

– O senhor pode tentar. Enquanto isso, eu estou em posição de poder agora. Abaixei a sua arma ou vou explodir a cabeça dela.

– Dare, não dê ouvidos a ele! – Julianne exclamou.

Rangendo os dentes, Dare moveu seu dedo um milímetro no gatilho de seu mosquete. Por outro lado, sabia que não podia arriscar que Perrine cumprisse sua ameaça e matasse Julianne. Com relutância, desviou o cano de sua arma, mas deu um passo adiante, esperando atrair a pontaria de Perrine.

A estratégia deu certo. Perrine mudou o braço, apontando a pistola diretamente para o coração de Dare.

Nesse instante, Julianne conseguiu se desvencilhar do assassino e iniciou um ataque a Perrine, surrando-o e o arranhando, tentando ferir seus olhos e tirando sua concentração.

Aproveitando a oportunidade, Dare saltou os três metros até a plataforma abaixo, logo quando Perrine desferiu um soco cruel em

Julienne. Dare viu sua peróla cair de costas, enquanto ele aterrissava com um baque e se agachava para amortecer o impacto. Do canto dos olhos, Dare viu que ela erguia as saias e agitava os dedos em busca da faca. Perrine ergueu a pistola para ele mais uma vez.

Dare saltou, movendo-se em uma corrida desabalada. Mas Julienne se antecipou a ele. Com a faca a postos, ela a fincou em Perrine. Eles colidiram com um solavanco, que derrubou ambos ao chão.

O coração de Dare parou quando os dois permaneceram imóveis.

Aproximando-se deles, ele apertou o ombro de Julienne, justo quando ela deu um suspiro trêmulo. Quando tentou se levantar, ele a ajudou a se pôr de pé, e a protegeu colocando-a atrás de si. Mas Perrine continuou completamente parado.

Com um pé, Dare cautelosamente rolou o homem prostrado, virando-o de costas. Perrine encarava o céu com olhos mortos. A faca de Julienne ficou protuberante entre as costelas dele, mas era o sangue escorrendo de sua têmpora que sugeria a causa de sua morte: a cabeça dele se rachara no pavimento de pedra ao cair.

Dare se agachou e apertou os dedos na jugular de seu inimigo.

– Ele está morto – Dare disse, bem suavemente.

Julienne estremeceu. Quando Dare se ergueu e a tocou, ela se lançou aos seus braços. Contendo um soluço, ela apertou o rosto em seu ombro e se pendurou em seu protetor, enquanto ele a envolvia com seu abraço.

Julienne tremia muito, e ele também. Ela sentia seu coração disparado enquanto ele deitava beijos leves e desesperados no cabelo dela.

Dare recuou o suficiente para beijar forte a boca da bela atriz, antes de envolver os braços apertados em torno dela de novo, como se tivesse medo de perdê-la.

– Você está bem?

– Não – ela sussurrou com uma voz trêmula. – Eu fiquei tão apavorada. Eu pensei que ele fosse matar você.

– Você estava apavorada por ele me matar? – O tom era incrédulo.

– Aquele diabo estava com uma arma na sua cabeça e você ficou com medo por mim?

– Sim.

– Não é possível que você estivesse mais apavorada do que eu. Por um longo momento, eles simplesmente se abraçaram, celebrando o fim do perigo. Ainda demorou um tanto até que Julienne sentisse seus tremores mitigados.

Ela suspirou, apreciando a proteção dos braços de Dare.

– Estou feliz que finalmente tenha acabado. Dare soltou um som cálido de anuência.

– Fico feliz que você não tenha precisado de mim para salvá-la. Não sei se eu teria conseguido chegar a tempo. – Ele ergueu a cabeça, encarando-a no olho. – Eu a invejo, meu anjo.

– Pelo quê?

– Você salvou a nós dois, e ainda teve a satisfação de matar aquele desgraçado. – Um sorriso contido mas provocante curvou os lábios de Dare. – Você pode imaginar que golpe isso significa para minha autoestima? Você deveria ter me permitido desempenhar o papel de herói.

Ela soltou uma risada trêmula com a tentativa dele de suavizar o horror que ela estava sentindo por ter tirado a vida de um homem.

– Na minha carreira de atriz, já encenei lutas no palco o suficiente para saber de um truque ou dois.

– Bem, eu só queria ter sido poupado da incerteza. Eu perdi dez anos da minha vida nos últimos dez minutos. – O olhar dele ficou subitamente solene enquanto observava o rosto dela. – Nós perdemos anos demais, Julienne.

Ela estremeceu com as lembranças, então sentiu o coração afundar ao lembrar do juramento que fizera a si mesma. Eles não

teriam mais outros anos juntos. Ela teria que abandonar Dare agora.

Uma dor dilacerante a atravessou com esse pensamento.

Mas ela seria poupada da devastação ao menos por mais um pouco, ela percebeu ao olhar para o alto e ver uma multidão reunida na plataforma acima.

– Agora não é hora para isso, Dare.

Julienne mal tinha terminado de falar quando viu Lorde Castlereagh descendo os degraus de pedra em direção a eles, seguido imediatamente por seus guarda-costas. Ela deu um passo para trás, renunciando ao abraço de Dare.

Castlereagh tentou captar a situação com uma única mirada.

– Eu acredito que devo agradecer ao senhor pela minha vida, Wolverton.

Dare balançou a cabeça.

– Não, é a Miss Laurent quem merece sua gratidão. Ela não apenas impediu seu assassinato, como também conseguiu dar um fim ao homem responsável.

O secretário de Assuntos Externos olhou para baixo, para o corpo de Perrine.

– Então esse é Caliban? O vilão que assassinou e chantageou metade da Europa?

– Eu não tenho dúvida – Dare respondeu.

Erguendo os olhos, Castlereag sorriu com gravidade para Julienne.

– Nosso país tem uma tremenda dívida com a senhorita, Miss Laurent. E eu também. Será um grande alívio não ter mais de temer pela minha vida. Eu espero que possa me dizer como recompensá-la.

Julienne queria responder com uma objeção polida, mas suas pernas ficaram subitamente moles como macarrão,

– Eu acho que talvez eu precise me sentar, milorde.

– Mas é claro. A senhorita passou por provações que levariam a maioria das mulheres à histeria. O rei da França gostaria de expressar sua gratidão pessoalmente, tenho certeza. E ele ficará feliz

em ouvir a história de como a senhorita derrotou o vilão mortal... – Castlereag lhe ofereceu o braço. – A senhorita me permite conduzi-la de volta ao palácio?

Ao vê-la partir, Dare estremeceu ao se lembrar da imagem de Perrine com a arma apontada na cabeça de Julienne, sabendo que aquilo iria lhe provocar pesadelos por muito tempo. Então, soltou um longo suspiro, dando-se conta do quanto estivera perto de perdê-la. Ele sabia que não podia seguir em frente sem ela. Julienne definitivamente possuía seu coração, sua alma.

Ele sentiu uma dor aguda no peito ao ver a figura dela se retirando. Ela que deixara um fogo queimando profundamente em seu coração.

Mas, acreditava, que ainda lhe restava atizar, nela, o mesmo fogo que queimava nele. Não seria fácil. Afinal, havia sentido o recuo dela há instantes, a mesma resistência emocional que havia sentido na última noite em que passaram juntos, quando também percebeu uma mistura de sensações opostas: desejo atormentado pelo desespero.

Dare sentiu que seus punhos cerravam. Ele não tinha a menor intenção de perder Julienne agora. No início ele a havia cortejado pela aposta, de modo a desvendar os segredos dela, mas, desta vez, ele iria fazê-lo de peito aberto. Iria encontrar uma maneira de realmente merecer o amor dela e enlaçá-la para todo o sempre.

Capítulo Dezoito



Londres, junho de 1814

Se Julienne já era alvo constante de falatório antes, ao voltar para Londres ela se tornou uma verdadeira celebridade.

Em seus discursos, Lorde Castlereagh a louvava com extrema apreciação pela crucial participação na vitória sobre um gênio do crime, e os jornais recheavam a história com elogios que a alçavam ao papel de heroína real. De acordo com os últimos rumores, ela e Dare haviam derrotado com maestria e sem qualquer ajuda um dos principais discípulos de Napoleão.

Julienne descobriu uma vasta popularidade entre o povo comum de Londres, assim como entre muitos membros da nobreza. Suas performances teatrais tinham lotação esgotada a cada noite – o que fazia o temperamental Edmund Kean ranger os dentes de inveja – e jovens rapazes a cercavam como um enxame no salão verde, depois dos espetáculos. Riddingham se dava ares de importância por tê-los ajudado a chegarem até Caliban.

A fama dela ficou ainda maior quando o Príncipe Regente lhe fez elogios públicos. Dare já era íntimo de “Prinny”, como era conhecido o Príncipe George, mas era uma alta honra para uma mera atriz ser convidada a jantar na Carleton House, na presença do General Lorde

Wellington, do Marechal Blucher e de incontáveis outros dignitários, bem como de membros da realeza e da aristocracia britânica, para celebrar a liberação da Europa.

Solange estava contente por ela.

– *Enfin* a senhorita está obtendo o reconhecimento e a aceitação que merece.

Julienne não pôde conter o riso.

– Eu não posso deixar essa pompa subir à minha cabeça. Não tenho dúvida de que na semana que vem eles vão se esquecer do meu nome. Ela sabia muito bem o quanto a sociedade podia ser volúvel. Era procurada agora por ser uma novidade e porque havia sido condecorada pela Coroa. Mas assim que o brilho de seu apreço temporário se desgastasse, a nobreza iria mais uma vez torcer o nariz para ela.

– E o que Lorde Wolverton tem a dizer sobre isso? – Solange disse, furtivamente.

Julienne ergueu os ombros ao responder.

– Eu mal falei com ele desde que voltamos de Paris.

Exceto pelas raras ocasiões em que os dois eram convidados juntos, como na *fête* de Carleton House, Julienne tinha encontrado Dare muitas vezes. E não teve nenhuma oportunidade de intimidade com ele.

Ele lhe dissera que deveria se refestelar em seu momento de glória, mas para a surpresa dela, ele não a pressionou para se deitarem juntos. Tampouco tinha ele chance de se aproximar dela em meio ao séquito de admiradores no teatro. Ao menos, até então, Dare não mais demonstrava o menor esforço para tentar vencer a aposta deles. Sua perseguição pública parecia ter sido abandonada.

Talvez ele tivesse presumido que já vencera a aposta, Julienne pensou. Talvez estivesse tão certo de que ela se tornaria sua concubina que não precisava mais despender qualquer esforço para cortejá-la. Ou talvez ele tenha seguido em frente para um novo desafio. Afinal, a missão deles de procurar por um espião mortal

estava concluída. Dare não via mais qualquer proveito nela nesse sentido, Julienne refletia. Ou talvez ele tivesse encontrado outro interesse amoroso em qualquer parte de Londres ou da Inglaterra.

Julienne tentou desesperadamente não se remoer com essa possibilidade. Ela não podia suportar a ideia de Dare desfrutando à noite sob os encantos de outra mulher – por mais que ela mesma pretendesse cortar todos os laços com ele muito em breve.

Também não lhe chegara aos ouvidos nada que indicasse a continuidade de seus serviços como espiã.

O que ela soube foi que Lorde Wycliff ainda estava no interior, uma vez que sua esposa havia dado à luz na segunda semana de junho, enquanto Julienne e Dare ainda estavam na França. Só soube da volta de Lorde e Lady Wycliff a Londres durante os ensaios para *Hamlet*, quando praticava suas falas como Ofélia. No meio do terceiro ato, ela foi chamada pelo diretor, Samuel Arnold, para o escritório dele, onde uma mulher arrebatadoramente bela com um cabelo vermelho flamejante a aguardava. Arnold a apresentou a Lady Wycliff e então se retirou para lhes dar privacidade.

– Eu peço desculpas por interromper seu ensaio, Miss Laurent – Lady Wycliff disse, enquanto ambas se sentavam. – Mas eu gostaria de lhe convidar para um pequeno jantar que estou oferecendo, e, antes de mais nada, eu precisava me certificar de sua disponibilidade. Eu só vou agendar quando suas performances permitirem que a senhorita compareça.

Julienne ergueu uma sobrancelha, surpresa.

– Na semana que vem estarei livre na terça e na quarta-feira, quando vão encenar uma comédia.

– Então podemos marcar na terça?

– Eu terei um grande prazer em comparecer – Julienne disse, ainda confusa.

Interpretando o olhar de curiosidade, Lady Wycliff lhe deu um sorriso oblíquo.

– Será uma honra recebê-la em nossa casa, é claro, considerando sua fama atual, mas isso nada tem a ver com minha ansiedade pela sua presença. Lucian e eu gostaríamos que a senhorita fosse nossa convidada de honra. Será um encontro bem pequeno, apenas com nossos amigos mais íntimos.

– Muito bem... Mas por que a senhora quer que eu seja a convidada de honra?

O sorriso de Brynn dessa vez exibiu uma abundância de calor.

– Porque eu gostaria de expressar minha gratidão, ainda que com um pequeno gesto. Eu lhe devo muito, Miss Laurent. Essa é a primeira vez em sete meses que me vejo livre para desfrutar da mais simples privacidade, sem os inúmeros guarda-costas nos meus calcanhares para me proteger de Caliban. E eu devo lhe agradecer por libertar meu irmão Grayson também. Gray foi forçado a se esconder para escapar da represália de Caliban, mas poderá voltar para casa agora que a ameaça se foi.

Julienne fez uma careta.

– Eu receio que meu pequeno papel no extermínio de Caliban tenha sido muito exagerado.

– Não é o que eu acho. Dare me contou tudo o que aconteceu na França. Contou como a senhorita arriscou sua vida, e como ajudou na investigação dele, antes da viagem. Ele jamais teria chegado ao paradeiro de Caliban se não fosse pela senhorita. Estou de fato diante de uma heroína.

Juliene sentiu um rubor no rosto pela admiração efusiva de Brynn.

– Dare teve um papel bem maior na derrota de Caliban do que eu.

– Bem, eu gostaria de agradecer a ambos. Não se pode imaginar o quanto fiquei aliviada por ter meu irmão de volta em segurança. Gray esteve na Escócia por todo esse tempo, desde que ele... se viu enredado pela operação de desvio de ouro de Caliban no último outono. Gray foi gravemente ferido e quase não escapou com vida, e

teve que fingir sua morte para proteger sua família. Ele se refugiou no castelo de Lucian, nas Highlands Escocesas. Philip Barton foi lá buscá-lo, e Gray está a caminho, podendo chegar qualquer desses dias. Talvez a tempo para meu jantar, quando ele terá a chance de lhe agradecer pessoalmente.

– Realmente, os agradecimentos não são necessários, Lady Wycliff.

– Por favor, me chame de Brynn. E eu posso chamá-la de Julienne?

– Sim, se quiser.

– Eu quero. Eu gostaria muito que nos conhecêssemos melhor. Dare fala muito bem de você. E eu devo confessar, você tem sido boa para ele.

Julienne olhou para ela com curiosidade.

– O que você quer dizer?

– Ele parece mais centrado agora, mais sério, como se finalmente tivesse encontrado um propósito em sua vida. Ele é um homem muito especial. Lucian e eu gostamos muito do marquês. E eu detestaria vê-lo machucado... – Brynn cortou o fio de seu pensamento com um leve balançar de cabeça. – Não é da minha conta, é claro.

– Eu certamente não tenho nenhuma intenção de machucá-lo – Julienne lhe garantiu.

– E quanto à sua aposta? – Os olhos cálidos estudaram o rosto de Julienne. – Eu sei que você jurou publicamente deixar o Príncipe dos Prazeres de joelhos.

– Nossa aposta era um stratagema que Dare elaborou para persistir na investigação de Caliban – Julienne mentiu.

– Então você quer bem a Dare, ao menos um pouco?

– Sim – ela disse em voz baixa. – Eu quero bem a ele. Brynn deu um sorriso lento e brilhante.

– Eu me desespero só de imaginar que ele jamais encontre uma mulher que o faça feliz, mas eu acho que isso pode já ter acontecido.

Bem... – ela acrescentou rapidamente, erguendo-se – Eu tomei tempo demais do seu ensaio. Enviarei uma carruagem para lhe buscar na terça-feira às sete e meia, se isso lhe convier. Lucian tem seu endereço, faz parte do trabalho dele saber dessas coisas. – Brynn estendeu a mão para

Julienne. – E se eu puder lhe ser útil de alguma maneira, por favor, só precisa me contar. Eu jamais poderei recompensá-la o bastante.

Quando sua visitante se foi, Julienne se sentou por um longo momento, lembrando de sua confissão de que queria bem a Dare. Ela lhe queria bem. E ainda estava loucamente apaixonada por ele, ainda mais do que esteve sete anos atrás. Que Deus a ajudasse.

Julienne estava se enganando há semanas, tentando se convencer de que poderia sair andando ilesa, incólume. Mas quando Caliban apontou aquela pistola para Dare, com intenção de matá-lo, ela soube que não podia mais negar o que seu coração lhe dizia. Amava Dare, tanto que doía.

Ela então respirou fundo. Havia postergado o suficiente aquele tormento e tinha chegado a hora de terminar a relação com ele completamente, ou seu infortúnio iria somente piorar. Não podia aguentar mais continuar perto de Dare, amando-o tanto, quando esse amor não era recíproco.

E se ele pudesse vir a amá-la? A devoção dele seria forte o suficiente para mantê-lo fiel ao longo dos anos?

Ela podia visualizar um futuro sombrio: Dare iria comprar uma casa para ela, talvez perto de St John's Wood – o luxuoso quarteirão onde cavalheiros mantinham suas amantes. Iria esperar por ele à janela, ansiando para que lhe lançasse suas migalhas de afeto. Dare faria visitas regulares por algum tempo, até um dia se cansar dela. Até encontrar outra pessoa que a substituísse.

Julienne pensou nas incontáveis mulheres que passaram por sua vida e se retraiu com a imagem. O coração dela iria sangrar se ele

voltasse a outras amantes. E um devasso como Dare não era do tipo que permanecia sem um amor ardente para enfeitiçá-lo.

E quanto a casamento? Uma pequena voz dentro dela perguntou. Era algo impossível, claro. Um marquês não poderia se casar com uma atriz notória. Mas e se por algum remoto acaso Dare pedisse a sua mão...?

Ela sabia que tal proposição só aconteceria por culpa ou pena, porque ele se sentia responsável pelo sofrimento que atravessara. Ela não podia permitir que ele realizasse tal sacrifício. Dare rapidamente iria se ressentir contra ela, o que tornaria tudo ainda mais insuportável.

Julienne fechou seus olhos, sabendo que não podia mais postergar o inevitável. Ainda assim, seu coração tolo já tremia ao pensar em deixar Dare. Ela não queria imaginar um futuro sem vê-lo, sem a deliciosa sensação de seu toque, sem a alegria de suas animadas e provocativas conversas ou sem o deleite de fazerem troças um com o outro...

A perspectiva abria um abismo vazio dentro dela. Mas ela tinha que agir. Não iria gastar o resto da vida sofrendo para encontrar um pouco de paz sem ele – se isso fosse mesmo possível.

Ela estremeceu com uma dor profunda por dentro.

Jamais se esqueceria de Dare. Jamais. Ele estava entalhado em sua alma.

Dare já estava presente quando Julienne foi levada à sala de estar na noite de terça-feira. Quando seus olhos se encontraram, ela sentiu o coração saltar diante da intensidade fumegante de seu olhar.

Ele se adiantou para cumprimentá-la, e ela não pôde deixar de notar como sua jaqueta sob medida, cor de carvão, enaltecia elegantemente suas formas esbeltas. Ela tampouco poderia ignorar um tom de malícia sensual que sempre seria a marca da relação

deles; no momento que ele tocou na mão enluvada dela, faíscas flamejantes dispararam entre eles.

A boca sensual de Dare fez um sorriso oblíquo ao reconhecer a sensação, mas tudo o que ele disse foi:

– Venha, eu quero que conheça meus amigos mais próximos.

Ele a conduziu pela sala e a apresentou aos convivas, que se levantaram à sua presença.

Era de fato uma reunião pequena. Além de Brynn e Lucian, só havia mais um casal presente: Vanessa, a Lady Sinclair, e Damien, o Barão Sinclair.

Julienne havia ouvido falar sobre o barão arrebatadoramente belo, que outrora fora um dos líderes do Hellfire League. Sua propensão à devassidão e à libertinagem lhe renderam a alcunha de Lorde Sin, ou Lorde Pecado, traduzindo do inglês.

A aparência dele era realmente fascinante, com cabelo negro escuro, olhos cinzentos penetrantes, e feições bem esculpidas. Sua adorável esposa, contudo, parecia um contraponto perfeito à masculinidade linda e forte dele. A dama tinha olhos escuros brilhantes e um cabelo cor de cereja que cintilava com madeixas douradas e vermelhas, mas havia uma gentileza e uma serenidade nela que imediatamente deixaram Julienne à vontade.

– É uma honra conhecê-la, Miss Laurent – Lady Sinclair disse, apertando a mão de Julienne com ternura. – Suas performances impressionantes nos proporcionaram alegrias imensuráveis nesta temporada. E Dare vem nos regalando com a narrativa de seus feitos heroicos. Julienne mandou um olhar repreensivo para Dare, enquanto corava.

– Eu creio que Lorde Wolverton tem uma tendência a envernizar a verdade, milady.

– Por favor, me chame de Vanessa. E esse é meu marido, Damien. Lorde Sinclair se aproximou.

– De fato é um prazer conhecê-la. Eu conheço bem essas tendências de Dare, mas, neste caso, você merece todo o louvor. O

depoimento de Castlereagh atribui um peso significativo para qualquer alegação que esse camarada frívolo possa fazer – ele disse, dando um tapa nas costas de Dare.

Dava para notar um pouco de dor no sorriso de Dare.

– Eu juro que estou sendo malignamente injustiçado. Você esqueceu, Sin, que tenho uma nova medalha para provar o quanto sou capaz de não ser frívolo.

– Isso é verdade – Damien concordou com uma gargalhada. – É que eu estou com uma inveja extrema das suas realizações. Isso só vai dar mais brilho à sua aura legendária e torná-lo ainda mais disputado por todas as damas.

Lucian foi até a mesa lateral e encheu um copo de xerez enquanto Brynn conduzia Julianne a um canapé, onde ela se sentou.

– Eu avisei que somos bem informais – Brynn lhe disse. – Infelizmente nossos outros amigos íntimos não puderam vir. Raven e Kell partiram de navio para o Caribe três meses atrás. Eu gostaria que você pudesse conhecê-los. Eu sei que iria adorar Raven. Ela me ajudou a ser acolhida pela sociedade no ano passado quando me casei com Lucian e tive que encarar todos os seus parentes arrogantes.

Quando Lucian voltou com o vinho de Julianne, ele propôs um brinde aos convidados de honra, Julianne e Dare, no que foi alegremente apoiado.

Quando terminaram os aplausos, Dare ergueu seu copo e disse com um sorriso malicioso: – Eu tenho um outro brinde em mente. Para o mais novo membro do clube. Que ele não tenha problemas em seguir os passos do pai.

Brynn balançou a cabeça ferozmente.

– Dare, isso é uma coisa horrível para se desejar. Retire o que disse! Ao ouvir as risadas amistosas, Julianne franziu o cenho, confusa.

– Nosso filho só tem duas semanas de idade – Brynn explicou. – E Dare já está tramando para que ele assuma o lugar de Lucian no

Hellfire League. – Ela lançou um olhar jocoso para Dare. – Só por cima do meu cadáver.

– Dare só está brincando, querida – Lucian disse, sorrindo. – Ele sabe que a agremiação do Hellfire vai ficar desfalcada por algum tempo. Isso me lembra... Eu gostaria de agradecer à minha querida esposa – ele disse, suavemente – por me dar o filho que eu sempre quis. – Ele disse com um olhar demorado para Brynn, tão carinhoso e íntimo, que fez com que o coração de Julienne doesse.

– Ao menos não vamos ter que nos preocupar com isso desde já

– Vanessa murmurou para Julienne. – Nós temos uma filha. Nossas dificuldades vão ser de outra natureza. Catherine só tem três anos, mas ela domina completamente o pai, assim como todos os outros homens que ela vê.

– Mas o próximo pode ser um menino – Damien disse, dando à sua esposa um olhar caloroso e afável, um olhar que ardia de amor.

Com um sorriso secreto, Vanessa apertou a mão no abdômen.

– Realmente, já que temos a felicidade de esperar outra criança. Julienne teve que olhar para o lado, pois um anseio agridoce tomava conta dela. Ela provavelmente jamais teria um filho. Não de Dare, decerto, o que era tudo o que ela queria.

Olhando para ele, ela viu que Dare a encarava intensamente. Julienne se forçou a sorrir e fazer uma pergunta inócua em relação às planejadas celebrações de paz, o que felizmente cumpriu sua meta de desviar o assunto.

Durante algum tempo ela aproveitou o evento. A conversa era calorosa e amistosa, e os amigos de Dare a trataram com uma graciosidade que ela jamais esperaria de membros da nobreza britânica. Os homens pareciam irmãos; as constantes provocações e réplicas entre eles mostravam um afeto que Julienne suspeitava ser muito raro naquele estrato social.

O jantar logo foi anunciado, e eles passaram para o que Brynn chamava de pequena sala de jantar – que vinha a ser um ambiente mais intimista do que a sala de estar, mais formal, que os Wycliffs

usavam para receber convidados. Durante um jantar delicioso, Julianne descobriu mais sobre Dare do que aprendera nos últimos três meses, desde que o reencontrara.

Quando alguém do grupo se dirigiu a ele como Wolverton, Vanessa pareceu momentaneamente confusa antes de balançar a cabeça e confidenciar a Julianne em voz baixa.

– Às vezes eu tenho dificuldades para me lembrar do novo título de Dare. Quando eu o conheci, muitos anos atrás, ele era o Conde de Clune, e ele causou um impacto profundo em minha vida. Na verdade, ele precipitou a proposta de casamento de Damien. Dare me sequestrou por travessura, para que Damien fosse forçado a reconhecer o quanto ele se importava comigo.

– E ele pediu sua mão? – Julianne perguntou, curiosa.

– Sim – Lucian interpôs. – Mas Damien o chamou para um duelo e acabou tomando um tiro.

– Eu queria atirar nos dois por essa obstinação infantil – Vanessa admitiu, com uma exasperação oblíqua.

– Dare acabou me acertando quase por acidente – Damien disse.
– A minha sorte era que a pontaria dele nunca foi muito boa.

Dare deu um sorriso sereno.

– Desde aquele dia eu me esforcei para melhorar minhas habilidades. Eu nunca serei um atirador tão bom quanto você, Sin, mas me tornei bem razoável com uma pistola e um ótimo esgrimista. Por via das dúvidas, é sempre bom estar preparado para um duelo. Ou para confrontar um espião impiedoso. – O sorriso dele desapareceu. – Minhas habilidades se provaram inúteis algumas semanas atrás, mas eu me aposentarei da carreira de espião. Nada de buscas clandestinas ou de descobrir planos secretos de agora em diante.

– E você, Julianne? – Lucian perguntou. Dare respondeu por ela, com decisão.

– Ela também vai se aposentar.

– Sem dúvida teremos de lidar com facções que se recusarão a aceitar a derrota e vão tentar trazer Napoleão de volta ao poder.

– Você terá que contar com outra pessoa – Dare insistiu.

Julienne teria objetado, mas ela realmente se sentiria aliviada sem ter que passar por tudo aquilo novamente, e que Dare também ficasse de fora.

A boca de Damien se curvou, divertida.

– É difícil pensar em você como espião, Dare. E ainda mais difícil como um membro do Parlamento. – Quando Julienne ergueu uma sobrancelha, ele explicou. – O Dare planeja tomar um assento na Câmara dos Lordes.

O olhar espantado dela se voltou para Dare. Julienne percebeu que ele estava observando-a, como se avaliando sua reação.

– Eu trabalhei no meu discurso de posse toda a semana.

Julienne sentiu seu coração afundar. Dare estava planejando uma carreira política? Ela não tinha a mais vaga ideia de que ele pretendia mudar tão completamente o rumo de sua vida. Ele não havia mencionado uma palavra a ela. Então era nisso que ele devia estar gastando seu tempo, recentemente. E se um nobre era duramente criticado por casar com uma mera atriz, só poderia ser ainda pior para o caso de um político.

– Quais as causas que você pretende abraçar? – Lucian lhe perguntou.

– Há incontáveis problemas a respeito do futuro do país agora que a guerra finalmente acabou – Dare respondeu. – Os mais imediatos são o preço de matérias-primas e a situação dos soldados que retornam. Mas estou percebendo que precisarei me dedicar mais aos estudos desses assuntos antes de chegar a propor qualquer solução.

– O melhor será focar em alguma coisa com a qual você se importe profundamente.

Dare assentiu.

– Ao menos eu terei o apoio de Castlereagh. Ele quer um aliado no Parlamento.

– Quando você proferir seu discurso, nós vamos assisti-lo das galerias dos espectadores – Vanessa disse.

Damien ainda estava balançando a cabeça, ceticamente.

– Você não acha que eu posso ser bom em política? – Dare lhe perguntou.

– Eu tenho certeza de que será excelente. Você consegue ser encantador e persuasivo como o próprio demônio. Mas eu te conheço há tanto tempo como um desregrado, que me pergunto por que agora você quer assumir responsabilidades tão sérias.

– Todos nós temos que deixar a juventude de lado em algum momento – Dare disse, com leveza.

Ele flagrou o olhar de Julienne, mas não pôde ler sua expressão. Mas ela era uma atriz. Uma especialista em disfarçar seus sentimentos. Esperava que ela ficasse feliz por ele e desejava mais do que tudo que estivessem a sós para que ele pudesse comprovar sua reação. Mas parecia que ele ia ter que esperar.

Logo após o jantar, as damas se retiraram para a sala de estar, deixando os cavalheiros à vontade. Dare percebeu que seus dois melhores amigos o miravam com ares de interrogação, como se ele fosse um estranho espécime selvagem da Coleção Real. Ele sabia que eles queriam explicações: por que este leopardo está tão desesperado para mudar suas pintas?

Mas era fácil explicar por que ele estava disposto a se reformular. Porque ele precisava se tornar um homem melhor de modo a merecer o amor de Julienne.

Ele estava francamente envergonhado do seu passado de libertino superficial. Havia construído muito pouco em sua vida até ali, já que tinha sido um libertino durante a maior parte de seus trinta e três anos, centrado em prazeres vazios. Não tivera qualquer perspectiva para sua existência além da gratificação do momento.

Ele fora autocomplacente, narcisista e, até mesmo, egoísta, às vezes...

Mas ele estava farto de seus dias de devassidão, de depravação. Do fundo de sua alma lúbrica, ele havia jurado mudar. E poderia se redimir se tentasse o suficiente. Ele podia provar a Julienne que era digno dela.

– Eu suponho – Damien disse, por fim, começando o interrogatório – que haja um motivo para essa impressionante mudança de rumo, não? Teria algo a ver com Miss Laurent?

– Tem tudo a ver com ela – Dare disse, suavemente. – Eu enfrento qualquer incêndio por ela.

– Ela é uma mulher excepcional – Lucian concordou. – Acho sua fibra particularmente impressionante.

– Ela tem mais coragem do que dez homens juntos – Dare declarou. Mais coragem, mais vigor, mais honra, mais espírito, mais inteligência... Seria quase impossível se tornar digno dela.

– Então você finalmente sucumbiu – Damien disse, com um brilho de reconhecimento em seus olhos cinzentos. – Eu me lembro de você ter rido de mim quando me apaixonei por Vanessa.

– Não, eu nunca ri de você – Dare encarou os olhos de seu amigo com seriedade. – Eu temi por você, Sin. Eu temi que você se ferisse tanto quanto uma vez eu me feri. Mas estou disposto a admitir que eu estava errado. Você não teve qualquer escolha além de amar Vanessa. Assim como eu não tenho escolha com Julienne.

– Então posso dizer que você está assumindo a derrota na sua aposta.

– Completamente. – Julienne vencera a aposta, Dare refletiu. Ela o havia deixado de joelhos, e feito com que ele estivesse supremamente contente por isso.

– Quem vai liderar a Hellfire League se você renunciar?

– Existem vários candidatos qualificados. Mas, para ser sincero, eu não me importo muito com o que vai acontecer por lá, agora. Já serviu aos seus propósitos.

Damien balançou a cabeça, incrédulo.

– Eu nunca pensei que veria o dia em que você iria abandonar o clube.

– Não preciso mais dele.

Todo aquele tempo ele vinha tentando afogar sua dor em prazeres carnis. Ele contava com gratificação carnal para se distrair do vazio de sua vida, preenchendo com longas horas de jogos sofisticados e depravação sexual. Ele usara e descartara amantes da mesma maneira que alguns homens faziam com botas.

Mas ele tivera um aprendizado profundo, desde que reencontrara Julienne: o *verdadeiro* prazer do ato de amar está no amor.

– Eu aprendi uma lição nesses últimos meses – Dare disse em voz baixa, em um tom carregado de convicção. – O prazer é vazio sem amor.

– Eu podia ter lhe dito isso – Damien respondeu, com os olhos dançando. – Mas você jamais teria acreditado em mim. Você tinha que descobrir por si mesmo.

– Nós estamos vastamente felizes por você – Lucian disse, alegremente. – Quando poderemos lhes desejar felicidades?

– Eu não estou bem certo. Eu ainda não pedi a mão dela. Ainda não é o melhor momento.

– Você está com medo de que ela o recuse?

Dare não podia mentir. Era medo o que o fazia postergar. Ele estava mortalmente receoso de que suas habilidades legendárias de persuasão falhassem. Que Julienne não aceitasse sua proposição de casamento. Que ela não o perdoasse pelo que tinha permitido que acontecesse a ela. Que ela não o amasse, que ela nunca o tivesse amado...

Ele havia sentido uma intimidade intensa entre eles naqueles poucos dias em Paris, antes que Julienne parecesse arredia. Ele sabia que a proximidade se devia em grande parte ao perigo que enfrentavam juntos. Dare engoliu em seco, sentindo um embrulho familiar no estômago. A vida dele podia se tornar insuportável sem

sua Julienne. Apenas ela poderia fazer com que ele se sentisse inteiro. Apenas ela podia preencher o vazio dentro dele, podia abrandar sua necessidade de ser completo.

Julienne havia tocado nos cantos mais recônditos de sua alma. Sem ela, teria que enfrentar a medida completa de seu vazio interior.

Lucian interrompeu seus pensamentos sombrios.

– Não fique tão carrancudo, meu amigo. Eu tenho total confiança de que você vai ter sucesso em conquistar sua dama.

Dare também gostaria de ser tão confiante. Nas últimas semanas, ele havia adotado uma estratégia de cortejo que ia contra seus instintos primários. Não apenas queria que ela aproveitasse a aclamação que merecia, sem lhe roubar a fama e a cena, como também pretendia dispensar toda aquela dança pública dos dois. Ele queria acabar com aquele cortejo flagrante. Encerrar o que Julienne considerava suas travessuras juvenis. Estava farto de jogos, e tinha que mostrar a ela que podia ser sério, que podia se dedicar a tarefas mais dignas. Ele pretendia cortejá-la de uma maneira que ela pudesse entender como significativa e sincera, como algo vindo de seu coração.

Estava pensando em alguma abordagem que não a fizesse pensar em sua aposta infame. Comparecer às performances teatrais ou levá-la a jantares à meia-noite ainda lembravam muito suas táticas recentes, e o mesmo se poderia dizer de enviar presentes caros. Apesar de sua impaciência, queria que seu próximo passo fosse completamente diferente do que acontecera nos últimos meses.

Ele estava esperando uma resposta de seu agente na França em relação à aquisição das terras Folmont. Não queria que Julienne pensasse que ele estava tentando comprar o amor dela, apesar de ele estar inclinado até mesmo a isso, se pensasse que isso ajudaria em sua conquista. Mas com a restauração dos direitos de berço dela, ela estaria rica o bastante para escolher seu futuro, independente de qualquer homem, de qualquer protetor.

Quanto ao pedido de casamento, ele pensou que seria melhor recriar a cena romântica do verão que passaram juntos. Ele pretendia pedir a mão de Julienne em um piquenique, onde ele iria repetir a proposição que fizera sete anos atrás.

Enquanto isso, focaria em sua futura carreira política, onde ele poderia se ocupar dos assuntos do país e do bem estar dos outros, de modo a fazer algo realmente bom. Ele queria provar a Julienne que era capaz de mudar.

Com isso em mente, ele havia combinado esse jantar, para que ela pudesse conhecer seus amigos íntimos, e, assim, mostrar a ela que mesmo os mais notórios libertinos poderiam se transformar, quando inspirados por amor verdadeiro.

Como se pudesse ler sua mente, Lucian ergueu novamente sua taça.

– Para nosso novo clube. Nós criamos um muito melhor do que tínhamos antes. Um clube de libertinos reformados. – Ele olhou fixo para Dare com um sorriso fraternal, vívido, repleto de malícia e afeto.

– Bem-vindo!

Dare bebeu com alegria ao brinde, orando para que realmente pudesse pertencer àquele clube batizado por Lucian. Ele nunca tivera inveja de seus amigos até agora, mas queria o que Damien e Lucian tinham: amor, calor, filhos, risos.

Mas acima de tudo, ele queria Julienne, desesperadamente.

E pela primeira vez em sua vida, ele não tinha certeza de que poderia alcançar o que desejava.

Capítulo Dezenove



Determinada a encerrar a relação com Dare peremptoriamente, Julienne pôs seu plano em ação quatro dias depois.

Ela sabia, é claro, que seria preciso um evento significativo para que Dare admitisse a derrota na aposta deles. Então decidiu rejeitá-lo na frente de testemunhas. Quando ela terminasse, o repúdio a ele seria de conhecimento público. A cidade toda saberia que ela havia recusado inequivocadamente sua proposta de torná-la sua concubina.

E se ela desempenhasse bem seu papel, a orquestração a sangue frio poderia provar a ele como ela se importava pouco, enquanto sua humilhação pública o enfureceria o suficiente para permitir a ela um término sem volta, de modo a romper a relação para sempre.

Ela deu o aviso no Drury Lane, contando ao diretor uma história sobre um parente moribundo. Arnold prometeu ocultar as notícias sobre a partida iminente dela até o último momento, afinal ele não tinha qualquer intenção de perturbar sua legião de fãs, a menos que fosse absolutamente necessário.

Para sua última performance, Julienne recorreu a todas as habilidades que conhecia – e conseguiu realizar uma de suas melhores atuações, apesar de seu desespero doloroso. Mas quando ela fez as reverências para receber os aplausos, o mar de rostos à vista era um borrão, e ela mal pôde engolir as lágrimas, enquanto deixava o teatro pela última vez.

Na manhã seguinte, Julienne acomodou seus pertences em uma valise, depois de colocar a maioria de suas coisas em baús que ficariam guardados até que encontrasse residência em York e enviasse alguém para buscá-los.

A sege contratada fez apenas uma parada, para ela poder se despedir de Solange.

– Tem certeza que não há esperança? – A amiga perguntou, tristemente.

– Sim – Julienne respondeu em voz baixa, dando um abraço apertado em Solange.

– Vou sentir sua falta, *mon amie*.

– Eu também.

Ela iria sentir a falta de Dare ainda mais, Julienne refletiu ao voltar para a carruagem. A perda dele já era sentida como uma ferida sangrenta. A atriz seguiu na sege para uma elegante casinha em St. John's Wood, que havia alugado de outra colega apenas para o dia. Ela havia convidado Dare para encontrá-la ao meio-dia, mas pretendia chegar duas horas antes. Ela precisava desse intervalo, não apenas para preparar materialmente o cenário, como também para se preparar emocionalmente para a performance de sua vida.

Dare escalou os degraus da frente que davam para a casinha charmosa, com todo seu ser zumbindo com a voracidade febril de um rapazola. O convite de Julienne o havia surpreendido completamente. Ele não conseguia conceber por que ela o convidara logo para ali, a menos que pretendesse lhe conceder a vitória da aposta e quisesse usar o local para negociar os termos do acordo deles.

Se assim fosse, ele teria que dissuadi-la dessa ideia rapidamente. Não queria que Julienne fosse sua concubina. Ele queria ficar com ela, mas permanentemente, para sempre. E ele iria lhe dizer isso naquela mesma tarde. Ele iria se arriscar a deixar seu coração vulnerável e pedir a mão dela em casamento.

À entrada, ele foi recebido por uma criada, que lhe fez uma reverência.

– Miss Laurent o está esperando no *boudoir* – a garota lhe informou com uma risadinha atrevida.

Dare a seguiu e foi levado até um quarto luxuoso, recoberto de seda. As cortinas velavam a luz do sol, provocando uma aura de isolamento romântico.

O cenário estava disposto para sedução, ele percebeu, com a pulsação acelerando.

Quando a porta se fechou atrás dele, Dare avistou Julienne. Ela estava reclinada em um divã, que era mais largo que uma *chaise longue* normal, grande o bastante para acomodar com conforto dois amantes. Para a surpresa dele, ela estava completamente vestida em um traje de musselina rosa, mas a mesinha ao lado dela estava repleta de frutas, queijos e vinho.

Tomando um gole de vinho, Julienne o estudou sem tirar a taça da boca, com os olhos semicerrados, sensuais e convidativos.

– Bem-vindo – ela disse com uma voz rouca que despertou todas suas terminações nervosas. – Eu senti sua falta, Dare.

– Eu também senti a sua, você não imagina o quanto. Os lábios lascivos dela formaram um beicinho.

– Não é o que parece. Eu diria que nos últimos dias você andou me negligenciando severamente.

Ele sorriu com encanto, ao avançar pelo quarto.

– Mil perdões, meu amor. – Pegando na mão dela, ele beijou seus dedos afetuosamente. – Eu estava esperando pelo melhor momento para conversarmos a sós.

– Não estou interessada em conversar agora. – Pequenas chamas aqueceram a profundidade de seus olhos enquanto ela percorria os dedos pelo peito dele, chegando até a calça. – Eu acho que você deveria tirar as roupas – ela murmurou, com uma voz que era um incitamento derretido.

Dare não precisou ouvir duas vezes. Obedecendo, ele arrancou sua jaqueta e seu colete, então se livrou do lenço em seu pescoço e da camisa. Ele se sentou ao lado dela no divã e removeu seus sapatos e meias, então se ergueu novamente e tirou calça e ceroulas.

Quando estava nu diante dela, o olhar dela o percorreu lentamente pelo corpo todo. Dare se sentiu enrijecido com o lustro dos olhos dela. Com um olhar receptivo, Julienne sorriu languidamente e estendeu os braços, chamando-o para se juntar a ela no divã. Avidamente, ele se estendeu ao lado dela e a puxou para seu corpo.

O beijo deles era firme e apaixonado, e ela pareceu tão resfolegante quanto ele ao se separar. Ele iria protestar, mas ela lhe deu outro sorriso preguiçoso e sedutor. Então, estendeu a mão por cima da cabeça dela, para pegar um lenço de seda suspenso em um aro de metal na cabeceira do divã, que mais parecia uma cama.

Quando ela atou o lenço no pulso esquerdo dele, Dare lhe deu um sorriso que era parte perplexo parte demoníaco.

– O que você tem em mente, *chérie*?

– Eu imagino que você pode adivinhar.

Ele podia mesmo adivinhar quando ela agarrou seu punho direito, então se ajoelhou para amarrar lenços em cada um dos tornozelos.

– Uma vez você me disse que tinha uma fantasia de dominação

– ela murmurou, curvando-se sobre ele. – Bem, eu estou satisfazendo minha própria fantasia. Eu quero você totalmente à minha mercê.

– Eu fico mais do que contente em lhe conceder isso, minha querida – ele respondeu, roucamente.

Ele segurou a respiração enquanto ela pressionava os lábios lentamente contra o peito dele, com os dedos dançando por sua pele, terminando em uma suave provocação circular em seu abdômen.

Dare sentiu um desejo se curvando, disparando, revolvendo-o por dentro com as sensações atordoantes dos dedos dela.

Então ele percebeu que ela tinha mais um lenço na mão. Ele inalou profundamente, de modo involuntário, enquanto ela percorria seu corpo com o tecido. Logo ela estava manejando sua ereção rígida com a seda sensual, envolvendo o lenço ao redor de sua vara inchada, tocando-a com seus lábios.

Era uma das sensações mais eróticas que ele já havia experimentado. Ela o fazia estremecer, fazia seu coração disparar fora de controle. Dare abria a boca e cerrava os dentes, com o corpo escaldante de desejo e as partes baixas ardendo, enquanto Julienne continuava com suas diligências provocantes.

Então, subitamente ela parou. Largando o lenço por cima de sua ereção como uma barraca, ela se ergueu do divã. Ele pensou que ela pretendia se despir, mas em vez disso pegou a roupa que ele deixara esparramada sobre uma cadeira e deu um passo para trás.

A expressão dela, que era tão cativante e ardente um momento antes, agora estava impassiva, quase indiferente.

– Julienne?

O sorriso triste dela alfinetou seu coração. Adiado a resposta, ela foi até a porta e a abriu.

– Eu não quero deixar qualquer dúvida de que você perdeu sua aposta, Dare, e para isso nós precisamos de testemunhas. Seus amigos Riddingham e Sir Stephen Ormsby logo virão para resgatá-lo, assim como vários de seus colegas do Hellfire. Eu prometi a eles um espetáculo delicioso.

Dare a encarou chocado quando ela se virou para partir.

– Adeus, Dare – Julienne disse com um sussuro baixo e trêmulo. Então, com apenas uma olhadela fugaz para trás, ela saiu do quarto, batendo forte a porta atrás de si.

Na sege que estava lhe aguardando, Julienne foi até uma estação de diligência, onde tomou o veículo da tarde para York. O interior

estava abarrotado com uma variedade de passageiros, muitos dos quais a reconheceram.

Saudando seus admiradores com um breve sorriso, Julienne se espremeu em um canto e virou o rosto para a janela. Mas ela não via nada da paisagem do campo. O sentimento agudo de perda era como uma facada profunda dentro dela; o sentimento de ser dilacerada não a abandonava.

Ela sentia a falta de Dare a cada arquejo, a cada tranco ou solavanco do carro sacolejante. Era excruciante pensar nele. Mas ela não iria chorar. Já havia derramado aquelas lágrimas havia um bom tempo. Então, cometeu o erro de procurar um lenço em sua bolsa. Encontrou aquele que tinha guardado da roupa de Dare, como lembrança, e quando o aproximou de seu rosto, percebeu que o linho trazia o aroma ténue da colônia dele.

O desespero cresceu dentro dela, enterrado na garganta, borrando sua visão. Tudo o que ela podia fazer era conter à força as lágrimas escaldantes.

De alguma maneira ela tinha que esquecer seus pensamentos torturantes sobre Dare. De alguma maneira ela tinha que encontrar a coragem para continuar.

Ele tinha que controlar a onda de pânico que o acometia, Dare pensou quase duas horas depois. Julienne desaparecera, e nenhum dos libertinos que ela convidara para testemunhar sua derrota sabia aonde ela tinha ido.

Se não houvesse tanta coisa em jogo, se o envolvimento dele fosse menos pessoal, talvez pudesse sentir uma faísca de admiração pela ousadia dela. Era uma travessura à altura de seus velhos tempos, deixá-lo nu, roubar suas roupas e amarrá-lo à cama enquanto ela desaparecia, deixando-o desamparado até que seus amigos o descobrissem. Mas ele não encontrava humor algum naquela situação.

A experiência havia sido constrangedora ao extremo. Seus colegas do Hellfire acharam hilário que após tantos anos atormentando-os com estrepolias, o Príncipe dos Prazeres finalmente recebia algum tipo de justiça. Pior, todos eles vieram sobre dorso de cavalo, para que ele fosse forçado a contratar uma sege com apenas um lençol para se cobrir.

Ele conseguiu convencer o cocheiro de que era de fato o Marquês de Wolverton, e que o levasse de volta a sua casa em Mayfair. Dare passou a viagem toda rangendo os dentes e jurando uma séria vingança quando alcançasse Julienne. A raiva o ajudava a encobrir seu medo total de que a perdesse mais uma vez e, agora, totalmente, sem sequer poder lhe contar sobre seu amor por ela.

Os criados dele eram muito bem treinados e não demonstraram surpresa quando ele adentrou a casa em trajes de senador grego. Sentiu-se melhor quando se vestiu novamente em suas excelentes roupas feitas sob medida. Mas quando pediu por sua carruagem, Dare não conseguia se livrar do sentimento doentio de aperto em seu coração. Ele tinha todas as motivações para seguir no encalço de Julienne. E tinha, ao menos, dois bons lugares onde começar sua busca – sua amiga Solange e o Teatro Drury Lane.

Contudo, o que o encheu de pavor era não saber por que Julienne teve que fugir – nem o que ele iria fazer a respeito quando a encontrasse.

Julienne chegou a York na tarde seguinte, com o corpo desgastado pela privação de sono, e uma dor enorme e vazia no peito. Apesar de sua fadiga, ela foi diretamente ao teatro, onde foi recebida de volta com entusiasmo por sua antiga companhia.

Para sua surpresa, todos haviam acompanhado avidamente sua carreira em Londres e tinham ouvido falar de sua glória na derrocada de um traidor mortal. Querendo capitalizar o sucesso dela, o diretor lhe deu um papel na performance noturna de uma

comédia de Molière e até mesmo imprimiu um cartaz anunciando seu retorno.

O pequeno teatro estava lotado naquela noite, pois o boato de sua presença se espalhou rapidamente. Julianne mal podia se lembrar de uma audiência mais receptiva. Apesar de ela recitar suas falas um tanto atordoada, a plateia ria, gargalhava até mesmo das menores brincadeiras, estendendo a boa vontade para toda a companhia.

A peça estava talvez na metade quando ela ouviu uma comoção nos bastidores. Julianne saiu o suficiente de seu desânimo para se perguntar o que estaria acontecendo. Olhando em direção à coxia, ela viu o diretor gesticulando freneticamente, aparentemente entretido em uma discussão com um homem alto e robusto, vestido com um sobretudo e chapéu de três bicos.

Momentos depois, o homem robusto entrou no palco e se identificou como o xerife de York.

Seu olhar de reprovação se dirigiu a Julianne.

– A senhorita é Miss Laurent? – Quando ela assumiu que era, ele vociferou: – Eu a estou levando sob custódia.

Espantada, Julianne o encarou. Aquilo a fazia se lembrar de maneira muito estranha do que acontecera em Paris.

– Qual a acusação?

– Roubo.

– Deve haver algum engano, xerife.

– Nenhum engano. A senhorita roubou uma propriedade que pertence ao Marquês de Wolverton. Peço para que venha comigo.

O coração dela saltou em sua garganta ao ouvir o título de Dare. Ela se encolheu enquanto o xerife a conduzia sem qualquer gentileza do palco, sob um coro de vaias e silvos da audiência decepcionada, com direito a uma chuva de tomates podres.

Para seu atordoamento, o xerife a conduziu à força para o salão verde e a empurrou para uma *chaise longue* ao lado de um cavalheiro que já estava ali sentado.

Remexendo-se para se aprumar, Julienne mal ouviu o xerife partindo e fechando a porta ao sair. Em vez disso, ela paralisou, perplexa, ao se deparar com os olhos esmeraldas de Dare.

A raiva crua naqueles olhos arrebatadores era inconfundível, ainda assim ela percebeu uma ponta de incerteza.

– Você pretende realmente me mandar prender por roubo? – Ela perguntou, tomando a ofensiva. – Eu não roubei nada.

– Roubou – Dare disse, em tom contido.

– Eu acho que peguei sua roupa...

– Isso não foi tudo que você pegou, mas vamos deixar essa questão de lado por um momento. Eu quero saber por que você me deixou daquele jeito. Você quis me humilhar? Era essa sua maneira de me deixar de joelhos?

Ela sentiu calor e frio ao mesmo tempo em suas bochechas coradas, em reação ao seu olhar escaldante.

– Em parte, sim. Eu esperava colocar um final em público para nossa aposta.

– Por quê?

– Porque eu queria encerrar os jogos. Não tem mais sentido continuarmos com a farsa. Com o Caliban morto, você não precisa mais de mim para nada, exceto, talvez, fisicamente.

O matiz tempestuoso em seus olhos suavizou.

– Você não poderia estar mais errada, Julienne.

Sentindo a pontada de lágrimas renovadas, ela evitou seu olhar.

– Eu não suportaria ser sua concubina, Dare.

– É bom ouvir isso, porque eu não quero que você seja minha concubina. Eu quero você como esposa.

A respiração dela falhou, e seu olhar voltou a encontrar o dele. Dare passou uma mão com energia pelos cabelos dela, que estava atônita.

– Eu deveria ter dito antes, eu sei. Mas eu não sabia por onde começar. Eu estava apavorado com a ideia de que você me

recusasse. Eu estou tentando reunir coragem para pedir sua mão desde nosso retorno de Paris.

Julienne o encarou firme. Ela viu vulnerabilidade nos olhos de Dare, e medo. A apreensão dele cortava seu coração, mas ela sacudiu a cabeça, com gravidade.

– Dare, eu não vou permitir que você se sacrifique por mim por culpa.

– Casar com você não será um sacrifício. Por que diabos você pensa isso?

– Eu sei que você se sente culpado pelo que Ivers fez, pelo que seu avô fez.

– Meus sentimentos não têm nada a ver com culpa. Eu quero me casar porque não consigo viver sem você. É simples assim.

Ele levou a mão dele até a dela.

– Eu amo você, Julienne. É claro que agora você percebe isso. Eu nunca parei de te amar.

Diante do silêncio estarecido dela, a boca dele se curvou, com um sorriso triste.

– Pode me dizer o que eu farei sem você, se você me deixar? Como vou seguir a vida? Eu passei os últimos sete anos sentindo a sua falta. Você tirou a graça de todas as outras mulheres para mim, minha pérola. Depois de você, eu nunca me permiti amar mais ninguém, me entregar totalmente a mais ninguém. Eu não ousei me arriscar a sentir a dor que senti quando perdi você. Eu me protegi para não sofrer. Mas meu caso ficou inconsolável quando nos encontramos novamente.

A voz dele, que já estava grave e embargada, parecia ainda mais desolada.

– Eu não poderia suportar perder você agora. Você quer mesmo me condenar à agonia de viver sem você pelo resto da minha vida?

O anseio fisgou o peito de Julienne, mas ela o afastou.

– Eu jamais poderia ser sua esposa, Dare. Eu sou uma atriz. Eu jamais poderia circular pelas mesmas rodas que você. Você seria

completamente ridicularizado se casasse comigo. Não apenas a sociedade se recusará a me aceitar, como você será condenado por todos por desafiar todas as regras.

– Você acha que eu me *importo* com o que essa maldita sociedade pensa? – Os dedos dele cingiram os dela, com um gesto de súplica. – E eu não tenho tanta certeza de que vão se recusar a aceitá-la. Você é a heroína do momento. Londres inteira está cantando louvores a você. E você tem o apoio do Prinny.

– Isso mal me torna respeitável. Nada disso pode me dotar de uma reputação pura.

– Mas ao longo do tempo isso vai influenciar a opinião das pessoas. Além disso, título e riqueza são tudo o que conta quando se trata de aceitação, e você terá ambos quando for minha esposa.

– Mas, Dare... eu lhe contei, eu tive outros amantes...

– Eu não me importo nem um pouco com quantos homens você foi pra cama, desde que eu seja o último. Desde que eu seja seu marido. Julienne ainda não conseguia se deixar acreditar no futuro que Dare estava vislumbrando. Não podia desfazer o medo que sempre sentira de sofrer um ressentimento até o final da vida por se comprometerem.

Com o coração se contorcendo em tormento, ela olhou para seu rosto.

– Como você pode estar tão certo de que me ama de verdade, Dare? Eu acho que é muito mais provável que você confunda seus sentimentos. Algum dia, talvez daqui a alguns meses, vai recuperar a razão e perceber que só me queria para sua gratificação carnal.

– Não. – Ele sustentou o olhar, com olhos surpreendentemente brilhantes. – Eu sei melhor do que qualquer um o que é gratificação carnal, Julienne. É uma luxúria básica e egoísta. Envolve o corpo. Não tem nada a ver com a mente ou o coração. O que eu sinto por você vai muito, muito além do carnal.

Quando ela não respondeu, ele se inclinou mais próximo, com a sinceridade de seus olhos ficando mais e mais intensa.

– Eu sei que não mereço seu amor, mas eu pretendo mudar. Eu pretendo me tornar alguma coisa, para algum dia me provar à sua altura.

– À minha altura? – ela perguntou, franzindo o cenho.

– Sim, que inferno. – A boca dele se revirou em um sorriso breve.

– Por que diabos você acha que eu vou tomar assento no Parlamento? Para mostrar a você que não sou o frívolo inútil que você sempre pensou que eu fosse.

Julienne olhou fixamente para Dare. Ela ficou titubeante ao perceber a sinceridade dele, e saber que ele não se considerava merecedor dela.

– Dare, eu nunca achei que você fosse frívolo... certamente não desde que nos encontramos novamente.

– Então você vai me dar uma chance?

– Dare...

Quando ela não respondeu dessa vez, ele se levantou abruptamente e a pôs de pé, então puxou Julienne para fora do salão verde.

– Aonde você está me levando? – ela perguntou, sem fôlego.

– Para o palco.

Para seu completo delírio, ele a arrastou até o palco, interrompendo a peça e afastando os outros atores. Ele a posicionou exatamente no centro, em frente à iluminação no chão. Dare se pôs de joelhos diante dela e pediu sua mão, a própria imagem de um ávido pretendente. O burburinho de surpresa da audiência cessou logo para que os espectadores pudessem ouvir cada palavra dele.

– Meses atrás, em Londres, nós fizemos uma aposta, Miss Laurent. Você jurou partir meu coração e me colocar de joelhos. Bem, eu estou de joelhos para você. Estou declarando que você é a vitoriosa. Você venceu, Julienne. Total e completamente. Meu coração é seu. Você tem o poder absoluto para despedaçá-lo, se quiser.

Com sua declaração pública, Julienne quis rir e chorar ao mesmo tempo. Dare estava mostrando ao mundo que a amava; ele estava mostrando *para ela* que a amava.

Ele apertou firme sua mão.

– Julienne... – A voz dele estava mais do que embargada, com um fundo cortante de dor. – Diga honestamente que você não me ama, que você nunca poderá me amar, e eu vou deixá-la ir. Isso provavelmente vai me matar, mas eu quero que você seja feliz.

Ela não podia aguentar a súplica desesperada nos olhos dele.

– Ah, Dare, é claro que eu te amo. Eu sempre te amei.

Com um som gutural, ele se pôs de pé e a tomou nos braços. O beijo dele era voraz, febril. Ele emaranhou sua mão no cabelo dela e a abraçou forte para o mergulho faminto de sua boca.

Julienne mal podia ouvir as saudações selvagens da audiência, mais atenta ao martelar de seu coração.

Quando Dare finalmente a soltou, foi apenas para envolvê-la em um abraço quente.

– Você me leva à loucura, sabia disso? – ele disse, com voz entrecortada pela emoção.

– Eu posso dizer o mesmo sobre você.

Dare a abraçou mais apertado, com o ombro absorvendo seu suspiro. Ele queria contar a Julienne sobre seu alívio profundo. Dizer o quanto ele sempre se sentiu solitário sem ela. O quanto ele ansiava pela necessidade intensa de estar ao seu lado. Mas isso poderia esperar. Por enquanto ele só queria a promessa dela de se casarem.

– Agora você vai ter que se casar comigo – ele murmurou recostado ao cabelo dela. – Eu não vou lhe dar nenhuma outra opção. Você roubou meu coração, Julienne, e sua única esperança para evitar a prisão é se casar comigo.

Ele podia sentir a surpresa dela, perceber seu sorriso.

– É para isso que você trouxe o xerife para cá? Para me acusar de roubo? Para me intimidar a aceitar me casar com você? Não, você

não precisa responder – ela disse, com uma risada exasperada envolvendo sua voz. – É bem o tipo de estratégia ultrajante em que você pensaria.

– Era a única maneira de garantir que você me ouviria. Mas agora que você me ouviu... Eu nunca vou lhe abandonar, Julienne. Eu pretendo enlaçar você em mim de todas as maneiras possíveis.

Ela recuou, com a incerteza ensombrecendo suas lindas feições.

– Um dia você pode se cansar de mim.

– Nunca. – Dare acolheu o rosto dela em suas mãos.

Ele nunca iria se cansar dela. A sensualidade e a inteligência dela o manteriam tantalizado para sempre. Ele jamais poderia sentir isso por qualquer outra mulher. Não poderia desejar nenhuma outra do modo que a desejava.

Os polegares dele tocaram as maçãs do rosto de Julienne, depois seus lábios.

– Você será minha esposa, preciosa joia?

Gritos de encorajamento vieram da audiência: – Diga sim! Case-se com o sujeito! –, mas Julienne falou claramente, sem deixar o burburinho abafar.

– Sim, Dare. Vamos nos casar.

Uma exaltação, intensa como o fogo, percorreu-o por inteiro. Com uma prece fervorosa de agradecimento aos céus, ele a ergueu em seus braços e a carregou para os bastidores sob o som trovejante de aplausos, afastando-se dos olhares predatórios.

Nas sombras da coxia, ele pôs Julienne em pé e a envolveu em seus braços novamente, com o rosto enterrado em suas madeixas de cheiro doce e inconfundível.

– Eu só espero – ela murmurou – que você não se arrependa disso.

– Meu único arrependimento é pelos anos que nós desperdiçamos. Temos que compensar por um bocado de tempo perdido, Julienne. Eu posso apenas tentar aliviar toda a dor que você sofreu. Eu juro que vou me esforçar como o diabo. E vou

mostrar que posso ser um homem diferente, que eu posso fazer melhor.

– Eu não quero que você seja diferente, Dare. Eu te amo exatamente como você é.

Ele ergueu suas mãos unidas para beijar ardentemente os dedos dela.

– Diga mais uma vez. Diga que você me ama.

– Eu te amo, Dare. Sempre vou te amar.

– Eu nunca vou me cansar de ouvir isso. E eu juro pela minha vida, nunca mais vou lhe dar motivos para duvidar do tanto que eu te amo. Fechando os olhos, ele puxou Julienne para si mais uma vez, acolhendo-a perto de seu coração. Ela estava errada; ele não estava enganado a respeito de seus sentimentos. Ele, enfim, compreendia completamente o significado do amor.

Amor verdadeiro era Julienne. Ela era seu coração, sua vida, suas esperanças, todos seus sonhos.

Ela era seu amor precioso, e ele passaria o resto de sua vida provando isso à sua pérola.

E agora que ele a reencontrara, não iria jamais, em hipótese alguma, deixá-la ir.

Epílogo



Kent, Inglaterra, 1814

A cabana onde eles tinham seus encontros amorosos sete anos antes havia mudado pouco. A propriedade havia sido mantida com zelo e o jardim encontrava-se adoravelmente bem cuidado, e, agora, recheado por uma profusão de rosas que perfumava o ar morno da tarde de verão. Era esse cenário romântico que Dare atravessava com Julienne.

À porta da cabana, ele a beijou profundamente, querendo mergulhar completamente nela de modo que jamais se separassem. Agora eles estavam casados, casados sob licença excepcional, porque Dare se recusara a esperar as três semanas de restrições, conforme a tradição. Eles chegaram a Kent depois de deixarem Londres naquela manhã. Passaram rapidamente por Wolverton Hall, onde Dare oferecera apenas alguns instantes para sua nova dama mudar de roupa antes de partirem para a cabana.

– Até que enfim – ele murmurou com voz rouca, quando permitiu que Julienne retomasse o fôlego. – Esse era um sonho meu há uma eternidade: voltar aqui com você.

O sorriso dela era mágico, a ponto de deixar a pulsação latejante, o que naturalmente ditava que ele iria exigir a boca dela novamente.

Respondendo avidamente, Julienne levou seus dedos ao cabelo dele, enquanto seu beijo o envolvia totalmente, enroscando-se em seu coração. Quando Dare finalmente tomou fôlego, seu sangue estava tão aquecido que fumegava. Mas não havia pressa, como ele alertou a si mesmo. Eles tinham o tempo ao seu lado. Toda uma vida juntos, e ele queria saborear cada instante.

– Eu quero fazer amor com você no jardim de rosas – Dare disse, resolutivo, enquanto tirava os grampos do cabelo dela.

– Eu achei que você não fosse pedir nunca.

Pegando na mão de sua esposa, ele a levou para fora, na parte de trás da cabana. No final da tarde, o sol deitava um calor dourado sobre o jardim murado, envolvendo-os em um casulo de privacidade. Em um canto, atrás de uma cerejeira, uma manta os aguardava, junto a uma cesta que Dare havia ordenado que dispusessem ali.

– Você planejou isso, não foi? – Julienne perguntou com deleite enquanto ele arrancava uma rosa vermelha para colocá-la em seu cabelo.

– Em cada mínimo detalhe. Eu lhe disse que sempre esperei por esse momento.

Dare se ajoelhou na manta e vasculhou a cesta. Com Julienne observando, ele retirou um balde com champanhe no gelo, uma taça de cristal, uma tigela enorme de morangos maduros e outra de creme de nata, e finalmente um maço de papel velino, amarrado com fitas vermelhas.

Quando ele deu uma olhadela, para notar a atenção dela, não pôde evitar a satisfação.

– Está vendo, você ganhou nossa aposta, meu amor. Eu estou de joelhos para você. De novo.

– Este é o tratado da minha vitória? – ela perguntou curiosa quando ele lhe entregou o rolo de papel.

– Não, esse é meu presente de casamento para você.

Ele arrastou Julienne para o lado dele e a abraçou contra a árvore, puxando-a pelo cotovelo.

– Abra logo.

Os pergaminhos abrigavam uma escritura e muitos outros documentos certificados. Ele viu os olhos dela ficarem úmidos enquanto lia a escritura. Ele havia adquirido seu lar ancestral, o Chateau-Folmont em Languedoc.

O sorriso trêmulo dela lhe disse claramente o quanto estava grata.

– Obrigada, Dare – ela disse com um sussurro fervoroso. – Isso significa muito para mim. E eu sei que minha mãe ficaria exultante.

– Nós vamos fazer uma viagem para lá algum dia. Talvez no ano que vem.

– Não temos pressa, não é?

– Pressa nenhuma – ele respondeu, suspeitando que as memórias das provações recentes que passaram na França ainda estavam à flor da pele. – Mas você precisa decidir aonde quer ir em nossa lua de mel. Eles haviam pensado em começar pela Itália e talvez seguir até a Rússia. Dare queria mostrar o mundo a Julienne. Eles também consideraram aceitar a oferta de Lucian de se hospedarem em seu castelo nas Highlands Escocesas, já que durante os meses de verão as Ilhas Britânicas teriam uma temperatura bem mais amena que no resto da Europa. Além disso, o irmão de Brynn, Grayson, parecia ter desaparecido dali, e Brynn começava a se preocupar. Dare poderia se voluntariar na procura por ele, mas julgava que havia cumprido seu dever, ao menos para o momento. E, agora, ele tinha assuntos mais importantes a tratar com sua mulher.

– Eu admito que a Itália me soa adorável – Julienne disse, enrolando os papéis e devolvendo-os para a cesta em segurança.

– É quase tão adorável quanto minha esposa – ele disse, com o nariz recostado em seu ouvido. – Eu vou lhe mostrar todos os deleites de Veneza, Florência e Roma.

Então, interrompendo as carícias, Dare serviu uma taça de champanhe, e eles se revezaram bebericando na mesma taça, enquanto colocava na boca de Julienne morangos mergulhados no creme.

– Nós vamos ter que voltar para casa no outono – Julienne o lembrou, entre mordidas e beijos mordiscados.

– Em setembro – Dare concordou. Este outono seria agitado com mais corridas de cavalo. Eles haviam perdido o Derby em Epsom Downs no início de junho, enquanto estavam na França, apesar de nenhum dos animais de Dare ter vencido.

– O St. Ledger ocorre em setembro. E o Parlamento é convocado em novembro.

– E ainda tem o Arnold, que me aguarda para começar os ensaios no final de outubro.

O contrato de Julienne fora renovado no Drury Lane, com a promessa dela de estrelar duas performances por mês. Julienne não queria deixar completamente de atuar, e, para seu alívio, Dare não esperava que ela o fizesse.

– Fico feliz – ela admitiu – que você não tenha insistido para que eu abandonasse minha carreira simplesmente por ser sua marquesa.

Havia humor dançando nos olhos dele.

– Eu valorizo demais a minha pele para me arriscar a desapontar sua legião de fãs. E seria uma pena privar o mundo de seu tremendo talento.

– Você acha mesmo isso? – Julienne perguntou, embevecida pelo elogio.

– Sem qualquer dúvida. Eu tenho o maior respeito pelas suas habilidades performáticas. Afinal foi sua genialidade que desmascarou um traidor. – Dare mordeu um morango com creme, então lhe ofereceu a outra metade, enquanto mastigava pensativo.

– Apesar de que... você pode considerar um afastamento quando tivermos filhos...

Julienne olhou para ele solenemente. Eles nunca haviam discutido isso.

– Você quer ter filhos?

O olhar dele era sério e diabólico ao mesmo tempo.

– Não apenas eu quero filhos, minha querida, como também quero o prazer sublime de fazê-los com você.

– Podemos começar logo?

Seu sorriso pachorrento, preguiçoso, era absolutamente arrebatador.

– Eu pensei que você nunca fosse me pedir – ele respondeu, com um olhar dilacerante para ela.

Eles se despiram sem pressa, tomando pausas para saborear a textura e a sensação do corpo um do outro... A pele aquecida pelo sol, os pulsos latejando, as curvas e profundidades vitais.

Julienne estremeceu quando os lábios de Dare sugaram o seio que ele acabara de desnudar.

– Eu conheço alguns métodos inventivos para usar o creme – ele murmurou –, mas agora eu só quero saborear você. Venha aqui, meu amor.

Ele se recostou languidamente na manta e estendeu os braços em convite.

Julienne, contudo, hesitou, querendo valorizar o momento. Ela mal podia acreditar que não estava sonhando. Dare finalmente era seu marido.

Admirada e sem fôlego, ela deixou seu olhar percorrer o corpo dele, absorvendo sua incrível beleza masculina... sua elegância fina, sua dureza esbelta, seu sorriso erótico, seus olhos esmeraldas que agora fumegavam calorosos. Adorava cada parte dele. Amava-o com a certeza muito profunda de que *ele* era parte dela.

Dare era o coração, a paixão, a alegria dela. Ele era seu destino, sempre havia sido. Ainda assim, esse momento só veio após muitas intempéries.

Um desejo lancinante a preencheu quando ela se inclinou sobre seu marido. Ela percorreu as mãos por seu corpo, explorando com os dedos seus músculos ondulantes sob sua pele fervorosa. E ouviu seu gemido entrecortado quando seus lábios chegaram nos dele em um beijo prolongado.

Mas Dare aparentemente não estava disposto a permitir que ela controlasse dessa vez. Com delicadeza, ele mudou a posição, para que ela se deitasse ao seu lado, à sua mercê.

O toque dele era abrasadoramente sensual, seus olhos brilhantes, ardendo conforme ele a acariciava com seus dedos compridos e habilidosos. Ele fez amor com ela como fizera anos atrás, carinhoso e envolvente. Ele a agraciava com sua boca e mãos e corpo, excitando-a ao ponto de ebulição.

Quando ele finalmente a penetrou, Julienne suspirou, sentindo-se totalmente abençoada pelo poder rijo que lhe chegava. Passando as pernas em torno dele, ela se moveu com Dare em perfeito uníssono, arquejando com ele, gritando seu nome enquanto ele a tomava, preenchia-a, possuía-a. E quando a explosão de prazer estilhaçante veio, eles se derreteram juntos, dois corações finalmente em seu lar, forjados em um, pelas carícias de fogo sem fim.

Depois, eles se deitaram juntos, sonhadores, com as respirações se misturando, saboreando a abençoada sensação de entrelaçamento. Apertando Julienne, Dare sentiu um contentamento tão rico que vibrava fundo em sua alma. *Isso é prazer*, ele pensou. O tipo de prazer sentido pelo coração que vinha do amor verdadeiro. *Isso era gozo*. O tipo de gozo precioso que fazia seu coração cantar.

Quase como se pudesse ler sua mente, Julienne roçou o ombro dele com os lábios, a voz fraca ao sussurrar:

– Eu posso ver muito bem como você adquiriu seu famigerado apelido, “Príncipe dos Prazeres”... Mas confesso que não me importo em desapontar sua legião de fãs, todas as incontáveis damas que

terão seus corações partidos porque você está se aposentando de seus serviços.

Reunindo suas forças, Dare se ergueu em um ombro para que pudesse ver o lindo rosto de sua mulher.

– Eu não estou me aposentando – ele a contradisse, oferecendo-lhe um sorriso de derreter os ossos. – Apenas concentrando todos os meus esforços em uma dama em particular. – Inclinando-se, ele tocou os lábios dela com os seus, enquanto sua voz baixava para um sussurro áspero. – Eu quero lhe satisfazer até o fundo da alma, minha querida pérola.

Julienne se aproximou para levar sua boca atraente junto à dele.

– O que você sempre faz – ela murmurou, entregando-se mais uma vez às carícias encantadoras dele.



NICOLE JORDAN

A autora nasceu no estado americano de Oklahoma, em 1954, e tem a prosa marcada pela sensualidade e paixão desenfreadas de seus heróis e heroínas, em histórias que recheiam mais de 25 livros dedicados ao gênero erótico de época.

Assídua das listas de *best-sellers* dos jornais *The New York Times* e *USA Today*, bem como da Amazon, a autora foi Finalista do Rita Awards, concedido pelo Romance Writers of America, e ganhou o Dorothy Parker, prêmio oferecido pela Reviewers International Organization, uma associação que reúne centenas de críticos de obras românticas. Atualmente, ela vive com o marido em Utah.

Mais informações sobre a autora no site
www.nicolejordanauthor.com

PlanetaLivrosBR
planetadelivrosbrasil
PlanetadeLivrosBrasil
planetadelivros.com.br